

ANA LÚCIA TEIXEIRA VASCONCELOS

DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1993

V441d

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Ana Lúcia Teixeira Vasconcelos 442
e aprovada pela Comissão julgadora
em 30/08/1993

Data: 30. 8. 93

Assinatura: gfont

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do Título de MES-
TRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração:

Filosofia e História da Educação

à Comissão Julgadora da Faculdade de Edu-
cação da Universidade Estadual de Cam-
pinas, sob a orientação do Prof. Dr.

Joaquim Brasil Fontes Júnior

Brasil Fontes, Joaquim

Agradecimentos

Gostaria de agradecer inicialmente meu orientador professor doutor Joaquim Brasil Fontes pela competência, paciência e afabilidade no processo de orientação deste trabalho. Agradeço ainda todos meus entrevistados pela generosidade em ceder seu tempo para que este projeto fosse realizado. Agradeço também meu irmão Rafael Vasconcelos que me hospedou em Campinas durante o tempo do mestrado (algumas vezes por semana durante dois anos) e ao professor doutor Charles Lindaker que me hospedou tão amavelmente no Rio de Janeiro quando lá estive para entrevistar Leandro Konder. Agradeço ainda Ana Célia Vieira Alves de Oliveira que digitou este longo texto.

À memória do meu pai Luis e do meu irmão Jorge
Henrique.

A minha mãe Martha e minha Avó Libera..

Aos meus filhos Maximiliano e Marina.

"Vaidade das vaidades, diz o Ecclesiastes,
vaidade das vaidades, tudo é vaidade".

Livro do Ecclesiastes.

RESUMO

Este trabalho é constituído de três momentos: o primeiro é uma introdução sobre técnicas de entrevista segundo diversos sociólogos, representativos das mais modernas tendências das ciências sociais; o segundo é constituído de sete entrevistas com educadores de diferentes áreas: Antonio Muniz de Rezende(Filosofia e Psicanálise), Roberto Romano (Teoria Política), Haquira Osakare(Literatura), José Antonio de Almeida Prado(Música Erudita Contemporânea), Renata Pallottine (Teatro-Dramaturgia), Ana Mae Barbosa(Arte-Educação) onde eles discorrem sobre suas disciplinas específicas, opção por elas, e o diálogo de suas especialidades com a educação, sua visão de filosofia da educação, interdisciplinaridade, e participação da universidade brasileira na sociedade global. o terceiro momento é um levantamento dos tópicos mais importante de cada entrevista.

SUMÁRIO

CAP. 1- Objeto de Estudo e Hipóteses de trabalho.....	7
Metodologia e Técnicas	10
Contatando os Entrevistados.....	14
Mistura de Técnicas.....	16
 CAP.2 - Introdução às Técnicas de Entrevista.....	19
Entrevista, uma aproximação.....	27
 CAP.3 - Leandro Konder.....	35
Antonio Muniz de Rezende.....	66
Roberto Romano.....	88
Haquira Osakabe.....	120
José Antonio de Almeida Prado.....	149
Renata Pallottini.....	166
Ana Mae Barbosa.....	196
 CAP.4 - Tópicos Importantes.....	225
Bibliografia.....	241

Objeto de estudo e hipóteses de trabalho

Quando optei pela realização de entrevistas com educadores de diversas áreas do saber para obter informações para algumas questões que considero importantes e que constituem mesmo as hipóteses sobre as quais repousa este trabalho, fiz por uma razão: porque domino em certa medida a técnica da entrevista por ter atuado no jornalismo nos últimos trinta anos e ter realizado algumas dezenas delas ao longo deste tempo.

Desde o início, a idéia era realizar entrevistas que seriam apresentadas na íntegra e que seria o corpo mesmo do trabalho. Sei que isso é um pouco difícil de ser aceito no contexto acadêmico que parece ter instituído uma "forma" ou um "modelo" de teses de mestrado e doutorado. Aliás eu mesma, programada para pensar uma tese dentro desse conceito dito científico onde há um objeto de estudo bem delimitado, hipóteses sobre este objeto-problema que se pretende provar dando em resultado justamente a sua tese sobre o dito objeto, fiquei em conflito com meu próprio trabalho.

A idéia era justamente fazer uma dissertação de mestrado mostrando a minha experiência na área jornalística. Inclusive o "insight" não foi meu, mas do meu orientador Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes quando soube do meu projeto de reunir em livro algumas entrevistas feitas ao longo da minha carreira, a exemplo do que fazem algumas revistas e jornais como *The Paris Review* e *Le Monde* (1) que publicam regularmente entrevistas especialmente de escritores, poetas, dramaturgos, realizadas ao longo de um período por seus repórteres. E justamente pensando nesse público - estudantes de literatura, estudiosos e leigos em geral amantes da literatura que imaginei republicar entrevistas já publicadas e publicar algumas inéditas.

A diferença é que naquelas entrevistas eu tinha como objetivo questionar os entrevistados sobre seus processos de trabalho, como construíam sua obra, etc. e aqui meu objetivo seria saber dos especialistas, que seriam todos educadores, como se dava o diálogo da sua disciplina com a educação. Assim, juntamente com

o professor Joaquim Brasil Fontes escolhi sete especialistas de renomado saber e larga experiência na área da educação, de algumas instâncias específicas: filosofia, psicanálise, sociologia, literatura, música, teatro, artes plásticas. Respectivamente o filósofo e sociólogo Roberto Romano, o teólogo, filósofo e psicanalista Antonio Muniz de Rezende, o filósofo Leandro Konder, o especialista em literatura Haquira Osakabe, o maestro, compositor de música erudita contemporânea José Antonio de Almeida Prado, a poeta, ficcionista e dramaturga Renata Pallottini e a especialista em arte-educação Ana Mae Barbosa, atualmente diretora do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC/SP).

A minha proposta para todos eles, sugerida pelo meu orientador é que eles lançassem um olhar do seu espaço de saber, de sua especialidade sobre a educação em geral e a educação no Brasil, hoje; suas idéias sobre a universidade brasileira como espaço privilegiado de educação e transmissão de saber, geração de conhecimentos e conseqüentemente de comportamentos e atitudes. Na verdade eu tinha algumas perguntas comuns a todos além de querer saber deles, sua particular opinião sobre assuntos de sua alçada, posicionamento frente a sua disciplina específica.

Assim minhas questões principais eram: como fora sua formação? como haviam optado por aquela disciplina ou aquelas disciplinas? qual fora o tema da sua tese de mestrado ou doutorado, etc.; qual sua linha de pesquisa e aqui havia uma série de perguntas para cada um em cima de suas obras ou pesquisas; como se deu a mudança para outra no caso de alguns deles (Muniz de Rezende, Osakabe); há quanto tempo lecionam suas respectivas matérias; como vêm hoje a questão da educação no Brasil; o que é filosofia da educação para eles; qual é a filosofia que permeia, que está subjacente à educação brasileira hoje; como vêm a questão da interdisciplinaridade na universidade brasileira; como se dá o diálogo das suas disciplinas com a educação; qual a função da universidade; se eles acreditam que a universidade brasileira hoje (a que conhecem) cumpre seu papel de educadora; o que é educar; eu vejo a universidade - falo da Unicamp especialmente - como um mundo à parte, sem muito a ver com a sociedade global, a sociedade como um todo. Isso é verdade? ou mera impressão minha?; se é, por

que isso ocorre na visão, opinião deles; diante da fragmentação do saber ou do saber super especializado hoje na sociedade contemporânea como fazer para se ter uma idéia de conjunto dos diversos saberes; por que afinal sendo as universidades brasileiras (algumas) de tão alto nível, nossos governos continuam não resolvendo problemas básicos da sociedade? será que se houvesse uma maior integração das instituições, maior participação de todos a universidade inclusive e principalmente como espaço privilegiado de criação de saber, onde se concentram as melhores cabeças da Nação, não teríamos uma sociedade mais inserida na modernidade; será que a ausência de um projeto de Nação não faz com que isso ocorra? ou seja a não participação da universidade, pequena participação, faz com que justamente a parcela mais evoluída, mais informada e mais (pelo menos teoricamente) competente para dirigir o país, esteja justamente fora do processo; enfim uma das minhas críticas à universidade como instituição é exatamente esta dicotomia existente entre os fins ideais que deve atingir e a prática, a realidade enfim, da universidade brasileira hoje.

Metodologia e Técnicas

Quando a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz define metodologia como (3): a totalidade dos procedimentos de investigação e das técnicas utilizadas numa pesquisa ou numa ciência, ou o conjunto de instrumentos empregados para se resolver um problema, para se esclarecer uma questão, para chegar a uma descoberta; e técnica como procedimento, maneira de agir prática, para se obter um resultado e tecnologia, a teoria de uma técnica, ou um conjunto de técnicas. Ou ainda, o conjunto sistematizado de conhecimentos práticos sobre a realização de uma técnica, ela resulta que enquanto o conceito de técnica parece bastante afastado do conceito de metodologia o de tecnologia se aproximaria bastante deste e poderia ser confundido.

No entanto ela esclarece que a tecnologia reflete sobre os procedimentos enquanto tais, em conjunto ou separadamente e nas suas várias fases: antes da execução da pesquisa, afim de verificar quais as técnicas mais adequadas às diversas tarefas a serem realizadas; durante a realização das tarefas para melhorar o desempenho e a eficiência, e finalmente no término do trabalho efetuando um balanço do que foi executado para registrar as modificações empregadas, visando pesquisas futuras.

Maria Isaura chama a atenção para este fato: existe também uma meditação sobre o caminho seguido, como na metodologia, mas que não ultrapassa o nível dos próprios instrumentos manuseados. Ou seja, metodologia e tecnologia se inter relacionam certamente, mas a segunda mantendo uma posição de subordinação em relação à primeira que é mais ampla. Em suma, tecnologia seria uma parte da metodologia, mas as finalidades desta são mais vastas, mais complexas, mais profundas. Quando se fala em tecnologia a reflexão não ultrapassa o nível das técnicas e quando se fala em metodologia estará em foco a posição do cientista e do pesquisador diante do objeto estudado.

Digamos que usei neste trabalho a mesma metodologia e tecnologia que uso nas minhas entrevistas jornalísticas com algumas diferenças decorrentes de fatores como: em primeiro lugar

eu não precisava ter uma preocupação com uma linguagem mais acessível como em geral ocorre quando se escreve para veículos de comunicação de massa, ainda que especializados. Em segundo lugar não havia limitação de espaço (ainda que houvesse evidentemente um limite, já que não se pode se estender indefinidamente sobre qualquer assunto) mas não como ocorre também na imprensa onde o espaço é mais restrito. Assim eu podia ter a tranquilidade de aprofundar o assunto sem preocupação com sintetizar ou reduzir a fala do entrevistado. Em terceiro lugar como se tratava de uma dissertação de mestrado eu podia fazer perguntas mais longas, com citações de obras de modo que os futuros leitores pudessem ter uma idéia do pensamento desses especialistas.

Quando iniciei minha carreira no jornalismo tinha um conhecimento bastante razoável de técnicas de pesquisa adquirido no curso de Ciência Sociais especialmente de técnicas de entrevista e já havia participado de algumas pesquisas (Fundação Getúlio Vargas, CEBRAPE e USP) como pesquisadora de campo. Na sequência continuei meu aprendizado convivendo com grandes jornalistas da Editora Abril onde trabalhei em diferentes fascículos e revistas. Fora da Abril escrevi para muitos outros veículos (Leia Livros, Cultura de O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, DO Leitura, Isto é, Claudia Moda, Nova, Abigraf, etc.) onde fui aperfeiçoando a técnica da entrevista de forma a unir o cientificamente correto ao esteticamente agradável.

Assim durante os últimos trinta anos eu entrevistei pessoas - porque o jornalista como se sabe vai à fonte da informação: ele entrevista pessoas todo o tempo e depois trabalha essas informações seja em matérias onde se confrontam várias opiniões ou publicando na íntegra as entrevistas. Ao longo desses anos tive a chance de fazer muitas entrevistas para os mais diversos tipos de revistas e jornais com predominância na área de cultura, comportamento, especialmente escritores, dramaturgos, poetas, artistas plásticos, músicos, pensadores, economistas, filósofos, teólogos, atores e diretores de teatro, educadores, navegadores (como o Amir Klink), etc. que foram publicadas sob a forma de perfis ou entrevistas propriamente ditas. A partir de um

amento, percebi que minhas entrevistas eram consideradas muito boas não apenas pelos editores mas pelos próprios entrevistados. E notei ainda que os editores gostavam era mesmo da técnica usada apropriadamente.

E como era essa técnica? Era o que eu havia estudado nos manuais de pesquisa sociológica e nas consultas aos arquivos da Abril e do Estadão ou seja, muita leitura de jornais e revistas, muita leitura de entrevistas onde eu tentava virar do avesso as matérias de grandes jornalistas. Ainda na Abril tive a chance de aprender a fazer perfis que é um gênero jornalístico (se é que se pode falar assim) muito usado e que não é muito fácil de ser feito.

Assim para cada entrevista eu me preparava fazendo um levantamento nos arquivos, lendo tudo o que havia sobre o meu futuro entrevistado e no caso de ele ser escritor ou poeta, lendo toda ou parte da sua obra. No caso de ser artista plástico vendo suas obras e no caso de serem atores vendo-os no palco ou tv e no caso de músicos ouvindo suas músicas. Aconteceu de eu ter entrevistado várias vezes o mesmo escritor (eu me refiro aqui a grandes entrevistas, não aquelas em que se colhe depoimentos para uma grande reportagem sobre assunto determinado) aí poderia se pensar? Será que ainda teríamos novidades? Será que essa pessoa vai me dizer coisas novas? Bem em geral sim, quando são pessoas que continuam produzindo nas suas áreas, criando lançando livros, ou continuando suas carreiras no teatro, ou música, etc. Mas eu gostaria de citar um fato ocorrido comigo. Eu já havia feito uma grande entrevista com a Lygia Fagundes Telles quando editora de lazer do Jornal de Hoje de Campinas (atualmente foi incorporado ao Diário do Povo) quando surgiu a chance de eu fazer outra com ela para o Jornal Leia Livros (atualmente chama-se Leia e virou uma revista). Aconteceu desta entrevista ter ficado tão boa que a Lygia considerou a melhor entrevista da sua vida. De fato ela foi muito especial, eu nem saberia dizer porque, talvez porque houve uma conjunção de fatores - o fato de ela estar muito feliz, estava escrevendo um novo romance e estar em estado de graça, o fato de eu ter entrado na onda dela (aliás eu sempre entro em sintonia com o entrevistado e talvez aí esteja outro mistério para se realizar

boas entrevistas) enfim talvez aí entre o "grão de acaso e o grão de loucura" termo aliás usado pela própria Lygia nesta entrevista quando se referiu a seu processo criativo, ao modo como ela deixa fluir as histórias, e cria seus personagens. Porque além da parte árida da pesquisa sobre carreira, obras, etc. é preciso deixar espaço para aquela novidade, para o acaso, para aquelas coisas que só acontecem no momentomágico daquela entrevista. Se anos depois, se fizer outra com o mesmo entrevistado acontecem coisas diferentes ainda que ele seja o mesmo. É aquilo que o Heráclito disse: você não entra duas vezes no mesmo rio. Você não entrevista duas vezes a mesma pessoa, porque ela mudou e você mudou, as circunstâncias mudaram as perguntas são outras e evidentemente as respostas.

Este esclarecimento é necessário para deixar claro que meu aprendizado de técnica de entrevista não se limitou aos manuais de pesquisa sociológica, mas tem toda essa prática nas redações que foi fundamental. Assim estas entrevistas feitas para este trabalho tem toda essa somatória de experiências e a tal ponto que só depois de ter feito todas as entrevistas, fui procurar textos sobre técnicas de entrevistas sociológicas, para reler autores já lidos e ler novos livros, enfim para ver a quantas anda a utilização desta técnica no contexto das ciências sociais ou humanas em geral. É este caminho que percorri, desde o começo deste trabalho, desde a feitura das entrevistas, preparo do questionário para cada entrevistado, leitura da obra de cada entrevistado que passo a relatar.

Contactando os Entrevistados

Meu primeiro passo ou primeira providência foi entrar em contato com meus futuros entrevistados e conseguir deles a anuência em realizar um entrevista sobre o tema já referido no início desta introdução e que seriam minhas questões básicas para eles. Conseguindo isso - nenhum se recusou dos que foram previamente escolhidos - o próximo passo era localizar e ler parte ou toda sua obra e preparar o questionário com as perguntas específicas e gerais. Específicas sobre sua obra e pensamento, gerais, aquelas que já referi no início desta introdução. De início, já colocava para cada um deles a minha intenção de realizar dois ou mais encontros, ou seja realizar duas entrevistas com um intervalo entre as duas para que eu pudesse tirar o material do gravador, formular novas perguntas, etc.

Mas como a teoria na prática é outra nem sempre foi assim. Com o professor Roberto Romano fiz duas entrevistas, a segunda depois de dois meses e porque a primeira foi feita em outubro e em seguida vieram férias, Natal. Com o professor Muniz de Rezende fiz também duas entrevistas com intervalo de um mês entre uma e outra. Isso também ocorreu com o professor Haquira Osakabe mas como o trabalho a esta altura já estava bem deslançado parece que o ritmo ficou mais acelerado e fiz duas com menor intervalo entre uma e outra. Como a Renata Pallottini mora em São Paulo e eu tinha um perfil dela feito em 79 e publicado no Caderno Cultura do Estado de São Paulo havia programado uma única entrevista para abordar especialmente sua atividade acadêmica já em 79 ela ainda não leciona a minha matéria falava sobre a Renata poeta, dramaturga e advogada.

Com o Almeida Prado ocorreu coisa semelhante já que eu havia publicado uma entrevista dele na Revista Artes em 89 e agora pretendia também abordar suas idéias sobre educação, enfim seu lado educador e professor de música. A entrevista sobre sua obra, opção pela música já estava feita e era bastante completa. As informações estavam todas ali. Ele preferiu as perguntas por escrito e me mandou as respostas pelo correio. As dúvidas foram

resolvidas por telefone

No caso de Ana Mae Barbosa eu havia planejado fazer duas entrevistas, mas como ela viaja muito, para o exterior inclusive tive grande dificuldade em marcar a primeira entrevista que ficou sendo a única. Não havia tempo para outra e afinal consegui formular todas as minhas perguntas no primeiro encontro. Com Leandro Konder a fase marcar entrevista foi bem tranquila mas aí o problema era meu. Adiei minha ida ao Rio várias vezes e acabei indo só depois de ter terminado as entrevistas com os paulistanos.

Em função da urgência do tempo - eu tinha apenas seis meses para realizar as entrevistas, não havia possibilidade de terminar uma para começar outra. Assim, enquanto eu esperava para fazer a segunda com o Roberto Romano por exemplo e já com o material retirado do gravador, eu preparava a entrevista com o professor Muniz de Rezende. Da mesma forma enquanto esperava a segunda com o Muniz de Rezende preparava a do Almeida Prado e do Leandro Konder. Houve momentos em que eu tinha três entrevistas sendo feitas e a quarta sendo preparada. E finalmente depois de todas prontas faltavam ainda os últimos retoques, por exemplo palavras que ficam as vezes não completamente audíveis nomes em geral estrangeiros que o entrevistado articula muito rapidamente e que é preciso conferir. Ou ainda nomes dos quais ele citou apenas sobrenome que é preciso checar e conferir, etc. Ou ainda nomes de lugares, universidades, museus. Enfim depois de terminadas as entrevistas com todo o material retirado do gravador é preciso realizar uma última tarefa que é telefonar novamente para o entrevistado e conferir com ele esses pequenos detalhes. E ainda: conseguir dele um pequeno curriculum para apresentar a entrevista.

Mistura de Técnicas

Para este trabalho usei várias técnicas: consulta bibliográfica, questionário e história de vida ou história pessoal. Para montar o questionário como já referi, me baseei na obra dos entrevistados e nas minhas questões gerais sobre educação, universidade, etc. Para a montagem da entrevista propriamente dita usei a técnica história pessoal, entrevista não diretiva tal como descritas por Michel Thiollent, Selltitz (e outros), Cipriani, J. Maitre e Guy Michelat, já que queria saber dos meus entrevistados desde sua idade, passando por formação, motivações e opção pelas diferentes disciplinas, como desenvolveu sua carreira, como optou e por que pelas diferentes disciplinas. É preciso esclarecer que estas técnicas estão todas entrelaçadas e quando falo que usei a entrevista não diretiva (ver descrição no capítulo intitulado Introdução à Técnica de Entrevista) não significa que tenha usado explicitamente este tipo de técnica mas por estar a não direcção como diz Selltitz, implícita na maioria das entrevistas. Isto é, na medida em que o entrevistador usa um questionário com perguntas abertas fica pressuposto que vai deixar o entrevistado falar livremente sobre o assunto em questão.

Por isso, ainda que eu tivesse questões específicas - gerais ou particulares - os entrevistados tinham liberdade total de expressar suas idéias, sem interferência. E ainda mais: porque como parte das minhas entrevistas inevitavelmente falavam da história de vida dos meus entrevistados havia, nítida, uma intersecção do psicológico e do sociológico ainda que eles tenham sido "bem profissionais" nas respostas.

E ainda que eu não pretenda proceder à interpretação das entrevistas - pela exiguidade do tempo e pela complexidade da análise, teria que ser outro trabalho tão ou mais longo que esse, gostaria de ressaltar alguns pontos especialmente das entrevistas da Ana Mae Barbosa e do Leandro Konder, justamente por estarem inseridos nesse contexto da história pessoal, récita de via, ou life stories como diz o sociólogo italiano Roberto Cipriani.

A primeira diferença notável que vejo nas entrevistas -

cinco homens e duas mulheres é que, ainda que todos intelectuais e considerados representativos das suas áreas, é a entrevista da Ana Mae Barbosa de grande competência e de gabarito internacional que começa contando sua história de vida que é importantíssima para sua decisão, opção pela arte-educação e como as repressões familiares fizeram dela afinal o que ela é hoje. Ou seja, como as repressões da avó, por quem foi criada fizeram que ela deixasse a carreira de medicina pela educação, pela qual aliás, tinha horror, até seu encontro com Paulo Freire. Então me vejo fazendo pergunta do tipo "como era sua mãe?" já que a entrevista tomou um rumo digamos familiar nas três, quatro primeiras laudas.

Durante toda a entrevista ela conta sua carreira, cheia de primeiros lugares, cheia de sucesso que ela chama de sorte e sempre ligada à família. Na sequência não é mais a mãe, nem a avó ou avós, a morte deles, etc. mas o marido e os filhos. Ela fazendo mestrado sempre "na carona", como diz, do marido - ele com bolsa e ela bancando seu dando aulas em universidades estrangeiras. Ou seja estudando numa e lecionando noutra. A mesma coisa vai ocorrer com o doutorado que ela teve que fazer num prazo recorde porque a ~~bolsa do marido era de um ano~~. Ressalte-se que ela ia na "carona" da bolsa do marido, mas na "onda" do seu sucesso particular porque afinal quando chegava nas universidades americanas pelas quais passou a "carona" do marido não queria dizer nada - o sucesso se devia ao seu talento e especialmente a sua experiência maravilhosa em arte educação, sua passagem por várias escolas de arte, como professora, orientadora, coordenadora, etc. criadora mesmo de uma metodologia nova em relação ao que de mais avançado se fazia no mundo, na área.

Interessante notar também a diferença da maneira de expressão dela em relação aos outros entrevistados - desde o teor das minhas perguntas, mais formais em geral já baseadas na obra deles, portanto já questionando sobre conceitos e ao mesmo tempo que perguntava evidentemente da sua vida profissional. Na entrevista da Ana Mae Barbosa a ligação da sua carreira e a do marido, pela ligação deles com o movimento social, com a Revolução de 64 - eles evidentemente na oposição total à ditadura militar e sofrendo as pressões não pessoalmente mas por seus

amigos que estavam envolvidos e que tinham que fugir do país. Eles acabam montando suas carreiras e em função do terror que se vivia naquela época, voltam para o Recife quando juntamente com professores de Brasília pedem demissão coletiva. E lá quando não suportam mais o clima sufocante voltam para São Paulo. É bem claro - suas vidas estão ligadas visceralmente à vida política e social do país. Eles vão construindo suas carreiras ao sabor dos acontecimentos sociais e políticos.

Apesar de eu ter uma entrevista montada, como aliás para todos - na entrevista da Ana Mae minhas perguntas são constituídas em pelo menos dois terços no máximo de uma frase, quando não são comentários mínimos, reforços, perguntas apenas estimuladoras para que a entrevistada seguisse contando sua vida e carreira. Ana Mae sempre se remete à família, até quando eu pergunto se ela dominava bem o inglês quando me conta que foi dar aulas na universidade de Yale, durante o mestrado dela nos Estados Unidos e ela responde que não, pois era o francês a língua da família "porque a avó era francófila".

Isso também ocorre em certa medida com o Leandro Konder, que ainda que não remeta como a Ana Mae à família, fala também do pai que era comunista, dos amigos que frequentavam a sua casa e de como sua opção pela militância no Partido Comunista surge dessa ligação familiar. Ou seja, muito tocado pelas prisões do pai e dos amigos deste ele resolve solidarizar-se com o movimento comunista e começa a estudar Marx. Ele também dirige sua carreira desde muito jovem em função das influências paternas ainda que ressalte que o pai nunca tenha influenciado diretamente as leituras dele e do irmão Rodolfo Konder, também militante do Partido.

Introdução à Técnica da Entrevista

A entrevista juntamente com o questionário, apesar das críticas que se fazem e dos inúmeros problemas apresentados por estas técnicas, aparentemente simples, é considerada unanimamente pelos cientistas sociais como o instrumento de trabalho indispensável não apenas na pesquisa sociológica como no diagnóstico clínico, nas investigações judiciais, no trabalho de orientação vocacional, seleção de pessoal, jornalismo, pesquisas de opinião, de mercado e outros. (4)

Em geral quando se trata de pesquisa sociológica, antropológica ou folclórica, a entrevista tem por objetivo obter informações que não podem ser conseguidas de outra forma. Recorre-se à entrevista sempre que o pesquisador precisa de dados não encontráveis em registros ou outras fontes. Mas, seja ela usada por sociólogos, historiadores, antropólogos ou outros pesquisadores em ciências humanas, jornalistas, etc. tem características semelhantes, nas suas diversas formas, classificadas em tipologias pouco diferentes por diferentes autores.

Por exemplo Michel Thiollent (5) adota a seguinte: entrevista dirigida ou padronizada que consiste na aplicação de um questionário pré-determinado com maioria de perguntas fechadas (aquelas em que o pesquisado dispõe de alternativas fixadas pela pesquisa e cuja resposta deve se encaixar numa delas) e sem nenhum papel ativo do pesquisador; a entrevista semi-estruturada, aplicada a partir de um pequeno número de perguntas abertas (aquelas em que o entrevistado tem liberdade de resposta ou seja, não são apresentadas alternativas que ele deve escolher, mas ao contrário ele é solicitado a responder sem limites).

Há ainda segundo Thiollent a entrevista não diretiva ou entrevista aprofundada na qual a conversação é iniciada a partir de um tema geral sem estruturação do problema por parte do investigador e a entrevista clínica, específica, e cuja orientação fica em função da interpretação sócio-psicológica da situação ou da personalidade dos sujeitos através de suas verbalizações. (5)

Selltiz/Jahoda/Deutsch/Cook (6) apresentam esta classificação: entrevista focalizada, clínica, profunda, e não diretiva entre as entrevistas que ele chama menos sistemáticas e que são usadas em alguns problemas de pesquisa onde seja adequada uma abordagem mais flexível que a apresentada numa entrevista padronizada com perguntas abertas. "A flexibilidade de uma entrevista assistemática ou parcialmente assistemática se usada adequadamente, ajuda a revelar os aspectos afetivos carregados de valor das respostas da pessoa bem como verificar a significação pessoal de suas atitudes". E permite que a situação da entrevista se exprima de maneira completa e minuciosa pelo entrevistado atingindo seu objetivo na medida em que as respostas são espontâneas e não forçadas, muito específicas e concretas e não difusas e gerais, reveladoras do eu e pessoais, não superficiais.

A única desvantagem deste tipo de entrevista é justamente a flexibilidade que resulta segundo Selltiz na falta de comparatibilidade de uma entrevista com outra.

Sem falar que sua análise é mais difícil e demorada que as entrevistas padronizadas, mas Selltiz lembra que nas "mãos de um entrevistador hábil" este tipo de entrevista pode ser de grande utilidade não apenas como fonte de hipóteses que mais tarde podem ser submetidas a uma verificação sistemática (através de questionários padronizados) como podem ser usadas em estudos de verificação de hipóteses. (7)

Já na entrevista focalizada ele citando a descrição de Merton, Fiske e Kendall (1956) diz que a principal função do entrevistador é focalizar a atenção em determinada experiência e seus efeitos. Com base no seu problema de pesquisa ele sabe de antemão a questão que deseja abordar ou abranger. Segundo ele a entrevista focalizada tem sido usada de forma eficiente na criação de hipóteses a partir de uma experiência específica - uma transmissão de rádio, um filme, um livro, um artigo, uma situação social não controlada como uma concentração política, um ritual, ou um distúrbio que provocam mudanças na atitude dos que foram expostos a tal experiência. Este tipo de entrevista é muito usada também em pesquisas feitas especialmente para jornais e revistas que querem a opinião de pessoas sobre determinado evento, sobre

determinado político, sobre determinado fato de caráter econômico político ou social de grande impacto ou um crime, etc. Eu mesma, quando editora de Jazer do Jornal de Hoje de Campinas fiz uma matéria sobre um crime ocorrido na cidade onde o criminoso e a vítima eram jovens. Em cima das respostas da pesquisa entrevistei um psiquiatra e um filósofo que analisaram a atitude não apenas do homicida mas da população que segundo a amostragem queria matar o rapaz. O título da matéria foi Campinas quer matar.

A entrevista clínica se interessa por motivações e sentimentos amplos e subjacentes ou pelo transcorrer das experiências de vida do indivíduo e não apenas pelos efeitos de uma experiência específica. Aqui o entrevistador (psicólogo, psiquiatra ou psicanalista) sabe quais são os aspectos da experiência ou do sentimento que deseja ver discutido pelo entrevistado, mas o método para provocar a informação é escolhido pelo entrevistador. Talvez o tipo mais usado, mais comum de entrevista clínica seja a entrevista chamada história pessoal, tanto nas prisões, clínicas psiquiátricas e na pesquisa social. Aqui como em outros tipos de entrevistas ou outros instrumentos de coleta de dados, os aspectos específicos da história de vida do indivíduo que o entrevistador deve obter são determinados pelo objetivo da pesquisa.

Por muito tempo marginalizada entre os métodos sociológicos a história de vida ou história pessoal está tendo atualmente seu valor reconhecido e sua cientificidade restaurada. O sociólogo italiano Roberto Cipriani em artigo intitulado Biografia e Cultura - Da Relação Política (8) apaixonado defensor desta metodologia afirma que a história do pensamento sociológico não tem oferecido muitas chances aos récits de vie, life histories, lives stories, entrevistas biográficas, história oral, etnobiografia, biogramas, tranches de vie e que o primeiro esforço ao se retomar "o percurso interrompido" deveria se concentrar no problema da interpretação. Segundo Cipriani uma das maiores objeções que se faz contra o uso das histórias de vida como metodologia científica refere-se à mensurabilidade do dado qualitativo, dificilmente traduzível em termos numéricos elaboráveis estatisticamente. Esta objeção ele acredita realiza

uma espécie de "terrorismo metodológico" acerca da cientificidade do elemento fragmentário, isolado, singular, não catalogado entre as categorias predispostas segundo itens precisos.

O sociólogo italiano lembra que se olharmos pela ótica que sacraliza os dados quantitativos, "as cifras percentuais, os saltos quadráticos médios e os coeficientes de correlação" ficamos obrigados a dar o peso a valores e atividades, recompensas e problemas, sempre com medidas quantitativas. Ele argumenta que se for feito um confronto das duas metodologias - história de vida e análise de dados quantitativos coletados a partir de questionários, entrevistas com perguntas fechadas, etc., o problema fica mal colocado já que na realidade aspectos qualitativos e quantitativos estão absolutamente unidos entre si. Assim para ele a contraposição que caracteriza o atual debate metodológico é fictício ou melhor "é verdadeiro" em relação aos conflitos concretos de posições ideológicas e portanto de poder. E para ancorar suas posições ele cita Withold Kula que lembra que "em todas as sociedades desenvolvidas, é o poder quem dispõe as medidas" (9). Ele acrescenta que o "poder sociológico do número" ainda dita leis no campo metodológico, apesar das várias tentativas de se reverter a situação.

Sua tese é que a sociologia tem o dever de compreender e não classificar e os récits de vie tem a vantagem de abstrair elementos de reflexão de um contexto mais amplo e circunstanciado de outro modo ausente em perguntas fechadas dos questionários padronizados. As repostas que se encontram esparsas na "densa trama da auto biografia" assumem segundo Roberto Cipriani um caráter significativo com os quais não conseguem competir as afirmações secas e inequívocas contidas numa lista de perguntas previamente organizadas e algumas vezes com respostas já codificadas. "É sobretudo o livre fluir do discurso na relação interpessoal entre entrevistador e entrevistado que dá lugar à emergência de fatores cruciais de uma vivência pessoal mas profundamente inserida no corpo social. Não se trata portanto de psicologia, mas de escavação no microcosmo para nele entrever o macrocosmo". (10)

Cipriani cita alguns exemplos das mais recentes conquistas nesta área da sociologia que o leva a prosseguir na

opção pela "aventura" das histórias de vida com a convicção de que o acontecimento e a sensibilidade científica podem muito mais que uma pesquisa puramente metódica, repetitiva, isolada do fluir mutável do social. Recorda que o Prêmio Nobel Sir John Eccles (11) declara abertamente que suas descobertas nascem sobretudo "quando ele se sente casualmente disposto a escutar o que a natureza parece dizer". E igualmente cita o sociólogo americano Robert M. Bellah, expoente da escola clássica da sociologia americana (representada por autores como Parsons e Merton) que apresenta no seu best-seller intitulado Habits of Heart quatro histórias de vida sintetizadas de modo a apresentar uma série exemplar de casos (12)

Já na entrevista não diretiva a iniciativa fica muito mais a cargo do entrevistado. O termo originou-se de um tipo de psicoterapia onde o paciente é encorajado a expressar seus sentimentos sem sugestões diretivas ou questões diretas propostas pelo terapeuta. "Em seu sentido estrito", alerta Selltitz e outros "a não direcção está implícita na maioria das entrevistas, isto é, se espera que o entrevistador faça questões sobre um tópico específico e ele é instruído a não dirigir o entrevistado nesta ou naquela resposta. Contudo, na entrevista não diretiva, a função do entrevistador é simplesmente encorajar o entrevistado a falar sobre um dado tópico, com um mínimo de questões diretas ou suporte. O entrevistador encoraja o entrevistado a falar completa e livremente e fica alerta aos sentimentos expressos nas afirmações dos entrevistados, demonstrando um entendimento afetivo para com esses sentimentos mas sem se comprometer". (13)

Segundo Selltitz a função do entrevistador não diretivo é servir como catalizador de uma completa expressão das crenças e sentimentos do entrevistado e do quadro de referências dentro do qual estes assumem uma atmosfera completamente permissiva onde os sujeitos são livres para se expressarem, sem medo de reprovacão, admoestação ou disputa e sem a opinião do entrevistador.

Mas isso não significa, alerta Michel Thiollent que este tipo de entrevista seja feita sem preparo, sem técnica, baseada apenas na intuição ou bom senso, ou tato. Tal procedimento significaria incorrer no risco de se captar o vazio da fala

ordinária. "A situação da entrevista, a relação entrevistado-entrevistador é personalizada e em função disto sua abordagem é mais psicológica que sociológica. No entanto, sem perdermos de vista a dimensão psicológica, é necessário uma sociologia da situação da entrevista para uma avaliação da relevância da informação captada e suas distorções. Nestes termos o problema é tanto sociológico quanto epistemológico ambos os aspectos reunidos numa preocupação de metodologia das ciências sociais (14).

Thiollent acredita que a entrevista como técnica de pesquisa particular, precisa de uma articulação do social e do psicológico. Desta articulação dependem as respostas metodológicas a serem encaminhadas para a solução de certos problemas de interpretação sociológica.

Guy Michelat no seu artigo Sobre a Utilização da Entrevista Não Diretiva (15) esclarece que a entrevista não diretiva é um método entre outros - ela não pode substituir alguns deles, é complementar. Apenas sua contribuição parece essencial na sua opinião, todas as vezes que se pretende apreender e prestar contas dos sistemas de valores, normas de representações de símbolos próprios de uma cultura ou subcultura. Ao contrário da informação obtida por questionário que é mais superficial, mais estereotipada, mais racionalizada, a informação obtida pela entrevista não diretiva é considerada como correspondente a níveis mais profundos. Isso porque parece existir uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer.

A hipótese de Guy Michelat é que a entrevista não diretiva permite, melhor que outros métodos, a emergência do conteúdo sócio-afetivo profundo, facilitando assim ao entrevistador o acesso as informações que não podem ser atingidas diretamente. Ainda que isso seja uma espécie de paradoxo - dirigir-se a indivíduos nas suas particularidades, através de suas vivências, de sua personalidade, para atingir-se o que é social - seu objetivo é passar a partir do discurso das pessoas pelo que há de mais psicológico, de mais individual, de mais afetivo, para atingir o que é sociológico, o que é cultural.

Justamente por ser o instrumento mais apropriado para

captar fenômenos na intersecção do campo psicológico e do sociológico, este tipo de técnica tem sido alvo de discussões entre diversos autores e Thiollent registra que foi classicamente abordado com problema da relação entre psicologia e sociologia por Emile Durkheim M.Nauss, e como relação entre sociologia e psicanálise por Roger Bastide.

Para J.Maitre (16) a entrevista não diretiva contém duas fases e a referência à psicanálise se limita ao nível relacional, relação entrevistador-entrevistado com liberdade do entrevistado e atenção flutuante do entrevistador, e relação analista/corpus das entrevistas na qual os analistas interpretam o conteúdo a partir de uma forte "impregnação" e a manutenção da atenção flutuante.

É preciso esclarecer aqui que a atenção flutuante não é usada no seu sentido estritamente psicanalítico mas como forma de flexibilidade próxima ou comparável. E mais: a referência à psicanálise inserida na discussão da entrevista não diretiva está associada à concepção de Carl Rogers e não à concepção freudiana. Segundo a concepção freudiana a relação terapêutica envolve um mecanismo de transferência de afetos entre o analisando e o analista enquanto Rogers considera que a transferência não constitui problema: trata-se de uma atitude afetiva de extrema dependência do paciente para com o terapeuta. É um caso limite que não é generalizável e que não caracteriza o relacionamento entre os dois. Isso constitui uma diferença básica na apreensão da relação terapêutica.

De acordo com a concepção analítica a relação terapêutica é metodologicamente orientada por vários princípios: primeiro a regra de dizer tudo, segundo a regra da livre associação e terceiro a regra da atenção flutuante. O primeiro recomenda ao analisando falar e o segundo recomenda ao analista ouvir e interpretar. A regra da livre associação, conforme definição de Laplanche e Pontalis (17), consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que acodem ao espírito quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea. Já a atenção flutuante é segundo Freud "o modo como o analista deve escutar o analisando - não deve privilegiar a priori qualquer

elemento do seu discurso o que não implica que deixa de fazer funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção.

Isso significa que a associação livre e a atenção flutuante tornam possível uma comunicação "profunda" entre o analista e o analisando, ou uma comunicação que esteja aquém do plano da consciência. Já na literatura psicosociológica, a orientação não diretiva é entendida como flexibilização do relacionamento pesquisador-pesquisado, ou como medida que vise a reduzir os efeitos de imposição de problemática dos modos de investigação não diretivos.

Finalmente é preciso ressaltar um dos problemas mais importantes e mais intrincados das entrevistas não diretivas que é a interpretação. O procedimento que Thiollent sugere é ler e reler as entrevistas disponíveis para chegar a uma espécie de imacinação. E aqui ela lembra que o procedimento é comparável ao de Lévi Strauss que declarou no seu Entretien avec Raymond Bellour (18): "leveí três anos para escrever este último volume . . . todo este tempo era necessário para impregnar-me a tal ponto de substância dos mitos que já sabia praticamente todos de cor".

Guy Michelat lembra que teoricamente a análise "não tem fim" e cita novamente o mesmo texto de Lévi Strauss: "Eu me apercebi que de tudo o que obtivera por via dedutiva encontrava-se lá empiricamente realizado. Como uma experiência de laboratório que permite confirmar pela síntese um certo número de hipóteses elaboradas a partir de peças e pedaços" (19).

Entrevistas uma Aproximação

Interrogatório realizado pelo pesquisador diretamente ao informante numa conversa face a face; conversa orientada para um objeto definido que não a mera satisfação que ela pode produzir; situação social em que o entrevistador e o entrevistado interagem, isto é, influenciam um ao outro não apenas através de palavras, mas pela inflexão da voz, gestos, expressão fisionômica, modo de olhar, aparência e demais traços pessoais e manifestações de comportamento. É aí como Oracy Nogueira (20), Pauline Young, Walter van Dyke Bingham e Bruce Victor Moore definem a entrevista (21).

Selltiz vai além e dedica mesmo algumas páginas ao que ele chama a arte da entrevista (22) tanto as estruturadas (com perguntas abertas e fechadas) como as não estruturadas ou parcialmente estruturadas ainda que estas tenham características bem marcadas. Além de um planejamento adequado imprescindível para a obtenção da qualidade de uma entrevista e dentro mesmo dos limites de um planejamento adequado, ele considera um espaço para que a "arte de entrevistar" entre em cena. A arte do entrevistador na sua opinião, consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas.

"A situação ideal usualmente procurada é aquela permissiva onde os informantes são encorajados a emitirem opiniões francas, a não temerem que suas atitudes sejam reveladas a outras pessoas e na qual o entrevistador não usa de expressões de surpresa ou julgamentos de valor. A partir disso a arte do entrevistador consiste em elaborar questões de maneira inteligível para obter respostas válidas e significativas e em registrar as respostas precisamente e de forma completa".

Fora do âmbito da sociologia, na esfera da linguística, Mickail Bahktine linguista francês (23) considera a entrevista um gênero do discurso ao nível do romance, da novela, do conto, do ensaio e outros. Para ele, cada entrevista é um enunciado que comporta no seu interior vários enunciados determinados pela alternância dos sujeitos falantes. Não existe um fluxo verbal

abstrato, o que há são trocas de enunciados assumidos por locutores diferentes. Há ainda toda uma série de signos do começo e fim que fazem parte do jogo e permite a um e outro dos atores da comunicação verbal assumir a palavra. Enfim, para ele a entrevista de pesquisa tem características marcadas compostas de dois parceiros: o locutor aquele que recebe a palavra no meio de um esquema de processos ativos e de processos passivos na percepção e compreensão da palavra junto ao ouvinte. Jean Peytard (24) considera que o ouvinte adota simultaneamente, relativo ao seu discurso, uma atitude de resposta ativa: está de acordo total ou parcialmente. A compreensão de uma palavra viva é acompanhada sempre de uma capacidade de resposta ativa.

Além disso Bakhtine introduz o conceito de harmônicas dialógicas para se referir à situação da entrevista, já que considera que um enunciado não está jamais sozinho, mas atravessado de harmônicas dialógicas. Esta seria para ele a grande novidade da entrevista de pesquisa em relação a trabalhos monológicos. Enquanto no espaço monológico a pessoa que fala não pressupõe o interlocutor, no espaço dialógico há harmônicas do sentido - elementos que permitem detectar a presença de um interlocutor pressuposto ou de um outro discurso pressuposto. A entrevista é para Bakhtine um espaço onde o discurso do locutor (pesquisado) ouvido pelo (pesquisador) entrevistador tem a ressonância de várias vozes. Nos seus enunciados há a presença constante do terceiro falante representado pela doxa (opinião comum, lugar comum, opinião pública) que aparece sob diversas formas: se diz, dizem, ele diz.

Tem-se então numa entrevista uma cena montada onde os dois interlocutores se preparam: um para fazer perguntas e outro para responder, um sabe que vai perguntar sobre um tema X e outro sabe que vai responder sobre um tema X, ou seja, há um objeto perseguido por eles, conhecido. É uma situação discursiva, dialógica, ao mesmo tempo artificial e materialmente conduzida com dois atores, o entrevistador e o entrevistado num determinado contexto e há o assunto sobre o qual ele discorre (25).

O entrevistador desencadeia a palavra e os enunciados em função do terceiro falante e faz com que o entrevistado se 28

constitua no locutor principal, doador de um discurso que é preciso manter. A atitude do entrevistador é de escuta atenta, ele é o destinatário primeiro. Mas sua função é também de interpretação de um dito enunciado - ele está em postura de atividade responsiva. Ele libera o discurso do entrevistado pilotando-o seja pelas marcas de aprovação, seja testemunhando reconhecimento, seja estimulando-o para uma demanda de precisão. Por exemplo: "Não entendi o que você quer com isso... poderia explicar melhor?" ou "certo, ... mas isso (citar argumento) funciona também em condições Y? poderia explicar como ficaria em condições Y?"

O entrevistador tem ainda a função de dar continuidade ao discurso quando este ameaça terminar ou ir para uma direção contrária aquela pretendida na sua pergunta, ou quando este se perde em divagações alheias ao propósito, objetivo da entrevista. No meu caso, a relação especialidade, instantânea do saber/educação, filosofia da educação

Quanto à dimensão do fluxo verbal, a troca toma o aspecto muito dissimétrico segundo Jean Peytard, já que o pesquisado (entrevistado) falará muito mais numa proporção de 95% que o pesquisador (entrevistador). O entrevistador abre e deve manter até o final a abertura da troca verbal: seu papel é de fazer falar sobre X; suscitar a palavra tão diretamente quanto possível, desencadear os enunciados a respeito de e as opiniões sobre. Ele abre um espaço de livre locução. Assim a estrutura da troca poderia ser esquematizada: "eu pesquisador te peço/convido a falar sobre o tema X". Mas Peytard alerta para o fato de o eixo locutório não ser binário senão na aparência, limitada aos polos eu/tu, ele é na realidade um espaço tripartido eu tu/os outros. O terceiro parceiro é uma presença virtual, já que falar sobre, se exprimir sobre, incita a fazer um apelo a testemunhas. "Minha opinião de pesquisado é uma relação entre a opinião dos outros, metonimicamente presentes na realidade do gravador"

"O gravador será uma presença muda mas implacável em sua função de retenção conservadora. Imagem dos outros ele não é apenas espelho da entrevista ou eu/tu poderão descobrir o reflexo acústico da sua voz, mas testemunha que poderá revelar a outros o

entrelacamento das palavras. Indiscreto, faz com que outros tenham a possibilidade de escutar mesmo se o anonimato é preservado". (26)

Selltiz considera alguns elementos como imprescindíveis para o andamento ou realização correta de uma entrevista. O primeiro deles é criar uma atmosfera amigável e aqui ele se refere a entrevistas em geral mas particularmente a entrevistas com questionário. Como as questões são as mais importantes ele considera que o entrevistador deva chegar a elas o mais rapidamente possível. Assim a atuação do entrevistador deve ser amigável e cortês, sociável não enviesada. Ele não deve ser muito austero nem efusivo, nem muito falante, nem muito tímido. Em suma deve manter um equilíbrio saudável, boas maneiras, guardando a justa medida entre a afabilidade e a intimidade. Isso tudo para deixar o informante à vontade de modo que ele possa falar livre e completamente. No caso de entrevistas com questionários com perguntas abertas o entrevistador deve ter completo domínio sobre as questões previstas para poder fazê-las em tom de conversa em vez de lê-las laconicamente, devendo ainda saber a sequência das questões para não provocar pausas entre uma e outra (27).

O papel do entrevistador, diz Selltiz é o de um reporter e não de um evangelista, um curioso ou um debatedor. Portanto deve coletar as informações, opiniões sem hesitação e nunca demonstrar surpresa ou reprovação a uma resposta do informante. Ao contrário deve demonstrar interesse nas opiniões do entrevistado e nunca sua própria opinião. Se for solicitado a dar suas opiniões pessoais deve contornar a questão.

Quando se trata de entrevista estruturada os entrevistadores devem estar cientes da importância de se fazer cada questão exatamente como ela está formulada no questionário geral. Aqui Selltiz refere-se a pesquisas com entrevistas estruturadas. Neste caso, que não é o meu, os entrevistadores devem compreender que mesmo uma leve reelaboração da pergunta pode mudar o estímulo e provocar respostas em diferentes quadros de referência ou ainda enviesar a resposta. Quando houver não compreensão por parte do entrevistado de uma dada questão, o entrevistador pode apenas repeti-la mais lentamente com êfase

adequada, oferecendo as instruções cabíveis e para as quais está especificamente autorizado pela circunscrição da pesquisa. Se a não compreensão persistir deve anotar o fato em seu roteiro. As questões devem ser formuladas na ordem e deve fazê-las todas e ainda: caso o entrevistado tenha respondido parcialmente perguntas que serão formuladas adiante ele deve repetir a questão de forma a obter a resposta completa.

A etapa obtenção das respostas e registro das mesmas ainda que pareça tarefa simples não é. No caso de perguntas sociológicas ou de opinião ou mesmo de mercado com questionários padronizados com perguntas fechadas o entrevistador conta com o auxílio da limitação da pesquisa. Ainda neste caso e especialmente nesse caso ele deve checar as respostas a todas as perguntas e não deve aceitar um "não sei". Não vou desenvolver esta questão porque justamente não é o caso deste trabalho específico ou mesmo de entrevistas jornalísticas em geral. Um não sei de especialistas ainda que não seja impossível ocorrer tem outras conotações.

Quanto ao registro das respostas quando se trata de questionários pré-codificados Sellitz (28) aconselha o entrevistador checar no ato, ou seja, logo em seguida a entrevista toda já que erros são muito comuns ou mesmo omissões ou ainda marcação errada. Já no caso de entrevistas não estruturadas ou parcialmente estruturadas com perguntas abertas o ideal é usar o gravador, ainda que os autores alertem para uma possível inibição ao aparelho quando se trata de pesquisa com pessoas de nível cultural mais baixo e portanto passíveis de ficarem intimidadas em saberem que suas respostas estão sendo registradas num gravador. Isso no entanto não ocorre nas entrevistas jornalísticas onde os entrevistados em geral pessoas acostumadas a este tipo de tecnologia. E no caso de longas entrevistas (mesmo as sociológicas especialmente as histórias de vida ou de outros tipo com finalidade de captar as expressões específicas de entrevistado) e especialmente no caso deste trabalho seria impossível não usar o gravador. Aliás o gravador é peça fundamental em entrevistas deste tipo, ainda que haja relatos como as primeiras entrevistas realizadas pela Paris Review, feitas por dois reporteres que anotavam tudo freneticamente e depoisde

transcrito e ordenado, mandavam o trabalho para o entrevistado (em geral escritores) para uma revisão final.

Para concluir eu diria que apesar de toda técnica, não há definitivamente um modelo possível para se realizar uma entrevista. Mas se quisermos alguma coisa aproximada de uma receita para se realizar boas entrevistas eu diria o seguinte: depois de ler uma literatura variada sobre técnicas de entrevista é preciso se deixar impregnar pela teoria como diz o Lévy Strauss a respeito do seu método de trabalho e então direcionar uma boa dose de criatividade, savoir faire, charme e sensibilidade. E então fazer a entrevista. Quando se consegue fazer uma boa entrevista significa que se conseguiu unir os dois fatores: a técnica que ficou de tal forma incorporada que não se nota sua presença, e aquele imponderável, presente em cada entrevista, que pode dar afinal o sabor especial, a marca inédita, o toque mágico que o transforma - até sem o entrevistador se dar conta - em alguma coisa especial.

Mas é preciso não se iludir: cada entrevista é um novo desafio que sóse pode assumir fazendo. O entrevistado é sempre surpreendente e o entrevistador precisa estar preparado para este salto no desconhecido que pode (e geralmente é) maravilhoso

Notas

1. Escritores em Ação - As Famosas Entrevistas à "Paris Review", coordenação e prefácio de Malcolm Cowley, tradução de Brenno Silveira, Paz e Terra, 1968 e Entrevistas Le Monde, Série Literaturas, Editora Ática, tradução de Marina A., 1990.
2. Leo Gilson Ribeiro (crítico literário in Jornal de Hoje e Revista Artes); Lygia Fagundes Telles (escritora, in Jornal de Hoje e Leia Livros); Hilda Hilst (poeta, ficcionista e dramaturga in Folha de São Paulo, Jornal de Hoje e DO Leitura); Augusto de Campos (poeta in Leia Livros); Ignacio de Loyola Brandão (jornalista e escritor) inédita; Renata Pallottini (poeta, dramaturga, ficcionista in Suplemento Cultura de O Estado de São Paulo); Lauro César Muniz (romancista de televisão, dramaturgo in Cultura d'O Estado de São Paulo); Leilah Assunção in Cultura de O Estado de São Paulo); Carlos Eduardo Novaes (escritor) inédita; Alceu Amoroso Lima (escritor) inédita; Almeida Prado (músico, compositor in Revista Artes); Antunes Filho (diretor de teatro in Suplemento Cultural do Correio Popular); Leon Hirszmann (cinasta, falecido) inédita; Cesar Lattes (físico nuclear in Jornal de Domingo de Campinas); Miran (artista gráfico in Rubem Alves (filósofo, escritor in Jornal de Hoje); Fernanda Montenegro (atriz) inédita; Joaquim Brasil Fontes (escritor, professor de literatura in Jornal de Domingo de Campinas).
3. Variações sobre a Técnica de Gravação no Registro da Informação Viva que trata de uma pesquisa realizada por ela e suas alunas da cadeira de Sociologia da USP intitulada São Paulo, 1920-1937: Depoimento de Trabalhadores de Baixos Recursos, pag.ii.
4. Oracy Nogueira - Pesquisa Social - Introdução às Suas Formas, pag.ii.
5. Michel Thiollent - Crítica Metodológica, Investigação e Enquete Operária, pag.35.
6. Selltitz/Jahoda/Deutsch/Cook - Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais, pag.294, 295.
7. Selltitz e outros, op.cit.pag.296.
8. Roberto Cipriani - Experimentos com Histórias de Vida (Itália-

- Brasil) org. e introdução de Olga Moraes von Simson, pag.119.
9. Cipriani, op.cit.pag.121.
 10. Cipriani, op.cit.pag.122
 11. John Eccles é Prêmio Nobel em
 12. Cipriani, op.cit.pag.122.
 13. Seltiz e outros, op.cit.pag.300
 14. Thiollent, op.cit.pag.81
 15. Sobre a Utilização da Entrevista Não Diretiva de Guy Michelat in Thiollent, op.cit.pag.191
 16. Sociologia e Ideologia e Entrevista Não Diretiva, de Jacques Maitre in Thiollent, op.cit.
 17. Thiollent, op.cit.pag.91
 18. Thiollent, op.cit.pag.204
 19. Guy Michelat in Thiollent, op.cit.pag.209, notade rodapé.
 20. Dracy Nogueira, op.cit.pag.111, Scientific Social Surveys and Research, cap.VII.
 21. The Role Interview in Social Survey and Research pag.174; Birgham e Moore in How to Interview citado por Nogueira, op.cit.pag.174.
 22. Selltiz/Wrighstaman, Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais,pag.34 e 35.
 23. Autor de Generos do Discurso.
 24. In La Mise em Mot du Tiers Parlant come jeu évaluatif (sur un modèle de Mickail Bakhtine, in revista Syntagmes 4-de L'Evaluation et de l'alteration des discours semiotique didactique informatique.
 25. Peytard, op.cit. e Joaquim Brasil Fontes em atividades orientadas.
 26. Peytard, op.cit.pag.
 27. Selltiz/Wrighstaman, op.cit.pag.34 a 37.
 28. Selltiz/Wrighstaman, op.cit.pag.37.

Leandro é filósofo e nasceu em Petrópolis em 1936, formou-se em Direito no Rio de Janeiro em 58. Frequentou cursos de doutorado na República Federal da Alemanha, em Harburg e em Bonn. Foi membro do Partido Comunista Brasileiro e durante a ditadura militar exilou-se fora do país, tendo estado na Alemanha e França. Atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e no Departamento de Educação da PUCC do Rio de Janeiro onde leciona História das Idéias. Publicou: Marxismo e Alienação; Kafka; Vida e Obra; Os Marxistas e a Arte; Marx, Vida e Obra; Luckács; O Barão de Itararé; Introdução ao Fascismo; A Democracia e Os Comunistas no Brasil; O que é Dialética; A Derrota da Dialética - A Recepção das Idéias de Marx no Brasil até o começo dos Anos Trinta; O Futuro da Filosofia da Práxis - O pensamento de Marx no Século XXI entre outros. Atualmente prepara um livro sobre a socialista e feminista francesa da primeira metade do século XIX Elora Tristán.

Sei que você nasceu em Petrópolis estado do Rio, formou-se em Direito. Em que universidade?

Leandro - Olha numa universidade que se chamava Universidade do Rio de Janeiro, que depois passou a ser Universidade do Distrito Federal e hoje é UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Onde ela fica?

Leandro - Fica perto do Maracanã e aquela onde eu estudei funcionava no Catete.

Atualmente você leciona onde?

Leandro - Atualmente eu dou aulas na Universidade Federal Fluminense no Departamento de História e na PUCC, no Departamento de Educação.

Você fez doutorado em Marburg e Bonn na Alemanha?

Leandro - Eu fiz alguns créditos em Marburg, alguns créditos em Bonn mas não completei o doutorado. Ou melhor até completei mas não defendi tese.

Por que?

Leandro - Porque me deixei absorver pela atividade política. Foi um período de intensa atividade política. Nós estávamos preparando a volta, já estávamos animados com a perspectiva da Anistia então eu larguei os estudos e mergulhei na política.

Quer dizer que você foi para lá exilado. Conte um pouco a história. Quando foi, até quando ficou?

Leandro - É, exilado. Fui em 72 e fiquei até 77 na Alemanha mas eu fiquei um ano e meio em Paris nessas atividades que nós desenvolvemos lá, o pessoal do Partido Comunista e alguns aliados.

O Rodolfo, teu irmão estava junto?

Leandro - Não, nós nunca militamos juntos. Éramos ambos comunistas mas militávamos em grupos diferentes.

E como foi a opção pela Alemanha?

Leandro - Porque eu tinha amigos alemães que insistiam muito que eu fosse para a Alemanha - um casal de amigos - aliás dois casais - um que era democrata cristão e outro que era social democrata. Desde 75 quando eu comecei a ser perseguido aqui, esses dois casais me estimularam e me asseguraram que eu chegando lá poderia requerer uma bolsa. Então eu fui sem bolsa com a possibilidade de obter uma bolsa lá.

Quer dizer que você foi para lá por conta própria?

Leandro - Eu tive ajuda de alguns amigos brasileiros.

E a bolsa era do governo alemão?

Leandro - Não, a bolsa era da Fundação Friedrich Ebert. Era uma bolsa pequena; eu vivi alguns meses e depois eu consegui um emprego na universidade.

Mas você já sabia alemão?

Leandro - Não. Eu tinha estudado alemão, pensei que sabia mas quando cheguei lá percebi que precisava aprender (risadas).

Você tem ascendência alemã?

Leandro - Tenho, meu bisavô era alemão.

Mas a temporada alemã, foi boa?

Leandro - Foi. Foi um exílio muito suave, muito agradável. Eu tive a oportunidade de visitar muitas pessoas que eu não poderia visitar de outra maneira, se não estivesse exilado, e tive a oportunidade de ler muito. Eu lia e fichava. Quer dizer, eu tenho hoje um quadro de referências organizado nesse período. Eu lia muito em alemão e fichava, os alemães tem um movimento editorial muito rico, eles publicam muita coisa, quer dizer o acesso à língua alemã foi muito útil.

Se a gente olhar os títulos dos seus livros, num total de quinze, vemos que a maioria trata de Marx, vida e obra e alguns marxistas. Vejamos: Marxismo e Alienação, Os Marxistas e a Arte, Marx, Vida e

Obras: A Democracia e os Comunistas no Brasil. O Marxismo na batalha das Ideias. O que é Dialética. A Derrota da Dialética. Lukács. O Futuro da Filosofia da Práxis - O Pensamento de Marx no século XXI. Vou começar com duas perguntas, a primeira bem inocente. Quer dizer então que você é marxista?

Leandro - Hoje eu tenho algumas dúvidas sobre o significado exato dessa palavra. Mas ainda hoje é mais ou menos tranquilo que meu principal interlocutor filosófico é Marx. Ele é o autor com quem dialogo mais permanentemente e mais profundamente. É claro que Marx não tem respostas para todas as minhas inquietações - e eu busco em outros autores - isso é normal. Mas ele é ainda a principal fonte onde eu vou beber em determinadas questões decisivas da concepção do homem, da concepção da história. Então neste sentido eu me considero um marxista, mas eu não sei se o sentido da palavra não precisa ser repensado.

O que o atrai tanto em Marx? Você diria que precisou "envolver a cabeça com tiras de pano molhadas em água fria" para estudar Marx como se queixava o dirigente socialista da Nova Zelândia Harri Holland que você mesmo cita no seu O Futuro da Filosofia da Práxis? Porventura seu "cérebro" também conheceu o caso ao ler O Capital como ocorreu com o ensaísta inglês William Morris, conforme citação no mesmo livro? Ou foi fácil deglutir o pensador alemão e sua complexa teoria?

Leandro - Olha eu acho sim que o pensamento de Marx é um pensamento complexo, mas eu acho que tem níveis de leitura diferentes. Então eu li Marx muito cedo, li mal. Mas eu não sabia que estava lendo mal, achei que estava lendo bem.

Com quantos anos e o que foi?

Leandro - Ah, acho que as primeiras coisas de Marx eu li foi com 16 anos, eu li O Manifesto Comunista.

Teu pai também era marxista?

Leandro - Era mas meu pai nunca influi nas leituras. Deixava que a gente lesse o que quisesse. Mas acontece que eu me tornei marxista muito cedo, por entusiasmo, por sentimento e eu li Marx como um

teórico de um materialismo histórico bastante mecanicista, com predomínio dos fatores econômicos. A minha primeira assimilação de Marx foi de um Marx bastante simplificado. Posteriormente eu comecei a perceber que o pensamento de Marx era mais complexo. A primeira vez que eu li O Capital foi num pequeno grupo - na verdade éramos dois ao terminar - e fizemos uma leitura completa, mas deficiente. Essa leitura durou de 58 a 64 que corresponde mais ou menos a um episódio importante da história da assimilação das idéias de Marx no Brasil que é justamente o Seminário de Leitura de Estudos de O Capital promovido por alguns intelectuais da USP, entre os quais o atual ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, o Ianni, o historiador Fernando Novaes e o filósofo Giotti. Mas eles estavam fazendo um tipo de leitura muito mais significativa do que eu estava fazendo. Eu estava atrasado - não sabia que se podia ler Marx com aquela expectativa tão elevada. Eu lia um pouco para alimentar um sentimento político comunista. Então a minha leitura não foi tão proveitosa, tão fecunda quanto a desses intelectuais - e que eu imaginava - só vim a saber muitos anos depois. . . e se soubesse consideraria uma coisa de intelectuais mais ou menos aburguesados. Eu era um militante e lia Marx para calcar ideologicamente a minha opção política que já estava feita. Então eu não tive essa dificuldade de entender Marx - eu entendia mal, mas me dava por satisfeito. Só mais tarde, na Alemanha, relendo Marx, estudando Marx eu entendí que o pensamento dele tinha implicações que eu não suspeitava. E me interessa em Marx sobretudo a concepção do homem - o sujeito da práxis, este ser que se faz a si mesmo, transformando o mundo e se transformando e a concepção da história que é a tradução da práxis na ação coletiva dos homens. São os dois aspectos que eu acho mais importantes em Marx.

Vejo que seu livro A Derrota da Dialética foi sua tese de doutorado transformada e leio aí que o você explica a palavra dialética, formada pelo prefixo dia e pelo verbo legere ou pelo substantivo logos e citando Paul Foulquié que vai constatar que a palavra dialética tem a mesma origem da palavra diálogo. Foulquié continua dizendo que logos tanto significa palavra ou discurso

como significa razão. Você lembra que na época em que foi criada, os gregos se recusavam a dissociar o discurso do seu sentido, a forma do conteúdo. Na sequência você citando Werner Jaeger que lembra que o cidadão na polis precisou aprender a distinguir entre o que lhe era próprio como indivíduo singular (idion) e o que se referia à coletividade, o que era comum (Koinos). Com o desenvolvimento das atividades mercantis, você continua, "o sujeito humano dividido já não se punha inteiramente nas suascrenças ou descrenças. Com Hegel o quadro se modifica: para ele a realidade é intrinsecamente contraditória e existe uma permanente transformação e o modo de pensar que nos permite conhecê-la não pode deixar de ser ele mesmo dinâmico. Nosso modo de existir consiste em plasmar o mundo à nossa feição. E o modo de existir do mundo por sua vez muda sob efeito da nossa intervenção. E nós nos transformamos ao agir. Tudo portanto é mutável. E para sustentar seu ponto de vista, Hegel invoca Heráclito de Éfeso que cerca de 500 anos antes de Cristo teria lançado os fundamentos de uma visão dialética do mundo, com o reconhecimento de que tudo que existe está em constante mudança e com a compreensão de que o conflito está na origem das coisas". E que o fascina na dialética?

Leandro - é porque a dialética é um fenômeno dialógico e me fascina um pouco a idéia de que é preciso recuperar esta origem. Eu acho que tanto Hegel como Marx são insuficientemente dialógicos. Então é preciso recuperar esta dimensão dialógica. E então um pensador que não tem a estatura nem de Hegel nem de Marx é o Mikhail Bakhtine ele trabalha com a dialógica e me convence que é possível avançar por esse caminho. Então é preciso pensar a mudança, a transformação esta integração sujeito-objeto como uma realidade dinâmica mas ao mesmo tempo pensar a dimensão dialógica. Não basta pensar hegelianamente. Acho que o Hegel é um gênio, eu o admiro muito, mas ele não me basta na medida em que a dialética hoje é essa possibilidade de pensar a mudança, e pensá-la dialogicamente.

E o que é esse dialogicamente para você?

Leandro - Seja essa dimensão da incorporação permanente da 40

objeção, do questionamento proveniente do outro. Esta abertura para outro é um pré-requisito da realização de um pensamento dialético consequente, quer dizer capaz de se transformar a si mesmo. Se eu de alguma forma tenho uma avaliação crítica tranquila do discurso do meu interlocutor se eu estabeleço previamente a superioridade do meu discurso sobre o dele, eu não consigo me abrir para o novo que ele me dá. O novo pode até ser perturbador, mas o novo só me vem através do outro.

Continuando você lembra que os autores que se interessaram pela dialética eram aristocratas como Heráclito, Proclus, Pascal ediz ainda que tenha havido pensadores ditos da esquerda, em cujas idéias se encontram elementos de concepção dialética do mundo do tipo hegeliano como Diderot, Fourier, foi Marx no entanto que entrelaçou de modo sistemático uma concepção materialista da história. Mas você lembra que isso não se concretizou com facilidade e na medida em que concretizou não dissipou as tensões internas do autor d'O Capital. Mais adiante você cita o italiano Antonio Gramsci polemizando com o russo Bhukárin e sugerindo que este último tivesse deixado de lado a questão dialética em seu Manual Popular de Sociologia Marxista. Gramsci diz: "Sente que a dialética é coisa muito árdua e difícil na medida em que o pensar dialeticamente colide como vulgarsendo comum que é dogmático, ávido de certezas peremptórias". Por que a dialética é tão difícil na sua opinião?

Leandro - Porque eu acho que ela incomoda muito uma necessidade visceral que os seres humanos tem de construir uma segurança para uso interno deles. A dialética é desestabilizadora, ela gera inquietações, ela destrói seguranças. E eu acho que a gente precisa de segurança. Ninguém consegue ser dialético vinte e quatro horas por dia.

Você diria que seríamos mais felizes se deixássemos a dialética agir mais em nossas vidas, em comunidade, em sociedade?

Leandro - Eu não vejo a dialética como uma espécie de solução para os nossos problemas. Vejo como uma direção de trabalho que pode ser fecunda, que pode nos ajudar a pensar com maior liberdade com

maior criatividade. Agora, veja bem a dialética precisa da não dialética, precisa lidar com este lado conservador que está nas pessoas, ela precisa dialogar com essas construções comprometidas com esta necessidade de segurança das pessoas. Então não vejo a dialética como uma bandeira de luta a preponderar, a prevalecer, eu vejo como uma tendência que precisa ser melhor explorada.

Você acredita que se tivéssemos um projeto de Nação as pessoas ainda teriam tanto medo de mudanças?

Leandro - Acredito que quando a gente tem um projeto é mais fácil superar o medo da mudança. A mudança ocorre, ela é uma consequência dessa dimensão intemporal inalienável da nossa existência, já que o tempo existe e nós existimos no tempo. Então não tem jeito... agora nós podemos participar como sujeitos fazendo escolhas, tomando decisões, assumindo riscos, exercendo a nossa liberdade, podemos participar da mudança ou podemos deixar que a mudança aconteça mesmo a contragosto. Então eu acho que as pessoas tendem muitas vezes a recuar diante de mudanças necessárias porque justamente não estão convencidas que devem investir num projeto, que devem tentar como diz o Goethe segurar as rédeas do destino. Aí elas preferem ficar paradas, se encastelar numa fortaleza improvisada em nome da necessidade de segurança delas. Agora isso varia infinitamente, a variedade de situações é enorme. Eu não sinto seguro para falar sobre essa experiência porque ela é muito diversificada.

Você diz que com Marx a dialética fundada sobre a práxis se tornou muito mais uma suscitadora de problemas que fornecedora de respostas às perguntas que os marxistas se faziam no plano filosófico. E que não ficou evidenciado porque os marxistas face às premências dos seus combates, obrigaram a dialética de Marx a vestir a camisa de força de um sistema acabado, encerrando-a num conjunto de fórmulas nitidamente articuladas umas as outras e paradoxalmente estabilizadas. Gostaria que você explicasse isso, por favor. E ainda: seria este fato a causa de se ter uma contradição: as idéias de Marx são realmente fascinantes mas na prática o marxismo não dá certo, porque é um sistema de idéias

difícil de se praticar?

Leandro - Tenho a impressão que se você traduz as idéias de Marx quando ele está borbulhando quando ele está inventando aquele pensamento, criando aquelas idéias, me parece até hoje extraordinárias, fecundas. No conjunto eu considero o acervo teórico mais precioso que eu conheço, embora tenha problemas. Mas se elas são organizadas e propostas como uma doutrina aí o resultado já é diferente. Eu acho que a gente precisa imitar de Marx só a criatividade dele. Nós não podemos nos limitar a repetir as idéias dele. Nós temos que retomar as idéias dele num diálogo com essa situação nova que é do nosso tempo que está precisando fatalmente de uma maior inventividade da nossa parte. Se você quiser se conceder um diploma de preguiça mental, um repetidor de Marx, se for assim eu não quero ser marxista, mas se for prestar homenagem a um sujeito que ainda é meu interlocutor privilegiado, questionar aspectos da teoria dele como eu questiono aí sim eu digo que sou. Em O Futuro da Filosofia da Práxis eu tenho alguns questionamentos incisivos que provocaram irritação em alguns setores - por exemplo tem que rever a teoria da ideologia dele, tem que rever a teoria da concepção de religião que ele tem, tem que rever a concepção de direito, tem que pensar o problema da história da longa duração do imaginário social que ele não consegue abordar - tudo isso são pontos onde um bom marxista hoje se afasta de Marx, portanto deixa de ser marxista.

Vamos falar um pouco da sua história pessoal. Como você se interessou pelas idéias contestadoras de Marx?

Leandro - Eu fui um militante do PCB durante trinta anos. Eu entrei para o PCB em 51, com quinze anos.

Sua família era bem contestadora. Seu pai...

Leandro - Meu pai era um velho bolchevique. Desde jovem, a questão que eu me colocava era a seguinte: meu pai é uma pessoa meio bizarra, meio maluco, mas um maluco beleza, uma pessoa generosa, bom pai, boa pessoa, bom sujeito. Os amigos dele também eram meio bizarros, meio malucos, mas pessoas maravilhosas, então eu me perguntava: eles frequentam a minha casa, conversam comigo, porque

que eles são presos? Papai foi preso vinte vezes que eu me lembro... ao longo da vida dele. Quer dizer esta era a grande questão que eu me colocava. Enfim aquelas pessoas meio bizarras, mas generosas, preocupadas com os outros, que querem melhoras a vida das pessoas... Aí eu comecei afetivamente a ser comunista em solidariedade àquelas pessoas. Mais tarde eu fiquei sabendo que entre os comunistas existiam pessoas de uma enorme variedade de caráter, algumas não eram tão generosas. Mas enfim porque elas, sendo bizarras mas generosas, porque são perseguidas? Mas enfim a minha primeira impressão foi essa. E eu hesitei um pouco mas aos quinze anos fui recrutado, me tornei comunista, passei a ser um mau militante.

Porque mau militante?

Leandro - Porque eu não gostava de algumas tarefas incomodas... por exemplo distribuição de panfletos de propaganda na favela domingo de manhã. Como a coisa mais prazerosa para mim era ir a festinha de sábado à noite, havia uma colisão enorme (risadas)

E você foi preso?

Leandro - Eu fui preso logo que eu entrei, mas eu fiquei só um dia. Depois em algumas ocasiões eu corri da polícia, e volteo a ser preso em 70 aí já em outras condições. Quando saí do Brasil estava sendo processado e o meu advogado achou que o processo estava bem feito. Era um processo que corria na Justiça Militar e em geral os processos eram mal feitos e as pessoas eram absolvidas. Mas o meu ele achou que estava bem feito e era arriscado por causa disso eu ficar preso, e ele então me aconselhou a sair. Isso era dezembro de 70 mas só saí em julho, agosto de 72.

Você tem sequelas daquela época? Porque foi sofrido hein!

Leandro - Não, porque acho que uma existência que vale a pena passa por essas coisas. A gente aproveita ou não aproveita. E eu tenho que aproveitar, mesmo quando elas foram proporcionadas por uma pedagogia à moda antiga, na base da porrada. Eu acho que eu errei muito na avaliação da gravidade de certos problemas. Eu

errei muito por simplismo mas nunca por calhordice, nunca por safadeza, às vezes por comodismo, não me orgulho delas. Mas não vejo minha vida como uma coisa da qual me envergonhe. Por outro lado também não me envaideço porque não sou melhor que outros companheiros quando me comparo não saio nem empequenecido nem engrandecido.

E esse pessoal com quem você conviveu ainda está por aí, você ainda tem contato?

Leandro - Eu preservo com muito carinho algumas velhas amizades... da infância sobraram muito poucas amizades. Mas da adolescência e da juventude sobraram algumas que eu cultivo e de estilos os mais variados. Alguns se tornaram realmente conservadores, defendem posições políticas com as quais não concordo e alguns até são militantes do PT. Eu tenho dois amigos que nós temos uma tradição de no máximo de quinze em quinze dias, nos encontrarmos e almoçamos. É engraçado porque é uma volta à adolescência. Mesmo quando a gente discute problemas políticos atuais, a crise no PT, sempre acaba voltando à adolescência, brincando um pouco. Esse contato, me parece bom para os três.

Você diz que para dar conta da instabilidade do real, da sua vertiginosa transformação e de suas inumeráveis contradições, Marx começou a desenvolver um modo de pensar capaz de trabalhar com conceitos fluidos. E você diz que exatamente esta característica de perspectiva de Marx, tornava-a apta para despertar um forte interesse e uma imensa simpatia nos espíritos mais rebeldes do mundo inteiro. E que tais espíritos se aproximavam do pensamento de Marx justamente na expectativa de o utilizarem, mas na medida em que ela permanecia vaga e se apoiava em idéias deficientemente aprofundadas não podiam deixar de se defrontar com inúmeras dificuldades. Gostaria que você falasse sobre isso.

Leandro - Na UFF eu dou aulas sobre Filosofia da Educação - eu aliás todo ano eu digo para os meus alunos que eu não sei exatamente o que é - eu sempre dou aulas sobre matérias sobre coisas que eu não sei exatamente o que são. Eu tenho feito seminários sobre História das Idéias que variam de período para

período - e na graduação eu dava um curso mais de base de formação atualmente trabalho mais na pós e em geral tenho dado seminários sobre problemas específicos. Trabalho muito assim: o idealismo clássico alemão porque as pessoas desconhecem Kant, Hegel e como podem ler Marx sem ter lido esses autores? Então eu andei trabalhando mais o Hegel e tenho um certo fascínio por essa idéia de que as condições de assimilação das idéias de Marx em diferentes situações, em diferentes períodos e em diferentes sociedades, e conjunturas culturais elas são surpreendentemente variáveis.

Cada um lê o que quer?

Leandro - Cada um lê o que quer, é uma coisa fantástica. E aí há uma série de tensões e essas tensões, me parece, não empobrecem, não esvaziam a força do legado de Marx. Ao contrário elas dão a força real. A força real não está no movimento comunista patrocinado pela União Soviética ou pela China ou por Cuba ou pela Internacional Comunista. Este uso pragmático ele dá conta de um aspecto que não é o que mais me interessa. O que mais me interessa é justamente o papel que as idéias do Marx desempenham como fermento e aí como fermento elas servem para fabricar bolos muito diferentes. E aí as discussões entre as escolas culinárias que produzem bolos assim ou bolos assado são discussões muito gostosas muito ricas porque essa diversidade está mais próxima da realidade do que aquela interpretação doutrinária administrada por um movimento político unificado em torno de uma direção partidária.

Aí que justamente está a riqueza das idéias que persistem ao longo do tempo e são lidas de diferentes maneiras...

Leandro - Exatamente a riqueza, porque quando você elimina, você minimiza a contradição dentro de uma corrente de pensamento, essa corrente de pensamento fica prejudicada. A riqueza dela está no fato de produzir estímulos contraditórios...

é o diálogo, a dialética.

Leandro - é a dialética.

A primeira frase do capítulo Imesto Rebelde e Proletário Revolucionário (O Futuro da Filosofia da Práxis) é bem o clima que vigorava naqueles terríveis e maravilhosos anos antes e pós 64: "o nosso é notoriamente um tempo de insatisfação e inconformismo. A produção artística mais significativa do século XX temse feito e continua se fazendo em oposição à sociedade tal como está organizada. O mesmo ocorre com os frutos do exercício crítico da inteligência. são cada vez mais raros e inexpressivos os apologistas do status quo. Precipitam-se as mudanças, a tecnologia avança em todos os sentidos... havia sobre nós a ameaça de uma guerra termonuclear... queremos mudar o mundo... mas encontramos um quadro tão profundamente deformado que nos envolve com tanta força que pode corromper até nossas iniciativas mais generosas. Mas do que qualquer época a nossa está marcada pela rebeldia e pela busca de soluções revolucionárias". Lendo isso me vem à memória o clima que a juventude mais esclarecida vivia naquela época, naquelas década de 60/70 e da efervescência cultural que se manifestava na produção teatral, no cinema, na música, na literatura, enfim na educação e no comportamento, etc. A Revista Civilização Brasileira onde li vários artigos seus, foi um veículo importantíssimo e um canal de expressão dos intelectuais de esquerda que queriam fazer a revolução. O terrível é que hoje, à exceção desse episódio recentemente ocorrido dos "cara pintadas" pedindo o impeachment de Collor não se pode repetir aquela sua frase inicial. Apesar de vivermos um tempo de insatisfação você concorda que nem de longe é parecida com aquela insatisfação vivida pela geração jovem de 60? Não é verdade que esta geração viveu anos dourados e depois anos rebeldes com grande intensidade? Vamos tentar contar para a juventude de hoje o que foram aqueles anos antes do golpe de 64 e depois?

Leandro - Bem aquela minha observação foi feita... eu pensava no século XX. E realmente ela não se aplica à situação atual, ao momento atual. O momento atual é um momento pós moderno de aceitação do capitalismo, de aceitação marxista, das regras do jogo neo liberal. De certa forma meu discurso é datado. Infelizmente. Mas acho que este momento atual pode ser revertido e a gente pode encontrar as raízes dessa rebeldia que eu procurava

examinar ao longo da história cultural e política do século XX, que no momento não está existindo.

Você que tem contato constante com a juventude o que acha dos jovens de hoje. Como você os vê?

Leandro - Eu acho que os jovens estão meio confusos, eles participam da perplexidade política que, de alguma forma baixou sobre a esquerda. O coração deles está à esquerda até fisiologicamente. Mas acontece que não há indícios de caminhos, ... há expectativas... eu não acho que eles estejam mal, eu sinto uma certa abertura, uma certa interrogação neles que é positiva. Agora eu realmente não vejo brotar da atividade deles uma indicação de caminhos políticos, a concretização da rebeldia. Eu os vejo mais perplexos que apáticos. No diálogo com meus alunos de graduação, garotada de vinte, vinte e cinco anos não acho que predomine a apatia, eu acho que há uma certa curiosidade que é uma vitória sobre a apatia. O que predomina realmente é uma certa sensação de impotência.

Não seria também porque na verdade a geração digamos, a sua e minha, enfim as nossas também não estão podendo dar respostas a eles?

Leandro - É verdade, é verdade, eles estão entrando na cena na hora em que os projetos socialistas ficaram desacreditados. Como buscar uma alternativa nova? Eles não sabem e nós também não.

Afinal os rebeldes revolucionários, nós incluídos queríamos mudar o mundo tal como o víamos, no caso queríamos mudar a estrutura social do Brasil dominada pelo sistema capitalista, para uma ordem mais justa, mais solidária, onde o trabalho não fosse explorado de forma tão desumana, etc. tudo aquilo que a gente sabe. Minha pergunta é: por que, apesar das boas intenções o comunismo não deu certo como sistema político econômico na maioria dos países em que foi implantado? Apesar de tudo você continua um socialista? Porque? Você tem esperança de um dia, ver realizado o sonho de uma sociedade mais justa?

Leandro - Veja bem, porque não deu certo... há várias hipóteses

algumas das quais já bastante fortalecidas hoje pelos estudos, daquela experiência feita sobre o modelo leninista: ou seja o autoritarismo intrínseco, a incapacidade de auto renovação, a dificuldade de lidar com a riqueza das contradições internas da sociedade, e uma série de outros fatores que foram não apenas tolerados como incentivados na metodologia adotada pelos dirigentes desses países. Uma das deficiências mais visíveis está presente na idéia de impor uma ordem ao mercado, uma ordem superior sobreposta à ordem do mercado. Isso gerou uma burocracia lamentável, o dirigismo prejudicou profundamente a economia e hoje a gente sabe o seguinte: o mercado é perverso, as análises que o Marx fez são muito profundas mais o mercado é muito potente, o mercado é muito vigoroso. Então a revolução não vai ser uma ruptura com a dinâmica do mercado, não vai ser uma explosão súbita, mas vai ser um processo ao longo do qual nós vamos aprender a influir sobre o mercado, mas respeitando a força dele. Este caminho não foi trilhado ainda, as propostas de inspiração leninista criaram um outro caminho que realmente fracassou, que foi um fracasso estrondoso, não há nada a fazer, não se pode camuflar, tapar o sol com a peneira. Agora eu acho que sou socialista na medida em que as questões que levaram ao aparecimento do socialismo já no tempo do Marx continuam presentes no nosso tempo, algumas até gravadas, elas não foram resolvidas. Então trata-se de inventar novos caminhos para o socialismo, quer dizer um socialismo que pense a transformação da sociedade processualmente, o que significa a releitura crítica mas não preconceituosa da experiência da velha social democracia, a social democracia de antes da Guerra de 14, a social democracia da criação dos primeiros partidos socialistas de massa da história, o Partido Francês, o Partido Italiano e o Partido Alemão sobretudo, essa experiência é muito rica. O leninismo acabou com ela, o leninismo chamou o Kautsky de rénegado e desqualificou o que a social democracia vinha fazendo. Por outro lado a própria social-democracia, depois da Guerra de 14 ela também se desacreditou muito e então passou a ser gestora do capitalismo. Ela não conseguiu promover as mudanças com as quais estava comprometida. Então você tem por um lado o fracasso do comunismo,

e de outro o descrédito da social democracia. Mas eu acho que existem algumas elementos...

Que precisam ser restaurados...

Leandro - Que precisam ser recuperados até a gente pensar num caminho não leninista e também não social democrata no sentido atual da expressão, mas naquele sentido antigo da social democracia do começo do século

Voltando a questão da disciplina que você leciona atualmente. Como você escolheu, como foi a sua opção pela Filosofia da Educação, enfim há quanto tempo dá aulas? Conte a história toda.

Leandro - Eu leciono desde 85. Quando eu voltei do exílio a minha relação com a universidade não era uma relação de envolvimento porque eu era um intelectual do Partido, então um dia o partido no seu funcionamento, na sua ação política poderia precisar de mim e eu estaria ocupando o meu posto. Assim a universidade não era o meu lugar. Mais tarde - quando a gente voltou da Europa para mim já estava claro que a universidade era o meu lugar - eu e esses amigos já tínhamos percebido...

Tem alguém conhecido?

Leandro - Tem o Milton Temer por exemplo que foi candidato a senador pelo PT do Rio, que é jornalista, tem o Carlos Nelson Coutinho que é filósofo como eu, que tem um ensaio importante que é A Democracia como Valor Universal esses são os dois amigos com quem estou em contato mais constante e eles estavam comigo na atividade política e estavam comigo na revisão do leninismo. Eu diria o seguinte: na segunda metade dos anos 70 nós começamos a descobrir que o leninismo atrapalhava e estávamos dentro do Partido. Nós só saímos no começo dos anos 80.

Quer dizer que foi um grande conflito?

Leandro - E foi ao mesmo tempo o momento que nós descobrimos - nós fomos muito incentivados pela experiência revisionista do comunismo italiano. Era muito engraçado, naquele tempo a gente telefonava para a Itália para estar a par das novidades, para

saber quais eram os últimos trabalhos publicados, para saber o que os comunistas italianos estavam pensando. Hoje são os comunistas italianos que estão embananados, e então eles telefonam para cá para saber como vai o PT.

É mesmo, apesar de toda essa confusão?

Leandro - Eles estão muito preocupados com o PT. No fundo eles tem uma esperança de que, no meio da confusão toda o PT ache a saída. Mas hoje eu não tenho muito tempo para a política. Você perguntou quando eu entrei para a universidade... eu comecei a trabalhar no Instituto Metodista Bennet no curso de pós graduação, catufensu e dava uma matéria chamada Metodologia das Ciências Sociais e a partir daí eu peguei gosto, descobri que eu adoro dar aula, meu narcisismo se sente feliz e realizado (risadas)... vinte alunos prestando atenção no que eu estou falando, eu sinto um prazer físico muito grande (mais risadas). então comecei a dar aulas, fiz um concurso para a UFF a Universidade Federal Fluminense e a partir daí comecei a trabalhar na PUCC em 85 primeiro como horista do Departamento de Sociologia e depois recebi um convite para lecionar Filosofia da Educação no Departamento de Educação, que é um departamento predominantemente feminino. Então algumas pessoas desse departamento acabaram ficando minhas amigas e comecei a tomar chope com elas e elas começaram a me perguntar porque você não vem lecionar Filosofia da Educação, e eu comecei a achar engraçada a idéia. Nem imaginava o que poderia ser filosofia da educação mas achei interessante e aí comecei a dar um curso baseado em Rousseau e descobri que funcionava quer dizer que despertou interesse, que as pessoas se ligaram naquilo e elas tinham uma abordagem de Rousseau - um pouco Rousseau e Emilio...

Exatamente eu ia perguntar se você começou com Emilio?

Leandro - Começou um pouco pelo Emilio mas em seguida, rapidamente passou a ser o Rousseau com o Discurso sobre a Origem da Desigualdade, o Rousseau que pensa a natureza, era Rousseau que pensa também na comunidade. Comunidade e natureza são conceitos interdependentes em Rousseau. Então através do conceito de comunidade se colocavam questões - que elas descobriam que são

questões atuais. Está faltando dimensão comunitária nas nossas vidas. A sociedade está vivendo muito em função do mercado e o mercado gera uma competição exarcebada e as pessoas ficam competindo e ficam muito solitárias, muito isoladas. Então falta o cimento da comunidade e eu já estava colocando esta questão. Então a partir daí o trabalho começou a render, eu gostomuito do trabalho que eu faço e eu trabalho muito também em forma de seminários mas eu faço um seminário dedicado à gênese da concepção do homem no movimento teórico do liberalismo clássico que termina justamente com a implosão promovida por Rousseau. Então começa com Locke, passa por Montesquieu, depois chega aos iluministas franceses Voltaire, D'Holbach, Diderot, Lametris e termina em Rousseau. É o que eu chamo a ascensão do homem burguês. Depois vem a crise do homem burguês no segundo semestre que é Hegel, os socialistas utópicos e Marx. A gente fica no século XIX e aí eles tem os instrumentos para trabalhar no século XX. Então eu dou os cursos...

Sempre esses?

Leandro - Sempre esses. Eu dou um semestre Filosofia da Educação I no segundo, Filosofia da Educação II e um intervalo para refazer um seminário sobre um tópico com um autor do século XX. Nós já trabalhamos as matrizes doséculo XVIII e século XIX e abordamos um autor do século XX - uma vez foi Benjamin outra vez foi Gramsci, agora recentemente fiz um baseado no Habermas. Fizemos um seminário sobre leitura e discussão de um capítulo desse livro do Habermas Discurso Filosófico da Modernidade. Então a gente tem feito assim eu dou a base, a formação do homem burguês, crise do homem burguês e uma discussão sobre o que o homem burguês está vivendo hoje, críticas mais incisivas, etc.

Foi o Althusser quem retomou as idéias de Marx, não é, dos autores mais recentes? O que você pensa da abordagem dele?

Leandro - O Althusser faz uma releitura das idéias de Marx que é muito problemática a meu ver. O Luckács para mim, como eu já te disseera o legítimo herdeiro de Marx no século XX e o Althusser fazendo da leitura do Marx uma leitura anti historicista a meu ver

acho que ele atrapalhou Marx. Tem um livro dele que eu gosto que até recomendei aos meus alunos que é o primeiro dele que é um ensaio sobre Montesquieu, que é um livro muito bonito, discordo até das conclusões, mas é o que eu mais gosto. É Althusser antes de Althusser depois eu li Pour Marx e o Le Capital aí já muito irritado... ele é um pensador talentoso, que já é uma coisa rara, mas como ele se movia dentro da minha área mas numa direção oposta isso provocou reações apaixonadas e na época eu fiquei muito anti-althusseriano. O último livro dele que ele escreveu depois de internado que é O Futuro Dura Muito Tempo, é muito triste e me resgatou a pessoa de Althusser. Eu que tinha uma má vontade visceral contra ele hoje eu percebo que ele era uma pessoa muito sofrida.

Você diz lá a uma certa altura no seu livro A Derrota da Dialética que justamente a atrofia da dialética na história da difusão do marxismo não teve consequências negativas apenas na Europa mas pesou também de forma deformadora sobre o desenvolvimento do marxismo na América do Sul. Acrescenta que isso teria prejudicado também a compreensão da luta de classes por parte dos socialistas brasileiros. E até autores marxistas que ajudaram a difundir as idéias de Marx na América Latina especialmente Argentina e Brasil teriam contribuído para que o conceito de dialética se dissolvesse no evolucionismo. E mais: as idéias de Marx se combinavam com facilidade com a fé cietificista e com a tradição cristã. Enfim, você cita variadas tendências que se misturavam no movimento operário brasileiro no começo do século. Isso significa que o pensamento de Marx foi sempre muito mal assimilado não apenas na Europa mas no Brasil, etc. Aliás justamente sua obra tem esse objetivo, responder a essas perguntas. Por que isso ocorre na sua opinião?

Leandro - A assimilação das idéias de Marx justamente é o meu tema. Saber porque ocorreu uma assimilação tão problemática, tão marcada por pessimismo é um pouco o desafio que eu me imponho. Por que as pessoas fizeram leituras tão surpreendentes. Então eu não tenho resposta, para isso, eu pergunto isso também. A minha leitura foi muito influenciada por alguns autores entre os quais:

Lukács e Gramsci. Lukács no plano filosófico e Gramsci no plano teórico político. O Gramsci me dava coisas que o Lukács não me dava. O Gramsci tinha uma serventia imediata maior, ele me ajudava a fazer política. Ele veio ajudar a gente numa época em que as limitações evidentes do marxismo leninismo que já eram sentidas e o Gramsci escapava das limitações porque era mais original, mais rigoroso. Então Lukács e Gramsci e de certa forma um pouco Sartre, que me emocionou muito naquele período, Sartre vai colocar a questão da subjetividade em toda a sua dramaticidade e isso ele me deu, ou seja, a necessidade de se refletir não só sobre as condições objetivas da economia e da sociedade mas uma reflexão sobre as condições subjetivas da produção cultural, das opções existenciais do homem aí o Sartre dizia coisas importantes.

No capítulo chamado Alienação do mesmo A Derrota da Dialética você registra que o trabalho é para Marx a atividade pela qual o homem doma as forças naturais, humaniza a natureza é a atividade enfim, pela qual o homem se cria a si mesmo. E como então o trabalho chega a ser o algoz do homem, como ele se transforma numa atividade que é sofrimento, numa força que é impotência, numa procriação que é castração, conforme palavras suas. Adiante você diz que quando Marx fala em revolução socialista para superar a divisão da sociedade em classes e dar início a um processo de desalienação do trabalho não está inventando a luta de classes, mas simplesmente reconhecendo sua existência e procurando extrair consequências de sua existência. E ainda que mesmo autores cristãos e de outras tendências admitem não poder negar validade à crítica de Marx à propriedade privada. Por que, sendo a posição de Marx tão correta digamos do ponto de vista da justiça social, os regimes comunistas foram à bancarrota e se revelaram totalitários, desumanos e até cruéis como a União Soviética sob Stalin, a Iugoslávia sob Tito, a China Comunista, a Alemanha Oriental com seu Muro, os sérvios agora em guerra sanguinária para conservar seu reduto na Bosnia Hersegovina?

Leandro - Ainda que Lênin tenha tido em algum momento preocupações humanistas, a lógica da proposta revolucionária que ele elaborou, tinha consequências tendencialmente muito perversas e essas

consequências foram se agravando na medida em que os sucessores de Lénin tinham menos escrúpulos que ele mesmo. Eu acho que durante muito tempo se culpava Stalin mas eu acho que Stalin é um entre muitos. Na verdade uma geração de revolucionários que tentava um modelo autoritário de transformação social e criação de um novo estado político, na proteção justamente do novo modelo foram sendo cada vez mais levados a empregar métodos truculentos. Isso de alguma forma banalizou a repressão em nome da revolução a tal ponto que nós temos no passado uma história de terror revolucionário da Revolução Francesa, um terror jacobino, que durou alguns anos e temos na história dos movimentos comunistas um terror que se prolongou ao longo de várias décadas e que deixou sementes perversas que até hoje estão brotando. Eu acho importante na revisão desse período, dessa experiência, até para fortalecer a nossa crítica, ou seja, a gente deve ter uma atenção muito especial para este lado noturno da Revolução Comunista. Este lado noturno é muito revelador, ele nos obriga a pensar a ir mais fundo na nossa análise, na observação de onde partem as distorções, as deformações.

Para esclarecer quem pretenda confundir o marxismo com materialismo vulgar você cita o filósofo húngaro Georg Luckács "Não é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue decisivamente o marxismo da ciência burguesa. É o ponto de vista da totalidade que permite à dialética enxergar por trás das aparências das coisas os processos e interrelações de que se compõe a realidade. Somente o ponto de vista da totalidade permite que se veja no real um fluxo ininterrupto de novidade qualitativa". Você escreveu um livro sobre Luckács, filósofo e escritor marxista atacado duramente pela esquerda e pela direita: a direita considerando-o como único crítico literário stalinista e a esquerda vendo-o como o estudioso que teria tentado justificar a ideologia burguesa e sua coexistência com a ideologia marxista. Me conte por que você tem essa preferência por Luckács?

Leandro - Por que num dado momento o Carlos Nelson Coutinho que era meu companheiro de leituras, de discussões, de avaliações e de

reflexões a partir de Luckács ele chegou a dizer: o Luckács é o quarto clássico do marxismo. Tem Marx, Engels, Lênin e Luckács. E também era o conceito que nós tínhamos sobre o Luckács. Eu acho que minha opção por ele é por que o Luckács afinal é uma cabeça enciclopédica, a cultura dele é extraordinária, ele conhece os problemas humanos de diversas áreas - ele trata de literatura, ele fala sobre arte, ele escreve sobre estética, ao mesmo tempo ele fala de teoria de conhecimento, ele tem um domínio da filosofia muito maior que qualquer outro autor marxista do século XX. Ele era um verdadeiro filósofo, ele escreveu um livro belíssimo sobre o jovem Hegel, ele compreendeu melhor que outros críticos, ele estudou mais profundamente que outros historiadores. Então ele tem uma obra muito rica hoje injustamente prejudicada pelo debate do comunismo, ele colocou muito nos modos de pensar sancionados pelo comunismo.

No entanto ele era criticado pela esquerda...

Leandro - Era muito criticado, ele queria se comunista e os comunistas davam-lhe uns cascudos: diziam - você tem preocupações estéticas para como realismo crítico burguês e não valoriza tanto o realismo socialista. E ao mesmo tempo há elementos de sectarismo na estética dele. E aí a gente percebe que o comunismo o atrapalhou - quer dizer o ângulo dele era comunista demais para permitir uma abrangência maior quando ele polemiza com as tendências de vanguarda na arte moderna. Ele é extremamente sectário. Mas a gente de qualquer maneira extraía muita coisa dele. Nenhum autor soviético apesar das facilidades que o Estado Soviético proporcionava para seus pesquisadores nenhum deles tinha contribuições no campo do trabalho do pensamento do desenvolvimento das idéias comparável ao do Luckács. Então nós ficamos com o Luckács, que era o nosso marxista confiável e competente.

Hoje em dia você fala do Luckács para os seus alunos?

Leandro - Não, tenho trabalhado pouco porque as questões que estou abordando não tem muito a ver com o trabalho dele. Mas recentemente eu participei de um seminário sobre o cotidiano e

apareceram algumas pessoas muito entusiasmadas com um estudo muito interessante da Agnes Helle sobre História e Cotidiano que é uma discípula do Luckács. E eu como velho marxista eu disse: quero dizer o seguinte, olha, as idéias dessa senhora Agnes Helle são muito interessantes, mas já estão propostas no primeiro volume da Estética do Luckács não me lembro mais. Ali ele analisa justamente a especificidade da consciência cotidiana dos homens, polemizando com Heidegger quando este concebe o cotidiano como degradado - a consciência cotidiana é degradada, é ontologicamente degradada - de alguma forma ele diz que a consciência cotidiana é rarefeita, é aguada, ela é limitada, mas ela é de alguma forma decisiva no processo da transformação histórica da sociedade. A sociedade muda quando muda o cotidiano, quando muda o horizonte cotidiano dela.

Eu ia dizer, o cotidiano pode ser rarefeito, aguado, limitado mas é o que a gente tem...

Leandro - Exatamente, é a hora da verdade. E isso está no Luckács. Então nesses últimos anos não tenho tido muito a ocasião de prestar minhas homenagens ao talento que eu acho que ele tinha - algumas vezes fui obrigado a criticá-lo muito severamente - mas eu continuo tendo um grande apreço, grande respeito por ele. Só que não estou trabalhando especificamente com as idéias dele.

Além de Luckács você escreveu sobre Kafka, Walter Benjamin e o Barão de Itararé. O que estas figuras tem em comum ou o que elas não tem? Afinal por que elas?

Leandro - (risadas) Várias vezes companheiros me cobraram - por que você não escreve sobre um brasileiro, um pensador de esquerda no Brasil, um teórico de esquerda. Aí eu pensei Caio Prado Junior, até escrevi um ensaio sobre Caio Prado, mas é difícil encontrar no nosso passado, até por razões históricas, um pensador de esquerda suficientemente criativo. O nosso pai, o nosso avô no Brasil não são muito animadores porque pagaram um preço muito alto pela situação que eles se encontravam, pelos problemas que eles tiveram que enfrentar e não puderam resolver. Mas aí pensei e entre meus antepassados espirituais tem um humorista - já por ser humorista eu tenho um respeito enorme - que foi comunista e ao

mesmo tempo tinha uma cabeça muito aberta - por ser humorista não tinha outro jeito - que foi o Barão de Itararé. Então o Barão estava muito esquecido e para resgatar a memória dele - afinal nós tivemos um Barão na nossa história, e a gente pode se orgulhar dele. Pelo menos nós tivemos um barão na nossa família, um barão democrático. E Benjamin era um autor que eu apreciava muito. Nos últimos sete, oito anos eu me dediquei a frequentar os escritos dele e descobri uma enorme riqueza. E como eu tinha trabalhado o pensamento dele em alguns seminários - e também não era um livro pretencioso. O Kafka era básico de juventude, foi meu primeiro momento de discordância de Luckács. Eu era um luckacsiano convicto até que eu li Kafka e achei Kafka maravilhoso.

No seu último livro O Futuro da Filosofia da Práxis você se propõe a defender Marx e sustenta a tese de ele ser o pensador do século XXI e que suas idéias ainda hoje podem ser úteis, no final do século XX se forem vistas como a filosofia da práxis, segundo expressão cunhada pelo filósofo italiano Antonio Gramsci nos seus Cadernos do Cárcere. Você afirma que Gramsci foi o primeiro a formular explicitamente a idéia do homem concebido como sujeito da práxis e por isso não haver mais sentido em se perguntar quem é o homem, mas o que o homem pode se tornar. "O homem existe se tornando algo novo, algo diferente daquilo que era antes. Esse tornar-se é a práxis, é a história, você diz. Gramsci diz que todo homem na medida em que é ativo, vivo, contribui para modificar o ambiente social em que se desenvolve - modificar determinados caracteres ou conservar outros - quer dizer tende a estabelecer normas, regras de vida e de conduta. Você completa dizendo que esta capacidade só pode ser valorizada através de um aprofundamento da nossa reflexão sobre a práxis, na linha de pensamento aberta pelo filósofo italiano. Completa dizendo que é como filosofia da práxis que a filosofia de Marx tem possibilidade mais ricas de netrar no século XXI com alguma vitalidade.

Leandro - Veja bem, eu digo que ele tem possibilidade de entrar no século XXI não digo que ele seja um pensador do século XXI. Este é um título de um capítulo. Marx é um pensador do século XIX, ele

tem exercido influências no século XX e ele pode exercer influência no século XXI, considerável, desde que ele não seja tomado como símbolo de uma doutrina. Eu acho que o pensamento do Marx é empobrecido quando ele é traduzido em qualquer formulação doutrinária... ele é muito mais uma incitação nova do que a resposta a questões que ele nem sequer conhecia. Eu tenho que lê-lo e ao mesmo tempo cotejá-lo com o que a minha nova realidade. Então eu digo o seguinte: se a gente retomar a idéia da práxis a gente tem uma base para tentar pensar determinadas questões da chamada antropologia filosófica. A antropologia filosófica está muito embananada - você pergunta o que é o homem e cada um dá uma explicação e ninguém é plenamente satisfatório. Então eu gosto dessa idéia que o homem não é alguma coisa - é claro que ele é - mas o modo de ser dele consiste em se inventar, ele é surpreendente. Então nenhuma explicação vai dar conta dessa realidade. O homem se torna cognoscível - eu posso conhecer a realidade do homem na medida em que eu observo a atividade do homem. Ou seja o que as pessoas fazem é a chave para eu começar a compreendê-las. Agora o que elas são antes de fazer - isso é meio misterioso. Eu gosto muito da idéia do Marx, o Marx fala em paixão - o sujeito da práxis para ele é movido por uma energia, o que o leva a agir, mas essa energia é uma paixão, não há como caracterizá-la, classificá-la cientificamente, ela desborda...

Um pouco irracionalmente?

Leandro - Seria uma dimensão irracional. O irracional engendra um novo que depois pode ser explicado pela razão. Mas a razão tem que ser modesta, não pode ser onipotente e tentar explicar esta área de onde emerge a novidade, a surpresa que é aquilo que está fora dela, que é o irracional.

Os gregos, você diz no capítulo intitulado A Filosofia da Práxis consideravam três atividades humanas fundamentais: a theoria (cujo objetivo era a busca da verdade) a poiésis (produção material de objetos) e a práxis (ações realizadas no âmbito das relações entre pessoas, ação intersubjetiva, ação dos cidadãos) que foram, ao longo da história trabalhados por diferentes filósofos. Coube,

você diz, justamente a Marx repensar a relação entre práxis e poiesis do ângulo dos trabalhadores, desenvolvendo uma concepção original de práxis que tem como ponto fundamental o trabalho. "É pelo trabalho que o ser humano faz história, e se faz a si mesmo". Para ele era preciso superar duas unilateralidades opostas: a do materialismo e a do idealismo e pensar simultaneamente a atividade e a corporeidade do sujeito, reconhecendo-lhe todo o poder material de intervir no mundo. Enfim você formula: a práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a si mesmos. É a ação que para aprofundar de maneira mais consequente precisa de reflexão, do auto questionamento da teoria. E é a teoria que remete à ação para justamente cotejar seus acertos e desacertos com a prática. E isso, você diz, vai ao ponto de esta doutrina prever a própria educação dos educadores. Gostaria que você falasse sobre essa concepção de educação do ponto de vista da filosofia da práxis.

Leandro - Bem isso está numa das teses sobre Feuerbach do Marx, um texto curto e muito denso, de 1845, o que mais frequentemente eu trabalho, onde está concentrada a perspectiva de Marx como filósofo. Aí ele diz isso: ou eu penso a educação como produção com determinadas características num sujeito por parte da realidade objetiva - o meio condiciona o movimento do sujeito, ou o movimento do objeto comanda o movimento do sujeito - então eu sou obrigado a pensar num sujeito engendrando a realidade objetiva e posso delirar com muita facilidade. Posso imaginar que a realidade objetiva é aquilo que eu fantasiei objetivamente. E entre esses dois extremos: o objeto fazendo o sujeito e o sujeito fazendo o objeto Marx se situa para poder determinar uma interação - a realidade é interativa - uma interação permanente sujeito-objeto. E o sujeito aparece como sujeito mas ele tem uma dimensão sempre objetiva. Ele é condicionado mas ele existe tomando decisões, existe interferindo. Então o educador tem que partir dessa interação - o educador lida com uma matéria que não é argila modela pelo oleiro. A educação tem essa dimensão - o Marx não disse - digo eu, é dialógica. Todo o educador tem seu momento de educado, todo educando tem seu momento de educador. Todo professor tem seu momento de aluno, todo aluno tem seu momento de professor.

O predomínio de um dos momentos sobre o outro nunca é uma eliminação. Então essa relação tem que ser pensada, na dialética da educação como uma relação, onde os dois polos subjetivos se confrontam - um na situação de educando e outro na situação de educador, mas nunca de maneira fixa, porque o predomínio de um sobre o outro nunca é uma eliminação.

O que você acredita que tenha mudado na educação brasileira em relação aos últimos vinte anos? Quais as grandes diferenças que se poderia verificar nas diretrizes educacionais pós ditadura?

Leandro - Eu não me sinto em condições de responder essa pergunta porque eu não tenho acompanhado essa coisa prática, a história prática de educação brasileira. O que eu vejo é o seguinte: o número de alunos da graduação em educação na PUCC está diminuindo e os alunos da pós graduação está crescendo

E qual é a sua versão sobre isso?

Leandro - Acho que é porque o mestrado da PUCC tem uma boa avaliação na CAPES e tem muitas bolsas (risadas). Não, eu estou brincando, não sei estou há muito pouco tempo e nem sou da área, sou recém-chegado. As minhas companheiras lá tem uma paciência enorme comigo. Elas dizem o Leandro é um filósofo...

E o que é filosofia da educação para você?

Leandro - Filosofia da educação é uma coisa meio complicada porque é o seguinte: uma filosofia aplicada à educação. A filosofia é uma atividade de auto indagação, onde você indaga a respeito de você mesmo e do mundo em que você vive, você indaga a respeito do real. Você se indaga a respeito de coisas tão vastas que nenhuma ciência consegue responder. A diferença entre filosofia e religião é que a religião não se indaga, a religião ela fala afirmativamente de coisas que a ciência não resolve. A filosofia não fala afirmativamente, ela se debruça sobre os problemas e trabalha em cima dos problemas e os filósofos organizam sistemas para resolver esses problemas e erram. Porque? Porque um esculhamba o outro e eles vão se destruindo - cada sistema destrói o sistema anterior e o que sobra é uma reflexão - refleters é debruçar-se outra vez -

sobre as mesmas questões - que são questões vastíssimas. Então a gente se debruça sobre a educação. O que é educação? Então não existe uma filosofia aplicável à educação, existe filosofia. Quando a filosofia encontra a realidade da educação ela reflete sobre a educação. Então a gente vai trabalhar nesse sentido. A gente não pode transformar a filosofia num instrumento de pesquisana educação, a filosofia não é um bom instrumento. Eu digo para meus alunos, para pesquisar vocês procurem disciplinas científicas que existem e que são muito úteis, vocês procurem saber com essas professoras como elas orientam, eu não vou orientar a pesquisa de vocês a minha função é bagunçar a cabeça... (risadas)... e elas gostam, em geral são mulheres e elas começam a especular, é ótimo.

Qual é, na sua opinião, o papel desempenhado pela universidade no Brasil hoje em relação a direitos humanos? Você acredita que a universidade participe da sociedade como um todo? Às vezes tenho a sensação dela ser um mundo à parte, um gueto onde se dá muita teoria e pouca prática. Você concorda ou discorda dessa afirmação? Pelo menos vejo isso na Unicamp. Fale sobre isso.

Leandro - Não acho que seja só lá na Unicamp, a gente tem discutido isso na UFF na FUCC e é dramática a situação. Acho que a gente tem que buscar soluções que não passem pelos governos... aquela idéia de que com o fracasso dos modelos socialistas leninistas a gente tem que reter os anarquistas. Essa desconfiança em relação ao Estado está crescendo muito... então eu fico pensando o seguinte: promover uma aproximação maior entre universidade e movimentos sociais e organizações sociais...

Ou seja, passar por cima do Estado, e conectar direto com a sociedade?

Leandro - Construir pontes para o diálogo com a sociedade em geral e sobretudo - a única coisa concreta que eu posso dizer, que eu não tenho clareza, eu já tive uma cabeça mais organizada hoje está bastante embaralhada, eu penso que uma coisa concreta que a gente pode fazer é insistir nesse auto questionamento. Na medida em que a gente estiver dentro da universidade, forçando a universidade a

pensar sobre o isolamento dela, nós estamos engendrando uma inquietação que pode vir a ser fecunda. O perigo é a gente fingir que está tudo bem e continuar fazendo as nossas pesquisas...

O nosso mestrado... quando eu voltei agora para a universidade esperava encontrar alguma novidade, uma possibilidade de trabalho em conjunto e de repente ví um distanciamento total em relação à sociedade em geral, um mundo à parte, com nada a ver com o mundo lá fora. Enfim muita teoria e pouca prática. Pensei que fosse imaginação minha, e como eu sou ligada na coisa prática ao lado da teoria...

Leandro - Eu acho que pode ser importante para você perceber isso... os intelectuais criados dentro da universidade eles nem percebem isso e como eu tenho também esse lado... acho que é isso mesmo a gente tem que dizer isso é um gueto mesmo, você tem toda a razão, a imagem é justa, nós estamos guetados. E eu como estou numa universidade federal quando a gente faz greve a sociedade não toma conhecimento porque devem pensar: "eles ganham à beça estão reclamando o que"? Aí o pessoal fica dizendo: que injustiça... não é normal, porque na medida em que nós os desconhecemos eles nos desconhecem.

Vivemos hoje neste fim de século XX e limiar do XXI uma flagrante fragmentação do saber. A especialização é inevitável em vista da complexidade das sociedades contemporâneas. Você acredita que esteja havendo esta integração na universidade brasileira hoje? Como seria possível fazer essa integração tendo em vista uma educação integral?

Leandro - Eu acho que se o Rousseau vivesse hoje - ele que quase pirou na época dele... hoje eu não sei como ele sobreviveria. Porque a situação é ruim, as pessoas estão angustiadas, as pessoas estão com vários tipos de medos - o medo do favelado, o medo do desemprego, o medo do assalto - não é por acaso que a psicanálise tem essa demanda. Em função disso os problemas todos se misturam. Não dá para manter uma abordagem de especialista além de um certo limite, porque o especialista isola uma área e a gente não consegue isolar por muito tempo um pedaço dos nossos problemas dos

demais pedaços. Então a interdisciplinaridade corresponde à necessidade de pensar essa interligação dos nossos problemas. E essa interdisciplinaridade é boa para a gente conhecer os problemas o que não quer dizer que a universidade esteja sendo capaz de elaborar uma compreensão global, sintética, razoável do quadro. Acho que o importante é imaginar transformar o terreno da universidade num terreno de diálogo entre as pessoas que estão avaliando problemas diferentes. Porque de repente é este diálogo que vai permitir a gente ampliar os nossos horizontes. A pessoa chega faz um insight exótico, diferente... a minha primeira tendência é dizer, isso eu já superei, mas prestando atenção no discurso dela, eu descubro que ela está tocando num ponto que estava escapando à minha abordagem disciplinar, de cientista teoricamente amadurecido do problema. Então aí implica numa rediscussão dos critérios do trabalho universitário, do espírito em que este trabalho é realizado e uma reaproximação com a sociedade - com a riqueza de problemas e angústias da sociedade onde a universidade está inserida.

E nas universidades européias você viu algumas coisas diferentes?

Leandro - As formas variam mas elas também estão bastante embananadas. A gente não pode esquecer que a universidade teve sua origem na Idade Média, nasceu com esse formato problemático que ela tenta mudar e que persiste até hoje. Na Alemanha eu fui estudante em Marburg e Bonn mas era estudante estrangeiro como frequentava seminários, as palestras dos professores e não participava da vida da universidade. Quando eu passei a trabalhar sim, aí foi diferente. Eu dava aulas de português num Seminário chamado Hispanistik que se ocupava do ensino do espanhol e português. O diretor do Seminário era um colombiano casado com uma alemã radicado lá era um professor muito interessante, tinha uma personalidade muito marcante, chamava-se Rafael Gutierrez Girardot e esse cara me ajudou muito e me punha para participar de seminários dele. Eu era um leitor, o quadro mais inferior - professor de línguas - eu falava alemão mas eu ensinava português. Então ele me chamava para participar dos seminários dele, ele dizia: hoje vamos ter o professor Leandro Konder falando sobre...

ele em geral propunha autores brasileiros ou portugueses, e eu discorria, me dava um trabalho danado.

Mas aí você tinha que falar em alemão?

Leandro - Em alemão, dava um trabalho danado porque meu alemão era meio duro preparava e me sentia valorizado. Ele punha todos aos auxiliares para trabalhar com ele: vamos estudar por exemplo -ele fazia uma divisão do trabalho - as histórias da literatura na Espanha, na América Latina e no Brasil. Então ele pegava um argentino para falar sobre um historiador da literatura da Argentina, um mexicano para falar da história mexicana, um espanhol para falar da literatura espanhola, e eu para falar sobre história da literatura brasileira ou portuguesa. E aí eu preparava minha aula os alunos discutiam, e ele dava cobertura porque sempre estava presente em todas as sessões do seminário. Quando os alunos apertavam muito ele entrava e dizia: você não entendeu, o que o professor Konder falou foi o seguinte: e aí explicava etc. Era muito interessante.

Ele dominava completamente o alemão?

Leandro - Ah ele estava vivendo na Alemanha desde sempre, era filho de alemães e ele lia muito. Poesia brasileira por exemplo certa vez - ele me falou coisas de João Cabral que eu conhecia em... a minha surpresa foi ele conhecer tão bem. Então a gente conversava... a mim me gusta, ele falava alemão perfeitamente mas ele gostava do espanhol... então era uma delícia, a gente se reunia, os auxiliares dele, numa loja de vinhos e ele dizia: a mim me gusta charlar así discutir cosas do trabajo e beber un poco de viño es bueno aqui... Então ele era um grande devorador de livros. Ele era curioso, interessado e ele de alguma forma me abriu as portas para entender alguns fenômenos da universidade alemã que é muito conservadora, está dividida em feudos, há uma espécie de pacto entre os professores, nenhum entra no feudo do outro era uma guerra e ele participava com gosto dessa guerra, ele sabia do passado político de todos os professores...

Devia ser uma figura ótima.

Leandro - Era uma figura... veio ao Brasil, circulei com ele pelo Rio, aspecto de indígena... ele dizia - tu no puedes imaginar mi vida en Alemanha en 45... a mulher dele também era uma figura ótima, loura, típica alemã e ele índio... um estranho casal.

E ele continua lá?

Leandro - Continua, porque é onde ele tem poder. Na Colômbia ele tem inimigos e não tem poder.

Muito inteligente...

Leandro - E muito irreverente, brigou com vários donos da cultura colombiana e na Alemanha ele tem o feudo dele: Hispanistik é dele.

Em Paris você não teve contato com universidade?

Leandro - Em Paris só participei de atividade política não fiquei ligado à nenhuma universidade. Agora a tese que eu não defendi na Alemanha era sobre um escritor argentino - de ficção Roberto Arlt, personagem curiosíssimo, que morreu em 1940 escreveu um livro chamado Los Siete Locos, uma história de um sujeito que monta uma organização secretíssima para destruir um ditador argentino provocando uma ditadura militar. Porque ele acreditava que o marxismo não é de nada. Na verdade ele quer botar para quebrar... primeiro um revolucionário disposto a tudo tem que ser um louco, e ele vai recrutando loucos - primeiro um rufião melancólico que é um sujeito que vai montar uma rede de bordéis para financiar a Academia...

Rufião melancólico?

Leandro - (risadas) Então eu descobri o Roberto Arlt graças ao Gutierrez. E aí eu não tinha desistido ainda do meu projeto de doutorado em filosofia... e então o Gutierrez me disse assim: como no? la filosofia es árida e a ti te gusta la vida e a vida es la literatura. E aí eu não terminei não defendi minha tese, mas ela não era na filosofia, era na literatura.

Teólogo, filósofo e psicanalista, Antonio Muniz de Rezende nasceu em Minas Gerais. Frequentou a Escola Superior de Teologia em São Paulo, doutorando-se nesta disciplina em Roma na Universidade de Santo Tomás de Aquino. Doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Louvain na Bélgica. Lecionou na Universidade do Quebec, no Canadá; obteve o título de livre docente em Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Unicamp onde de 76 a foi professor titular. Foi chefe do Departamento de Filosofia da Educação e neste departamento lecionou a mesma disciplina. Aposentou-se e continuou a dar aulas na pós graduação da Faculdade de Medicina da Unicamp. Atualmente leciona psicanálise no Colégio Sedes Sapientiae de São Paulo e na Sociedade de Psicanálise de São Paulo onde é membro associado.

Publicou os seguintes livros: Crise Cultural e Subdesenvolvimento; Iniciação Teórica e Prática às Ciências da Educação; Dominância ou Serviço?; Concepção Fenomenológica da Educação e atualmente prepara a publicação de um livro sobre o psicanalista inglês Wilfred Ruprecht Bion intitulado Bion e o Futuro da Psicanálise que deve sair pela Editora Papyrus em agosto deste ano.

Para começar do começo: o senhor é mineiro e estudou com os padres dominicanos. Onde?

Razenda - Estudei com os padres dominicanos em Uberaba.

E como foi que o senhor se decidiu ir para a Europa estudar? Foi sua vontade ou influência dos dominicanos?

Razenda - Foi influência dos dominicanos que inclusive criaram para mim essa possibilidade. Eu comecei a estudar cultura francesa com eles. Aos 14 anos eu falava francês e frequentava o que a gente chamava a biblioteca dos padres e que ainda hoje lá em Uberaba é considerada uma biblioteca de primeiríssima qualidade.

E então o senhor estudou Filosofia e Teologia já na Europa?

Razenda - Eu comecei a dar aulas em São Paulo em 46, 47, 48 e em fins de 48 eu fui para a Europa porque o ano letivo lá começa em setembro, outubro. Então deu para eu terminar meu ano letivo aqui e começar o ano letivo lá.

O senhor estudou em que países?

Razenda - Nesta fase eu estudei na França, terminei a graduação em Filosofia e Teologia que naquela época era um curso de sete anos - incluindo três anos de Filosofia e quatro de Teologia.

Mas isso era o seminário? O senhor era dominicano?

Razenda - Era o seminário. E no fim fui escolhido para ser professor e aí me enviaram para Roma onde fiz meu doutoramento em Teologia.

E a sua tese, qual foi o tema?

Razenda - Minha tese foi sobre a sabedoria. A Fé Teológica e a Sabedoria que é um tema diretamente relacionado com esta concepção de cultura que ficou para mim.

E como foi sua experiência com Ladrière, Taminiaux e De Walhens?

Razenda - Eu terminei meu doutorado em 54 - fiquei na Europa de 48 a 54. Em 54 voltei para o Brasil e comecei a trabalhar como

professor. Meu primeiro trabalho foi na Universidade de Juiz de Fora. Depois, em 54 fui para Belo Horizonte e lectionei na Católica de Belo Horizonte. Depois vim para São Paulo no Colégio de Estudos Superiores dos Padres Dominicanos de São Paulo. Em 68, começo de 69, eu voltei para a Europa para a Universidade Louvain, na Bélgica, para fazer meu doutorado em Filosofia. Nesta época eu conheci o Ladrière, o De Walhens, conheci o Van Riet e outros fenomenólogos.

Foi quando o senhor optou pela fenomenologia?

Razende - Aí eu fui aprofundar meus conhecimentos de fenomenologia neste Centro que era considerado o melhor Centro de Estudos de Fenomenologia inclusive, porque os arquivos de Husserl estavam lá. Quer dizer as obras, os manuscritos de Husserl foram salvos pelo professor Van Breda... o Hitler queria acabar com tudo que fosse de Husserl e ele foi perseguido e eu não sei exatamente qual foi o percurso - acho que ele saiu da Alemanha, foi para outro país e os arquivos vieram para Louvain. Van Breda salvou os manuscritos que foram copiados pela mulher do Husserl e até hoje estão lá em Louvain.

A sua opção de ir para lá era porque o senhor já se interessava pela fenomenologia?

Razende - Não, a minha opção de ir para lá é uma coisa bem histórica - eu tinha um colega de Belo Horizonte que foi para lá - chamado José de Anchieta Correa que também fez doutorado em Merleau Ponty. Nós éramos colegas em Belo Horizonte e ele foi na minha frente e eu escrevi para ele para saber como estavam as coisas, perspectivas, etc. Ele me aconselhou que fosse para lá também e me orientou para conseguir uma bolsa de estudos. Eu escrevi e tive essa bolsa de estudos da Universidade Católica de Louvain. Foi de maneira bem acadêmica, bem histórica.

Ao acaso, entre aspas...

Razende - Ao acaso entre aspas, porque foi graças a esse colega José de Anchieta Correa que foi quem traduziu para o português um livro de Merleau Ponty, A Estrutura do Comportamento.

68

E a escolha de Merleau Ponty, foi como consequência disso?

Razenda - Optar por Merleau Ponty foi resultante do assunto que eu queria: eu saí daqui em plena crise militar, depois do Ato Institucional nº 5 e então o assunto que eu queria estudar era o dogmatismo: o dogmatismo em ciência, em política, em religião, dogmatismo em ética, em moral. Então este era o assunto que eu queria trabalhar numa tese. E quando eu cheguei e fui conversar com o professor De Walhens, ele me disse: se você quer estudar isso, o autor que trabalha com isso é o Merleau Ponty. Então logo de saída nós decidimos qual seria o tema da tese: a crítica do dogmatismo científico feita por Merleau Ponty mas aplicada ao campo da Psicologia.

A essa altura o senhor já tinha ligações com a Psicologia? Atualmente o senhor é psicanalista. Como se deu essa passagem?

Razenda - O título da minha tese foi Crítica do Dogmatismo Científico da Psicologia tal como desenvolvida por Merleau Ponty. Essa passagem começou exatamente com essa tese. Antes de eu viajar para a Europa, se não me engano isso deve ter sido em 57 eu me inscrevi na PUCC de São Paulo, como aluno num curso de pós-graduação em Psicologia que acabava de ser fundado. Fui aluno do primeiro curso de Psicologia Clínica da PUCC. Depois eu me transferi para Belo Horizonte e fiz minha primeira tentativa de análise que não foi para frente porque era muito caro. Mas eu trabalhava com os colegas de lá - quando eles tinham alguém com problemas religiosos eles me passavam e o contrário - quando acontecia de alguém me procurar com problemas religiosos que no fundo eram problemas psicológicos eu mandava para eles. Então um deles me disse: porque você não junta as coisas? Foi então que eu tentei fazer minha análise. Mas isso já foi no final da minha temporada em Belo Horizonte. Então quando eu fui escolher o tema da tese em Psicologia, meu orientador, De Walhens, praticamente exigiu que eu fizesse alguns cursos na Faculdade de Psicologia lá em Louvain. De tal forma que ao terminar na Europa o doutorado eu tinha um curriculum mínimo de Psicologia. Eu não sou formado em Psicologia, sou formado em Filosofia e Teologia, mas quando

terminei minha tese de doutorado tinha um currículo mínimo. Lem-
brando dos assuntos da tese, tratados por Merleau Ponty é o que ele
chama Uma crítica ao "energetismo de Freud". Então já naquela
ocasião eu comecei a estudar Freud. E naquela ocasião Lacan estava
muito em moda e meu professor, o Dr. Walkens, deu um curso de
Lacan. Então meu itinerário é esse: Freud, Lacan e depois aqui no
Brasil Melanie Klein e Bion.

Eu imaginei que era mais recente... sua opção pela psicanálise.

Bazenda - Não, eu comecei em 57. O trabalho em Belo Horizonte foi
em 65, 66, 67 e a ida para a Europa 68, 69. Aí eu me casei na
Europa e minha mulher é psicanalista. Nós casamos em Louvain e
essa convivência com ela aumentou meu interesse pela psicanálise.
Então quando nós fomos para o Canadá eu fiz uma tentativa de me
inscrever no curso de psicologia mas acabei desistindo porque dava
aulas na universidade e ficava muito pesado.

No Canadá o senhor dava aulas de?

Bazenda - Eu fui para o Canadá numa circunstância muito especial,
porque eu fui para o Québec e o Québec nos anos 60 vivia a chamada
Revolução Tranquila e um dos efeitos da Revolução Tranquila foi a
proposta de emancipação do Québec, mas uma emancipação que seria
preparada culturalmente. Em função disso foi fundada a
Universidade do Québec com a finalidade política de preparar a
emancipação da província. Então, nessa ocasião eles enviaram
convites aos professores da Europa para vir trabalhar no Québec e
lá havia um projeto de preparar um plebiscito em que a população se
pronunciaria sim ou não a respeito da Independência do Québec.
Então eu tive uma chance muito grande e a disciplina que me foi
dada foi Filosofia da Cultura. Essa disciplina era muito
importante porque exatamente o projeto era um projeto cultural.
Então eu pude fazer uma proposta para os alunos nos seguintes
termos: eu dou a parte teórica e vocês dão a parte histórica. Eu
falo sobre cultura e vocês me falam como é isso no Québec.

O senhor pôde participar daquela coisa nova que estava acontecendo lá? 70

Resposta - Eu conversei com o professor de literatura que era uma pessoa extraordinária e perguntei a ele: nesta década de 60 quais são os melhores autores e eu fiz a partir da lista que ele me deu, um roteiro de leitura baseado na filosofia da cultura: por exemplo a relação com a terra, com a religião, com a família, com a língua, ou seja os componentes da cultura na literatura. Eu disse a eles: vocês vão fazer uma pesquisa nestes autores. E eles fizeram e foi uma coisa linda. E para mim foi ótimo porque eu comecei a conhecer a cultura do Québec por dentro, a partir do depoimento deles mas também através da pesquisa que eu orientava até que num dado momento, alguns colegas ficaram com inveja: mas, como um estrangeiro falando sobre a cultura do Québec, e eu acabei conhecendo a cultura do país melhor que muitos deles. Então, quando eu voltei para a Europa em 72 para defender minha tese eu encontrei lá o Doutor Aquiles Von Zuben, daqui da Faculdade de Filosofia da Educação da Unicamp, que tinha ido à Europa com uma finalidade: encontrar um professor de Filosofia da Educação. Eu contei a estória e ele me disse: porque você não vai fazer isso lá na Unicamp? Eu disse: sim, se você me garantir um contrato, porque eu estava prestes a me nacionalizar canadense. E ele fez um convite oficial em nome do Montezuma e do Zeferino Vaz que era o reitor. Então em 75 nós voltamos para o Brasil e me apresentei na Faculdade de Educação e comecei exatamente a dar aula. Então eu passei da Filosofia Pura e da Teologia para a Filosofia da Cultura e daí para a Filosofia da Educação aqui da Unicamp. E com esta responsabilidade eu dei Filosofia da Cultura, Filosofia dos Valores, Hermenêutica do Discurso Pedagógico, quer dizer, eu dei vários cursos dentro da mesma problemática, sempre na pós-graduação.

O senhor nunca deu aulas na graduação?

Resposta - Na graduação dei um curso especial, mas em geral fiquei na pós-graduação. E com isso os anos foram passando e foi surgindo a perspectiva da minha aposentadoria. Foi quando eu voltei minha atenção para a psicanálise. Isto é, no ensino de uma filosofia da cultura, dos valores, da linguagem surgiu a questão do inconsciente cultural. Eu dei um curso que para mim foi muito importante que-

foi: O Inconsciente na Iniciação e na Cultura. E resolvi, quando me aposentasse, fazer minha formação em psicanálise, em São Paulo. Mas isso não aconteceu por acaso. Eu fui convidado por alguns psicanalistas de São Paulo para dar um curso de Filosofia e eles me disseram: por que você não faz psicanálise? Isso foi em 80 e então eu enviei meu curriculum e ele foi aceito apesar de eu não ser nem médico nem psicólogo, porque exatamente meu curriculum, minha história de vida foram julgados pertinentes. Então eu fiz minha formação psicanalítica e minha análise psiquiátrica. E com isso chegou a época da minha aposentadoria e daí me aposentei com uma nova profissão. E comecei a me interessar tanto clinicamente quanto teoricamente pela psicanálise. E hoje tenho meu consultório e dou aulas de psicanálise em São Paulo.

Lendo seu livro A Conceição Fenomenológica da Educação e tendo feito vários cursos com o senhor, sei que a preocupação essencial da fenomenologia é "dizer em que sentido há sentido e mesmo em que sentido há sentidos". A fenomenologia como o senhor continua dizendo "nos põe diante de uma realidade complexa, a estrutura do próprio fenômeno, cuja experiência não se reduz a nenhuma das formas da intencionalidade mas as integra todas. Ou seja, a própria existência tem sentido e toda significação é inseparável da existência". E neste sentido toda a história humana aparece como discurso: o discurso cultural, vivido por indivíduos e grupos humanos, através de gerações sucessivas. O senhor continua dizendo que além da necessidade do discurso para nos referirmos ao fenômeno, a fenomenologia prescreve a atitude descritiva como sendo a que corresponde à densidade semântica do fenômeno experimentado". E neste sentido, no próprio método da fenomenologia, há uma dimensão pedagógica. Gostaria que o senhor falasse sobre a dimensão pedagógica do método fenomenológico em contraposição a outros métodos.

Resposta - Esta frase é minha: eu resumo a problemática fenomenológica nesta frase. Eu diria que esta é uma característica da filosofia em geral no sentido em que ela ensina a pensar, mas ela é especificamente uma característica da fenomenologia na medida em que ela propõe caminhos de encontro do sujeito pensante

72

~~a de encontro~~ com - acho que eu não posso evitar mais o grande assunto que é a questão do símbolo. Então resumindo o pensamento do Paul Ricoeur - O homem é cultural, a cultura é simbólica e o símbolo faz pensar. Le symbole donne à penser. É a meu ver a grande questão que você levantou, a fragmentação do saber é um pensamento não simbólico...

Sim vamos falar disso mas agora gostaria que o senhor comparasse o método fenomenológico com outros métodos.

Rezende - Sim, mas vamos comparar com métodos contemporâneos: por exemplo o estruturalismo também é um método, mas desencarnado. Ele considera a estrutura fora das suas condições de existência. Isso é típico de uma abordagem estrutural. A estrutura não depende das suas formas concretas de realizações. Ao passo que Merleau Ponty dirá: uma concepção fenomenológica de estrutura ele vai falar de uma estrutura concreta e encarnada. A encarnação é a mais importante para Merleau Ponty do que a estrutura tanto que ele usa uma expressão muito bonita a carne do mundo. A carne é como o elemento - o peixe vive na água, é seu elemento. O homem vive no mundo, ele se encarna. Isso permite - veja como o problema criado na separação do homem e mundo é resolvido pela fenomenologia pela intencionalidade. Não há homem sem mundo, um não se concebe sem o outro. Esta relação homem-mundo é essencial para a própria noção de fenômeno. Daí haver uma concepção fenomenológica do fenômeno e concepções não fenomenológicas do fenômeno. Para a fenomenologia um fenômeno é uma estrutura reunindo dialeticamente na intencionalidade, significação e existência, homem e mundo. Não são significações puras, são significações na existência.

Qual seria a diferença entre a maêutica e a fenomenologia?

Rezende - O que Sócrates fazia era questionar o pensamento de cada um. Como é que você está pensando? Eu vou levar você a me dar razão, depois eu questiono o meu modo de pensar e vou acabar dando razão a você. E a pergunta é: qual dos dois tem razão...

E isso ele pode fazer indefinidamente?

Rezende - Pois é, mas isso é importante no sentido em que o

próprio pensamento tem suas regras e com a maêutica acontece que você vai descobrir as próprias regras do pensamento e vai chegar a um momento em que eu vou dizer: eu não posso dizer qualquer coisa. A maêutica é uma descoberta das regras do pensamento. E na hora em que eu descubro as regras do pensamento eu me torno capaz de pensar. É aquela história do pescador: Se fulano te pede comida e você dá um peixe você mata a fome dele hoje. Se você o ensina a pensar você resolve o problema dele para o resto da vida. Se você ensina a pensar ele vai pensar. A maêutica não implica, eu diria uma concepção de mundo. A fenomenologia já implica uma visão de mundo.

Mais adiante no mesmo livro o senhor diz que "na medida em que adota o ponto de vista estrutural" a fenomenologia supõe e exige uma reformulação de todo o problema da consciência e da subjetividade que não é somente inteligência, liberdade, espírito, nem só corporeidade, inconsciente, determinismo mas tudo isso em constante relacionamento existencial dialético. E ainda: "que o reconhecimento da complexidade estrutural não deixa aos estudiosos uma tarefa fácil: a fenomenologia é uma filosofia difícil apesar das aparências contrárias". O senhor ressalta, dizendo ainda que a fenomenologia não ensina uma dialética unidimensional à maneira de Marcuse, mas polissêmica, incompatível com todas as formas de dogmatismo. "Como filosofia da ambiguidade", o senhor conclui, "ela afirma que a estrutura fenomenal é propriamente simbólica, uma estrutura de estruturas, cujo sentido circula e se articula em todos os sentidos, não de maneira abstrata mas concreta, pois se trata precisamente do sentido da existência vivido, de fato, no mundo". Minha pergunta é: a fenomenologia seria o dernier cri em termos de filosofia no panorama universal das idéias na medida em que adota a via longa de uma meditação sobre o ser no mundo? Fale sobre isso por favor.

Razende - Não eu não acho que a fenomenologia seria o dernier cri, porque a filosofia não pára, ela continua. Depois da fenomenologia nós tivemos outras tendências, digamos assim. Aliás uma das características do pensamento contemporâneo do pós Guerra até hoje é a rapidez com que as coisas mudam. Há um livro que você pode

74

anotar que é do Cristian Decamp, intitulado Ideias Filosóficas Contemporâneas na França - veja Ideias Filosóficas Contemporâneas que vem dos anos 60 para cá. Ora o que há de efervescência de ideias filosóficas ✓ é verdade que dentro desta efervescência há aglutinadores. o marxismo é um aglutinador, o estruturalismo é um aglutinador, a fenomenologia é um aglutinador. O que eu acho importante na fenomenologia é, você já mencionou é a via longa que é exatamente aquela que passa pela cultura. A história é: a forma concreta da existência, cultura é a forma histórica que a existência tomou de fato. Então isso permite na perspectiva do Paul Ricoeur que a gente leve em conta as obras. A via longa são as obras. As obras mostram o sentido da existência.

No capítulo dedicado à fenomenologia o senhor começa por colocar a educação como uma experiência profundamente humana, ou seja, todos os homens se educam e só eles o fazem. E ainda que tanto os indivíduos como os grupos, a família e sociedade, a história e o mundo estejam implicados na estrutura ✓ fenômeno educacional, "a fenomenologia", o senhor diz, "como sempre optando pela via longa constata desde logo a educação como sendo o fenômeno da aprendizagem da cultura. Gostaria que o senhor falasse da sua visão da educação sob o ponto de vista da fenomenologia fazendo um paralelo com o conceito de Paidéia dos gregos. Afinal os gregos também consideravam a educação como sendo o sentido de todo o esforço humano, a justificação última da comunidade e individualidade humanas e foi exatamente sob a forma de paidéia que consideraram a totalidade de sua obra criadora. Quais seriam os pontos de intersecção entre as duas concepções? Ou não há ponto de contato?

Resposta - A diferença inicial mais próxima é que esta concepção inspirada na fenomenologia de Merleau Ponty quando ele se refere ao fenômeno humano como fenômeno simbólico: o ser humano, o existir humano. O homem existe como homem na medida em que ele também reconhece a importância do simbólico. Mas quando Merleau Ponty fala do mundo humano como sendo o mundo simbólico está implícito ao aprender, e aprender o mundo simbólico é educação. A educação é a aprendizagem do mundo humano, você aprender a ser homem. Educar-se

É aprender a ser homem. O que é aprender a ser homem: é aprender o ser real, como ele se faz na história da cultura.

Decodificando os símbolos?

Rezende - Nem sempre decodificando os símbolos, porque os símbolos são aprendidos muitas vezes na sua simbologia global. O processo de decodificação virá posteriormente e um dos aspectos da análise é decodificar. Você aprende mitos sem necessariamente saber qual é a estrutura do mito. É o que acontece com as culturas primitivas...

Você aprende em bloco...

Rezende - Aprende em bloco, é o todo da cultura. A educação é o aprendizado da cultura. Num segundo momento sim, é uma atitude crítica...

Para então mudar o mundo, como Marx diz?

Rezende - A atitude crítica é uma atitude mais contemporânea, mais moderna. Talvez um dos aspectos comparados com a Paidéia é que a Paidéia era um conjunto, o mundo era considerado perfeito. O mundo humano era assim constituído, o espírito crítico social, sócio-cultural não é uma característica da Grécia. Na Grécia os papéis eram bem definidos, o mundo era um cosmos onde cada um ocupava seus lugares.

Mas não haveria nenhum ponto de contato, na medida em que as duas concepções olham o homem inserido no mundo e consideram os vários sentidos da existência de forma integrada e harmônica?

Rezende - O que há de mais interessante é a polissemia, a cultura é polissêmica. Ser homem é desenvolver cultura, é desenvolver arte, navegação, conhecimento, religião...

Enfim cuidar do corpo e da mente, ou do espírito e do corpo.

Rezende - O que os gregos chamavam kalos, ^{agathos} o bom e o belo. Há uma correspondência sim. Agora, nas culturas desenvolvidas esta polissemia se complexifica de tal forma que a gente possa identificar os tópicos que são os lugares da

encarnação do sentido. Em que lugares o sentido da existência toma corpo, isso é um tópico. E o conjunto dos tópicos é a cultura. Agora na Grécia não sei se era tão maravilhosa assim. Era considerado um cosmos porque as coisas estavam em seus lugares, porque não havia um espírito crítico como há no mundo contemporâneo. Era uma harmonia não questionada. Se bem que Sócrates questionou e foi morto.

O que é afinal filosofia da educação para o senhor? Não há já uma filosofia subjacente à educação, ou não se pode falar nisso no mundo chamado pós moderno onde existe uma fragmentação do saber?

Razenda - A filosofia da educação me parece um capítulo necessário numa fenomenologia. Isto é, é aquele capítulo em que o fenômeno da humanização é estudado na sua forma concreta. Filosofia da educação é o estudo do processo de humanização tal como ele acontece na história. Ou seja, a instituição educacional existe mas onde tudo é fator de transmissão: a família, a religião, a ética, os costumes a tal ponto que as próprias palavras vão veiculando sentido. O verbo ter é um verbo que conota as formas de propriedade. Na palavra ter está implícita uma alusão ao capitalismo, ao socialismo. O verbo dizer - as palavras conotam...

Quando você educa você educa pensando em alguma coisa, você educa pensando em valores, etc. Ou seja, não está implícita na educação uma filosofia?

Razenda - Sim mas a filosofia da educação é explícita: é uma reflexão sobre o fenômeno da educação, a maneira como ela acontece. Ela acontece de maneira acrítica ou de maneira reflexiva que aliás o Paulo Freire também menciona. O processo educativo sempre acontece mas ele nem sempre acontece de maneira reflexiva e crítica.

O senhor diz no seu livro O Saber e o Poder na Universidade: Dominação ou Serviço? "que o processo educacional será alienante enquanto a assimilação e a vivência da cultura acontecerem de maneira meramente reprodutora, mecânica ou pragmática e uma das principais críticas feitas à escola e à universidade, no momento

presente, é exatamente de contribuir para a alienação das pessoas através de um processo educativo acrítico. E conclui dizendo da importância da administração universitária se colocar o problema filosófico da finalidade da universidade sob pena de a conceber de maneira alienada e alienante". Uma das minhas críticas à universidade como instituição é justamente esta dicotomia existente entre os fins ideais que uma universidade deve atingir e almejar, e a prática, a realidade enfim da universidade brasileira hoje. A minha impressão é que o tom negativo mesmo é dado por uma massa de funcionários insatisfeitos e não pela alegria e criatividade dos estudantes e dos professores. Isso não seria causado pelo fato de não termos um projeto como Nação? Como ser feliz e criativo no meio de gente triste e insatisfeita? Não haveria necessidade de se reformular isso? Afinal iria trabalhar numa universidade aquelas pessoas comprometidas com o saber ou saberes ou com o conhecimento e a cultura e não meros funcionários públicos de carreira? O que o senhor pensa disso?

Razende - Você está citando um livro em determinado contexto em que o Maluf estava no poder e ele invadiu a universidade num abuso de poder. Por isso este livro é bem datado e o que ele mostra é que os administradores não foram educados para desempenhar este papel, e acabam desempenhando mal por um abuso de poder. Eles foram colocados lá por estes motivos. Por exemplo um bom médico vai ser reitor da Unicamp, mas ser bom médico e ser reitor não tem nada a ver. Ou então ser poeta e ser reitor. Então esta preparação dos administradores deve ser uma das tarefas mais urgentes da própria universidade. A universidade deveria ter uma escola de administração universitária como se tem uma escola de administração de empresas. Então o que acontece e já aconteceu várias vezes é que empresários se julgam em condições de administrar uma universidade. E um dos problemas atuais inclusive da Unicamp é este: que ela está mais voltada para a empresa do que para a universidade. Então na medida em que uma universidade se trai a si mesma ela vai matar os alunos. E o que é isso? É o desconhecimento do que seja uma universidade do que seja educação e cultura, do que seja simbólico. Então a universidade passou a ser um lugar de encontro mas para falar de outras coisas. Os

funcionários da Unicamp deveriam ter uma formação, uma iniciação universitária para saber qual é a função deles dentro da universidade. A educação, a universidade tem um papel simbólico. Ora o símbolo pela sua própria etimologia é conjuntar, juntar o diferente e quando não há este espírito simbólico a fragmentação se instaura, cada um puxando a brasa para a sua sardinha, ou então simplesmente e cada um no seu projeto...

Particular...

Razende - Quando tem... então esta fragmentação do ponto de vista psicanalístico se chama esquizofrenia. Então toda vez em que se perde o projeto simbólico se instaura o processo esquizofrênico. E a esquizofrenia é uma doença mental que acaba sendo uma doença cultural que produz um presidente como este que acabou de sair e que ao invés de pensar na Nação está completamente separado dela criando condições impossíveis de governo.

Qual seria o objetivo da universidade brasileira hoje, na sua opinião. A quem ela se destina e o que pretende atingir? A que ideal de vida? Afinal qual seria a filosofia que permeia, que está subjacente ao ensino universitário hoje? Qual a filosofia da educação na universidade brasileira hoje? Ela cumpre sua função de educadora ou está sendo apenas repassadora de saberes?

Razende - Esta pergunta é difícil de responder, porque na realidade você está fazendo alusão à universidade brasileira hoje, concretamente. O que eu posso dizer no contexto de alguns trabalhos que eu escrevi é que a universidade brasileira tem uma história e que de um certo tempo para cá o ideal mudou. É preciso ter coragem de dizer. A Unicamp por exemplo mudou. Quando eu entrei para a Unicamp o projeto era um, hoje não é mais. Eu não sei qual é hoje, mas eu sei que não é igual aquele tempo.

Sim mas era o quê, quando o senhor veio, enfim quando a Unicamp foi criada?

Razende - Quando eu vim para a Unicamp, já mencionei isso a você, eu estava trabalhando no Canadá e a universidade lá tinha um projeto cultural, político e a universidade brasileira tinha

também naquela ocasião, nos anos 70 - eu vim para cá em 75 - tinha um projeto ao mesmo tempo cultural, político e econômico. O projeto era o desenvolvimento brasileiro e esses três elementos andavam juntos. Então a filosofia que eu desenvolvi nesse momento foi exatamente esta: o desenvolvimento cultural é o fator de desenvolvimento econômico e é fator de desenvolvimento político. A filosofia da educação que eu trabalhei naquela época e na qual eu acredito, e continuo acreditando é esta: o subdesenvolvimento cultural não permite as outras formas de desenvolvimento. E ao contrário, pode haver uma exploração do subdesenvolvimento cultural em nome do desenvolvimento econômico. Por exemplo a mão de obra barata. A mão de obra barata pode ser muito interessante para os povos economicamente desenvolvidos que exploram a mão de obra barata que tem por sua vez muito a ver com o subdesenvolvimento cultural. E uma outra idéia que eu acho muito importante que é de um professor meu lá de Louvain: ele dizia sempre: Rezende qual é a característica de um povo subdesenvolvido? é que ele não sabe reconhecer seus próprios valores. Dando exemplo de ordem material: os índios brincavam com diamantes, com o ouro e trocavam ouro por espelinhos, por misanga. Ou seja o subdesenvolvimento tem a ver com a incapacidade de reconhecer os próprios valores, ^{jam} valores materiais, sejam valores pessoais. É um fenômeno que nós encontramos aqui e que eu menciono relativamente ao Paulo Freire. O Paulo Freire era muito mais reconhecido lá fora do que aqui, isto é o subdesenvolvimento é tal que é inclusive incapaz de reconhecer o valor que as pessoas tem. As pessoas tem valores mas não são aproveitadas porque o sistema é subdesenvolvido, não há lugar para elas num sistema subdesenvolvido.

Voltando a nossa questão: hoje o ideal da Unicamp não é o mesmo. Qual é o ideal da Unicamp hoje?

Rezende - Eu não sei qual é hoje

O senhor não sabe?

Rezende - Eu não estou mais lá.

Mas até quando o senhor esteve? E por que mudou?

Razende - Eu acho que a questão de Unicamp é a de um Brasil que perdeu o elan, que perdeu o impulso. Eu acho que o ponto focal é a juventude. A juventude, os jovens que foram meus alunos na década de 60 eram jovens que queriam fazer a Revolução.

Eu era um desses jovens de 60 que queria fazer a Revolução...

Razende - Então a juventude daquele tempo tinha um projeto de Brasil e a juventude de hoje não tem projeto de Brasil. Então o fenômeno é um fenômeno sério e a juventude não vai à universidade para realizar este projeto.

Houve uma geração que foi castrada, enfim tolhida...

Razende - Encampada pelo sistema e a universidade está se tornando um instrumento desta encampação da juventude. Os objetivos culturais foram substituídos por objetivos econômicos e um dos efeitos da ação econômica é anestesiar a consciência do ponto de vista cultural, social. Há um problema que a gente pode chamar ou de cansaço ou de saturação, perda da fé. Não acredito mais na revolução, não acredito mais nos objetivos sociais. Há alguma coisa assim quase da crônica jornalística. O Itamar tem uma preocupação com o povo, isso é ridicularizado. A Folha de São Paulo chama isso República do populismo...

É um jornalismo debochado.

Razende - Pois é veja onde nós chegamos. A preocupação social virou piada.

Como a gente pode sair disso?

Razende - Eu vou falar em termos pessoais: a qualidade do trabalho. Qualquer coisa que você faça, faça com qualidade. Você está fazendo uma tese, procure fazer uma tese de alto nível. Eu hoje sou psicanalista, eu faço um trabalho de psicanalista de qualidade. E não de qualidade do material como muitas vezes a própria palavra qualidade foi deslocada do plano humano para o plano material. Hoje a preocupação é a qualidade do aço, das coisas e não a qualidade das pessoas. E a nossa própria

81

universidade está se orientando para isso - para a qualidade dos materiais e não das pessoas. A qualidade das pessoas na maiorias das vezes assume um aspecto burocrático.

Na verdade a universidade deveria se exemplar porque ela forma a elite intelectual de um povo.

Razenda - A minha resposta é hoje pessoal, porque estou fora da instituição universitária, mas conservo um certo ideal universitário na minha vida que é a qualidade.

O senhor acredita que haja uma integração das diferentes áreas do saber na universidade brasileira hoje? Quais seriam as saídas para uma maior integração das áreas?

Razenda - Eu acho que isso continua sendo um desafio. O que eu sinto hoje é que o fenômeno científico é cada vez mais um fenômeno de integração. Vou dar um exemplo com o qual estou trabalhando, da psicanálise. O curso que eu dei este ano foi um curso onde trabalhei os diversos modelos epistemológicos, o modelo filosófico-científico, estético-artístico e místico-religioso. Quer dizer a psicanálise é uma ciência integrada: ela integra ciência, arte, religião, e sei lá, mais coisas. Eu acho impossível hoje principalmente numa perspectiva cultural não se buscar a integração. Isso não quer dizer que se consiga. A especialização continua sendo necessária mas a minha pergunta é em que medida nós estamos encontrando - a expressão é do Jean Ladrière, os pontos de intersecção? Agora isso é um objetivo, não digo que seja um ideal. Há áreas que permitem, exigem maior integração que outras áreas. Por exemplo a área da saúde exige integração, a saúde mental e a saúde física hoje não se concebem separadas. Saúde psíquica, saúde física, saúde eu diria cultural.

E como o senhor diria que está acontecendo o diálogo da psicanálise com a filosofia da educação?

Razenda - Eu não sei se posso responder de uma maneira assim tão clara: não sei se está havendo. Eu acho que não está havendo diálogo - talvez a psicanálise esteja muito mais interessada na educação do que a educação interessada na psicanálise.

82

E por que não haveria interesse? Quais seriam os motivos?

Resposta - Eu orientei uma tese de uma pessoa que hoje está trabalhando aqui em Campinas e o tema da tese foi A Escola como Fator de ^{psic}aprendizagem, porque a escola não leva em conta aspectos afetivos, emocionais e responsabilizam a criança e os pais da criança se ela não aprende. E um dos testemunhos foi o de um aluno de 9 anos que dizia: mas a minha professora é neurótica. Uma criança falando isso? Então você vê a escola, os educadores estão muito menos interessados na psicanálise que a psicanálise na educação. Porque a psicanálise trabalha com a formação do inconsciente, a formação da mente, o papel dos pais na primeira infância. Hoje se dá uma importância muito grande à própria gestação. Antes de a criança nascer já pode estar sendo tratada e um setor importante é a observação da criança na família. Então a psicanálise está muito interessada na integração.

E por que esta defasagem, em relação a um conhecimento mais avançado que a psicanálise representa?

Resposta - Eu acho sim que há um descompasso em relação à própria concepção da mente. O que me chama a atenção hoje é a integração da Europa. A Europa hoje é um conjunto de países que se reuniram. Agora não sei por que motivo, não sei se por causa do tamanho, o Brasil está muito distante dos outros países, ele não se integra.

No seu livro Crise Cultural e Subdesenvolvimento Brasileiro o senhor reflete sobre a relação existente entre educação e o esforço do homem para descobrir o sentido característico de sua existência de forma a poder vivê-la na prática e de maneira consciente e coerente. Definindo a educação como "o processo pelo qual os membros de um determinado grupo humano adquirem progressivamente a maneira de ser, pensar e agir desse mesmo grupo, e cultura como sendo a forma própria da existência de um determinado grupo e pela expressão do sentido da existência tal como ele se manifesta em seus comportamentos e atitudes", o senhor mostra como ambos, educação e cultura estão ligados e como desenvolvimento cultural tem o significado, não de acumular obras

como quer o capitalismo cultural, mas em acrescentar sentido. Gostaria que o senhor falasse sobre esta questão da educação e cultura relacionada com a questão do sentido da existência e a questão do menos sentido significando subdesenvolvimento cultural. Razende - Para mim esta é uma tomada de posição filosófica que permite ao mesmo tempo definir cultura e educação por um lado e por outro lado, mostrar a relação entre as duas. A educação para mim, neste trabalho eu a defino como a aquisição de cultura ou a transformação do indivíduo num sujeito cultural. E a cultura por sua vez como consciência do sentido da existência. A cultura é a forma concreta da existência histórica. E neste sentido a escola tem que fazer isso - nós temos uma disciplina que escamoteou o problema - que é o Estudo de Problemas Brasileiros. Eu assisti recentemente um programa que era muito interessante - que era filosofia para crianças, uma experiência feita nos Estados Unidos. Filosofia para crianças não é o conjunto de disciplinas, um conjunto de matérias, filosofia para crianças é ensinar a pensar, a fazer perguntas e responder perguntas. É pensar - é o programa socrático... isso é desenvolvimento. Eu acho que na nossa faculdade de educação deveria ^{se} introduzir esta disciplina filosofia para crianças, que seria ensinar a pensar, questionar as respostas. Colocar as pessoas em atitude crítica. Essa é a relação que eu estabeleço entre o sentido da existência numa situação concreta através de um exercício de pensamento.

Neste mesmo livro o senhor diz que a interdisciplinaridade é sinal de um maior desenvolvimento cultural e ainda que o desenvolvimento cultural está relacionado com a articulação do sentido dentro da estrutura e a capacidade de perceber esta estrutura enquanto se concretizando no aqui e agora de uma determinada cultura. E, apresentando as diversas realidades humanas não de uma maneira desordenada mas dentro de uma mesma hierarquia de valores. A partir desta concepção a realidade cultural brasileira apresenta-se completamente subdesenvolvida já que parece não ser possível se perceber o sentido da existência dos diversos grupos que compõem a Nação e a articulação destes sentidos entre eles. Na sua opinião o que ocorre com a cultura brasileira que já floresceu

e agora parece que vive um momento de retrocesso, de falência? O senhor vê saídas para nós? Será que é possível tomarmos as rédeas da nossa história. Fale sobre isso, por favor.

Rezende - Saídas eu sempre vejo, eu me considero uma pessoa otimista em relação à história embora eu reconheça que haja momentos de decadência.

Que fazem parte...

Rezende - Que fazem parte da história, os recomeços fazem parte da história. Eu acredito por exemplo que o setor político está começando a aparecer no Brasil de hoje com uma certa liderança interessante. O fenômeno que aconteceu por ocasião do impeachment demonstrou uma maturidade política do Senado e do Congresso que realmente anuncia coisas melhores pela frente. A dignidade como o processo foi conduzido, a maturidade e a meu ver os objetivos da moralidade, entendendo a moralidade aí como a qualidade do agir humano, são coisas boas que nos anunciam dias melhores. Bom, mas vamos voltar a nossa questão: a necessidade das escolas mostrarem que uma coisa tem a ver com a outra: economia tem a ver com política, política tem a ver com a ética, ética tem a ver com a filosofia. Sabe a nível de universidade não é apenas uma postura - estamos falando de inteligência e é próprio da inteligência estabelecer relações de uma coisa com outra. Talvez nós tenhamos um excesso de razão, um excesso de racionalismo e uma diminuição da inteligência. A inteligência é globalizante, é intuitiva, é sábia, ela junta coisa com coisa. Nós temos excesso ~~de~~ ^{de} razão, e falta de inteligência. Talvez aí esteja uma das funções da filosofia dentro da universidade. O que me impressionou num trabalho que li recentemente Idéias Filosóficas Contemporâneas na França é a rapidez das mudanças - as coisas mudam muito depressa. Isso me parece por um lado que a filosofia se deixou levar pelas idéias da época - que o Hegel chamou o Zeitgeist - o espírito do tempo. Faltou, ou está faltando uma capacidade de unidade. O estruturalismo - é paradoxal o que eu vou dizer - ao mesmo tempo que fala da estrutura preparou o campo dos fractais que eu chamaria a esquizofrenização do pensamento. Só que há uma espécie de retorno - esta atomização do saber, está encontrando na Física,

85

com a teoria dos fractais - uma resposta porque antigamente nós dizíamos: o todo contém as partes. Agora nós estamos dizendo: com a teoria dos fractais a parte contém o todo. Se nós soubermos ler a parte, a parte nos refere ao seu todo. Esta é a grande descoberta dos fractais

Seria a mônada da Teosofia?

Rezende - Talvez seja, mas falando uma linguagem bem atual, um fractal, o elemento mais simples contém o seu todo. Isso para mim passa a ser toda uma teoria da auto organização, portanto da ordem e da desordem, isto é nós estamos de novo entrando em contato com princípios de ordem, com reintegração, com reconstituição que vai até - os teólogos chegam a dizer que essa é a teoria da criação. Ou seja que no Big Bang, na explosão inicial, estava contido tudo. Então os teólogos vibraram com esta teoria - no mínimo átomo está tudo, contido tudo. Então esta é uma teoria entre aspas, integradora, que integra a filosofia, a física, a teologia, a biologia.

O senhor diz no seu livro O Saber e o Poder na Universidade: Dominação ou Serviço? que entender a educação como processo - projeto de aprendizagem humano, significativa da cultura é estabelecer uma relação especial entre a educação, a antropologia, a sociologia e a história. E aprender a ensinar criticamente é desenvolver uma experiência humana e significativa, atenta não apenas à originalidade dos sujeitos do discurso pedagógico mas à significação plena das mensagens. E mais: que a reprodução tem sido uma das características de nossas escolas na medida exata em que estas não tem proporcionado uma verdadeira aprendizagem humana e significativa. Especialmente não tem havido em nossas escolas uma aprendizagem atenta as riquezas do símbolo como característica do mundo humano da cultura. Isso não tem a ver com a falta de projeto político-cultural? A que o senhor atribui essa probreza no enfoque da questão da educação e cultura no Brasil?

Rezende - Você está talvez procurando uma resposta só. Eu acho que não há uma resposta. Por exemplo você traz a questão do símbolo. Eu acho que esta é uma questão central o pensamento simbólico que

não seja um pensamento unívoco. Que você não tenha uma resposta só para uma determinada questão. Você pode dar muitas respostas e não só pode como precisa dar, para mostrar como as situações humanas são situações simbólicas...

Polissêmicas...

Rezende - Polissêmicas é que um sentido só, um sema só não satisfaz e aí está o empobrecimento. Existe empobrecimento toda vez que você foca um sentido só. Você mata os outros e mata este escolhido também porque este só tem riqueza plena na relação com os outros e isso é simbólico. A perspectiva simbólica à qual Merleau Ponty dá uma ênfase muito grande faz falta nas nossas escolas com uma pretensa postura científica. A linguagem científica é unívoca. Os próprios cientistas hoje estão abertos. Veja a lógica por exemplo, a lógica que é uma ciência, é um dos capítulos de rigor, a lógica para consistente, a lógica contemporânea é uma lógica aberta, não é fechada, não é estruturalista no sentido pobre de palavra, não é unívoca. Dizendo isso de outra forma a pergunta que eu gosto de fazer é esta: de que tamanho é a nossa cabeça?

Sim, mas o senhor não respondeu ainda a minha pergunta, não chegou a questão: o que fazer para sairmos desta situação de subdesenvolvimento?

Rezende - Mas vamos falar isso na sua tese: que contribuição você vai dar para isso?

Vou tentar embasar minha crítica.

Rezende - Não só embasar, mas escolher por assim dizer os vetores, os pontos fortes da sua argumentação: integração, simbólico, cultura, consciência crítica.

A falta de um projeto de crescimento e desenvolvimento espiritual, cultural...

Rezende - A falta de um projeto... eu acho que a sua tese é uma resposta a isso. E outras teses poderão ser respostas a isso. É um assunto que merece que se trabalhe em cima dele.

Filósofo e sociólogo, Roberto Romano nasceu em São Paulo onde frequentou o curso de Filosofia no Colégio Dominicano. Formou-se em Filosofia pela USP onde fez também sua pós graduação. Frequentou a école des Hautes études en Sciences Sociales de Paris onde doutorou-se em Filosofia Política. Lecionou no Departamento de Filosofia da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho em Araraquara e Marília; no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Unicamp sendo atualmente professor adjunto do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Publicou os seguintes livros: Brasil: Iaraia Contra Estado: Conservadorismo Romântico - Origem do Totalitarismo: Corpo e Cristal: Marx Romântico: Lux in Tenebris: A Iirania do Olhar in Pensamento em Crise: Pressupostos Filosóficos da Educação: Interpretação e Filosofia in A Interpretação. Em colaboração escreveu: Descaminhos da Educação Brasileira (org. Mauricio Tratemberg); Crime, Violência e Poder (org. Paulo Sérgio Pinheiro); Escritos Indignados (org. Paulo Sérgio Pinheiro); Escola Pública, Escola Particular (org. Luis Antonio Cunha); Universidade, Escola e Formação de Professores, além de dezenas de artigos em revistas especialistas entre eles Democracia e Universidade: Feuerbach e Stiner: Algumas considerações sobre Linguagem e Política: Progressismo e Conservadorismo. Questões sobre a Universidade: Roman and Western Unreason. Colaborou como articulista de inúmeras revistas e jornais entre eles Leia Livros, Folhetim, República, Jornal da Tarde, Jornal do Brasil, Estado de São Paulo, Ciência e Cultura, Revista USP, sendo atualmente colaborador da Folha de São Paulo na seção Debates.

O senhor nasceu no Paraná, há quantos anos?

Romano - Nasci há 46 anos.

E estudou aqui em São Paulo?

Romano - Eu fiz o curso de Filosofia no Colégio Dominicano aqui no colégio é no sentido de College, fiz metafísica, etc. Fiz graduação e pós graduação na USP e depois fui para Paris - fiz doutorado na École Pratique des Hautes Études. Meu orientador aqui no Brasil foi o Paulo Arantes e na França foi o Claude Lefort.

Eu vejo que a sua tese de doutorado foi na área de História da Cultura, do Saber e da Educação...

Romano - Inclusive na École Pratique esta é uma área: História da Cultura, do Saber e da Educação...

... e com ênfase no discurso teológico no Brasil contemporâneo. Esta escolha teve a ver com a sua formação ou é apenas uma constatação de um estado de coisas que vigora no Brasil e daí a vontade de estudar o fenômeno?

Romano - Isso partiu da própria coisa e da filosofia. Tanto que na minha tese a epígrafe é um trecho do Tratado Teológico Político de Espinoza porque justamente na filosofia de Espinoza quando a religião se torna religião de Estado ela se torna uma coisa opressiva. Então o que eu mostro em termo de relação Igreja-Estado no Brasil é justamente esta questão que emerge da filosofia de Espinoza do século XVII. Eu sempre fui muito interessado na filosofia do século XVII e XVIII tanto que atualmente estou estudando a escrita de Diderot.

Por que o senhor se interessa justamente por este período?

Romano - Porque veja, e isso eu compartilho com vários outros intelectuais do Brasil: Merckior, Sérgio Rouanet, porque este foi o grande período da instauração da racionalidade ocidental. E como eu leio a situação do Brasil, vejo que o que falta é a racionalidade: racionalidade científica, técnica, institucional e sobretudo racionalidade urbana. No meu entender o relacionamento

entre pessoas no Brasil é muito imediato, muito animalesco. Você não tem a perspectiva do universal, ou seja, você não respeita a instituição na pessoa e a pessoa dentro da instituição. É neste sentido que tenho fascinação pelo período do século XVII e XVIII, que foi quando, do ponto de vista do pensamento, se esboçou este projeto. E ao mesmo tempo o anti-projeto. Você tem no século XVII Descartes instituindo a razão moderna e ao mesmo tempo tem a crítica desta razão em Pascal. Você tem o aspecto da razão e a crítica da razão dentro do século XVII. Então não é um século unilateral, você tem opostos. Você tem Descartes e Hobbes, tem Espinoza, e tem grandes nomes do pensamento, cujos frutos vão aparecer com a Revolução Francesa e com o Romantismo. Não que eu diga que Pascal é um romântico - mas certas teses pascalinas vão ser muito apreciadas e muito desenvolvidas no século XIX. Então o século XVII e o XVIII são os séculos chapières como dizem os franceses.

O senhor podia explicar melhor isso?

Romano - Não que eu acredite que o século XVII tenha sido mais racional, mas como marco. Justamente porque havia uma racionalidade muito mais forte. Então voltando à questão: a minha grade de leituras dos problemas da religião e do Estado no Brasil passa pela delineação do discurso teológico político. É um discurso que não fala só de Deus, mas falando de Deus quer falar do comportamento dos homens. É a Igreja que quer definir por exemplo os limites do corpo da mulher, os limites do corpo do homem, o aborto, o divórcio, etc. São pretensões de soberania política que a instituição religiosa carrega da sua mais antiga história. Ela foi ligada ao Império Romano, ela guardou a essência do Império Romano. Ela tem toda uma característica muito especial. A minha tese é: enquanto existir Igreja Católica haverá choque com o Estado porque ela não abre mão da soberania. Ela exige a prioridade do ordenamento ético e moral da sociedade e para tal invade o terreno das leis. É uma tese que parece simples mas é muito difícil de demonstrar. E veja como é coerente. Por ocasião da Constituinte, o lobby da Igreja foi o mais bem montado junto aos parlamentares. A quantidade de xerox e fax enfim tudo o que foi

feito para mobilizar em redor do tema do ensino e dos valores éticos foi esplendoroso, foi um trabalho assim de profissional. Ela envolveu mesmo os parlamentares e no final praticamente todas as suas teses saíram vencedoras na Constituição. Então veja, é uma coisa que não depende só do meu passado. Se eu fosse ateu de formação seria a mesma coisa, porque quando você trabalha a questão da Igreja você precisa conhecer o discurso dessa instituição assim como quando você trabalha o marxismo você precisa conhecer o marxismo. Se você for estudar o Partido Comunista você precisa conhecer o marxismo e o marxismo específico. Então você precisa conhecer o discurso específico daquela formação social. No livro dá para perceber até como ela se auto reproduz, o processo educativo que ela realiza dentro de si. Quer dizer, o Partido Comunista tem um programa de educação que é adequado a seus pressupostos, adequado ao seu discurso. Para estudar a Igreja Católica é preciso que você conheça o discurso teológico, a maneira pela qual ela pensa, ela se representa. Muita gente estuda a Igreja Católica esquecendo este pormenor o que aliás não é pormenor, é essencial.

Mas de qualquer forma a sua formação foi importante porque o senhor falava de dentro...

Romano - Claro eu tinha já muito material, como eu fui onze anos dominicano a quantidade de documentos que eu tinha era enorme e isso me facilitou muito o trabalho, mas não foi determinante. Veja, este trabalho de doutorado é uma estratégia para o que eu estou estudando agora. Estou estudando a filosofia política no século XVIII com a tese da separação de Igreja e Estado e educação das massas para a ciência, para a arte e para a beleza, etc. autônoma em relação à religião. Se ela for religiosa tudo bem. O conceito de cidadania é garantir o mínimo de espaço para a educação das massas, para a formação delas do ponto de vista espiritual, etc. com segurança dada pelo Estado. É esta a tese fundamental da Filosofia e das Letras. Então você tem que incentivar o saber, a ciência, a técnica, etc. Assim como vivemos num país que é contra revolucionário, é contrário à Revolução Francesa, que é contra a técnica, contra as artes, a gente começa

91

a fazer a crítica da técnica sem ter a técnica, a crítica da razão sem ter razão, se faz a crítica das instituições educacionais sem instituições educacionais. A universidade no Brasil está se instalando. Se você compara a universidade brasileira com Harvard, com Sorbonne não é nem nenem, nem espermatozóide, tem 25 anos, ou seja, como instituição nem existe. E já tem gente querendo acabar com ela. Eu acho que se tem que fazer crítica, mas crítica adequada ao objeto. Você tem que fazer a crítica da educação brasileira tendo em vista que o processo universal de educação no Brasil começou no Segundo Reinado, quer dizer data do século XIX. Quando a Europa já estava deslanchada... o Brasil tem 500 anos mas enquanto modernidade é novíssimo. Nós não tivemos tempo para envelhecer. Tem aquela tese do Lévy Strauss que as coisas no Brasil se desgastam antes de envelhecer.

Gostaria de saber por que isso ocorre na sua opinião. Lendo os temas de suas palestras vejo que o senhor se interessa muito pelas políticas educacionais brasileiras, perspectivas da educação no Brasil e tem mesmo uma postura crítica não muito comum entre professores universitários, pelo menos abertamente. Vejo além disso artigos seus publicados na imprensa e compilados no Lux in Lenebris onde o senhor aborda vários problemas da universidade brasileira começando pela sua "indiscreta falta de charme" como diz, onde "sempre que alguém pronuncia a palavra santa transformação os ouvintes são tomados de um pânico religioso". "A ordem transformar", o senhor continua "é deixada de lado pela angústia de vencer o tempo e o formar que lhe é essencial". O senhor diria que formar é mais importante que ensinar, ou as duas coisas devem caminhar juntas? E ainda: formar o que? Consciências em vista do que? De se transformar o sistema político-social? Explique isso por favor.

Romano - Formar e educar são duas faces de um mesmo processo. Neste sentido a educação tem muito de elemento artesanal. Por mais que nós consigamos tecnologias de ponta no processo educativo ainda a educação tem muito do mestre artesão e do aprendiz. E o mestre artesão ele ensina a modelar a matéria, ele ensina que se deve obedecer a matéria. Esta é uma metáfora queo Kant emprega na

92

filosofia da educação dele. Como você ensina um menino a respeitar algo que não seja ele mesmo? Você dá uma matéria: barro, madeira ele vai ver que é preciso respeitar a matéria, que sua vontade não é onipotente. Ele tem que obedecer em parte aquele ondulamento da matéria para que possa introduzir nela os seus fins. Assim também no caso da filosofia ou da matemática ou da física. Um grande professor de filosofia o João Cruz Costa da USP, no primeiro dia de aula - ele era um professor titular catedrático e dava aula para o primeiro ano - esse é um aspecto importante a USP nunca abandonou isso e nós aqui na Filosofia da Unicamp guardamos isso, os professores mais titulados trabalham com o primeiro ano...

Os mais experientes justamente trabalhando a matéria prima, por que eles tem mais competência para tal?

Romano - Exatamente, como nós nos recusamos a por exemplo colocar as pessoas só dando aula na pós e desprezando a graduação, o que é um erro pedagógico. Há pessoas que se julgam ótimas e só dão aulas na pós. Então o professor Cruz Costa fazia o seguinte: ele levava livros para os alunos e mandava que eles cheirassem, olhassem, pegassem com atenção e observassem em detalhes as orelhas, a capa, os títulos quer dizer é preciso que o professor faça com que os alunos aprendam a gostar inclusive dos objetos. Por exemplo esta sala onde estamos não é uma sala, é uma cadeia, por isso eu falo da falta de charme da universidade brasileira. O Espinoza diz que a alma é uma metáfora do corpo e não o corpo uma metáfora da alma. Quer dizer, se você tem um corpo desgracioso e mutilado e feio você vai pensar desgraciosamente e feio, não vai pensar a verdade. Então quando você diz educar, talvez educar tenha uma dimensão de pensamento muito mais ampla que este processo de formação. Veja é muito próximo da questão política. Nós temos uma atitude diante da educação essencialmente ativa e isso às vezes traz consequências desastrosas. Vou exemplificar: o professor Jean Pierre Vernant tem um artigo onde compara o político ocidental que saiu da Grécia, Roma, que vigorou da Idade Média até hoje, ao pastor aquele que tange as ovelhas. E ele mostra que o oriental, o imperador chinês tem a atitude do jardineiro...

Ele cultiva...

Romano - Ele cultiva. Então de certa maneira ele põe a mão na massa mas ele espera que a planta brote. Então ele incentiva o desenvolvimento da planta, ele não entra lá e substitui a ação da planta. Aqui no Brasil nós somos pastores, não somos jardineiros. Cada professor entra na aula e quer liderar os alunos, que o aluno aprenda imediatamente aquilo que ele já sabe. Ele não tem a paciência do cultivador, ele não tem a paciência de começar do começo, ensinando a respeitar o livro. Então esta atitude crítica que eu tenho nesses artigos de imprensa é o seguinte: é preciso realizar uma crítica da universidade. Mas o que eu tenho notado das críticas de direita e de esquerda é que elas criticam o conteúdo sem criticar^o forma. A maneira pela qual eles próprios se condicionam em relação à universidade. Por exemplo: acabei de sair da sala de aula e no corredor os alunos estão reivindicando autonomia na gestão da residência universitária. Bom só que eles picharam o corredor nobre da sala de aula. Ora autonomia com porcária... se o sujeito não respeita o espaço como ele pode ser autônomo? É o tipo de coisa que eu critico: é aquilo que nós vimos aí agora (ele refere-se a um carro estacionado em cima do gramado, de passagem para a sala da entrevista) o sujeito prega a cidadania e coloca o carro dele em cima do gramado. Quer dizer, a todo instante nós temos este problema. Há uns dias atrás, um conjunto de alunos estava fazendo em altos brados uma manifestação pela ética na política. Ora acontece que um dos alunos estava falando palavrões do mais baixo escalão. Vários professores saíram envergonhados. Eu pensei se eu não tomar uma atitude contra este tipo de coisa eu estarei faltando a minha função de formador. Fui lá e disse: o senhor vai parar de falar estes palavrões. Ele me disse: não vou parar não. Eu disse: o senhor vai parar sim porque o senhor está num espaço público e tem que respeitar a cidadania desses senhores e dessas senhoras que estão aqui, nós não somos obrigados a escutar isso e se o senhor quiser se exprimir dessa maneira o senhor se dirija ao senhor seu pai e a senhora sua mãe num espaço privado, porque aqui é um espaço coletivo e o senhor está cometendo o mesmo erro do presidente que está sendo deposto.

Aí a resposta foi: isso é repressão. Eu disse: é sim. Porque neste ponto eu acredito naquela outra tese de Hegel: aquela originalidade que se manifesta da satisfação imediata do desejo é animalésca. Então o que é educação para Hegel? Educação é formação para o universal, é polimento. E polimento no sentido em que cada indivíduo fosse um espelho e na medida em que ele fosse se polindo ele vai refletindo muito mais coisas que um espelho opaco. Então um indivíduo que não é polido ele entra numa sala de concerto e fala alto porque ele é original mas ele é bárbaro. Ele entra no cinema e comenta o filme o tempo inteiro para mostrar que é inteligente na verdade ele está mostrando que é um idiota, por mais inteligente que ele seja. E quando se exige a participação de todos ele se cala dizendo que é superior. Então esta idéia de formação eu acho que é um matiz, é pequeno em relação à educação. Mas se você quiser dar uma definição no meu entender dogmática: educação é transmissão de conteúdos culturais e científicos do espírito humano, voltados mais para o aspecto superior e especulativo, para o conhecimento teórico. E formação vai desde a prática material dos costumes até a prática própria dos bens materiais da construção do saber. O sujeito aprende Física mas também aprende a respeitar os instrumentos de Física que estão ali para os colegas do ano que vem. Então não adianta educação com conteúdos extremamente complicados se você não ensina a menina ou o menino a se comportar diante daquilo que é comum, é de todos. Neste sentido eu continuo marxista e socialista. Eu acho que uma das faces mais bárbaras da educação brasileira é que ela nem assume sua atitude capitalista e nem assume a face socialista...

Fica essa confusão mental...

Romano - Exatamente, o sujeito usa para fins privados aquilo que é público. Aí ele julga estar sendo socialista e é um socialista péssimo, de destruição.

"Cinza e mau gosto", é assim que o senhor define no mesmo artigo, a universidade brasileira, exatamente porque dela foram banidos os matizes, a suave coloração das vogais, a música da Gaia Scienza (citando Nietzsche e fazendo trocadilho com o título do filósofo

alemão sobre a necessidade da ciência ser alegre), porque predomina ali a pressa pelo alinhamento". "Nas disciplinas, ensina-se o pavor pela beleza, resultando o ódio pelo raciocínio elegante. Impera soberana a metafísica dos pobres, presa ao empírico mascarado de concreto, o útil, o comunitário, o vulgar. No mais profundo esquecimento do ser, define-se a miséria máxima da ação e da palavra". Digamos que o senhor tem uma visão pessimista da universidade. Fale sobre isso, explicando e traduzindo esta sua visão, opinião, expressa em cores ou na ausência delas e em sons, ou na ausência deles.

Romano - Veja este é o tema tanto do Corpo e Cristal quanto do Conservadorismo Romântico (aqui ele se refere a dois livros seus). Quando você abre O Capital de Marx, você encontra uma análise extremamente crítica da sociedade capitalista e da vivência da sociedade capitalista. Uma análise, eu diria desencantada. Na armação corporal da escrita d'O Capital você tem Dante, Shakespeare, Goethe, você tem a poesia, a literatura, você tem tudo que de bonito foi produzido pelo espírito humano inclusive sob o regime capitalista. E o que faz Marx n'O Capital: ele traça uma história da formação, do olhar, e da estética dentro da sociedade capitalista. Quer dizer dentro da sociedade capitalista, o indivíduo se vê como coisa, não se vê como corpo. Então o olhar da sociedade capitalista é um olhar mutilado para Marx, um aleijão. O homem na sociedade capitalista é um aleijão. Então para fazer a crítica é necessário restituir a integralidade do espírito humano, a estética, a ciência no seu sentido gratuito, não de mercadoria. Então é um projeto de liberdade que não está antes da técnica - Marx é uma espécie de sonhador do futuro - ela vem junto com a técnica. O programa de Marx me parece muito mais próximo de Novalis que dizia que é preciso introduzir alma na máquina. Então você encontra na escrita de Marx uma capacidade de encontrar matizes: isso é verdadeiro, isso é falso, isso pode ser aproveitado em Adam Smith, em Ricardo, isso pode ser aproveitado em Hegel, isso não pode, etc. Há os poetas que ele cita, ele usa Horácio para descrever o corpo do ser humano. A metáfora mais violenta d'O Capital que é o corpo do homem despedaçado, dividido em especialidades: aqui o operário, ali o cidadão, a dona de casa,

ele usa Horácio: quieta membra poética. Ele pega a imagem de Horácio usa para os versos despedaçados e transpõe para o corpo do operário. Quer dizer é exprimir a coisa mais terrível, é a política mais radical com muita beleza, com muita alma. Nesse período que eu estava escrevendo esta coisa, alguns marxistas se entretém de tal modo na ação imediata que queriam escutar aulas e queriam ler livros sobre a comunidade de base na região da periferia de Campinas com as mulheres bóias frias hoje de manhã. Porque ontem à tarde já não serve mais...

É o imediato...

Romano - É o imediato bárbaro. Então se você perguntava - você leu Marx eles diziam - isso é teórico eu quero a prática. Então resultado: não sabiam distinguir matizes, somavam tudo sob categorias gerais. Por exemplo inventaram uma coisa chamada a classe dos pobres oprimidos, as classes dominadas. Isso existe? Quer dizer classe dominada tem bóia fria, tem camponês, tem classe média. Quando você pega o 180 Brumário você tem 18 classes que ele descreve para se entender o processo político da França. Agora os pobres oprimidos... um estudante a quem o professor não corrigiu e não disse você não vai escrever sobre isso, você vai primeiro aprender o que é isso, você vai ter que respeitar o pensamento humano. Certos professores baniram os clássicos do ensino da filosofia, do ensino da sociologia. Ora como você pode fazer sociologia sem estudar Durkheim, sem estudar Weber, sem estudar Marx? Como fazer economia política sem estudar o pensamento burguês? Então o que se dizia: não estudo o pensamento reacionário só estudo o pensamento progressista, esquecendo que muitas vezes o pensamento progressista plagiava mal o pensamento reacionário.

Faziam tabula rasa...

Romano - Tabula rasa... Eu chamo isso de barbárie educacional, falta de respeito pela cultura e parasitismo do espírito. Muitos colegas meus, muitos professores se recusam a ter esta atitude de paciência com os alunos: eles fazem a carreira deles, o aluno qualquer coisa que faça está bem. Sabe fica assim: "eu estudo o grande tema, eu faço um bom trabalho". Ele sobe na carreira, ele

fica conhecido, etc e os alunos dele vão para a cucuia. Este é um tipo. Outro tipo que eu acho mais sórdido é aquele que faz tese como seus alunos fazem seus trabalhos e querem subir na carreira acadêmica com base em trabalhos mal feitos, do gênero genérico, primitivos que são na verdade panfletos políticos. Estes conseguem seu grau de doutor com base em impressões grupais.

E isso é comum?

Romano - é muito comum e isso é na verdade um dos grandes problemas que distorcem a educação brasileira na universidade.

E seria um problema brasileiro?

Romano - No Brasil inteiro. Nas universidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, até Porto Alegre você pode encontrar uma distinção mínima, você tem um mínimo de respeito pela academia. Nas universidades federais você encontra grupos ótimos, excelentes grupos de pesquisas mas as instituições em geral são instituições que não conseguem se manter enquanto instituições universitárias. Agora eu sou muito seguidor de Espinoza. O Espinoza diz o seguinte: e isso não é novidade dele, ele tirou de Platão, ele tirou da mais antiga filosofia e educação: que o ser humano é um ser mimético, ele é um ser que tende a imitar-se ou seja, os homens tendem a se imitarem. Então você vê: numa sociedade um indivíduo que odeia o outro, mata o outro, que vive do outro, que extermina o outro, que desrespeita o outro e este sujeito é aparentemente bem sucedido, você faz isso também e estará redobrando o efeito mimético, porque outros verão e assim sucessivamente. Então a ética de Espinoza que é uma grande ética diz isso: que o pior é que a mentira, a fraude, o ódio são tão miméticos quanto o bem e a retidão. Então se o aluno olha o professor que faz bleufado jogo acadêmico é claro que ele vai fazer isso também. Então há todo um trabalho escondido que nunca aparece. Há professores que passam vinte anos estudando uma coisa e nunca publicam. Veja quanto o critério quantitativo numa universidade é terrível. Estes professores foram tachados na lista do Goldemberg na USP de improdutivos porque eles não ficam publicando. Eu por exemplo publico muitas coisas, mas muita coisa

98

que eu não publico estão na minha casa. Se eu fosse publicá-las eu estaria empenhando uma pesquisa que eu hoje não considero madura para ser publicada. Agora eu conheço colegas que estão há trinta anos - não é mentira - e esta pesquisa se chegar a ser publicada vai ser muito mais importante que muita coisa publicada. Então eu acho que uma avaliação deve levar em conta que o professor tem obrigação de devolver à sociedade textos técnicos, maneiras de pensar que a sociedade paga. A divulgação universitária é um dos aspectos importantes, mas existe um limite...

Senão seriam matérias jornalísticas?

Romano - Claro. Então um dos grandes impecilhos do desenvolvimento profícuo da graduação e pós graduação é a falta de ética dos professores universitários. Veja aí eu não estou fazendo uma crítica deste ou daquele estou fazendo uma crítica de todos os professores e até me incluo nisso, não me coloco fora. Em muitos momentos da vida universitária nós sentimos que institucionalmente... Quer ver, estes artigos que estão aqui no Longo e Cristal são matéria de especulação de uma lado e matéria de divulgação acadêmica: interferência de um intelectual no debate societário. Mas ao lado disso eu tenho centenas de artigos publicados em jornal. No fim do ano quando nós vamos fazer o relatório para a CAPES, praticamente sou obrigado a incluir nos artigos publicados os artigos de jornal. Por que? Enquanto eu não considero artigo de jornal trabalho acadêmico. Para mim é trabalho opinativo, muitas vezes eu leio mais para fazer um trabalho de jornal que um acadêmico... mas é outro gênero. Eu não sou jornalista, não vivo o dia a dia do jornalista. Mas de quando em quando eu escrevo matéria sobre temas que considero relevantes. Mas aquilo não é tarefa filosófica, científica, é, se você considerar em última instância, propaganda da filosofia. Mas enfim eu sou obrigado a preencher porque sou funcionário da CAPES e porque a instituição me cobra aquilo. Se eu preencher eu tenho assegurado para alunos do Instituto de Filosofia maior número de bolsas, se eu não preencher não tenho. O que eu faço: eu minto em benefício da instituição, me violentando. Muitas vezes eu me pergunto: será que não é mais moral e mais ético se eu me recusar

a incluir esses artigos de jornal como produção? Mas daí eu vejo os resultados. Se eu não colocar, começando desde a reitoria até o Ministério da Educação, até a CAPES, vão estar julgando a universidade como improdutiva. E assim eu continuo me torturando e fazendo isso para que os alunos tenham maior número de bolsas. Agora do ponto de vista ético, científico é péssimo. Porque se é ruim que eu seja conhecido não como autor deste ensaio aqui (ele refere-se a um artigo seu intitulado "Niderof, Penelope da Revolução") que é propriamente filosófico, que me garantiria numa universidade estrangeira pelo menos um ano de respeito... Mesmo num país capitalista como é o caso da Alemanha. Eu tenho uma conhecida que foi recentemente fazer uma pesquisa na Alemanha, doutorado. Ela tinha tudo no centro de pesquisas, computadores e livros, etc. mas começou a reclamar que a sala fechava e ela queria ficar mais tempo. Aí perguntaram: mas você não tem a chave? Ou seja lá todos os alunos tem a chave do centro de pesquisas e não some nada, o computador, nada. Aqui se você deixa um computador somem as peças todas. E as pessoas se julgam espertinhas. Eu costumo dizer que aquele texto do Reich Escuta Zé Ninguém onde o Reich (ele se refere ao psicanalista Wilhelm Reich autor de vários livros entre eles: A Função do Orgasmo), mostra a atitude do canalha que se julga socialista aquele sujeito que pensa que pode entrar na sua casa ir até a geladeira, etc. e acha que isso é estropiar a burguesia. Este tipo de canalhismo, lumpezinato intelectual infelizmente é muito forte na universidade brasileira. A quantidade de plágios de roubos de idéias, que é falta de ética e que é falta de educação, porque se o menino fez uma coisa, citou um texto, não citou o autor, se você tem respeito, leu o trabalho dele, você tem que dizer isso a ele. Agora de outro lado acontece de você frequentar um autor durante anos e de repente um aluno vai lá e encontra uma coisa que você não encontrou. É uma coisa maravilhosa: aí você pode dizer que é uma idéia pequena, etc. você vai ter que ajudá-lo a desenvolver e tudo o mais... mas tem idéias que não são originais que são apenas ignorância. Este tipo de coisa supõe uma atitude ética por parte do professor. Isso eu acredito que não está existindo e está se degradando violentamente.

100

E esta falta de ética o senhor diria, que é uma coisa muito brasileira, muito Terceiro Mundo ou isso ocorre também em universidades estrangeiras?

Romano - Olha a situação educacional de um país como a França por exemplo - eu passei recentemente três meses na França - eu fazia questão de ouvir programas de rádio ligados à educação, à imprensa, à literatura, etc. Olha tirando o caráter desenvolvido poderoso da educação francesa a situação na periferia de Paris é exatamente igual.

Sobre esta questão ética ainda, provavelmente já se falou muito sobre isso e se fala. E quais seriam as saídas para tal situação mudar, enfim o que é possível fazer para mudar esta situação? O senhor deve ter participado de congressos, mesas, simpósios, etc. onde se discute esta questão. O que fazer?

Romano - Há um escritor que é o Saint Beuve que diz que você precisa descontar do escritor, do filósofo, do doutrinário aquela máscara que ele assume diante do público porque como ele está interessado em acentuar um problema ele carrega naquelas tintas. Então por exemplo se você acredita demasiadamente no São Francisco de Sales no indivíduo você se dá mal porque São Francisco de Sales não é tão angélico assim. Se você acreditar no sadismo de Sade você está perdido assim como você não pode acreditar muito no espiritualismo de Descartes. Entre o aspecto super acentuado e o que o sujeito está pensando de fato, há uma diferença. Então no meu caso quando eu fui escrever a situação da universidade eu enfatizei o que há de mais torpe e de mais negativo. Então quando eu vou a Congressos por exemplo na SBPC, oferecido pela Educação eu vejo pequenos grupos de pessoas - sabe este populismo que eu estava criticando este miserabilismo tudo isso está passando. Veja quantos professores tem hoje mais liberdade de por exemplo introduzir temas de literatura nos seus cursos. Isso era inconcebível há dez anos atrás. Quantos professores fazem ponte da filosofia para a psicanálise, da psicanálise para a sociologia, este trabalho interdisciplinar. Você vê que os professores estão tendo mais liberdade com essas coisas. E isso traz consequências

éticas: quer dizer quando uma pessoa consegue ver um problema de outro prisma, ela relativiza aquela prática. Quer dizer eu acredito no poder liberador do pensamento para a ética. Realmente neste ponto eu acredito que o fanatismo, o sectarismo, etc. são frutos da insegurança da alma e fruto da ignorância. Olha eu acho que apesar dessa crise econômica muita coisa está se salvando. Talvez se, de repente a universidade toda se acabasse - eu não acredito que isso aconteça, alguns grupos que tem compromisso social que tem respeito pelo cidadão e que tem respeito pela verdade. Porque ter respeito pelo cidadão é uma coisa ambígua. Você tem hoje o cidadão em São Paulo votando no Maluf. Quer dizer: são dois polos, se você tiver só respeito pela verdade você se torna um fanático, um selvagem, porque na verdade é preciso ter a dimensão da passagem da verdade para a exposição, para a relativização da verdade. Ninguém vive 24 horas por dia com a verdade. É necessário uma flexibilização.

Numa visão impressionista eu vejo a universidade como um mundo à parte e aí ocorre uma coisa contraditória: ao mesmo tempo em que muitos dos professores ocupam cargos importantes em órgãos públicos ou mesmo participam de pesquisas para entidades, dando a eles ou elas o respaldo teórico ou embasando sua prática com teorias condizentes, tenho a sensação da universidade ser alienada do que acontece à sua volta. Ou seja, aí está a contradição: ao mesmo tempo em que ela está inserida no todo parece às vezes que não faz parte do todo. É um mundo à parte, sem nada a ver com a sociedade global, etc. Gostaria que o senhor falasse sobre isso, até que ponto minha impressão é verdadeira, até que ponto ocorre realmente isso?

Romano - É isso mesmo e eu vou dar uns exemplos práticos para você. Há questão de uns dois meses (a entrevista foi realizada no começo de novembro de 92) eu fui procurado pela Anistia Internacional porque ela está desenvolvendo no Brasil um programa de educação para os Direitos Humanos, para a cidadania e a Anistia Internacional é composta de uma pequena comissão - não pode ser diferente - que investiga a violação dos direitos humanos. Mas esta comissão é composta de juristas, não são pedagogos, nem

102

sociólogos, nem filósofos. Então para este programa os juristas precisam de assessoria, da ajuda da universidade. Aí eu fiquei entusiasmado, procurei aqui na universidade a direção da Faculdade de Educação, procurei a Reitoria de Pós Graduação, procurei na UNESP a pró reitoria de pós graduação e procurei a direção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. A Faculdade de Educação reagiu favoravelmente marcou a reunião da congregação onde os juristas se apresentaram e colocaram seus problemas e a necessidade que tinham de assessoria, etc. A pró reitoria da pós graduação também foi extremamente acolhedora e se colocou à disposição de todos. O Instituto de Filosofia reuniu a congregação e deu a seguinte resposta: nós não queremos nos comprometer. Dia 44 de novembro vem uma Comissão da Anistia Internacional para conversar com aqueles que quiserem. Então veja, eu te dei um exemplo prático. O Instituto de Filosofia tem os nomes mais relevantes da Sociologia do Brasil, da antropologia do Brasil, da filosofia do Brasil e não quer se comprometer com a Anistia Internacional. Se você me perguntar por que, eu não sei exatamente...

Quer dizer que minha impressão é verdadeira, porque se ocorresse o contrário ou seja, se houvesse uma participação da universidade nos negócios públicos de fato, o senhor concorda que não haveria tantos desmandos, tanta injustiça, tanto desequilíbrio?

Romano - É verdadeira, porque veja do ponto de vista macro... você vê eles dizerem não exatamente um dia depois do massacre da Casa de Detenção (ele se refere ao fato ocorrido recentemente). O que custava, uma comissão da Anistia Internacional falar dez minutos numa reunião de congregação: ia comprometer a instituição universitária?

Isso é grave.

Romano - Então, no cotidiano quantas vezes a universidade se manifesta quando existe matança de menores, quando existe prostituição de crianças, escravidão em pleno estado de São Paulo, quando existem problemas sociais gravíssimos...

O senhor diria que se a universidade participasse mais efetivamente da problemática social do país, nós não teríamos esses problemas gravíssimos?

Romano - Claro que eles não seriam totalmente resolvidos, mas seriam atenuados. Você já imaginou se houvesse um trabalho coordenado das universidades paulistas denunciando as más condições da prisão, ou inclusive um fato que é pouco falado, os baixos salários da política militar? Como um policial que ganha 700 mil cruzeiros pode não ser revoltado, corrupto? Claro que seriam atenuados. Agora do ponto de vista de conjuntura... eu tenho até um pequeno escrito, jornalístico, foi feito para provocar mesmo, ~~que~~era sobre os intelectuais na universidade e eu estava preocupado porque o começo da chamada Nova República, fim da ditadura militar e começo da Nova República. Eu dizia o seguinte: que a universidade tinha atravessado o período militar com pessoas que tinham saído para fora do país - grandes quadros, pessoas de uma inteligência fantástica e de uma erudição enorme que foram obrigados a se exilar. Outras pessoas que permaneceram na universidade lutando no dia a dia contra a polícia contra a delação, tentando manter a universidade dentro de um padrão de pesquisa de nível e as pessoas que colaboraram com a ditadura estragando seu intelecto, sua capacidade de análise, emburrecendo ideologicamente. No final da ditadura aqueles quadros começaram a voltar para a universidade, trazer aquilo que eles amsalharam na experiência internacional, ajudar a completar o trabalho que as pessoas já estavam desenvolvendo. Aconteceram vários pontos de desencontro - é claro que uma pessoa que passou vinte anos estudando uma temática na universidade e dando aula na Sorbonne não vai ficar contente de trabalhar na Unicamp, vai encontrar limitações, sai dos 12 milhões de livros da Biblioteca Nacional e entre nos 10 mil daqui, é claro que essa pessoa vai se sentir muito mal. Pois bem, estas pessoas estavam se integrando, estava havendo um reequilíbrio entre a função interna e a função pública da universidade. Com a Nova República o que acontece: os intelectuais mais influentes e mais conhecidos foram trabalhar no Legislativo e no Executivo Federal ou Estadual. Com base nessas tensões da vida cotidiana que é muito natural, eles próprios

109

criaram a imagem de uma universidade porcaria. Tenho uma colega que fez uma tese em Paris sobre Fenomenologia, ela veio para o Brasil e foi ser assessor do Jarbas Vasconcelos, na prefeitura de Recife. Me encontrei com esse professor e ele me disse: o problema é que na universidade estão falando demais. E ele estava acabando de chegar de um comício e num comício só se fala e normalmente só se fala mentira. Então ficou esta caricatura mútua: os que ficavam na universidade diziam que os outros eram traidores e os de fora denunciavam a universidade. Eu acredito que isso tenha impedido o salto da universidade... você vê o Fernando Henrique (Cardoso) que é o senador (ainda não era Ministro das Relações Exteriores e Ministro da Fazenda) e que muito parcamente traduz para a universidade sua experiência de vida no Senado. Do lado mais da esquerda Florestan Fernandes que é um deputado federal e que diz que a universidade não passa de uma torre de marfim, mas acontece que esta torre de marfim tem que se defender quando é atacada pela direita. Então este descompasso foi letal.

Ou seja parece que não há uma coordenação entre os diversos setores que formam o corpo social: os órgãos públicos, as instituições diversas que deveriam estar juntas se houvesse de fato um projeto nacional.

Romano - Você tem pessoas que poderiam estar coordenadas: não digo que esses amigos nossos, esses intelectuais que foram para o executivo José Serra, Florestan Fernandes, Fernando Henrique, não digo que eles deixassem sua carreira política, mas que eles mantivessem o diálogo e a colaboração com a universidade e vice versa a universidade também investisse neles. Então se você me perguntar quais são as causas, isso acredito que deveria ser objeto de uma pesquisa. Agora hoje as coisas pioraram. Veja os partidos políticos poderiam ter feito esta interligação. O PT poderia ter ampliado os canais onde os universitários estivessem presentes para assessoria nas mais variadas formas de saber. O PSDB o PMDB... O que foi feito da Fundação Fernando Portela? Nada. Não foi desenvolvido um trabalho orgânico com a universidade. Perderam os partidos e perdeu a universidade. E no plano do Estado - é uma coisa maluca - você já reparou como os professores das

105

universidades públicas do Estado de São Paulo, como eles falam do Estado com se não fosse Estado? Como se eles não fossem funcionários do Estado, autoridades do Estado inclusive

é uma atitude esquizofrênica.

Romano - E quais são os resultados disso para a educação... o que se diz é que um professor universitário não é responsável pela coisa pública. Ora ele não é responsável no mesmo plano que um deputado, que um senador, mas ele é responsável tanto mais e talvez porque ele tem autoridade dada pelo saber. Agora se ele não tem autoridade do saber ele não é universitário.

Gostaria de colocar algumas questões que podem parecer antipáticas, mas que me perturbaram muito quando voltei para a universidade para a pós graduação. É a falta de respeito, solidariedade, sei lá o que de alguns funcionários. Vou citar um exemplo: um dia eu estava estudando numa das bibliotecas da Unicamp - não vamos detalhar - é só realmente para citar o fato e havia uma moça, funcionária falando alto. Depois de um tempo resolvi que a coisa era absurda e pedi que uma outra funcionária avisasse que ela estava falando muito alto e nós estávamos numa biblioteca. Depois de ouvir o recado, ela respondeu bem alto para eu ouvir: eu não vou parar de falar porque eu gosto de falar enquanto eu trabalho. Eu tive que sair de lá e estudar noutro lugar, porque a biblioteca estava tomada por gente que gosta de falar alto! E não havia uma instância superior para se denunciar o fato. Bom será que não disseram para essas pessoas que uma universidade, uma biblioteca especialmente não é um mercado persa, que as pessoas estão ali estudando e é este o seu trabalho e exatamente estudar exige silêncio. O senhor já deve ter visto coisas semelhantes?

Romano - Isso está ligado ao compadrio político. Aqui boa parte dos funcionários vem do Quêrcia. Eles vem por cima, eles não respeitam uma carreira funcional e estão sempre introduzindo o pessimismo mais rasteiro dentro da instituição. Veja uma questão simples, de polidez. Se você for à USP ou à Franca ou Estados Unidos, o professor é senhor professor, senhora professora. Aqui

na Unicamp é você, e isso não é uma atitude informal, é deliberada. Há pouco tempo houve uma reivindicação qualquer e o representante dos funcionários disse que a reivindicação deles era muito mais importante que uma mera discussão de relatório de pesquisa dos professores. Eu fui obrigado a meter a mão na mesa e dizer que o fim da universidade é a pesquisa dos professores. Há questão de um ano e meio atrás eu tinha um processo na FAPESP que iria trazer mais verbas para o Instituto de Filosofia para professores e alunos. Eu precisava despachar este processo rapidamente porque era uma verba que poderia ser objetivada para outros fins se não fosse feito no prazo. Eu normalmente dou dinheiro do meu bolso para tirar xerox. Mas naquele dia o xerox pago não estava funcionando e só tinha a máquina do instituto. Eu cheguei às 10 horas da manhã - o horário é das 9 ao meio dia e das 13 horas às 15 horas e não havia ninguém. As onze não tinha ninguém. Me disseram que a funcionária tinha ido levar o filho na creche. Mas eu disse olha isso é um absurdo eu tenho que tirar isso etc. O funcionário me disse: professor o senhor acha que nós só temos deveres. Eu disse: o senhor tem direitos e deveres, mais os fascistas aqui acham que vocês só tem direitos. E este projeto aqui se for aprovado pode trazer mais verbas para o instituto e em qualquer universidade do mundo as pessoas ficariam interessadas em colaborar. Aqui vocês estão interessados em boicotar. Então é um pessoal que puxa para baixo, que não sabe onde está, com quem está, quais são os interesses básicos. Há alguns secretários e secretárias que tem respeito. Quanto mais informados eles são, mais respeito tem.

Indo para o mais específico, vejo as ciências exatas e a economia serem mais providas de verbas, enfim há uma priorização para essas ciências. O senhor concorda ou discorda desta afirmação? Seria afinal por ser a universidade supridora da sociedade, dos governos, do sistema enfim e neste sentido mais voltada para as pesquisas nessas áreas, porque são exatamente estes os setores que o sistema prioriza? Ou isso não ocorre?

Romão - Eu vejo diferente. Conversando com Fernando Moraes quando estava entregando a Secretaria da Cultura - Fernando pegou aquela

107

secretaria absolutamente destruída e fez uma excelente gestão. A gente pode até ter críticas mas ele fez com que o processo cultural e institucional aplicável às ciências humanas no seu relacionamento com as ciências exatas. Dizia o seguinte: a cultura, relativamente - trabalho metafórico - ela é mais barata do que as outras atividades. Para você montar um programa cultural de um semestre você gasta menos do que numa ponte, ou numa estrada. Ela é uma coisa que pode ser perfeitamente atendida com recursos que não são astronômicos, violentos. Então o Fernando fez uma excelente gestão na Cultura e não está fazendo a mesma coisa na Educação que tem um dos maiores orçamentos do Estado. Então a questão da locação de verbas precisa ser muito bem pensada. Para você comprar um aparelho de física experimental você gasta milhões de dólares. Para você comprar um centro de pesquisas em ciências humanas vai menos porque você precisa de livros, computadores e pesquisadores. É claro que não fica de graça, mas comparativamente... Veja o físico especulativo, o físico teórico, ele demanda mais dinheiro mais investimento nele. É preciso que se aplique dinheiro no pesquisador. Então no nosso caso de ciências humanas nós somos as máquinas. No caso da filosofia numa sociedade como a brasileira, se você tiver 200 ~~trabalhadores~~ ^{filósofos} trabalhando é ótimo. Trabalhando com os físicos, com os matemáticos, com os lógicos, com os sociólogos, com os linguístas, ou com problemas de história, de filosofia, filósofos. Mais do que isso, vira produção de ideologias. Se você fizer uma pesquisa você tem quantos filósofos na França que é capital da filosofia contemporânea? No máximo cinco mil. Agora não são ideólogos, são filósofos - aqueles que abrem problemáticas novas. Digamos que se nós tivermos no Brasil quinhentos filósofos que estejam bem nutridos espiritualmente: que tenham bons livros, disciplina intelectual, bibliotecas, possam aprender com os filósofos estrangeiros, que possam traduzir aquilo que pesquisam para a vida cotidiana, na crítica, na sugestão, no empenho já está bom. Me parece que no caso da sociologia, da antropologia, tem um investimento de pessoa e tem também o trabalho de pesquisa que deve ser remunerado, mas não é tão astronômico como no caso da física atômica por exemplo. Eu acho natural que a locação em ciência e tecnologia tenha absolutamente

108

mais investimento público. O que precisa é um respeito pela especificidade das áreas. Aqui na Unicamp como existe uma depressão econômica, as verbas da universidade se limitam aos convênios e àquela dotação orçamentária que o Estado dá. Isso quer dizer que as contratações de docentes estão prejudicadas em todas as áreas. O que acontece: a reitoria, numa atitude de prudência, que eu acho equivocada, decretará universalmente que se o professor titular se aposenta ou morre, você contrata um doutor no lugar, e se este morre, você não pode contratar mais ninguém. Se na área de física, 15 docentes se aposentam ou morrem e continuam 10, a área se mantém. Na filosofia a coisa é mais grave: se 10 docentes se aposentarem ou morrerem nós teremos a nomeação de quatro. Veja, uma coisa perfeitamente justa se torna não justa quando você desconhece a dimensão da área. A área de Humanas é muito pequena e delicada. Você não faz um especialista em fenomenologia, em lógica, em filosofia crítica, em três dias. Assim quando você perde um titular, você perde a continuidade da área. Então, se é justo que mais recursos sejam alocados para a área de física, também é justo que você invista em pessoas na dimensão própria. É claro que morreu o titular você não vai nomear 50 outros, inclusive porque não são encontráveis. Mas é preciso que o mínimo seja mantido para se manter a qualidade. Então eu acho que a questão na área de Humanas e das tecnológicas é uma questão de matizes. Você não pode julgar uma questão tão complexa com uma medida única. É evidente que a área de Humanas precisa de muito dinheiro mais não precisa tanto quanto a outra. O pessoal da História da Arte fica feliz quando compra livros de artes que são caríssimos. Então não se pode tratar da mesma maneira que se trata de História do Brasil. Há livros estrangeiros que são caros mas há nacionais também e se você quer um programa nuclear brasileiro você tem que investir dinheiro. Se você quer um programa brasileiro de filosofia tem que investir igualmente. Enfim, se você não quiser que sejamos botucudos e só saibamos física... Uma crítica que eu acho primitiva da universidade que foi aquela que vigorou há uns cinco anos atrás e eu vi inclusive uma pessoa que jamais imaginei que pudesse falar mal daquela maneira foi o professor José Serra: que o problema da universidade é que ela não produz

109

lucro. Atenção: a universidade não foi feita para produzir lucro, ela foi feita para produzir saber. Se esse saber apropriado pela iniciativa privada ou pelo Estado, produzir lucro, é outra coisa. Eu não vou pedir para os físicos teóricos que a pesquisa deles seja aproveitada na indústria, como também não vou limitar a atividade da física só à pesquisa teórica. Isso não existe, não há nenhuma universidade que faça isso. Você tem nos Estados Unidos, na França, na União Soviética, aqueles, muito poucos, que se dedicam à pesquisa e que ficam na universidade e tem aqueles que trabalham nos laboratórios das indústrias. É uma questão de medir, de se colocar fins. Se você colocar determinado fim você tem que produzir os meios.

Qual seria o objetivo da universidade, na sua opinião? A que ela se destina? O que ela pretende atingir? Que ideal de vida? Afinal qual seria a filosofia que permeia, que está subjacente ao ensino universitário hoje? Qual é a filosofia da educação da universidade brasileira hoje?

Romano - Vamos começar com aquilo que eu coloco como filosofia particular. Eu acho que a universidade é uma instituição que representa as culturas particulares de vários países a um universo. O nome dela já é: ela é uma instância de alegria do pensamento, da verdade, da beleza, tudo que é valor universal. A carta da universidade é a carta dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Identificar tudo que há de positivo na experiência humana, e quando digo humana é história da humanidade, que se divide em muitas raças, muitos credos, muitas culturas, etc. Para mim é isso. Se ela não tiver essa utopia, ela é fantásticamente horrorosa. Havia uma universidade extremamente competente na Alemanha, mas eles eram nazistas, eles negavam direitos aos pretos, aos judeus. Eles não eram universitários, eram funcionários do Estado, de um partido. Para mim é fundamental: para que haja interdisciplinariedade é necessário que haja um espírito universal, que você confie no outro. Você pega um Einstein que apreciava poesia, teologia, tocava violino, gostava de música, era um espírito universal. Quer dizer a universidade é o lugar onde há uma disciplina do espírito...

110

Onde você cultiva o espírito...

Romano - Você cultiva... não dá para pensar num indivíduo com todas as qualificações: filósofo, matemático, violonista, etc porque esta idéia de saber universal se fragmentou mas você pode pensar a universidade como o lugar que pode incentivar esta troca.

Você não toca mas escuta o outro tocar...

Romano - E escutando você aprende. Olha, na USP, até pouco tempo atrás existia uma prática saudável; você estava dando aula na graduação e colegas seus entravam na sala e ouviam a aula. Ele não se sentia diminuído por isso. Ao contrário ele aprendia aquilo que não sabia e é uma maneira de você relativizar esta especialização demasiada do mundo que é necessária. Então a partir dessa premissa você tem na universidade brasileira muitas pessoas que tem condição, mas que dada a conjuntura, as relações de interesses ideológicos, religiosos e até partidários, elas atenuam isso e acentuam as divisões. Muitas vezes interesses subalternos se sobrepõe aos interesses da pesquisa do debate do ensino. Agora como os universitários tem uma capacidade de enfeitar, diríamos como Freud de racionalizar no sentido péssimo da palavra, elas não enfrentam isso como outros profissionais enfrentam. Por exemplo uma briga numa redação de jornal é mais objetiva, a hipocrisia não funciona muito. Agora na universidade o sujeito está passando a mão no dinheiro para o seu departamento e diz que são interesses da universidade. Se precisa de mais dinheiro para as tecnológicas que isso seja falado francamente. A universidade está sendo profundamente hipócrita, ela não está encarando a realidade efetiva. Eu não vejo possibilidade de alguém ser livre num país de escravo, de alguém ser sábio num país de ignorante. Os franceses tem uma expressão que é muito interessante que é para aquele sujeito pedante: é o gênio da paróquia. É muito triste você ter intelectuais brilhantes na Itália, Estados Unidos, Alemanha, França você tem uma imprensa por mais manipulada que seja, mas existe isenção baseada no conhecimento. Aqui é uma coisa muito triste. A universidade precisaria ser muito direta consigo mesma, ela não pode pretender cumprir a função subjetiva, ela não é um partido político. A universidade não precisa salvar a sociedade.

brasileira, quem salva é a Igreja Católica, o Budismo, etc. Ela tem que produzir conhecimento para que a própria sociedade se manifeste. Um professor ao invés de dar aula de economia se ele prega a salvação da sociedade ele é criminoso. Se você não pesquisa o mínimo no seu campo, o que está fazendo? Voltando à Espinoza: a alma é a metáfora do corpo e não o corpo a metáfora da alma. Todo ano as firmas fazem fechamento para balanço. Sabe, está na hora de fechar para balanço. O que tem na universidade, do ponto de vista material - desde as máquinas até o pessoal, o que está sendo produzido, quais são as linhas verdadeiras, por que há uma linha de pesquisa que é para agência de financiamento - quer dizer vem o dinheiro mas a pesquisa não existe. Quem está de fato fazendo pesquisa? Na área de humanas é um negócio complicado. Então este é um ponto que se precisaria por na mesa. Um segundo momento é uma discussão entre os setores para ver que tipo de pesquisa está sendo feita na universidade e que tem interesse social. Quer dizer é preciso divulgar estas pesquisas para - por exemplo se no Departamento de Ciência Política está se fazendo uma pesquisa sobre a eleição ou ordenamento de eleição - ora é preciso divulgar para prefeitos, vereadores, etc. Há uma espécie de - para não macular o seu conhecimento você não entra em contato com prefeitos, etc. Ora isso é falso, se no processo de pesquisa o fato de estar ligado ao prefeito do PT desvirtua sua pesquisa, aí você está sendo desonesto. Porque se tua pesquisa prova ao prefeito que ele está errado, você tem que falar mesmo que ele fique furioso, mesmo que ele corte a verba. É preciso dizer para ele: a minha função é função de universitário. Você não pode distorcer o resultado da pesquisa para agradar o PMDB, o PT, a Igreja mas por outro lado você não pode esconder o resultado.

O que é este de da filosofia da educação? Educação já não engloba uma filosofia? Você educa para que? Você educa tendo em vista valores? Fale sobre isso.

Emmano - Quando eu fui fazer vestibular em 68 havia uma onda: você vai fazer filosofia pura? O que seria filosofia impura? Esta história de filosofia da lógica, filosofia da matemática, filosofia da educação é um processo de desmembramento dos

112

pesquisadores, das instituições que introduziram estas divisões artificiais. No caso de qualquer filosofia você não pode desmembrar a epistemologia, a lógica, a ontologia, a política e a educação. Quer dizer A República, de Platão um tratado de teoria do conhecimento é um trabalho lógico dos mais rigorosos do espírito humano e é um tratado de política e um tratado de educação, tudo isso sintetizado pela própria matéria. A Summa Teológica, de Tomás de Aquino é um tratado de educação, de religião, de lógica, de metafísica. Espinoza, meu Deus do céu, quer dizer não há um filósofo que tenha instaurado um campo de pensamento que tenha descureado a educação. No tempo moderno Diderot que é um autor que eu conheço, que eu trabalho política e educação são permanentes no trabalho dele. Assim como uma investigação sobre a ciência do saber, sobre a beleza, Diderot tem páginas sobre estética que são fantásticas. Kant trabalhou com educação, lógica, epistemologia, com crítica da religião, com política. Sartre, Merleau Ponty, Foucault, você tem aspectos educacionais, aspectos lógicos, enfim todos os grandes pensadores filosóficos, seus pensamentos se espraiam nesses campos.

São as áreas que englobam o humano?

Romano - O humano exatamente. Então eu acho profundamente lamentável que se considere filosofia política ou filosofia da educação como se fossem entidades autônomas diante da lógica, diante do conhecimento. Porque veja, até o século XVIII a filosofia emprestou a linguagem da física mecânica. Então se você pega quase todos os filósofos desse período, eles têm essa linguagem. Se você pega o século XIX eles emprestaram a linguagem da ciência biológica. No século XX você pega um autor como Elias Canetti ele convivia com físicos, ele trabalhou com físicos, etc. Massa e Poder é uma tentativa de aplicar para a sociedade conceitos da Física Quântica. Há uma espécie de tentativa de aggiornamento da linguagem. Isso não é apenas uma retórica, a filosofia é uma reflexão sobre a verdade da vida social e para que você conheça a vida social é preciso que você conheça a linguagem dessa sociedade. Assim, como para estudar um partido político ou a Igreja é preciso estudar a linguagem assim

113

também é preciso estudar a linguagem da informática, da física, da comunicação, etc. Então não há uma adesão à linguagem, uma crítica, mas uma aplicação dessa linguagem. Então esses limites resultaram muito mais num processo de pesquisa que se generalizou. Como alguns filósofos se dedicaram um pouco mais ao aspecto da educação, especializou-se uma coisa que não é especializada. Quando um filósofo vai falar de educação ele está supondo todo um processo de pensamento: artístico, lógico, religioso, etc. É uma tentativa de síntese e eu acredito que uma das tentativas de síntese mais perfeitas foi aquela feita por Hegel e depois desenvolvida por Marx: o concreto é completo porque síntese de múltiplas determinações do universo. Então você só pode pensar concretamente se tiver o prisma estético, o religioso, o econômico, o político e quanto mais você conseguir uma síntese mais você pensa o concreto.

Será que a República de Platão não é exatamente este maravilhoso e completo tratado da humanidade, de lógica, e política e educação por retratar um período da humanidade meio paradisíaca - Marx fala que os gregos representam a infância da humanidade - onde predominava uma alegria infantil como o senhor afirma no Q Conservadorismo Romântico porque as coisas estavam integradas e funcionavam de forma harmônica, ou seja as várias áreas do saber - a filosofia, a política, a religião, as artes, a poesia, a medicina formavam um todo do qual a maioria da comunidade partilhava? Ser educado era saber filosofia, ser cultivado nas várias artes e ser fisicamente saudável? Quer dizer cultivava-se o corpo e o espírito? A educação enfim era Paidéia e hoje o saber está fragmentado, ou a Grécia não era esse paraíso perdido?

Romano - Não era esse paraíso perdido não. Quando a gente se refere aos gregos na maturidade era aquela força tigresca. Eu não quero fazer um paralelo, acho que a República é isso mesmo, uma síntese artisticamente elaborada, talvez a síntese mais belamente elaborada da cultura grega e que tem valor para a cultura humana. Por outro lado a República tem sido constantemente posta como uma espécie de modelo, de arquétipo de projetos utópicos de renovação da cultura. Por exemplo não consigo pensar nos projetos de

114

renovação espiritual de Erasmo de Roterdã sem referência à República, não consigo pensar Thomas Morus sem a República, é impossível pensar nos projetos de renovação espiritual de Giordano Bruno sem a República. E chegando ao século XIX é impossível pensar num programa socialista que hoje mostra sua fraqueza histórica mas que é importante do ponto de vista do pensamento do homem, sem a República. ~~Porém~~ De certo modo Carl Popper referindo-se à sociedade aberta dos seus inimigos teria razão: todos os grandes projetos lib~~er~~itários ou autoritários de educação e política tem a República como espelho. É um certo momento instaurador. O problema que eu vejo é que nós hoje no século XX caminhamos para uma grande especialização do saber que é norma da República. A República ensina que cada um deve fazer aquilo que é seu: você tem que fazer um bom sapato. Um bom sapateiro que se mete a fazer roupas não é bom alfaiate.

Cada um deve ser bom na sua especialidade para dar como resultado um todo bom?

Romano - Para dar um todo perfeito. Ora, no nosso caso nós temos esta fragmentação e esta especialização sem a totalidade. Então a República é uma espécie de paradigma ideal no sentido exato da palavra. Veja, os franceses fazem uma distinção entre idéale e ideale. Ideale é aquilo que existe objetivamente diante da razão, aquilo que permite você traçar metas e idéale é aquilo que está na cabeça dos homens, aquilo que é subjetivo. Então do ponto de vista da competência nós temos uma espécie de adestramento da subjetividade para as competências. Então você assume que você vai ser especialista. a universidade já oferece no vestibular a cadeiazinha para o indivíduo: ele vai ser astro físico. É através de toda uma técnica de manipulação social que você ensina para o indivíduo internamente que ele vai ser aquilo. Então você ensina que ele vai ter vocação para médico. E ele, por mimesis, por imposição, por persuasão, por mil modos, até pela mídia, pela televisão, ele produz uma imagem à qual ele se ajusta, uma imagem ideal, idéale. Só que não há nenhum plano supra nacional, nem nacional que tente pensar uma totalidade. Aí há um perigo muito grande porque do ponto de vista real não existe este plano, fica

um terreno fértil para os produtores autoritários aparecerem. Então você tem educadores extremamente conservadores. Alguns beirando o fascismo que tem uma idéia de totalidade perfeitamente estabelecida e que eles querem impor ao resto. E tem outros que simplesmente proclamam que a ausência de plano é uma coisa boa, cantando louvores de uma anarquia dirigida. Porque se fosse uma anarquia anárquica aí seria até engraçado, mas não é, é uma anarquia onde você é dominado, você é conduzido para o matadouro da especialização e não tem nada em troca. Talvez seja uma frase um pouco romântica, mas enquanto por exemplo você tem um Einstein que faz física e faz música, ele toca violino e toca bem, enquanto você tem Danilo que é poeta e que conhece física, hoje você tem cada vez mais a ignorância partilhada. Você tem físicos que não querem escutar música. Do ponto de vista da circulação dos saberes quantos filósofos trabalham com teatro, quantos filósofos trabalham com poesia? Não se deve esperar que eles façam teatro como um grande ator, um grande diretor, mas que tenham amor por essas coisas. É aquilo que o Marx chama de educação dos cinco sentidos e que o Haroldo de Campos assume isso também. É necessário que a música, a poesia, o teatro, o cinema, a pintura, é preciso que tudo isso circule. E está cada vez mais difícil, é com cada vez mais esforço da vontade dos indivíduos que saem deste circuito de pré-fabricação. Fica cada vez mais diletante, mais amador, aquele coitado que trabalhando um dia inteiro vai à noite fazer música, fazer teatro, etc.

O senhor aborda esta questão da fragmentação do saber no seu livro Corpo e Cristal dizendo que "preparar o estudante sem torná-lo atento ao todo é destiná-lo, à priori, a ações compartimentadas da sociedade civil, do mercado dos escritórios, das antecâmaras palacianas. é fazer com que ele se resigne aos padrões dominantes que o cercam. Assim, longe de ser anódina a divisão do saber levada a cabo em nome da eficácia prática, só conduz a uma atitude inerte e contemplativa frente à política". Gostaria que o senhor falasse sobre isso.

Romano - Veja, normalmente apresentam esse apego ao prático quando é confundido com pragmático, mas ainda ao útil, reduzido à sua

116

dimensão mais triste: quer dizer: é útil aquilo que está no contra cheque. É tudo aquilo que permite comprar o carrão, a televisão, que o Marcuse formulou magnificamente no seu texto intitulado Unidimensional Man - o homem que perdeu esse elemento polifacetado. É por isso que eu acho que sobretudo no pensamento de esquerda na época que escrevi isso, 70, 80 se fazia críticas extremamente abstratas à formação teórica. Leitura de um texto original era visto como coisa teórica, você podia jogar fora. Não se lia Platão em grego. Não que todo mundo devesse ler Platão em grego, mas pelo menos que se leia Platão e não se leia o manual que conta em três linhas o que Platão leva dez livros para dizer em diálogos maravilhosos. Eu me lembro de uma frase de uma aluna que era representante dos alunos lá na Educação. Ela dizia o seguinte: os professores querem que nós leiamos os clássicos mas os alunos querem ser felizes. Eu disse: a felicidade é uma conquista e não sabemos se somos felizes.

Bem, aí depende do referencial, porque você pode ler os clássicos e ser feliz. Eu pelo menos sou feliz lendo os clássicos.

Romano - Há outros que ficam felizes com Sula Miranda e outros que para serem felizes ouvem Leandro e Leonardo.

Como o senhor diria que se dá o diálogo da sua disciplina com a Filosofia da Educação? Ou não existe este diálogo?

Romano - Olha, o que eu acho é o seguinte: só existe filosofia mesmo porque filosofia é um gênero literário tardio que parece ter sido inventado por Platão, tanto que não existia filosofia existia sofia. Filosofia, o nome pode ser aplicado ao estudo da linguagem, ao estudo da matemática, ao estudo da física experimental, da sociologia, enfim todo campo de produção da alma do ser humano é tema da filosofia. Então é um reino fantasticamente grande, ele tem a dimensão do tempo: do ser, do nada, da mentira e da verdade. É muito vasto e me parece que essas especificações resultam dessa divisão do trabalho e muitas vezes atrapalham a produção do pensamento e a circulação de idéias. Então o seguinte: alguém que faça filosofia tendo em vista o objeto e tendo em vista o sujeito, pode fazer de qualquer disciplina acadêmica. E quem não faz: 117

1
indivíduo pode ser teoricamente do departamento de filosofia pura e pode não fazer nada que seja válido para todo mundo. Agora eu vejo com certo receio esses rótulos: por exemplo aqui no IFCH a gente não pode levar muito à sério isso de Filosofia Política com acento em política, ou epistemologia como acento em epistemologia. Acho que tem que ser rigoroso tem que fazer filosofia política com o mesmo rigor que um antropólogo ou um sociólogo ou um teórico da política faz, mas acho que há uma especialização da filosofia que é essa preocupação com a integridade, com a verdade e com a beleza de um discurso. O que eu gosto do humanismo é justamente a valorização do ser humano e da cultura, ser afinado com os últimos valores, aquilo que é mais elevado. Então eu tenho medo quando se fala em filosofia da educação porque se tende a dizer que ela é um campo autônomo e separado do campo filosófico.

Qual é a sua visão de educação no Brasil hoje? Quais seriam as grandes contradições enfrentadas pela educação brasileira?

Romano - O principal problema que eu vejo é a falta de modelos éticos que conduzam a politização do Estado, e a conduta dos próprios educadores. Com o fim do socialismo a crise nas instituições católicas e religiosas e com a incerteza do liberalismo não temos mais a militância no trabalho educacional. Acredito que educadores e Estado não tenham uma atitude de crença na educação, há uma espécie de desânimo geral que acompanha a crise ética brasileira com implicações amplas. E no caso da educação é extremamente desastrosa. Antigamente se tinha liberais que brigavam com conservadores, que brigavam com os marxistas, enfim havia uma polêmica acesa entre as várias correntes de pensamento. Hoje há um nihilismo de valores o que leva a esta apatia geral.

Qual seria a saída?

Romano - Seria necessário como diria Nietzsche uma transvalorização dos valores. É necessário que haja um sentido político, que se produzam palavras novas que não sejam simples palavras de ordem, mas palavras que tenham realmente sentido, dimensão social

118

O senhor diria que há uma integração das diferentes áreas do saber hoje na universidade brasileira? Se não, o que fazer na sua opinião?

Romano - Existe, mas de uma maneira não planejada, empírica, aleatória. Seria necessário justamente que os professores, e os responsáveis junto às autoridades do Estado encaminhassem planificações com base no trabalho real e não simplesmente em modelos baseados em abstrações.

Haquira Osakabe nasceu em Ribeirão Preto, lecionou literatura em São Vicente, formou-se em Letras pela USP. Em 69 foi para a Europa fazer seu mestrado em Linguística na Universidade de Besançon, já contratado pelo IEL da Unicamp, onde começou a lecionar a mesma disciplina em meados em 71. Seu doutorado iniciado na Unicamp foi completado nas Universidades de Vincennes e em Nanterre, na França. Frequentou a Universidade Clássica de Lisboa e Centro de Linguística de Lisboa, à nível de pós doutorado e esteve como professor convidado na universidade de Georgetown em Washington. Foi chefe do Departamento de Teoria Literária, coordenador de graduação do IEL e coordenador de pós graduação de Teoria Literária. Atualmente é professor adjunto do IEL e termina seu trabalho sobre o Santo Graal que pretende publicar proximamente e inicia novo estudo sobre o poeta português Fernando Pessoa.

Inicialmente queria saber a sua formação. Você nasceu onde? E estudou?

Osakabe - Eu nasci em Ribeirão Preto fiz até o secundário lá e fiz Escola Normal e fui lecionar em seguida. Naquele tempo o governo dava o que eles chamavam de cadeira prêmio e escolhi São Vicente. Isso foi em 1960 e trabalhei em São Vicente e na Praia Grande durante cinco anos. Ao lado desta função de professor primário eu dei aulas já no Colégio Estadual de lá. Naquele tempo era permitido... onde não houvesse Faculdades de Filosofia, o colégio podia contratar professores...

Sem a formação universitária?

Osakabe - E foi nisso que eu comeci já propriamente a trabalhar com a área de Português, literatura.

Então muito novo? Quantos anos?

Osakabe - Com 20 anos, 21 anos. Ai depois é que eu fui para São Paulo fazer faculdade. Até 65 eu fiquei lá em São Vicente e em 66 eu fui para São Paulo e fiz a USP, fiz Letras na USP que fui terminar em 69. E de 69 em diante eu fui convidado pelo Fausto Castilho e por indicação do professor Audibert eu assinei contrato com a Unicamp e fui direto para a Franca fazer mestrado em linguística. E lá fiquei 70 71, voltei em meados de 71 para assumir já no curso de linguística da Unicamp.

Mas a tua área é literatura não é? E a linguística como entrou na tua vida?

Osakabe - Eu sempre gostei muito de literatura. Eu tinha muita afinidade com a área de língua e literatura. Durante o período em que vivi em São Vicente eu tive um acesso muito grande à literatura portuguesa. Eu tinha uma colega lá a, Sara Capelari, que tinha uma biblioteca muito boa de literatura portuguesa. E eu tive muita afinidade com esta literatura nessa época. Bom eu fiz todo o curso de literatura na USP onde havia ^{um} curso muito forte de literatura espanhola, teoria literária e justamente a literatura portuguesa não era o forte. E havia também um estímulo na área de

linguística com o Isidoro Blustein e por conta disso de alguma forma eu fiquei um pouco sensibilizado para a área, mas eu sabia que meu caminho não era a linguística. Mas como o Fausto Castilho me convidou para trabalhar no Instituto de Linguística...

Que estava começando?

Osakabe - Que estava começando... eu conversei com ele e disse que estaria disponível a trabalhar na área de linguística mas com o tempo eu voltaria para a literatura. E foi o que eu fiz. Eu acabei fazendo uma carreira inteira na linguística mas sempre pensando que um dia eu voltaria para a literatura.

Você trabalhou com que exatamente na linguística?

Osakabe - Eu trabalhei com Análise de Discurso que é a área mais próxima da literatura, bem próxima do texto.

Eu acho bem estimulante.

Osakabe - É bem estimulante, eu gostei mas já nos últimos anos eu sabia que meu interesse já não era um interesse de um linguísta. Você sabe que você já não está mais na linguística. Os fenômenos da língua me atraíam eram mais de ordem literária. Eu fiz a tese sobre o discurso político de Getúlio Vargas e trabalhei sobre os fenômenos de argumentação. Isso ainda é linguística.

Esta foi sua tese de?

Osakabe - De doutorado. A tese de mestrado foi um exame dos métodos de análise de discurso. E depois eu fui para a prática, fazendo análise de um discurso com um fenômeno específico que é o fenômeno da persuasão.

Você fez o doutorado onde?

Osakabe - Foi escrito aqui mas preparei na França. Eu fui fiquei um tempo voltei e na época de escrever a tese voltei e fiquei nas bibliotecas pesquisando.

Em que universidades você ficou?

Osakabe - Na primeira vez eu fiquei em Besançon e depois fiquei um

tempo em Vincennes. Na segunda vez fiquei entre Vincennes e Nanterre. Depois da tese de doutorado eu passei a me interessar em termos de objeto de trabalho por Hai ~~Kais~~ feitos pelos imigrantes japoneses aqui no Brasil e outro era o discurso literário feminino mais especificamente o discurso literário feminino onde eu tinha o ponto forte de reflexão a poesia da Adélia Prado. E as questões que me interessavam mais já não eram de ordem linguística, já eram de ordem literária. Tudo aquilo que eu já formulava enquanto questão já não era um problema de ordem...

... Meramente de linguagem.

Osakabe - Exatamente. Então eu passei por um período de crise tentando me reorganizar. Eu sentia que a minha disponibilidade para a linguística já havia terminado, eu tinha que me reorientar. Foi quando retomei de alguma forma aquela advertência que havia feito para o Fausto Castilho que eu voltaria um dia para a literatura.

Gostaria que você falasse sobre a diferença entre um enfoque linguístico de abordagem de um texto e um enfoque literário.

Osakabe - O enfoque linguístico é na área do que a gente poderia chamar de sistema. Tem a possibilidade de ser descrito, objetivando através de certos mecanismos formais bem explicitáveis.

Sistema de?

Osakabe - O sistema de língua que pode ser objetivado e que portanto não exige do sujeito mecanismos suplementares de interpretação. Ou seja você obtém resultados que poderíamos dizer computáveis. Enquanto o enfoque de ordem literária, pode até supor em enfoque de natureza linguística, mas sempre incide sobre problemas que supõem uma carga interpretativa mais forte. E aí entra a sensibilidade, a percepção estética. Quer dizer o enfoque literário por mais objetivável que ele seja, está sujeito a uma carga de interpretação que na linguística é deixado de lado. Então meu interesse a partir de determinado momento era muito mais pelos problemas de interpretação do que propriamente de descrição nesse sentido. 123

E como foi seu próximo passo? Foi dar aulas de que?

Osakabe - Aí já comecei a dar aula exatamente de literatura portuguesa que eu gostava e agora com novo know how e a exigência que o próprio trabalho em linguística me deu e onde eu havia amadurecido certos critérios de avaliação. E a partir daí eu comecei a trabalhar bastante sobre dois projetos paralelos: um que é de ordem bem individual que é dentro da Idade Média e outro que é um projeto de literatura já na passagem do século XIX para o século XX. Quando eu passei para a literatura eu tive a idéia de tentar pegar um determinado objeto que me forçasse uma série de reflexões bem abrangente dentro da cultura portuguesa e fui fazendo várias leituras de poetas.

Quem exatamente?

Osakabe - O primeiro curso que eu dei foi de certa forma uma retomada da Idade Média e vinha até os contemporâneos que era sobre a A Mensagem de Fernando Pessoa. E este curso na verdade deu uma certa inspiração. Porque veja bem, ao mesmo tempo que ele é muito século XX ele é muito Portugal arraigado e é muito também a tradição medieval. E eu acho que inconscientemente ele me deu o objetivo que eu queria, aquele que irradiasse questões e que fosse duradouro. Então de repente eu me vi diante de várias possibilidades: de uma obra de um Vieira, de um Camões até que eu cheguei na Idade Média onde uma novela me chamou muito atenção que é, a novela que é a versão portuguesa da Demanda do Santo Graal. Eu disse está aí um objeto que é interessante porque é um texto que teve grande repercussão naquele período e que tem repercussão até hoje tanto que Fernando Pessoa retoma questões do Graal. Eu fiquei namorando esta novela e desenvolvi um trabalho que estou terminando agora: que é o papel que esta novela exerceu no momento em que ela emergiu na cultura portuguesa. Eu vou fechar agora um trabalho de umas cem páginas onde eu chego a algumas conclusões.

Mas vamos retomar lá em cima, falando mais do curso.

Osakabe - Eram poucos alunos e fizemos uma leitura praticamente de poema para poema de todas as indicações de cada poema. Depois eu dei outro curso sobre este período que vai do Renascimento até o

Arcadismo,¹ questões básicas do Renascimento projetando-se até o século XVIII.

E você tem alguma coisa escrita sobre estes cursos?

Osakabe - Eu anotava tudo mas escrito mesmo é só um artigo sobre o Fernando Pessoa e a Tradição do Graal. Mas o curso que frutificou como objeto de trabalho foi este sobre a passagem do Simbolismo ao Modernismo, porque vai de Antero de Quental até Fernando Pessoa. Eu pensei a crise portuguesa que a geração de 1870 teve em Portugal e os projetos de reconstituição propostos pela própria geração de 70 e depois pela de 90 e finalmente pela de Orfeu que é de Fernando Pessoa. Então este curso acabou frutificando porque vários alunos se propuseram a fazer projetos de mestrado e eu tenho orientandos trabalhando com autores com Antero, Cesário Verde, Teixeira de Pascoaes, Antonio Patricio, Fernando Pessoa. Então este trabalho acaba gerando frutos em relação a toda a reflexão que eu faço lá atrás sobre a Idade Média.

Qual é a grande questão que você coloca?

Osakabe - A grande questão é a imagem de Portugal, a questão da identidade e que na verdade está por baixo do meu trabalho sobre a importância do Graal na Idade Média.

E porque está por baixo?

Osakabe - Um dos grandes heróis que o Fernando Pessoa toma como símbolo além do São Sebastião é o Nuno Álvares. E como ele cria o Nuno Álvares como uma espécie do próprio Rei Arthur. Então você toma essa imagem do Fernando Pessoa e leva esta imagem para as crônicas medievais. Então você pega a crônica do Dom João I do Fernão Lopes e vê como ele constituiu a figura do Nuno Álvares. A figura do Nuno Álvares de fato tem essa coisa muito arturiana, cavalheiresca, ela tem debaixo disso ela é toda plasmada sobre o herói do Graal que é o Galaaz. Há um momento em que o Fernão Lopes diz que ele diz aos pais que não pretendia se casar porque pretendia se manter virgem como o Galaaz. Então é um herói digamos criado à maneira portuguesa mas plasmado sobre uma tradição, não apenas cavalheiresca mas mítica. Então estas questões que se

levantam no período tão contemporâneo já do século XIX e XX remetem a questão da nacionalidade, e da imagem que Portugal faz de si e de seus próprios heróis que estão constituídos na Idade Média. Porque os portugueses são muito recorrentes nesta questão, por exemplo o Eça de Queiroz quando vai falar sobre esta geração de 70 falando do Antero de Quental ~~mas~~ ele chama o Antero de Quental de Galaaz. Então você vê que têm este padrão é de uma literatura cavalheiresca mas é também de uma, literatura mística, que é exatamente a cavalaria do Graal ~~que~~ ^{Vieira} repercute como valor. É a hipótese básica que eu tenho e que não é nenhuma novidade. Está muito colocada naquilo que o Pessoa já formulou é que a imagem de Nação que Portugal tem que não é nem um pouco recente que é a imagem política que Portugal tem de si próprio. Na verdade esta imagem está plasmada nessa conjunção de coisas que são da ordem da polis e aquilo que é da ordem do mito. Toda a concepção política de Portugal é uma concepção ao mesmo tempo mítica e política.

E esta concepção é alguma coisa peculiar de Portugal? Você vê alguma coisa neste sentido na concepção de cultura de outros países?

Osakabe - Neste ponto é peculiar. Talvez você tenha alguma coisa neste sentido na Alemanha - a concepção da mística germânica que o Wagner estava retomando. Então você vê, os três grandes intelectuais portugueses que são Camões, Vieira e Pessoa todos eles se ligam nesta tradição mística, numa tradição profética.

E você tem estudado o Camões e o Vieira?

Osakabe - Tenho e o estudo deles é quase como uma necessidade colateral.

Para conferir?

Osakabe - Para conferir.

Há quanto tempo você está na Unicamp?

Osakabe - Vinte e dois anos.

126

Você viajou nesse tempo?

Osakabe - Viajei. Em 82 eu fui para a França, quando eu concluí na verdade aquilo que eu tinha de análise do discurso. Foi a minha passagem de uma coisa para outra. Depois eu passei uns dez dias em Portugal frequentando a Biblioteca Nacional onde eu peguei material sobre este curso de Fernando Pessoa.

Você nunca pensou em morar em Portugal?

Osakabe - Pensei. Aliás estou neste momento com uma visitante portuguesa aqui no Brasil que é a Tereza Sobral Cunha que veio terminar o livro que ela está escrevendo sobre o O Livro do Desassossego, do Fernando Pessoa. E agora ela vai fazer o Alberto Caieiro. Mas enfim eu voltei para lá em 86 e passei três meses na Biblioteca e levantei bastante material para trabalhar sobre esta questão histórica, sobre o período em que aparece o Graal em Portugal, examinei a tese mais forte digamos sobre o período em que a novela é introduzida em Portugal que é a tese do Castro. Depois na coleta dessas informações levantei uma série de documentos paralelos sobre o período dos frades franciscanos que segundo algumas hipóteses teriam sido os patrocinadores da versão portuguesa sobre a Regra Cisterciense que segundo a outra versão seriam os patrocinadores dessa primeira versão e assim por diante. Agora segundo a minha interpretação eu acho que quem patrocinou de fato a versão portuguesa da Demanda do Santo Graal foram os monges Cister.

Por que você acha isso?

Osakabe - Porque toda a estrutura da obra e toda a valorização da obra tem a ver com a mística de Cister então isso ~~me~~ fez com que eu estudasse um pouco mais a obra de São Bernardo e também tive que estudar um pouco mais o franciscanismo para ver porque que era e porque que não era. E também tive que comparar um pouco a mística de São Bernardo e a mística renana do Eckhart, Guse.

Você é místico?

Osakabe - Não sei, talvez eu tenha um pouco de vocação. Então a 127 última viagem que eu fiz foi para Washington. Eu fiquei lá um ano

aliás e fui convidado para ser professor visitante e para mim era uma grande oportunidade porque lá tem a Biblioteca do Congresso, fora a biblioteca da universidade que tem uma parte teológica que é paralela da Universidade Georgetown que é a universidade jesuíta. Então eu pude estudar nesse ano todos os místicos, botar em ordem esta parte. E este ano estou estudando mais para valer as crônicas do período português, a obra dos historiadores, dos primeiros historiadores como Fernão Lopes, Rui de Pina e o Gomes Eanes Zurara como eles plasman a imagem da Nação, a imagem de herói e assim por diante e como isso tem a ver com a mística. ~~mas~~

VA

Você deve ter tido contato com muita gente lá em Portugal ligado a esta problemática. Cite algumas.

Osakabe - Ah sim foi uma viagem muito interessante porque como o tema é muito vasto, complicado, o Graal, eu fiquei muito ligado em algumas pessoas. ^{um} deles é um grande pensador místico, grande pesquisador dessa faceta mística do Fernando Pessoa que é o Teixeira da Mota. Ficamos juntos o tempo todo lá e ele me levou para conhecer alguns lugares em Lisboa e me apresentou a uma grande mística portuguesa que é a Dalila Pereira da Costa que mora no Porto, que é realmente extraordinária.

E o que ela fala que te tocou mais?

Osakabe - O que me tocou mais é sobre o mundo contemporâneo, essa disputa do homem com Deus. E isso realmente veio sobre uma reflexão que ela fez sobre o Brasil. Ela morou no Brasil durante algum tempo e fala que a prática religiosa brasileira é excessivamente mágica e que isso é muito perigoso. E que o homem brasileiro disputa de alguma forma a posse das energias. Ela acredita que a via mística por excelência abdica da posse das coisas. Então você não pratica a magia, você pratica a mística. E ela acha que a via brasileira é muito perigosa. Isso me deu realmente o que pensar. Ela disse: você imagina o que significa para a história do homem o fato dele ter domado as energias - a energia elétrica ou a energia atômica. Veja o que se passa a partir daí - é uma história irreversível de desgraças. E além de

128

Nalila conheci uma grande poeta portuguesa, maravilhosa e é uma mística extraordinária que é a Flávia Hesse Pais Brandão.

E você termina isso quando?

Osakabe - O estudo eu termino até o fim do ano e depois eu escrevo, mas vai ser rápido porque eu já fiz vários relatórios e está quase tudo elaborado.

Você não tem nada publicado?

Osakabe - Só artigos. Eu escrevo pouco sobre o assunto específico.

Você não tem preocupação de gravar suas aulas?

Osakabe - Antes eu escrevia até a aula inteira, mas depois eu passei a fazer esquemas e deixar a aula mais livre. O último curso que eu dei e que vou repetir agora no segundo semestre para o qual estou me preparando há uns dez anos que é sobre o Fernando Pessoa, um curso bem extenso com uma bibliografia enorme e que vai ser no segundo semestre. Este ano estou dando um curso sobre o mito da Inês de Castro, são as várias versões da história da Inês de Castro. No segundo semestre vai ser este sobre Pessoa e até lá deve ter saído o livro da Tereza Sobral Cunha que deve sair até junho, julho. Ela está trabalhando loucamente, mas já veio com tudo pronto só veio mesmo para acabar os últimos retoques, sair do ambiente dela lá.

E fazer uma pesquisa deste tipo aqui no Brasil, de origens, de detectar a alma brasileira etc. você nunca pensou em fazer?

Osakabe - Bom este amigo o Pedro Teixeira Mota tinha vontade de vir para cá para fazer alguma coisa deste tipo.

Agora a situação de Portugal atual como você vê, a entrada da Comunidade Européia e este episódio recentemente ocorrido de turistas brasileiros barrados no aeroporto, enfim esta mudança de postura de Portugal em relação ao Brasil?

Osakabe - Bom eles, as pessoas mais informadas sabem que essa combinação de Portugal com os países europeus está acabando com a agricultura portuguesa. Se o agricultor deixar de colher o fruto

da oliveira durante um ano ela recebe um X do Mercado Comum, para não produzir. Aquela que não tivesse o cordeiro da mesma forma.

Para aumentar o preço, ou seja cair a produção, leis do mercado, da oferta e procura...

Osakabe - Tonéis de vinho estão sendo jogados fora. Na França também, os pescadores do Norte da França outro dia se rebelaram contra os preços afixados por conta exatamente do mercado. Enfim eles temem que isso acabe com a identidade de Portugal.

No seu livro A Nau e o Graal, Dalila Pereira da Costa, autora portuguesa, analisa justamente os dois símbolos máximos da nação portuguesa, a partir de inscrições descobertas por ela na fachada de igreja matriz de Vila do Conde. A certa altura ela diz que estes temas do vaso, ou do cálice e do barco, foram conservados incólumes na consciência duma comunidade e formulados em moldes perenes pela voz e ação de suas elites, tal como testemunham a cultura e a história lusa. E que ainda, nesta nação, a Demanda do Santo Graal ou Navegação de São Brandão, aventuras eleitas farão parte de um mesmo todo, de um mesmo processo espiritual e que os Descobrimentos tais como estas duas aventuras teriam sido ou fariam parte de um ritual iniciático. E que entre ambos se adivinhará o elo comum que as une e que será o elemento mítico, sagrado por excelência da pátria lusíada: a água, o mar. Gostaria que você falasse sobre esses dois símbolos: a nave e o cálice e como você vê a continuação desta aventura com a descoberta do Novo Mundo. O que significa a descoberta da América neste contexto iniciático?

Osakabe - Podemos considerar o seguinte, segundo a leitura de uma tradição mesmo que vem pensando o ponto de vista místico da história portuguesa, as navegações devem ser vistas segundo alguns tópicos bem importantes. Em primeiro lugar se deveria se destacar tudo isso inscrito na própria avaliação da cultura portuguesa. Em primeiro lugar temos a questão do espaço, que é o espaço mítico português. Eu me lembro de uma referência de Jacques Le Goff onde ele diz que todas as culturas, todas as idades tem seu espaço mítico e tal como no Antigo Testamento o grande espaço mítico é o

130

deserto - que é a reflexão, o isolamento, a contemplação de Deus. Para os medievais o grande espaço mítico passa a ser a floresta, não apenas habitada pelos bandidos, pelos salteadores, pelo mal de alguma forma, mas é o ponto de surpresa onde é possível se encontrar o bem. Então por exemplo toda a demanda do Santo Graal é feita no interior das florestas. São florestas e florestas até chegar ao tal Graal. E todos os grandes contos medievais sempre tem uma floresta. Agora no caso da cultura portuguesa o grande espaço mítico será o mar. Agora o que significa o mar? O mar é a possibilidade do alcance do infinito. E a gente vê que todos os grandes pensadores da cultura portuguesa exaltam exatamente este significado do mar. Agora no interior desta disponibilidade deste espaço do mar para o infinito tem a idéia da viagem como iniciação, ou seja, toda a tradição mítica das viagens. Eu acredito que o historiador que mais indicou coisas neste sentido seja o Jaime Cortesão, as navegações ao lado de terem sido feitas por um impulso pragmático elas também foram impulsionadas culturalmente por esta vontade do infinito.

Busca do paraíso...

Osakabe - Busca do outro lado. Aí valeria a pena pegar para entender o que significa a Descoberta de América o próprio relato que o Vasco da Gama faz. Os navegadores tem que superar as várias provas.

O Cabo das Tormentas...

Osakabe - Sendo a prova fundamental o Cabo das Tormentas, mas na volta eles são premiados, não apenas com o retorno à Pátria mas com uma Pátria simbólica que é a Ilha dos Amores. O que vem a ser a Ilha dos Amores senão a elevação do povo português, dos navegadores ao plano mítico mais elevado, como se de alguma maneira eles, passada as tormentas eles fossem de alguma forma considerados como purificados para usufruir de uma espécie de paraíso. Bom eu acho que isso pode ser projetado para a interpretação de todas as navegações.

Gostaria que você falasse sobre o significado maior mesmo deste

131

fator Portugal afinal um país pequeno da Europa e não tão poderoso quanto outros, Inglaterra por exemplo ou França, enfim como exatamente ele vai ser o descobridor de um país como o Brasil. Enfim Portugal e Espanha descobrindo o Novo Mundo, as Américas ainda que a Espanha na época fosse poderosa. Fale sobre isso.

Osakahe - Acho que há uma coisa para se considerar especialmente no caso do Brasil e sobretudo isso tem a ver com a mística dos portugueses de alguma forma que a gente poderia atrelar à grande missão portuguesa que é o seguinte. Quando Camões diz que os "portugueses vão dilatando a fé e o Império", uma das grandes missões dos portugueses é a dilatação da fé. Agora em que sentido se dilata a fé para os outros povos? Ela se coloca não como extensão do poder propriamente material, mas como extensão do poder espiritual que transcende os portugueses. Vieira neste sentido vai falar de uma coisa muito importante que é sobre a grande missão que Portugal teria em relação ao Brasil, na catequização dos índios. A que vinha isso ela vem no sentido da conversão propriamente dita, ela vem implantar uma idéia que transcende a materialidade, os interesses materiais da colônia para ser um produto mais acabado do processo da cristianização. Neste sentido todas as lutas valem a pena, e neste sentido a gente teria que fechar a iniciação num ponto de vista mais restrito. A vinda dos jesuítas para as Américas, a instalação das missões, o enfrentamento das dificuldades corresponde digamos a uma espécie de missão portuguesa, e neste sentido é importante - enquanto o povo eleito do Novo Testamento. Portugal não é apenas um povo cristão entre outros povos cristãos, mas segundo a percepção de Vieira e segundo uma tradição que já vem da Idade Média, Portugal seria o correspondente ao povo eleito. Então a gente teria que pensar digamos as navegações tanto do ponto de vista da mística cristã que Portugal é o povo eleito do Novo Testamento e da mística esotérica ~~em~~ que Portugal é um posto avançado da mística da Grande Vida Espiritual. Ou seja de qualquer ponto em que você enxerga ele é o eleito. Aí valeria a pena a gente pegar esta questão da mística esotérica, da busca da Verdade que é o seguinte: por isso que eu digo que as coisas vão bater. O Vieira de um lado postula para o povo português esta identidade de povo

132

eleito, aquele que vai sagrar a Nação à grande comunidade cristã. Por outro lado o próprio Vieira tem nos seus escritos mais obscuros, proféticos, em que ele vai colocar um pouco na linhagem do V Império que é uma linhagem não ortodoxa, na verdade heterodoxa. Desde a tradição judaica existe a previsão que a história humana se executará através de cinco grandes impérios. Há várias interpretações. De qualquer forma o grande império espiritual ainda estaria por ocorrer e este seria o quinto Império. A grande questão é que Portugal é a sede do quinto Império. Daí a coisa fica confusa porque se a crença no quinto Império é uma crença não cristã de alguma forma, e por outro lado o Vieira postula Portugal como povo privilegiado. Agora você pode acreditar que a coisa não é contraditória porque de qualquer maneira Portugal seria a sede dessa nova impregnação histórica que estaria por acontecer. O que está vaticinado no destino novo que seria o destino português? Este novo império será um império espiritual que buscará, segundo toda a tradição heterodoxa, nela incluído Vieira - que se instalará num outro plano da história que seria o plano da espiritualidade pura. Então toda esta coisa Caldeirão arcaico, o Graal, simboliza essa grande passagem. Então o que os portugueses fazem quando eles estendem a fé e o império? Eles estendem de alguma forma a possibilidade dessa grande espiritualidade que estaria ocorrendo de que o Brasil seria um ponto máximo por causa da língua. Então o Fernando Pessoa quando vai falar sobre as grandes condições para a instalação do V Império ele vai falar que deveria ser uma língua com sintaxe semelhante à língua portuguesa.

No mesmo livro a Dalila Pereira da Costa diz que foi no Brasil que se manifestou a mais potente forma de sebastianismo do século XIX e este ainda como uma das suas mais potentes formas de todos os tempos e na sua dupla forma: de messianismo e profetismo. E que foi ainda nesta terra que, após meio século de ocultamento, no justo ano de 1944, pelas mãos de Auguste Magne, a Demanda do Santo Graal viu de novo a luz do dia. E que foi também aí que neste mesmo século surgiria uma das mais perfeitas ressurgências em forma de romance do sebastianismo, no romance da Pedra do Reino de

133

Ariano Suassuna e da Demanda do Santo Graal, de João Guimarães Rosa. Neles novamente jagunços tais como outros cavaleiros do Graal, perseguirão a "besta ladradora" cêrboro infernal, na figura do Hermógenes para instauração sobre a terra dum mundo livre do mal, puro." Ela conclui dizendo que se pode ver esta história do sertão brasileiro como o feito de um "terreal vingador" que como na história do Imperador Vespasiano, "foi vingado, a morte e a paixão de Jesus Cristo". Gostaria que você comentasse essas afirmações da Dalila.

Osakabe - Justamente neste escrito medieval anônimo, ninguém sabe de quem é, a gente tem um dos relatos da reaparição do cálice sagrado. Eu acho que foi Robert de Borron que retoma todo o percurso do Graal tentando remontar até a idade de Cristo ele pega essa história do Imperador Vespasiano

Escuta, a vinda de Cristo, enfim sua vida, paixão e morte não seria o fim da Demanda do Santo Graal?

Osakabe - Acontece que segundo a perspectiva heterodoxa, a missão de Cristo é semi falida. A humanidade não realizou os desígnios espirituais para o qual veio.

Mas isso não seria realizado ao longo do tempo?

Osakabe - Na verdade ela está realizando através da busca. Qual é o objetivo que na verdade significa a continuidade desta busca? O cálice sagrado. Nesta interpretação, o Cristo veio instalar um novo império que não foi instalado. A grande questão está aí: Cristo veio e realizou parte do que Ele tinha que realizar. Então a busca continua. E o que simboliza isso: O cálice desaparece na história de Cristo - segundo as versões heterodoxas, o cálice num dado momento sumiu. Ele faz este percurso: José de Arimatéia leva o cálice na direção do Ocidente, ele vem até a Bretanha, passa por Roma e vai até a Bretanha. A Demanda do Santo Graal começa quando na Bretanha ele teria desaparecido. O Rei Arthur ordena justamente a busca do Graal porque sem o Graal o seu reino está totalmente falido. Nós herdamos dos medievais esta grande expectativa que é de buscar essa possibilidade do eterno, o espiritual, simbolizada no Graal. Por isso que eu digo, esta perspectiva não é cristã.

139

porque o Cristo não é o todo poderoso que veio e resolveu de alguma forma o enigma da humanidade e que devolveu para ela a expansão da felicidade. Nesta perspectiva o cristianismo é uma nova possibilidade, mas uma possibilidade que você herda mas não é definitiva.

Sim, agora você poderia falar sobre o Brasil?

Osakabe - Isso tem a ver com a expectativa dos grandes esotéricos portugueses e brasileiros para que de alguma maneira se monte este grande império espiritual unificado pela língua portuguesa. A Dalila vai tentar localizar alguns sinais na própria história brasileira: Canudos, Padra do Reino que na verdade é uma retomada da Demanda e o Grande Sertão: Veredas. Aí você tem alguma coisa interessante que se liga um pouco com aquilo que a gente já falou. Só que, enquanto para os portugueses ao longo do século XVI sobretudo todo o mistério se passa no grande espaço que é o mar, para nós se passa no sertão.

Que é de novo o deserto?

Osakabe - Exatamente, o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão.

Mas você disse que está terminando agora um trabalho que desenvolve há dez anos sobre a repercussão que teve a novela A Demanda do Santo Graal na cultura portuguesa desde o momento em que ela ~~se~~ imergiu. Quais seriam estas conclusões?

Osakabe - Há uma coisa cíclica aí interessante. Mas veja, os cronistas que são aqueles que de alguma maneira vão plasmando para as inteligências portuguesas a figura da Nação e dos seus heróis fazem isso dentro de uma visão que é absolutamente mítica. Qual é o grande herói nacional português que a Idade Média consagra? É o Nuno Álvares Pereira que é uma cópia do Galaaz, você tem no início de Ávis, a construção definitiva dessa imagem portuguesa você tem Dom João, que é um mestre místico, mas você tem também a figura de Dom Duarte que é um rei pensador, quase que abre mão de ser monarca constituído, para ser monarca real. Tudo isso é muito particular na configuração dos primeiros anos definitivos, e

135

a casta de Avis ao ponto que é definitiva na configuração de fisionomia portuguesa. Este pensamento místico-mítico de alguma maneira vai se projetar em Dom Manuel como no último dos reis da dinastia de Avis que é Dom Sebastião, que é o ponto maior dessa história mística toda. De alguma maneira esta visão mística que é plasmada ela chega no máximo com Dom Sebastião. Então você tem os historiadores plasmando os grandes monarcas a visão de Estado e a história plasmando um Dom Sebastião. Ele é a cristalização...

... Do grande herói mítico?

Osakabe : ... em torno deste herói é que vai ^{ser}gerar toda a cultura portuguesa. É fundamentalmente sobre isso é que eu estou trabalhando. Não é sobre a Demanda especificamente mas tomando a Demanda como uma espécie de matriz.

No seu artigo sobre Fernando Pessoa você diz que ao invés de significar a passagem da vida terrena para a celestial, o Graal significa em Fernando Pessoa um princípio de possibilidade de uma Nova Era dentro da história de um povo num momento de uma nova eucaristia, da confraternização que irá redimir o mundo dividido. Você poderia explicar estas duas visões, a de Fernando Pessoa e a da primitiva narrativa medieval?

Osakabe - Vamos começar com a visão de Fernando Pessoa: a história muda de qualidade. Não é que você vai trabalhar só no terreno de uma história espiritual. Na verdade a história espiritual é uma decorrência da própria história atual. É ao mesmo tempo uma história espiritual e uma história terrena. Vai se passar aqui e não no outro plano. No pensamento de Pessoa a Nova Era será uma era em que a distinção desaparece

No seu projeto de pesquisa a Demanda do Santo Graal e a Cultura Medieval Portuguesa você diz que é possível se pensar na hipótese desta novela ser uma espécie de cristalização de um momento literário privilegiado em que pela primeira vez de modo completo se conjugam em nossa língua duas vertentes míticas que vão ter aparições intermitentes em todo o percurso da cultura portuguesa: a da peregrinação ao divino e a da esperança de um retorno à Idade

136

Mítica. Você poderia citar outros textos de outras culturas que sejam congêneres.

Osakabe - Por exemplo você tem a lenda da Navegação de São Brandão que corresponde em princípio a este impulso da busca. Só que enquanto na Demanda você tem a floresta, na Navegação você tem o mar. E na Navegação em vez de eles irem buscar o cálice sagrado eles vão buscar o paraíso terreal.

Mas de que cultura é a Navegação de São Brandão?

Osakabe - É da cultura irlandesa, de origem celta. E também tem uma outra lenda interessante que é a Lenda de Santo Amaro que é ele buscando o paraíso terreal e também é celta. Na verdade todas essas são de origem celta porque a Demanda também é.

E a Lenda de Santo Amaro é encontrável?

Osakabe - Só há uma edição breve, portuguesa, que foi feita no século XVI. Mas eu só tenho xerox. A Navegação tem uma versão espanhola que é mais conhecida.

Você diz ainda que na versão de Gauthier Mapp a novela encerra-se com a morte de Galaaz e a subida do Graal aos céus, ao passo que na versão portuguesa acrescenta-se a esse final a narração das desventuras do reindo de Logres, as dissensões, as desgraças de Lancelot e Arthur e finalmente o episódio da devolução da espada às águas. Nesta construção da novela em duplo final, um significado novo se surpreende: a devolução de Excalibur remete não só ao fracasso do destino de Arthur, mas à reposição, apesar da visada cristinizante, da perspectiva milenarista. "Se o Graal desaparece", você diz, "significando dentro do cristianismo uma graça impossível ao século, a espada devolve às águas não como manifestação de um impossível definitivo, mas como o retorno à expectativa de um novo Arthur, logo, de uma Nova Era". Você conclui que este duplo final funciona como o retrato inequívoco das duas tendências espirituais em litígio neste período da História. Galaaz o herói de Cistér é contemplado com a vida eterna ao passo que à Arthur o herói pagão, cabe cumprir o ritual de retorno. Se com a morte de Arthur e a devolução da espada, o reino deste mundo

137

terá de esperar por outro rei, não tão experiente quanto Galaaz nem tão humano quanto Arthur. Você poderia traduzir isso: Não tão perfeito quanto Galaaz e nem tão humano quanto Arthur?

Osakabe - No fundo você pode pensar o seguinte: a mística radical de Cistér, colocando o Galaaz como herói e no fundo como herói que morre é uma crítica dos destinos terrenos do homem. Acontece o seguinte: quando, por via da tradução o tradutor junta, termina com a ida de Galaaz para o céu, e continua a luta terrena, o Lancelot contra o Arthur, depois a morte do rei Arthur e o episódio das espadas, o que ele faz? Ele fala o seguinte: na visão cristã o Graal não é possível, mas há uma outra visão que é a espada devolvida às águas e fica-se esperando - o rei Arthur vai para Avalon - e fica-se esperando a sua ressurreição, quer dizer ele é um rei não morto, mas adormecido. De alguma maneira é como se fosse assim: Se o Galaaz sumiu fica ainda a possibilidade de um retorno. Só que o retorno será de um rei Arthur não será de um Galaaz.

No plano simbólico o Galaaz é humano ou deus?

Osakabe - O Galaaz é quase que um deus puro. E ele não pode voltar porque o deus puro é impossível para o ser humano. O que vai voltar é o ser humano purificado.

E também o Cristo vai embora ressuscitado...

Osakabe - Sim, mas Cristo era Deus e vai embora.

E o Arthur é humano e vai ressuscitar. Quer dizer que essa seria a grande mensagem. O humano que vai, que deve se purificar e pode ressuscitar da morte?

Osakabe - Eu acho que esta é a grande mensagem. Galaaz é uma mensagem menor, ele é paralelo ao Cristo, ele é perfeito demais para este mundo e ele vai embora. E justamente a mensagem é esta: para purificar nosso mundo só pode ser através de um homem e não de um deus. O estágio de morte do rei Arthur é um estágio de purificação.

Vamos traduzir: a perspectiva heterodoxa significa que em Portugal

¹
~~A~~ ^{a)} Demanda do Santo Graal, novela inspirada num mito pagão ficou mesclada com a ideologia cristã, se pudermos falar assim, misturada com o culto do Espírito Santo em função exatamente das idéias de Joaquim de Flora, da ação dos franciscanos e da força dada pela Rainha Santa, D. Isabel, ao culto do Espírito Santo. Explique isso por favor.

Osakabe - Segundo a perspectiva heterodoxa, o culto do Espírito Santo na Idade Média tem uma forte raiz profética heterodoxa e o grande partidário deste culto seria Joaquim de Flora. Joaquim de Flora é conhecido não apenas pela crítica que faz da moral decadente cristã mas especialmente pela profecia das Três Idades que está fundamentada ^{na} Trindade e que seria a Idade do Pai, Idade do Filho e Idade do Espírito Santo. A Idade do Pai é a Idade do Antigo Testamento, a Idade do Filho vem com o Novo Testamento e a Idade do Espírito Santo seria a terceira idade, altamente espiritualizada e que estaria para acontecer.

E que seria o Quinto Império?

Osakabe - Corresponde em princípio ao Quinto Império. Todos aqueles que de alguma maneira são adeptos desta perspectiva vem na ligação forte que existe entre a Demanda do Graal e o culto ao Espírito Santo a maior prova do caráter heterodoxo do Santo Graal. Veja bem: o Galaaz ele é sagrado cavaleiro pelo pai dele e vai para a corte do Rei Arthur que está toda reunida e está esperando só por ele. Ele chega na Corte exatamente no dia de Pentecostes. O dia do Espírito Santo. Esta ligação é muito forte. Começa assim a Demanda na véspera de Pentecostes... Então a crença, o culto do Espírito Santo é muito forte na Demanda e o Espírito Santo é a Terceira Idade, é o Quinto Império a Nova Era. E o culto do Espírito Santo é a idade mística por excelência.

Você diz ainda que os elementos heterodoxos da ideologia joaquimita - fraternidade e proselitismo religioso transformados em doutrina econômica vão estar na base da concepção expansionista exemplificada pelo pensamento do Infante Dom Pedro no século XV. Tais idéias contrariavam as aspirações da nobreza imperialista de apoio externo-castelhano e foram batidas pelas manobras do Conde

139

de Barcelos em Alfarrobeira. E quando D. Afonso V tenta de alguma maneira corrigir os efeitos do terrível engano em que havia caído já se faziam sentir em Portugal os ares absolutistas que finalmente vão culminar no reinado absolutista de Dom João II que por sua vez vai suprimir o poder popular representado pelos conselhos. E que a última pedra foi a Inquisição, cão de guarda da ortodoxia oficial. E que a população que se sentiu ameaçada refugiou-se nas Ilhas e posteriormente veio para o Brasil onde o culto do Espírito Santo continua vivo na sua forma mais pura. Entre essas pessoas havia muitos cristãos-novos? Você tem informação sobre isso? E afinal a vinda deles para o Brasil significa de alguma forma que o Brasil continuaria esta tradição da Demanda do Santo Graal? Fale sobre isso.

Osakabe - É porque o culto do Espírito Santo desapareceu de Portugal, ficando restrito apenas às Ilhas, por conta de uma espécie de expurgo - ele ficou proibido na Metrópole. Além disso havia a perseguição aos judeus, assim o culto que continua nas Ilhas vai ser continuado no Brasil onde o culto do divino é muito propagado. Pode-se pensar que é uma reinvenção mas não é seria simplesmente a continuação do culto ao Espírito Santo que permaneceu firme nas Ilhas.

E por falar em Portugal e Brasil o escritor José Saramago disse em entrevista dada ao jornalista Hamilton dos Santos no Caderno Cultura de 20 de fevereiro de 93 que Portugal atravessa um dos momentos mais importantes da sua história recente. Segundo ele, Portugal estaria numa situação muito delicada já que é rejeitado pela Europa e por sua vez já não é mais querido pelas ex-colônias. Diz ainda que o estreitamento dos laços de Portugal com os países de língua portuguesa deveria ter sido uma constante da política portuguesa, não apenas uma providência tática e eventualmente tardia, destinada a prevenir os males da perda de identidade. Como você vê esta problemática. Esta pretensa perda de identidade vivida por Portugal?

Osakabe - Portugal vive atualmente uma crise violenta mesmo Portugal nunca será um país europeu. É uma história muito particular, porque a história de Portugal está muito mais ligada

190

ao ultra mar do que a Europa. Então a identidade dele se faz nessa relação. Agora querer abandonar isso e tentar ser europeu. Você não consegue isso de um dia para o outro. É uma coisa que se tiver que acontecer vai ser daqui a séculos. Agora Portugal não é nem Europa nem mais as colônias.

Está no limbo?

Osakabe - Está no limbo. Então o que ele faz, essa coisa muito agressiva em relação as ex-colônias, Brasil em particular é tentar negar o lado ultra marino deles.

Para ser aceito na Europa?

Osakabe - Portugal eu acredito que seja aceito como realidade nacional e enquanto realidade política apenas pelos laços que ele mantém com os países de língua portuguesa. A identidade dele em relação a Europa é exatamente esta: o fato dele se estender por outros continentes. Mais uma vez mostra que ele não tem condições de assumir essa identidade continental.

Interessante Portugal parece ser uma coisa diferenciada no planeta, porque ele não se engajou no continente dele, digamos na Europa e nem nas colônias ultramarinas.

Osakabe - No fundo eu acho que ele deveria assumir as duas coisas ao mesmo tempo. A vontade européia e a realidade ultramarina, porque necessariamente Portugal é isso. Portugal sem o contato ultramarino não é nada.

Interessante notar ainda nesta entrevistado Saramago a ligação forte com o Brasil. Em duas respostas ele, falando de Portugal dá exemplos brasileiros.

Osakabe - Saramago é de fato muito preocupado com esta questão e muito crítico com esta questão de integração.

Por exemplo, veja, o entrevistador perguntando sobre a angústia que parece que os portugueses sentem em qualquer país do mundo, ele responde: "por mim penso que a angústia cresce tanto mais quanto mais baixo for o grau de intervenção cívica dos cidadãos.

141

sejam eles intelectuais ou não. O que acontece, nestes tempos que vivemos é um fenômeno de desistência coletiva. Depois de terem se instituído como maîtres à penser, os intelectuais fizeram ato de renúncia, alguns tornaram-se em auxiliares qualificados do poder, e os melhores deles fecharam-se em casa para não terem de vomitar em público. E o povo? Tem o Brasil um bom exemplo tema de reflexão: onde foi parar o extraordinário movimento cívico que atirou fora Collor de Mello?" E adiante: O português hoje é um sujeito de pressa, que corre atrás do êxito social sem preocupar-se demasiado com éticas e valores, que não se importará com ser ignorante se essa for a condição para chegar a ser rico. No que provavelmente não se distinguirá muito do brasileiro." Lendo esta entrevista me ocorreu que talvez os portugueses estejam sofrendo as "agruras" de mães e pais que vêem seus filhos crescerem e romperem pela segunda vez o cordão umbilical. É o momento de amor e ódio, um momento de ruptura para outro estágio de vida. O que você acha disso, como você sente este momento vivido por Portugal com base nos seus conhecimentos da cultura e digamos da alma portuguesa?

Daakaba - É eu acho que realmente é uma crise de identidade, ainda que Portugal tenha sempre estado em crise de identidade. Isso não é novo, acho que é apenas mais uma crise só que agora ela é instalada por um movimento teoricamente positivo para ele que seria sua integração na Europa. Mas eu acho que na verdade essa inserção é ~~problemática~~ ^{problemática} por ^{que} na verdade Portugal é cobrado por essa inserção. Por exemplo o desaparecimento da economia - a agricultura desaparece a indústria incipiente, muito artesanal entre aspas desaparece. É uma coisa meio faustiana, porque Portugal sabe que no fundo ele não é nada. Tipo assim vendendo a alma e vendendo a alma para onde estou indo. É uma grande tragédia.

Em outro artigo no mesmo caderno, Antonio Medina Rodrigues, professor de Línguas e Literatura Graga da USP diz que a virilidade moral portuguesa cresceu até fins do século XV. Daí para frente foi a decadência. E Portugal que "lutara" contra mouros, contra castelhanos, contra desequilíbrios políticos,

142

contra a rotina, perde no entanto com a escravidão o que ganhara em espírito. Com o ouro que tirou do Brasil, ele continua, poderia ter transformado sua sociedade e criado recursos novos. Mas não o fez e com o desmoronamento do império e o vazio que ^{isso} provocou fizeram com que Portugal buscasse salvação em dois mitos: o da fase de afirmação nacional e o da conquista de espaços infinitos. Um está no sublime Nuno Álvares guerreiro maior da pátria e outro está no Vasco da Gama, conquistador das índias. Medina diz que os dois mitos nascem para sustentar o moral de uma cultura que teve medo de se transformar. Você também acredita nisso, que Portugal é uma sociedade que teve medo de se transformar?

Osakabe - Não sei se ela teve medo de se transformar. Acho que não seria isso. Acho que Portugal está plasmado sobre uma grande contradição que é uma visão mítica da sua realidade e a própria realidade econômica/social. Esta dualidade vai ser sempre inconciliável, por isso que eu digo que ele vai ser sempre um país em crise.

Uma grande alma e um dia a dia...

Osakabe - Mesquinho, duro

Finalizando de uma forma a meio caminho da mágoa e da agressão, Medina diz "nós somos os filho que eles não querem ver. Nossa realidade é o desencanto do passado deles. A mística portuguesa não quer a saudade do vivido, mas do que ainda pode ser. É possível que esse tratamento que Portugal está dando aos antigos colonizados não tenha apenas as motivações que estão alegando. É possível que haja nisso um pouco da velha impaciência lusa que descarta as reciprocidades." E ele termina dizendo que talvez o exercício do lucro tenha recalcado a alma portuguesa como um tipo de vício e "se é assim ó Portugal por que apequenar mais tua alma diante de vantagens e promessas da vã Europa? Cuida de ti, que das nossas ridicularias (cujo infinito não é bom subestimar) cuidarão os milagres de um Encoberto americano." O que você acha dessas afirmações? Concorda com elas? Por que? Comente por favor.

Osakabe - Acredito que seja aquela história: quando Portugal se vê finalmente aceito pela mãe Europa que sempre o rejeitara ele

193

rejeita o filho que adotara... o Brasil? E esta segunda parte [✓] fala do Medina - seria que afinal como Portugal tem quem trate de suas ridicularias; o Encoberto português, nós teríamos também quem trate das nossas, os milagres de um Encoberto americano.

Gostaria de falar agora sobre como você vê ou sente o diálogo da tua disciplina com a filosofia da educação e educação propriamente dita. No seu artigo A Linguagem e / na educação você diz que não se trata de confinar a educação à linguagem, trata-se de pensá-la à luz da linguagem. E ainda: "não se trata da linguagem vista como repertório e muito menos como conjunto de figuras de enfeite retórico e muito menos como uma imaterialidade ideológica. Ao contrário, trata-se de uma linguagem entendida como uma interlocução e como tal de um lado como processo de outro como constitutiva de e constituída por sujeitos. E como tal um processo que tem a densidade, a precariedade e a singularidade do acontecimento." Você poderia falar sobre isso? Dessa relação inicialmente com a linguagem e educação e depois a relação literatura e educação.

Osaka - Esta relação linguagem e educação se você pensa que a educação é um processo de agenciamento, de transformação do sujeito o exercício da linguagem como o exercício da própria literatura está sempre ligado à educação. Por que? Porque o exercício da linguagem é sempre um exercício da transformação, ele nunca pode ser um exercício de adaptação. Você sempre tem que impulsionar o exercício da linguagem a possibilidade de ter maior domínio dos mecanismos produtivos da língua. É isso que você tem que partilhar com o sujeito. Como é que isso se faz? Eu acho que isso se faz tanto do ponto de vista da língua, quanto do ponto de vista da literatura na localização de núcleos de problemas, que possibilitem um exercício problemático mais tenso da língua ou da literatura para que no passo seguinte o sujeito encontre uma maturidade maior. Isso é educar, é transformar. É pegar a literatura como elemento de transformação do sujeito. Então se você pensar bem, a relação entre a linguagem e educação é absolutamente um dado natural. Eu me lembro que teve um encontro de leitura eu recebi várias críticas porque eu fui chamado para

144

falar sobre o ensino de literatura e tudo mais e eu falei sobre um curso que eu tinha dado aqui no IEL de literatura portuguesa que ia de Antero de Quental a Fernando Pessoa e que na verdade eu peguei como núcleo de questões a concepção digamos de mundo estático que vinha até o fim do século XIX e uma concepção dinâmica, movimentado de universo que vem com Schopenhauer, Nietzsche e assim por diante. E ao lado dessas coisas, eu pegaria as respostas que os poetas deram. Bom para mim isso era educar e eu recebi uma paulada de um sujeito que não entendeu nada e que julgou que eu tivesse pego a literatura por causa do Nietzsche. E na verdade, veja bem tudo isso é fundamentalmente educação, que é aproveitar a literatura da forma mais íntegra e educar através dela, sem traí-la. Eu acho que este é um dado bem aproveitável.

Você acredita que hoje haja na universidade brasileira uma relação das disciplinas de forma que se poderia dizer boa, excelente ou apenas razoável? Como seria o ideal para você?

Osakabe - Eu acho que apenas razoável porque raras são as abordagens em qualquer área que trabalham com a problematização. Elas trabalham sem uma perspectiva objetivada, sobre conhecimentos dados e nunca da produção de conhecimento. Eu acho que aí toda a interdisciplinaridade é à priori e na verdade interdisciplinaridade é a posteriori.

Hoje mais que nunca, na sociedade contemporânea o saber está fragmentado pelas próprias circunstâncias do desenvolvimento humano, social, tecnológico. Como fica na cabeça das pessoas isso? O que fazer para se ter uma visão de conjunto do saber e dos saberes da atualidade? E ainda como ligar isso em termos de uma educação integral?

Osakabe - Eu acho que esta é uma questão importante eu sou de opinião que enquanto o sujeito não tiver formulado para si próprio uma hipótese de unidade, ele dificilmente vai produzir de uma maneira mais consequente.

Ele estará sempre fragmentado?

Osakabe - E ele não consegue operar sobre o fragmento. Importante 196

É que ele precisa operar sobre o fragmento. E para que ele opere ele precisa ter uma hipótese de unidade sobre o fragmento. Eu acho que ^{o objetivo de} a educação contemporânea hoje justamente é preparar o sujeito para que ele possa formular este tipo de hipótese.

Você que já viajou, teve contato com outras universidades estrangeiras como vê essa questão de fragmentação do saber, da interdisciplinaridade e da educação lá fora? Poderia citar algum exemplo onde você viu isso ocorrer de forma que se poderia dizer ideal ou mais próxima de um ideal?

Osakabe - Me parece que esta instituição universidade está vivendo muito precariamente. A Unicamo não pode ser considerada uma universidade de Terceiro Mundo e o que se passa aqui se passa lá fora praticamente. Lá é tão perdida a coisa como aqui.

E quais seriam as saídas que você vê? Aliás eu vou juntar isso com outra pergunta: olhando a universidade às vezes eu acho meio fora do mundo, meio alheia ainda que façam parte dela pessoas que participam de instituições, órgãos governamentais, etc. digamos fora do campus, fora dos muros da cidade universitária. Mas me parece que a universidade é um mundo à parte, sem nada a ver com o mundão lá fora. Você sente isso ou não? Como você vê a universidade como instituição, em relação à sociedade global, em relação com outras instituições? Afinal qual a função da universidade na sua opinião?

Osakabe - Eu acho que a universidade em primeiro lugar precisa se mais cobrada do ponto de vista da sua inserção crítica no corpo orgânico, no corpo social, para que essa inserção lhe dê um sentido de organicidade que ela não tem até agora. Fica assim uma coisa intra-muros. Eu acho que essa inserção tem que haver como uma forma saudável de sobreviver a essa crise.

Então você acredita que essa questão não foi resolvida?

Osakabe - Não foi não. E você vê que todas as universidades, todas atualmente tem problemas sérios de sobrevivência e por que isso? Porque na verdade a universidade não é considerada como um elemento da própria sociedade. Ela é considerada à parte.

147

Digamos que a universidade tem as melhores cabeças, pelo menos algumas das melhores cabeças de um país mas não existe um canal efetivo que ligue essas pessoas a uma participação na sociedade e também o movimento inverso: ou seja os intelectuais que vão para o governo, enfim tem algum poder não dão um retorno como se deveria às universidades em termos de uma troca de experiência e de subsídios.

Osakahe - Eu acho que a coisa está meio perdida e vai se resolver a médio prazo e vai se resolver com a mudança substancial que a universidade faz de si própria. Enquanto ela tiver a imagem de um corpo isolado vai ser muito difícil.

Eu penso que se a universidade fosse mais participante, ou seja se ela fizesse parte realmente do corpo social as coisas estariam melhora paradas. Enfim a minha pergunta é: por que, sendo as universidades brasileiras a Unicamp por exemplo de tão alto nível e outras igualmente, por que os governos brasileiros são esta catástrofe? Onde estão as pessoas que saíram das universidades com grande grau de conhecimento? Escondidas? Ou fora do país?

Osakahe - Eu acho que essas que estão fora são aquelas que entraram no esquema do mecanismo produtivo. Agora é claro que aí é engraçado tem uma contradição forte para ser resolvida. O sujeito para exercer a inteligência tem que ficar dentro da universidade e o outro fica fora. A impressão que eu tenho é que ela pode se configurar como um lugar de um certo saber, especializado muito especializado mas ela tem que estar também em contato muito direto com a sociedade, do contrário ela fica como um corpo fora da sociedade. Eu acho que deve haver uma instância de saber técnico como intermediário entre ela e a sociedade. Quando eu digo técnico é a prática. Você não pode colocar esse corpo fora da sociedade. Ou seja a universidade seria a instância do saber mais especializado mas haveria uma instância de saber técnico entre ela e o corpo social.

Pianista, compositor, professor de música, José Antonio de Almeida Prado, santista, 46 anos, começou cedo: aos 9 compôs sua primeira peça intitulada Adieu. Aluno de Dinorah de Carvalho e Camargo Guarnieri no Brasil, aos 23 anos parte para Paris onde estuda com Messiaen e Nadia Boulanger. De volta ao Brasil, dirige o Conservatório de Música de Cubatão, e de 74 para cá, é professor de composição do Instituto de Artes da Unicamp.

Sua obra vasta, publicada pela Tonos Verlag de Darmstadt (Alemanha), percorre uma variedade de formas musicais - dos estudos às sinfonias, passando pelos oratórios e missas, as sonatas, sinfonias, mas sempre dando preferência a obras para piano e percussão. Ao longo de sua carreira Almeida Prado tem obtido os mais importantes prêmios tanto no Brasil como no exterior: Prêmio APCA de melhor obra de 67 com Paixão Segundo São Marcos, peça para Coro, órgão, piano, cravo e atores, Prêmio Lili Boulanger, com a Sinfonia nº 1, prêmio Fountainebleau, prêmio do Instituto Goethe, Prêmio Ezzo de Música Erudita, Prêmio do 1º Concurso de Minas Gerais do Coral Ais Nova, com a cantata sacra Jesus de Nazaré.

Extremamente fértil, José Antonio de Almeida Prado, tem mais de quatrocentas composições, citando-se entre outras: Pequenos Funerais Cantantes, Aurora, Cartas Celestes (uma das suas mais importantes), Letit de Jerusalém, considerada pelo crítico Claver Filho "uma das mais importantes da música brasileira do presente século", Missa da Paz, Villegagnon ou Les Iles Fortunées, Sinfonia dos Orixás, Sinfonia Unicampe, Missas de São Nicolau, Momentos de Cubatão, Rosário de Medjugori, As 14 Palavras de Cristo na Cruz, Amavisse (sobre poemas de Hilda Hilst).

Duas das suas mais recentes composições são: Sinfonia dos Orixás, estreada em outubro de 87 no Grande Theatre de Genebra e Missas de São Nicolau apresentada na igreja de Villars-sur-Glâne e na Catedral de São Nicolau, em Fribourg, na Suíça. Esta obra, dedicada ao Coro da matriz de Villars e ao seu diretor Pierre George Roubaty, foi inspirada segundo o autor, por um sentimento romântico e descritivo da emoção religiosa.

O crítico do jornal La Liberté, Bernard Sansonnens,

considerou esta Missa uma obra prima, que ficará, segundo ele, nos anais da história do Cantão e da música. "Isso porque, pode-se contar nos dedos das mãos, a criação de missas para coro, orquestra e solistas na produção musical do século".

Suas últimas obras para piano e orquestra são: Sonata nº 2 para Piano, orquestração de Elashes de Jerusalém que compôs em Jerusalém para onde foi recentemente, e uma abertura para orquestra intitulada Abstração Sonora. Está compondo uma cantata baseada no Salmo 121 intitulada Jerusalém Oásis de Paz.

O crítico do jornal La Liberté, Bernard Sansonnens, considerou esta Missa uma obra prima, que ficará, segundo ele, nos anais da história do Cantão e da música. "Isso porque, pode-se contar nos dedos das mãos, a criação de missas para coro, orquestra e solistas na produção musical do século".

Inscrição →

Há quanto tempo você leciona?

Almeida Prado - Atualmente estou com 50 anos, completados a 8 de fevereiro deste ano de 1993. Leciono há 18 anos no Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp. Lecionei no Conservatório e Faculdade de Música de Santos de 1965 a 1969 e também dava aulas particulares desde os meus 15 anos.

Como você diria que se dá o diálogo da música, da tua disciplina, composição e a filosofia da educação? O que é educar para você?

Almeida Prado - Nunca me preocupei em realizar esse diálogo, em termos de filosofia da educação. A minha didática, inspirada em parte na de Nadia Boulanger e Messiaen, é colocar para o aluno as suas próprias possibilidades para que ele possa se conscientizar de seu próprio potencial criativo suas limitações, suas facilidades e a partir daí encontrar seu próprio caminho.

Como você vê a situação do ensino e da educação brasileiras especialmente deste local privilegiado que é a universidade? Você acredita que a universidade brasileira tem sido eficiente na sua função ou missão de educar e passar conhecimentos? Como seria o ideal para você em termos de uma educação integral?

Almeida Prado - Veja a situação do ensino, sobretudo na universidade como algo em crescimento, em crise perpétua, porque há sempre que se superar, e economicamente os professores sofrem toda essa situação pela qual passa o Brasil e de certa maneira esse fim de milênio, onde tantas idealizações foram frustradas e onde enfim, este pluralismo ideológico e estético chegou a um grande impasse. É preciso ver o que é mais essencial e a partir de uma série de essencialidades fazer o aluno chegar a uma certa síntese.

Isso porque os jovens se sentem perdidos diante de tantas opções. Creio que não há solução abrangente, cada professor chegará à sua própria síntese e a passará aos alunos.

Você diria que há hoje na universidade brasileira, mais especificamente na Unicamp, onde você conhece mais, uma relação interdisciplinar suficiente boa, ou excelente, entre as diferentes áreas do conhecimento? Como seria o ideal na sua opinião?

Almeida Prado - Acho sempre muito rico esse viajar entre as disciplinas, a interdisciplinaridade. No nosso Instituto de Artes isso ocorre meio espontaneamente, eu mesmo escrevi muita música visitando os quadros de amigos do Departamento de Artes Plásticas, meus cadernos de Poesilúdios atestam isso. A interdisciplinaridade dá ao aluno a chance dele ver outros contornos, outros artesanatos além do dele. É muito importante que isso seja sempre incentivado.

Você que viajou bastante poderia comparar esta questão da interdisciplinaridade, o diálogo das diferentes disciplinas com a filosofia da educação ou a educação? Você diria que isso se dá mais ou menos em universidades estrangeiras em relação à brasileira?

Almeida Prado - Não sei como responder. Conheço pouco as universidades européias. As americanas praticam bem mais isso em Bloomington vi isso em plenitude na Opera da Universidade onde a música, as artes plásticas, a dança se unem para a realização do espetáculo total.

O que falta na sua opinião para que o ensino de música seja mais eficaz hoje no Brasil? Nas universidades? Você diria que há verbas suficientes, há suficiente apoio das direções, dos governos, etc.?

Almeida Prado - Acredito que tendo verba suficiente, um mínimo de imaginação e boa vontade, se realiza o impossível. Atualmente, na crise em que vivemos há poucas realizações. Acredito que o que ainda se faz é resultado de um quase milagre - pessoas que ainda acreditam num ideal, e ainda passam isso aos outros. Assisti recentemente um espetáculo de dança com Marília de Andrade e a atriz Sara Lopes sobre Isadora Duncan. Um espetáculo possível, na

época de crise, despojado, mas intenso e belo. Quando se tem algo a dizer, mesmo nessas circunstâncias difíceis algumas pessoas a dizem.

Tive a impressão, lendo o seu Memorial que você teve uma infância feliz. Você foi uma criança feliz?

Almeida Prado - Era feliz e não era... porque era o último filho eu nasci e meu irmão mais velho tinha 18 anos, minha irmã mais próxima tinha cinco anos a mais que eu. Meu irmão que nasceu depois de mim, morreu, então eu fiquei o último super mimado e super carente. Porque parece que há uma alquimia quando você é muito mimado você fica também carente, porque não tem proporção. Eu só vim a perceber isso agora com a psicanálise que o fato de me mimarem muito as proporções eram desengonzadas. Então não tinha aquele carinho justo na hora certa.

E depois você também estudava...

Almeida Prado - A música era tudo para mim...

E o Almeida Prado, o sobrenome, atrapalha ou ajuda?

Almeida Prado - É aristocracia rural, família de quatrocentos anos como eles falam... ajuda para a vaidade de você chegar num banco e assinar um cheque e as pessoas perguntarem, ah você é Almeida Prado parente de fulano, mil fazendas e você diz: não eu não tenho eu sou dos pobres...

O que aliás ninguém acredita...

Almeida Prado - Ninguém acredita. Mas é bom para empréstimos porque acham que você é riquíssimo...

Sei que você começou a ouvir música erudita muito cedo. Sua irmã estudando piano, Mozart, Beethoven. Você diria que foi aí que começou a despontar sua vocação para o piano, as composições, etc.?

Almeida Prado - Eu acho que o dom que a gente recebe de Deus, só cresce se você regar. Não adianta você ter um dom de físico, de químico ou de bailarino, se desde criança não te colocam numa

153

escola, não fazem florescer este dom. Tenho a impressão que quando Deus escolhe alguém para uma missão ele já coloca os pais certos, a latitude, a longitude, o clima tudo já concorre para que aquela pessoa dê naquilo.

Você, aos 9 anos já compunha...

Almeida Prado - Com menos, com sete... então eu tinha uma irmã que ficava tocando piano para eu ficar ouvindo.

Como você sentiu que era um compositor? Você começou a estudar piano com quantos anos, seis, sete?

Almeida Prado - Sentí que era um compositor quando eu ia estudar a música alheia, queria mudar o texto, queria brincar. Aí as pessoas diziam que eu estava brincando com o Beethoven. E então se eu lia uma estória de criança sobre o saci, João e Maria, etc. eu ia no piano e fazia a estória na música.

Então surgiram suas primeiras composições: Adeus, Os duendes na floresta, Dança Espanhola, Procissão do Senhor Morto, O Saci, O gato no telhado. Se você analisar estas músicas hoje, com o olhar crítico de um professor, como as definiria. Elas apresentam alguma novidade?

Almeida Prado - Não elas não apresentam novidades porque são reminiscências de Villa-Lobos ou do que eu ouvia. Mas se chegasse uma criança com essas músicas eu diria: este cara é um gênio (risadas). Bom, você vê que não sou nada modesto... mas duas delas estão publicadas agora na Alemanha num álbum que fiz para minhas filhas: O Saci e O gato no telhado.

Você começou a fazer sucesso muito cedo. Ao lado das obras de Bach, Mozart, nos concertos que dava em Santos, você tocava suas próprias composições. Como fica na cabeça de uma criança o sucesso?

Almeida Prado - Eu adorava o sucesso, porque era o único momento em que eu era aceito, porque eu era uma criança magrinha, feinha. Então quando aos 9 anos ia tocar na televisão, eu finalmente tinha a minha revanche.

154

E como ficaram a figura dos maestros Camargo Guarnieri, Tabarin, Caldeira Filho e evidentemente Dinorah de Carvalho, os professores com quem você estudou até os 23 anos?

Almeida Prado - Bom, eles eram os melhores da época... mas quem me pegou desde criança foi a Dinorah de Carvalho e quem devo muito e foi uma mãe para mim. Ao mesmo tempo que foi muito boa, ela tinha a síndrome da não maternidade e ela tratava as crianças que estudavam lá como seus filhos. Então era uma fábrica de crianças-prodígio... todos tocavam com orquestra com oito, nove anos.

Você se lembra de algumas dessas crianças?

Almeida Prado - Ah. Flavio Varani, grande pianista que hoje mora nos Estados Unidos, a Maria Regina Luponí, professora da Academia de Viena...

Como foi sua primeira experiência no exterior: o curso de música em Santiago de Compostela, na Espanha que você fez aos 24 anos? Conte as sequências disso, as repercussões na sua carreira.

Almeida Prado - Foi muito interessante porque eu vi que sabia muito mais do que eu imaginava e muito menos também. Por exemplo eu tinha coisas na minha formação de compositor muito mais avançadas do que os colegas americanos e tinha falhas enormes que é esta coisa cultural brasileira, e que me faziam ver que eu ainda não estava no ponto. E esta desigualdade só vim a sanar dois anos depois com a Nadia Boulanger.

Você diria que sua vivência e aprendizado com Gilberto Mendes com quem analisou Schoenberg, Berg, Webern, Stockhausen, Boulez, Messiaen, Varèse, Villa-Lobos, Stravinski, foram decisivas para sua opção pela música serial ou isso já era anterior?

Almeida Prado - Bem, o Guarnieri foi o meu professor cinco anos e ele me deu o artesanato sonoro nacionalista de acordo com a ótica pós Mário de Andrade. Mas ele era totalmente ~~em~~ avesso a qualquer caminho dodecafônico, serial, atonal. Ele era contra. Agora, eu, aos 20 anos eu tinha necessidade de conhecer o outro lado e não só compor uma música de 1890.

155

Você já tinha uma vontade de partir para o atonalismo...

Almeida Prado - Pelo menos saber o que era... quer dizer não é dogma de fé. Tudo é som. Aí eu me irritava que eu tivesse que fazer o discurso caipira, na minha música quando eu era um homem urbano. Eu era um homem sofisticado, já gostava da Hilda Hilst, gostava de ler Valéry, São João da Cruz e de repente tinha que fazer nhém, nhém, nhém (imita toada caipira) quer dizer em nome do quê? (risadas) eu não nasci em Jau, no Cariri, nunca plantei feijão, um homem litorâneo de Santos, que ouvia Elvis Presley rock, não ouvia viola ao luar... (gargalhadas). Lógico tenho colegas que nasceram no sertão e vivenciaram tudo isso.

Não fazia parte do seu mundo...

Almeida Prado - Então eu conheci o Gilberto Mendes, um homem urbano com a cabeça bem aberta, e indiretamente ele foi meu professor, porque ele não sendo, foi me dando subsídios. Ele dava livros que eu lia, ouvíamos discos, discutíamos, e era um aprendizado. Eu devo isso a ele.

Ou seja, o Guarnieri te deu a base acadêmica, ensinou a "desenhar"...

Almeida Prado - O Guarnieri me ensinou a desenhar aquele homem de cachimbo na boca ao por do sol... e que também é muito bonito, é bom, e o Gilberto Mendes me ensinou a fazer o abstrato. E aí, na Europa eu fiz a síntese porque estava longe do Brasil não tinha mais nada a ver com o Brasil, estava em Paris. Agora, interessante que foi lá que comecei a usar de maneira nova todos os recursos do folclore, da flora e da fauna, da Amazônia, porque eu estava longe...

Você podia abstrair, estava distanciando...

Almeida Prado - Foi aí que minha obra ficou com dimensão universal e brasileira, porque aí eu tinha as ferramentas apuradas para poder fazer o que quisesse, desde as Cartas Celestes, cósmica que tem de repente no Cosmos um ritmo de baião, porque eu quis, c'est un caprice, eu posso. Na hora em que você pode tudo, você se liberta.

156

Você tem muitas obras sacras. A primeira foi Missa da Paz, depois veio Paixão Segundo São Marcos.

Almeida Prado - Eu fui um dos primeiros compositores a fazer no Brasil missa em português, porque o Concílio tinha liberado o texto e foi uma experiência interessante. Mas eu acho que minha obra é mística mesmo sem usar o texto sacro, ela busca dar a quem ouve um estado de contemplação. A minha música são momentos estáticos de paz, são grandes porções, grandes praias. Ela é new wave. Eu já fazia música minimalista antes...

Do Philip Glass...

Almeida Prado - Antes do Philip Glass, eu já fazia muita coisa que agora o pessoal está fazendo. Sabe, você é profeta... como eu acho que a Hilda (Hilst) antes de muita gente, em Qadós ela já estava aprontando. Só que nunca santo da casa faz milagre. Você precisa morrer e aí dez anos depois uma louca da USP faz uma tese sobre a tua obra e fala: nossa na página 14 do primeiro volume das Cartas Celestes o Almeida Prado usou o acorde que agora no século 21 está usando. Quer dizer você já estava careca de saber disso (risadas) e ninguém falava nada.

Por que isso? As pessoas nunca são compreendidas, estão muito além do seu tempo?

Almeida Prado - Não é nada de esnobismo, não é isso. Simplesmente você intui um outro tempo. E esta outra dimensão que você intui e que é Deus que te dá esta intuição, nem você às vezes sabe.

Você disse que ter musicado o poema da Hilda Hilst, Pequenos Funerais Cantantes, foi responsável por uma guinada de 180 graus na sua carreira. Conte esta estória.

Almeida Prado - Foi um divisor de águas. E foi também um caso do destino. Eu tinha lido no jornal esta série de poemas da Hilda: Um Corpo de Terra e era o texto que eu precisava para fazer uma música para o concurso.

Concurso da Guanabara...

Almeida Prado - Eu li aquele texto: "chagas de sol, rosácea

157

ardente, aqueles rios de sangue" e aí a música veio. Absolutamente genial, quadrinhas pequeninas e densas e para a música não tem melhor. "Porta de fogo, caminho ígneo". Você já sente tudo, porque quando tem muito bla bla bla, já vira ópera. Eu fiz numa semana esta música. E mandei e aí ela foi classificada e quando eu no Rio, ouvi o coral cantando aquela coisa eu disse: que obra genial.

Você já estava distanciado, não havia mais vaidade...

Almeida Prado - Não, por que é uma coisa que existe em mim: é a total lucidez, quando eu gosto do meu trabalho. E não é sempre que sinto isso. Algumas obras me dão esta sensação: ela é maior que eu. Eu me ajoelho diante dela. É um filho que você gerou, ficou rei e você beija a mão do filho. É uma humildade, porque é óbvio que a obra não é sua, você foi o instrumento. E aí foi um escândalo, porque os grandes compositores da época perderam, eu ganhei. Eu era desconhecido, tinha 26 anos. Era um dinheirão incrível, 25 milhões eu me dei uma bolsa e fui para a Europa. E depois lá consegui outras e acabei ficando cinco anos em Paris.

Agora, você já tinha afinidades com a França porque hoje a cada quatro palavras em português você fala duas em francês.

Almeida Prado - Eu tinha pelo seguinte, porque a formação da música erudita brasileira é francesa, não é americana. É Villa-Lobos que tem influência de Debussy e Ravel, é Guarnieri que estudou na França com a Nadia, então na verdade eu fui buscar meus avós musicais, culturais.

Bom, pelo que você conta o exame do Conservatório de Paris foi uma verdadeira tortura.

Almeida Prado - Eu não passei no exame... não passei.

Sim, mais depois você foi chamado.

Almeida Prado - ... porque não estava preparado, não tinha métier para isso, mas fiquei tão deprimido que o Messiaen - porque eu o coloquei no exame os Funerais Cantantes na prova de escuta, na prova de métier não passei. Mas ele viu dentro daquela coisa que eu errei ele viu que tinha alguém ali. Ele tem o faro que eu tenho

158

Hoje com meus alunos da Unicamp. Não interessa que o cara errou tudo, mas o cara tem a chama. E aquele que acertou tudo, não vai dar em nada. Aí ele mandou um aluno na minha casa, dizer: si ti plais, mon jeune homme, Messiaen implora que você vá na classe dele como ouvinte e você terá as mesmas aulas que ele dá para os outros. Eu comecei a frequentar, ele adorava o que eu compunha, sempre.

Paralelo você estava estudando com a Nadia Boulanger?

Almeida Prado - Com a Nadia, que não gostava do Messiaen...

Mas parece que você compunha ferozmente...

Almeida Prado - Eu estudava como um louco, não tinha tempo para nada.

Ela era genial? Você até compôs uma obra Portrait de Nadia Boulanger. E Lili Boulanger, quem era?

Almeida Prado - Era irmã dela, que morreu com 20 anos de tuberculose, que era um gênio na composição. A Nadia sabia, tinha cultura, então deixou de compor: por que ela dizia "minha irmã disse o que não posso dizer". Quando a irmã morreu, ela renunciou a fazer música e passou a ensinar.

Mas distinguia, sabia ver a genialidade nos outros?

Almeida Prado - Fazia o outro compor genialmente.

A edição das suas obras na Tonos Verlag de Darmstadt foi importante na sua carreira internacional, porque possibilitava a divulgação de sua obra. A partir daí você foi mais executado?

Almeida Prado - Eu acho que a Tonos apareceu através de um amigo meu que era o Emanuel Massarani, que era adido cultural da embaixada do Brasil em Genebra, na ONU, uma pessoa muito importante que as pessoas esquecem de nomear. A Anna Stela Schic me disse: você tem que conhecer o Massarani porque ele vai te ajudar a fazer sua carreira na Suíça. Aí eu peguei o trem, liguei da estação pra embaixada, falei com ele e acabei hospedado na casa dele quinze dias. Neste tempo, aconteceram coisas incríveis ele

159

marcou um recital meu no Conservatório de Genebra, recebi quatro encomendas de obras dos melhores grupos da cidade, ligou para a editora, falou com o editor, assinei o contrato, ganhei um dinheiro adiantado. Cheguei em Paris eu tinha obra tocada, tudo já marcado para dois anos de atividade na Suíça. E depois disso aconteceu que a Suíça ficou sendo, mais do que a França, onde tudo acontece com as minhas obras.

E o Oratório Villegagnon ou Les Iles Fortunées que você escreveu para o 49 Centenário da morte de Nicholas de Villegagnon te possibilitou ficar mais um ano em Paris?

Almeida Prado - Foi isso que me fez ficar mais um ano, foi isso que me fez mais conhecido em Paris, eu fui tocado em Provins, em Chartres, é uma obra muito interessante. Foi um boom que me aconteceu.

Você voltaria a morar em Paris, ou na Suíça?

Almeida Prado - Eu tenho vontade este ano de passar um tempo lá. Tenho um convite do João Carlos Martins para gravar uma música minha em Los Angeles de ir para os Estados Unidos com ele para a gravação. Tenho vontade de voltar à Suíça para continuar meu trabalho, da minha missa que foi um sucesso. Agora Paris eu não tenho mais contato. Mas sempre acontece isso - há um lugar onde você é mais tocado. É este ou aquele, a não ser Stravinski, Messiaen que são tocados no mundo todo.

Quando voltou de Paris, você foi ser diretor do Conservatório em Cubatão. Em seguida foi para a Unicamp. Como foi isso?

Almeida Prado - Ah foi uma volta maravilhosa, eu ganhava bem, gostava do Conservatório, mas aí veio um convite do Rogério Cerqueira Leite, do Benedito Juarez e do Raul do Valle para eu ir para a Unicamp. Aí eu fui almoçar com o Rogério e foi um almoço histórico, muito interessante, porque foi muito rápido. Ele me disse: sei que você é um grande compositor, você quer trabalhar na Unicamp, nós vamos fundar um departamento de música. Eu disse: não, estou ganhando bem, 2.500 cruzeiros. Ele me disse: não, mas eu estou te oferecendo 13.500. Aí me lembro que caiu o garfo e a

160

faca... (risadas)

Treze...

Almeida Prado - Treze mil e quinhentos. Quer dizer de dois para treze. Aí parou tudo e perguntei: tem telefone aqui para ligar para Cubatão? (risadas) porque eu me exonero já. Não por que aí é um absurdo. Aí aceitei e ele me ofereceu uma viagem para a Europa. Quer dizer só assumi uns três meses depois.

Aí você começou uma nova fase da sua carreira. Aliás você já disse gostar muito da Unicamp, inclusive compões uma sinfonia em homenagem.

Almeida Prado - Foi aí que eu comecei a florescer, porque antes da Europa eu considero um aprendizado imaturo, na Europa foi um grande aprendizado, mas ainda apoiado em Messiaen e Nadia e quando eu cheguei ao Brasil e fiz aquela obra Momentos de Cubatão e Ilhas foi quando eu dei o corte divisor da minha obra e comecei a compor aquilo que eu realmente queria. Aí compus Cartas Celestes, e aí fiquei o Almeida Prado, com estilo próprio, com discurso pessoal.

São os Episódios de Animais, Ilhas, Exoflora, enfim você era um brasileiro compondo músicas que falavam da realidade do seu País?

Almeida Prado - Tudo isso, que eu já considero do mesmo nível das que faço hoje.

E por que acredita que Cartas Celestes seja sua obra mais sólida e importante?

Almeida Prado - Eu acho a obra mais importante para piano da literatura mundial não só nacional. É uma das mais importantes porque é a obra mais longa para piano que existe, nem Messiaen tem uma obra assim, feita com o mesmo material. Na verdade ela é um grande afresco, um grande mural cósmico que mudou muita coisa no discurso do piano e influenciou muito a música brasileira, todos os compositores jovens foram beber lá. Como também as Cartas Celestes tem influência de Messiaen, Debussy, Villa-Lobos, mas enfim ela é uma coisa nova. Ela é o Qadós, da Hilda. (Hilda)

161

Ela foi executada no mundo inteiro?

Almeida Prado - Foi, foi gravada pelo Ney Salgado, Fernando Lopes, Roberto Szidon, japoneses, no mundo inteiro.

Você parece gostar muito da Unicamp. Você compôs muito aqui, não é?

Almeida Prado - Foram treze anos, a porção mais importante da minha vida, dos 32 aos 45 anos. Eu compus a melhor obra. É o que te disse outro dia: se eu morresse agora, eu já fiz uma obra. Eu ainda posso compor mais, mas se eu morresse neste instante eu acho que não deixei descumprida a obra. Ela fechou. Então talvez eu faça uma outra obra, mas esta já fechou. Tem Cartas Celestes, tem a Sinfonia dos Orixás, tem a Sinfonia Unicamp, tem a Missã de São Nicolau, que é maravilhosa.

Que foi estreada em Villars-sur-Glâne. Deve ter sido maravilhoso?

Almeida Prado - Foi impressionante. Você não pode imaginar a minha emoção, eu na igreja de Villars-sur-Glâne, nevando fora, Deus preparou o cenário teatral para mim...

Era próximo do Natal?

Almeida Prado - O maestro me disse: não venha ver o ensaio hoje, venha na véspera para ser uma surpresa, etc. Mas como eu estava morando na casa de uns amigos que ficava justamente atrás da igreja, de repente comecei a ouvir uns sons, eu nunca tinha ouvido...

Mas como, você compôs...

Almeida Prado - Sim, mas uma coisa é você compor e outra é ouvir com coral. Eu subí a escada do Coro, ninguém sabia que eu estava lá e então eu ouvi uma coisa que eu falei: eu fiz isso e aí comecei a chorar de adoração, de gratidão, porque era uma coisa tão linda, era nível de Beethoven, de Mahler.

É porque você é muito modesto.

Almeida Prado - Não, você fica modesto diante de uma obra que é realmente maravilhosa. Ela ultrapassa. Mas aquela emoção não foi

162

repetida, porque depois eu ouvi novamente na missa com as pessoas ao lado, então você tem que ter atitudes, mas ouvir virginalmente... eles diziam "quel merveille", eles elogiavam sem saber que eu estava lá, tudo foi espontâneo, autêntico.

Isso foi onde?

Almeida Prado - Foi numa igreja pequena, século IX. Mas na catedral foi uma emoção diferente, dia de Natal, missa das 10 horas, pontifical, com bispo, cardeal, e aí eu fiquei anônimo no meio de uma massa humana e aquela música era a catedral, aquela música era de Deus, não era mais minha.

Gostaria que você falasse um pouco da Sinfonia dos Orixás, sua última obra grande, não é?

Almeida Prado - Então eu estava na Suíça, como você viu eu estava lá para a première mundial. Porque é o seguinte, o Benito encomendou uma obra para comemorar os dez anos da orquestra de Campinas. Resolvi então usar algum clichê bem brasileiro usando afro, e fiz uma obra que cada movimento era um orixá, um simbolismo. Eu não sou crente do candomblé, respeito, mas não tenho fé. Então não era uma obra de alguém que crê em candomblé. Eu faço candomblé como podia fazer Zeus, Apolo, etc. e ficou muito bonita, muito colorida. E o Oscar Araiz que é um grande coreógrafo, que é diretor do Ballet de Genebra, um dia estava conversando com o maestro vendo o que se poderia fazer na próxima temporada. Aí viu a Sinfonia dos Orixás na mesa do maestro e perguntou: Almeida Prado quem é, vamos ouvir isso aí. Aí começou os tambores, aquele som e ele ficou louco. E falou com meu editor, me encontrou na Unicamp e enfim a música foi posta na temporada oficial do melhor teatro de ballet da Europa, o Grande Théâtre de Genève, junto com Bela Bartók.

Sei que você esteve recentemente em Medjugorje, Yugoslávia, onde se tem registrado aparições de Nossa Senhora. Isso ainda que seja ridicularizado em algumas áreas, é bastante importante para você. Conte.

Almeida Prado - Mais uma vez foi coisa do destino. Eu acabei indo

163

para Medjugorje da maneira mais incrível. Tudo deu certo, o trem, o avião, o taxi que me levou de Mostar até lá, às 10 da noite, o encontro com a jornalista canadense Lise Leclerc que me ajudou muito na comunicação, porque pelo menos era alguém que falava francês. Fiquei hospedado na casa de um parente de um dos videntes e comecei a assistir as missas, e as coisas foram acontecendo. Sentí a necessidade de me confessar, até que durante uma das aparições senti a presença de Maria chegando perto de mim, como se fosse um abraço, era como se ela entrasse dentro de mim, e eu estava no céu, me veio uma certeza de que Deus me ama, e que ele não é um tirano e que o céu é uma paz, uma jubilação. E naquele minuto eu tudo entendi e tudo perdoei. Aí fiquei tão perturbado e comecei a trabalhar este dom e comecei a rezar, ia para a colina ficava quatro horas em oração, ia andar, comungar. Então eu fiquei lá quase quinze dias vivendo em função daquele instante. Voltei para Friburgo e levei uma vida entre o retiro e a solidão e comecei a escrever o Rosário de Medjugorje. Trouxe duas imagens de lá, abençoadas pela Virgem, que estão rodando pelo Brasil e fazendo milagres.

Você considera sua obra suficientemente divulgada e conhecida ou gostaria de vê-la mais tocada e mais conhecida? Sei que você não consegue fazer coisas "simples".

Almeida Prado - Gostaria de ser mais tocado, lógico, mas tenho a impressão que faço uma obra tecnicamente difícil. Eu não consigo ser simples. Mas eu já me conformei, não estou mais preocupado.

Agora gostaria que você dissesse de forma "simples" o que é atonalismo. E transtonalismo?

Almeida Prado - (vai ao piano e faz acordes maravilhosos, transtonais).

Vamos traduzir isso em palavras. Compare o tonalismo, e o atonalismo. Você diria que o *Ulisses*, de Joyce é atonal?

Almeida Prado - O atonalismo é o uso de todo o espectro harmônico, das ressonâncias cromáticas. Quer dizer, o atonalismo você pulveriza a limitação de um modo (vai ao piano e faz um modo

164

maior). Agora se você tem isso (faz um modo menor) é por que terça diminuiu. Mas ouvindo uma música tonal você sente que ela tem um clichê de começo, de meio e de fim, que são as cadências (ilustra). É como você escrever assim: Maria acordou e estava muito feliz. Foi à cozinha e encontrou seu gato dormindo e disse: ó gato você está dormindo. Na literatura é aquilo que está previsto e pode ser genial. Agora, a música atonal: "Maria acordou gato falou ó gato, ontem eu estava passando", aquela coisa estilhaçada delirante, é o Qadós em que você entra no futuro, no passado. Então Uliasses de Joyce é atonal, Dostoievski é tonal, Hilda Hilst é atonal, Lygia Fagundes Telles é tonal. E na pintura seria o abstrato. É quando você perde as referências, é o universo acima das referências.

165

Poeta, ficcionista e dramaturga, Renata Pallottini nasceu em São Paulo, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Francisco da USP e em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mais tarde fez o Curso de Dramaturgia da Escola de Arte Dramática (SP), atualmente da USP. Exerceu a advocacia durante alguns anos e depois transferiu-se para o magistério sendo atualmente professora da Escola de Comunicações e Artes e na Escola de Arte Dramática da USP. Tem dado cursos sobre teatro, televisão e cinema na Espanha, Itália, Peru e Cuba sendo que neste país tem dado aulas regulares na Escuela de Cine de San Antonio de Los Baños. faz parte da União Brasileira de Escritores da qual já foi vice presidente, e outras entidades ligadas a poesia e literatura. Foi diretora da Escola de Arte Dramática (EAD/USP), presidente da Comissão Estadual de Teatro da Secretaria Estadual de Cultura entre outros cargos públicos. Publicou: (poesia) A Casa, Livro de Sonetos, Antologia Poética, Os Arcos da Memória, Coração Americano, Cantar Meu Povo, Ao Inventor das Áves, Esse Vinho Vadio; (prosa) Mate é a Cor da Viuvez; (contos) Introdução à Dramaturgia; (ensaio) Lita a Poeta; (infantil) O Mistério do Esqueleto, Dramaturgia: Construção do Personagem; (ensaio) Colônia Cecilia; (teatro); A Vida é Sonho (teatro, tradução).

Renata ao longo de sua carreira recebeu vários prêmios entre outros: Governador de Estado Molière, Anchieta, Pen Clube e APCA de roteiro de televisão.

A busca das raízes, a paixão pela Espanha e Itália, especialmente Roma, terra dos antepassados, a forte ligação com a Faculdade do Largo de São Francisco, "os arcos" constantemente na "memória", a consciência da necessidade do trabalho urgente e humilde, a disciplina e o equilíbrio, as emoções nunca exacerbadas, a calma densa, o intimismo e a participação social na poesia, o amor pelo teatro, por longas conversas ao pé do fogo, pelos amigos, pelos vinhos, tudo isso compõe a poeta, dramaturga e ficcionista Renata Pallotini.

Em vinte e cinco anos de poesia - seu primeiro livro Acalento foi publicado em 1952 e o último Noite Agora saiu em 1978 - Renata Pallotini não tem de fato do que se queixar. Vendeu 25 mil exemplares dos seus treze livros. Apenas um, Chão de Balayras, uma seleção de grande parte de sua obra poética, teve uma tiragem inusitada para o Brasil: 15 mil exemplares. E seu Livro de Sonetos de 1961, laureado com o Pen Clube de Poesia, está indo para a terceira edição.

O que isso significa? Um milagre, num país onde ocorre uma lenda segundo a qual a poesia não tem público?

Para Renata não há mistério algum. "O que ocorre em geral no Brasil é que os editores editam e o livreiro esconde no fundo do balcão". Na verdade aconteceu com Chão de Balayras um fato muito simples. O Círculo do Livro, que possui um esquema muito bem montado, se dispôs a vender o livro. E quem quiser vender poesia no Brasil venda. Basta que tenha qualidade.

Qualidade é uma coisa que não falta à poesia de Renata Pallotini, considerada uma das mais altas vozes poéticas do país, que começou a escrever muito cedo, como todas as crianças que querem se comunicar com o mundo.

"Há um determinado momento na infância, em que a criança se sente muito só, sente dificuldade em se comunicar. Cada criança que tiver sentido esta reação vai tentar compor seu mundo, cantando, desenhando, escrevendo, enfim, criando em qualquer área, e aí ela vai descobrir suas fundações."

Começa escrevendo coisas sem forma, numa tentativa inicial de objetivar sentimentos, fazer contatos. Leva tempo até se adquirir um tipo de linguagem em que se sinta que pode fazer 167

contato. Até que os textos tenham alguma qualidade estética.

Acalanto, publicado aos 19 anos, foi a primeira tentativa de "contato" mais concreto de Renata Pallotini. Depois vieram o Cais da Sereidade (1953), o Monólogo Vivo (1956), Antologia Poética em 1958. E neste mesmo ano A Casa, livro no qual, segundo o crítico Adalmir de Cunha Miranda, que assina o prefácio, a poeta "abandonava o exercício e ingressava no ofício poético". Passava do intimismo, que caracterizava seus poemas anteriores, para uma área "em que as disposições de espírito já não se consumiam consigo mesma, mas projetavam-se na paisagem, nos seres e nos acontecimentos, envolvendo-os e valorizando-os em instantes de poesia". Em outras palavras o crítico marcava uma maturação na poesia de Renata Pallotini. De uma fase de "exposição de forças" ela passava para outra já com certeza do que estava fazendo.

"Meu primeiro livro era muito imaturo ainda. Já A Casa apresentava uma outra vivência. Um livro novo tem que corresponder a um novo período, novas experiências. Às vezes é um pulo grande de um período em que o poeta está armazenando material que mais tarde expressará. A poesia é como uma fruta: se você não comer na hora vai comer tarde".

Renata Pallotini confessa ter fases intensas de criação e outras de amadurecimento: "Esse moinho-o poeta/ que em solidão tritura/ e amigo grão esmaga/ esse operário/ que em fino pó transforma/ o que lhe dão de carga//"... eu que amontoô o grão porque não sei/ sepultá-lo na terra". (1)

Mas não precisa de ambientes especiais para escrever. Por isso tem sempre na gaveta do criado mudo uma caneta e um caderno. No meio da noite, às vezes anota poemas que já vem prontos. "Já escrevi poemas à máquina. Não preciso de climas especiais".

Seria possível dizer que a poesia de Renata Pallotini evolui de um vocabulário preciosista, muito voltada para relações atávicas, de antepassados, de mãe e pai morto, para outra, onde se vê nítido, a introdução do social, como sente o dramaturgo Lauro César Muniz?

"Tenho deleite em ficar escrevendo sobre as raízes. Eu 168

me pergunto sempre de onde vim, o que contribuiu para cada pessoa seja aquilo que é. Sem dúvida, grande parte do que somos vem de nossos antepassados".

No caso de Renata Pallotini, a poeta se pergunta o que teria levado aquelas pessoas a enfrentar uma viagem por mar - afinal um ato de coragem - em fins do século passado, desligar-se de sua terra, seus costumes e vir para uma terra estranha? "Que motivos tão fortes ocasionaram este transplante de gente"?

Quando esteve em Roma pela primeira vez, terra de seus avós, Renata teve a sensação de já ter estado lá. Aquilo era o seu chão. Por isso essa pesquisa de raízes a interessa tanto, já que não é saudosismo, mas a aceitação da vida, mesmo quando se sofre. Não é o culto aos mortos. É procura, busca. "Afinal quem fez isso que é você? Como essas coisas se juntaram para formar esta pessoa, com estas idéias, esses sentimentos e emoções, essas sensações? Que mistério é este?"

Por isso quando Renata Pallotini fala de seus antepassados, Europa, de Roma, na verdade tem a sensação de estar fazendo esta viagem ao contrário. Toda esta ligação com este mundo é na verdade uma tentativa de compreendê-los, numa viagem às avessas.

"Vossos nomes, se não os sabeis, antepassados, / estão gravados entre linho e seda / nos velhos livros deste município. / Ali vos encontrei jovens, donzelas, camponeses e quase aristocratas. // Nestes fragmentos vos revejo mas / quem me compõe? Quem sou? / Meus olhos, minha boca, / em que momento haveis contruído a boca // E as mãos, e o coração e o meu tormento, / minha mágoa, onde estão nestes guardados?" (2)

Sua paixão por Roma, no entanto, não é menor da que sente pela Espanha onde esteve pela primeira vez em 1969 para um curso de Literatura, Estética e Estilística, na Universidade de Madrid. Apaixonou-se por Madrid, pelo povo. É o lugar para onde, sempre que pode, Renata Pallotini volta. Onde tem amigos e poemas editados.

De poemas sobre a Espanha são sempre apaixonados. "Cidade do meu alvedrio, da minha escolha, da minha liberdade. / Reconstruída sempre dentro de mim, como um filho, / depois ressuscitada em longas horas de lembrança. / Cidade minha

169

companheira minha/ de frio e de aflição, de maravilha e espanto,/ corre nas minhas veias o vinho do teu sangue,/ vinho de obreiro, perfume de árvore na primavera,/ visão da vida reverdescendo... Cidade alta e clara/ de morenas insônias musicais,/ taverna da minha embriaguês e de um dia/ de que guardo o ressaibo e a loucura/ jamais perdida, jamais reencontrada,/ ai de mim, nunca mais, nunca mais repetida.../ Guarda de mim, cidade, a visão na tua praça: Praça Maior de toda a minha vida". (3)

Ou então este quase êxtase estupendo: "Ah, Salamanca./ O sal/ com que amo Espanha".

Foi inclusive na Espanha que Renata Pallotini começou a escrever teatro. Já havia feito, ainda no Brasil, algumas adaptações de contos brasileiros por volta de 1958/59, que enviou para um concurso promovido pelo teatro de Arena, em São Paulo. Sua adaptação de Sarapalha de Guimarães Rosa, deu à Renata o segundo prêmio. Mas Monólogo Interior, escrito em Madrid, foi de fato sua primeira peça, até hoje inédita e que ela considera seu primeiro exercício. Em seguida vem O Crime da Cabra, montada pela Companhia Nidia Licia e que obtém o Prêmio Molière de 1965 e o Prêmio Governador do Estado.

Inspirada no "Cérco de Numância" de Cervantes, escreve O Escorelho de Numância: a história de um povo cercado que prefere perecer a ser dominado por outro, estrangeiro. É a sua primeira tentativa de juntar poesia e teatro, que lhe vale o Prêmio Anchieta de 1968.

O tema da justiça que já aparecera em O Crime da Cabra reaparece sempre no teatro de Renata Pallotini. As quatro peças curtas: Uai-te Cristimas, O Vencedor, O Exército da Justiça e A Lâmpada que compõem seu livro "Pequeno Teatro" ainda que não tenha, como diz a própria autora "um fio que as unisse, tem todas uma preocupação como destino do homem, sua sobrevivência, seu caráter, e talvez subjacente uma grande dúvida com relação ao que se chama justiça".

Essa dúvida é anterior à escolha do Direito, ou é fruto dos tempos duros em que vivemos, em que a justiça parece ter sido definitivamente banida do coração do homem?

Renata admite ter tido sempre "uma visão um pouco 170

romântica da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Para ela a Faculdade das Arcadas era um ninho de poetas, escritores e "até mesmo" advogados. Fez o curso com muito empenho, e a partir daí veio esta dúvida com relação à justiça: humana, falível, limitada, dependente de critérios humanos.

"Nem sempre a gente é capaz de administrar bem essa justiça. Há nuances, coisas difíceis de resolver".

Por exemplo: de quem é a cabra da sua peça? Do antigo dono ou do futuro proprietário cujo dinheiro a própria cabra comera? E ainda. Porque alguns já nascem proprietários e outros não? Se você herda é o outro não, onde está a justiça disso?

O largo de São Francisco para a Renata Pallotini era o "beijo da liberdade, os cafés da madrugada, a aventura, a loucura inicial, o som da fala ao ouvido de alguns mestres basilares, o duro ensino tortuoso, a lei imposta e entendida, os novos sons da política".

Por ser tudo isso, por ter no largo de São Francisco, "seus amigos, seus amores, por ter tudo começado no largo de São Francisco", a poeta diz: "Aos anos ano caminho/ mas sempre estou rodeando o Largo de São Francisco/ sonho voltar e me entendendo/ no largo de São Francisco".

Reconhece: "Sempre estive renascendo/ sempre estive me fazendo/ amando no espaço livre do largo de São Francisco..." Que afinal, "está cada vez mais cercado/ agora está mais exíguo".

E perplexa a poeta pergunta: "Até onde o possuiremos/ até onde é largo aquilo? Até onde nada é largo? Até onde vai tudo isso"? (4)

Mas o problema da justiça não se limita para Renata Pallotini apenas à questão a propriedade privada. Essa é apenas uma das formas com que abordou o tema, tratado sob ângulo diverso em Exército da Justiça, onde um criminoso acaba sendo metralhado pela polícia ao fim de várias tentativas infrutíferas de sair do "círculo vicioso" do crime. É a corrupção empurrando a pessoa para a criminalidade, na qual esta permanece, induzida pela própria polícia, que deveria protegê-la.

Apaixonada pela Escola de Direito, Renata Pallotini descobriu, no entanto que se interessava mais por seus fantasmas

121

que pela própria Escola. Daí que passou a dizer que "escritor é quem sabe descrever seus fantasmas".

Sua peça Enquanto se Vai Morrer é a história da Faculdade de Direito em várias épocas, a Revolução de 1932, a Segunda Guerra, a época dos poetas românticos, a figura de Júlio Franck, líder maçom, fundador de uma célula maçônica que por impedimento da Igreja acabou sendo enterrado na Faculdade. Renata discute na peça problemas de sua geração, o que conseguiram realizar, o que não conseguiram, e que afinal acabou resultando em abril de 1964. Ações concomitantes contam a história das Arcadas de suas origens até hoje.

Enquanto se Vai Morrer foi vetada pela Censura e Renata Pallotini reconhece que este fato causou um "vazio enorme" uma "grande defasagem". A censura provoca um vácuo no autor, fica uma coisa atravessada na garganta".

Ainda inspirada na Escola de Direito, compôs Serenata Cantada aos Companheiros, que resultou numa enorme polêmica. Foi apresentada no Teatro do Meio pelo Teatro Equipe com direção de Fausto Fuser. A peça critica a pouca combatividade do advogado, a acomodação do espírito combativo. "Muitos colocaram a carapuça, ficaram ofendidos. Apareciam estudantes que protestavam contra o espetáculo. Tudo isso, porque a peça rebate certos mitos".

O mergulho nessa realidade, que é a realidade do país, a reflexão sobre toda esta problemática, levaram Renata Pallotini a ser uma pessoa consciente da urgência do trabalho humilde, disciplinado.

Seu dia a dia reflete esta disposição de espírito. Pouco notívaga: "vivo durante o dia e à noite gosto de dormir mesmo". Nunca acorda antes das nove por achar absurdo. Dispensa boites e reuniões com muita gente onde as pessoas se comunicam aos berros e de longe. Prefere o aconchêgo de pequenas reuniões com amigos. Poucos e bons.

Pela manhã fica "ciscando" um pouco, reunindo material, organizando coisas para o período de trabalho firma que vai geralmente das 14 às 19 horas. Depois do almoço - "gosto de almoçar em casa, não me sinto bem emendando tudo, de manhã é tarde - lê dois jornais e recebe os telefonemas dos amigos que sabem que

172

nesta hora está perfendo telefone, enfim conhecem seus hábitos.

Adora café, mas como não pode tomar muitos, a hora do dia que mais "curte" e para a qual se prepara é a hora do cafezinho das 16 horas. Renata diz que "para tudo" e o café é recebido com todas as honras.

Jantar sim, Renata gosta de jantar fora, com os amigos, que juntamente com o cinema e o teatro são as grandes paixões da poeta. Os fins de semana, Renata Pallotini passa em seu sítio em Atibaita: Uma casa com lareira e piscina e um cachorro", um Dobbermann que adora e que tem paixão por ela. "É absolutamente impossível ter outro, porque ele morreria de ciúme"

Às vezes Renata vai na sexta e fica até segunda, num fim de semana esticado. Mas mesmo no sítio, onde pretende instalar-se quando para as aulas na ECA onde leciona atualmente Dramaturgia e na Escola de Arte Dramática onde ensina Teatro Brasileiro, Renata trabalha. E muito. O silêncio, as solicitações menores "poucos sabem o número do telefone", fazem o trabalho render.

Mas eventualmente Renata Pallotini rompe com essa rotina fértil de trabalho para ocupar cargos públicos onde se exercita no serviço à comunidade, embora saiba que este tipo de encargo sacrifique muito a carreira do artista. Não se arrepende, por exemplo de ter sido presidente da Comissão Estadual de Teatro no período de 69/70 para onde foi à convite de Décio de Almeida Prado, na época crítico de teatro do jornal "O Estado de São Paulo", além de integrante da Comissão, juntamente com Sabato Magaldi e Anatol Rosenfeld.

Renata Pallotini entrava para o cargo quando Cacilda Becker o deixava "esgotada e talvez já doente"

Comparando os temperamentos das duas. Décio de Almeida Prado, conta que Cacilda Becker sofreu muito com o cargo, já que seu gênio não admitia eventuais perdas. Já Renata, mais calma e comedida, não se perturbava com uma outra batalha perdida. "A comissão, conta Décio se reunia, havia a votação e ganhasse quem ganhasse, não havia qualquer espécie de competição ou rancores"

Décio atribui isso à ausência de vaidade de Renata Pallotini, o que fez com que na sua gestão não houvesse qualquer espécie de choque. "Mas sem dúvida, tanto a Cacilda quanto a Renata

eram pessoas extremamente dedicadas à causa pública. Cavilda sorria mais, por causa de seu temperamento".

Foram anos duros para Renata Pallotini, mas que valeram a pena. Parou seu trabalho de escritora e a poesia para se dedicar integralmente à CET. Disse adeus ao trabalho literário e divertimentos. Queria dar um tratamento especial a todo mundo. Tratar as pessoas como gente, como seres humanos que procuravam a Comissão não apenas para pedir verbas, mas para obter informações, trocar idéias.

Renata Pallotini chegou ao final de sua gestão com um trunfo conseguido por poucos: sem inimizades. "Isso porque, segundo ela a Comissão era extremamente competente. Nunca mais tivemos uma Comissão como esta, para julgar e deliberar".

Ela, Décio, Anatol e Sabato faziam longas reuniões onde debatiam assuntos difíceis, espinhosos como teatro popular. O teatro feito para o povo ou pelo povo? E as tentativas que se diziam teatro popular e não atingiam o povo? E se o povo vai fazer seu próprio teatro, como ajudá-lo em suas carências e dificuldades? Como fazer, se mal tem tempo para as coisas mais essenciais, se o trabalho pela sobrevivência o esgota, para motivá-lo a estudar teatro? Como criar cultura para o povo, eis as perguntas que se faziam continuamente.

Por isso, durante sua gestão decidiu-se que todos os segmentos receberiam auxílio da CET. Não haveria grupos privilegiados. Ela e seu grupo distribuíram subvenções de uma maneira equitativa para o teatro universitário, teatro amador, teatro popular, sem esquecer os profissionais de teatro.

Recentemente Renata Pallotini teve mais dois convites para voltar a integrar a Comissão Estadual de Teatro. Chegou a participar de vários encontros, dos quais também participou Décio de Almeida Prado, quando o José Mindlin foi Secretário de Cultura. Mas acontecimentos imprevistos, inclusive a morte do jornalista Wladimir Herzog fizeram com que a equipe se dissolvesse.

Hoje Renata diz que para ocupar novamente este cargo, só com apoio integral da Secretaria. Sem isso, não há condições desta Comissão de Teatro funcionar, segundo acredita.

Mas não só da poesia, teatro e cargos públicos vive

124

Renata Pallotini. Como a maioria do povo brasileiro adora futebol e é uma corintiana convicta "desde que nasceu". No dia da vitória do Corinthians, só não foi para a rua de medo do desvario do povo. Ficou seguindo o jogo pela televisão e desta paixão, surgiram dois poemas e uma peça: O Dia em que o Corinthians foi Campeão, editado em poster de mil exemplares, coisa pelo menos inusual na área de poesia e que vai ser estudado por uma amiga sua - Terezinha Pereira na cadeira de Literatura Brasileira, na Faculdade de Boulder, no Colorado, Estados Unidos.

"São onze contra onze/ e o povo em frente/ é o jogo da bola/ e o povo enfrenta./ é a pura compra e venda/ e o povo, crente./ Sem nenhum pão no dente/ de bandeira na mão/ os guardas pela frente/ e o pau quebrando/ (e a Fiel comparece) o povo paga sempre/ o povo esquece!// ... "Coringão, coringão, vais cobrir o buraco/ que ficou no bolso/ na cabeça/ no saco?// Vais me dar a mulher, o filho, o emprego?/ Coringão, é melhor te ver do que ser cego!"

"..."

"Oh, jogo polivalente!// Por que não vales pra comprar leite?/ Por que não serves para eleição?/ Por que a alegria do meu povão/ não permanece?"

"..."

"E a massa marcha pelo Morumbi/ acima e abaixo/ brandindo os paus de gol e sua fúria// Há um minuto de espanto no olho do guarda/ um minuto de espanto no pano da farda/ um minuto de espanto no governador:// E se/ de/ repente?// E/ se...?// Mas/ passou".

O poema Corintiano está no livro Noite Afora e a peça Melodrama, ainda inédita conta a história de uma atriz em decadência pelo alcoolismo e sua falta de saídas para este impasse. A ação se passa num bar, com as portas cerradas, para impedir a entrada da multidão, que lá fora, comemora a vitória do Corinthians.

É lógico que Renata Pallotini sabe, entende o caráter ambíguo do esporte de "massa" brasileiro. Apesar disso ela tem pelo futebol a mesma fascinação que experimenta pelas corridas de touro que aprendeu a amar na Espanha.

125

Quando viu pela primeira vez em Sevilha, em dias de grande festa, Renata ficou apavorada com a crueldade do espetáculo. Daí em diante tentou entender aquilo que fascinava tanto aquela imensa comunidade de velhos, mulheres e homens que aprendiam a ver touradas muito cedo, no colo de suas mães.

Já na segunda vez Renata não torcia pelo touro. Começou a analisar a coragem do toureiro, o fio de linha que separava o seu peito do chifre do animal. E passou a entender a beleza de tudo aquilo. O sacrifício do touro, ritual de tempos imemoriais, não assumia mais ares terrificantes. Havia alguma coisa inexplicável que conseguia eletrizar multidões e isso era fascinante.

A mesma coisa se passa com o futebol. Há o elemento de engôdo e alienação, mas ainda é o grande consolo do povo brasileiro. "O fato do Corinthians ser campeão não impede as massas de fazerem a revolução. Talvez impeça a pessoa de enlouquecer".

E por falar em massa, que significa para a poeta a dramaturga escrever para um veículo de comunicação de massa, como a televisão?

O mais interessante para Renata neste tipo de trabalho é a repercussão, a linguagem gostosa, movimentada. "É agradável a ressonância em grande número de pessoas. O espectador responde na hora. A TV é um veículo poderoso que pega milhões. Para o escritor é a possibilidade de ser visto em Goiás, em Porto Alegre e na Amazônia ao mesmo tempo".

Renata reconhece que é preciso se submeter ao veículo. É preciso facilitar, baixar o nível de exigência, coisa que não estava acostumada a fazer. Simplesmente fazia tudo que tinha vontade, sempre buscando a comunicação. Na televisão é preciso diluir a informação, torná-la leve e fácil.

Além disso é um trabalho de equipe. É preciso se habituar a ver o trabalho reformulado, às vezes na sua totalidade. Mas Renata quando se dispôs a trabalhar em televisão, preparou-se para uma proposta de trabalho em equipe. Discute tudo com certa humildade porque não se considera uma expert em televisão.

Evidente que tudo isso não acontece absolutamente sem

dores. Há um certo conflito. Mas está consciente que não adianta colocar na televisão arte pura, que não será vista e muito menos entendida. "Coisas abstratas talvez possam ser levadas em estágios mais avançados".

Este conflito está registrado na sua poesia O Escravitor, poema que tem exatamente o sub título: Depois de escrever um capítulo de telenovela, fala sobre ele: "Se das palavras não tirar mérito/ farei o que ordenam/ recolherei o dinheiro que me pagam/ e com esse dinheiro hei de plantar flores e uma casa de cachorro.// Mas se das palavras não tirar mérito/ terei perdido a vida e tudo o que amava./ E nunca mais poderei fazer o poema desejado,/ o poema livre e igual à minha vontade/ bonito como um navio". (5)

Renata Pallotini já escreveu seriados para a TV Globo, Vila Sésamo para a TV Cultura, alguns teleteatros para a Globo e Randeirantes e uma novela O Julgamento para a TV Tupi, adaptação de Os Irmãos Karamazov, de Dostoiévski.

Mas sem dúvida é na poesia que Renata Pallotini se sente melhor. Ela mesma se diz "uma poeta que eventualmente escreve teatro". É aqui que ela está em casa, com seus fantasmas, mas com sua lucidez, com sua percepção acurada especialmente da problemática feminina.

Referindo-se ao poema Lumra (Monólogo Vivo), o crítico Osmar Pimental diz que a poeta "transforma a flor de sempre num símbolo consciente da condição e do destino da mulher". E como Renata Pallotini vê o movimento feminista no mundo e no Brasil em particular? Está engajada em algum tipo de movimento?

Ainda que não esteja engajada em qualquer tipo de movimento organizado Renata Pallotini está sempre ligada na luta feminina. Acredita mesmo que seja ainda difícil encontrar condições equilibradas de luta, porque na medida em que a mulher foi, tanto tempo subjugada, ela tende a exagerar nas suas posturas e reivindicações. Mas está convicta da necessidade da luta para que a mulher possa ter uma posição digna na sociedade.

O grande equívoco que Renata Pallotini vê no movimento feminino, e para o qual acredita, as mulheres devem ficar atentas, é a mulher sendo inimiga da outra mulher em razão de uma rivalidade fomentada pelos próprios homens e que tem um fundo

sexual.

"Há uma jogada feita pelos homens, que é a jogada da beleza, que coloca as mulheres umas contra as outras. É preciso que elas revejam isso".

E por falar em mulheres, são duas mulheres as personagens principais de um dos primeiros contos de Renata Pallotini, exatamente aquele que dá nome ao seu único livro de ficção: Mata é a Cor da Viuvez: "um belo e corajoso livro na opinião de Lygia Fagundes Telles, que lembra a atmosfera sutil de um Igar Bergman, afeito ao trato das personagens femininas".

"As personagens principais são duas mulheres, escreve Lygia no prefácio". É o morto em torno do qual eles tecem toda uma teia de perplexidade e ironia, medo e ciúme - enfim a intriga de amor que as separa e une, ambíguo e sumoroso como aquele fruto que elas provam da arvorezinha nascida num túmulo, as mulheres, esquicie-me de dizer estão num cemitério. O sol. A sede. Às vezes esse amor transparece na confusão de ambas, amor que é uma espécie de flor múltipla, escapa por todos os lados e se reproduz de si mesmo".

Depois deste livro, Renata Pallotini escreveu mais quatro ou cinco contos, publicados em revistas femininas. Não acredita que deixe de escrever ficção, mas no momento não se sente inclinada para este tipo de literatura.

Ainda que seja uma poeta bem sucedida Renata Pallotini não considera que poesia deva estar necessariamente em livros, em geral pouco vendidos e pouco lidos. Há uma série de outras opções e ela própria já participou de um espetáculo de poesia: Poetas na Praça, juntamente com Eunice Arruda, Ilka Laurito e Neide Arcanjo, sob direção de Elói Araujo.

Poetas na Praça programado inicialmente para ficar dois dias, acabou ficando um mês no Teatro da Praça em São Paulo, além de ter viajado por cerca de oito cidades do Vale do Paraíba. As próprias poetisas diziam seus poemas com absoluto sucesso o que vem provar que poesia não é tão maldita quanto se diz.

A partir deste espetáculo surgiram outros movimentos de poesia falada, continuando a tradição iniciada pelo poeta Lindolfo Bell, na década de 50. Atualmente Renata Pallotini é uma das

178

poetas do espetáculo em cartaz no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo: Fala Poesia, com direção de Tereza Aguiar.

Extremamente fiel às suas origens, seus amigos, sua gente, Renata Pallotini vive há 30 anos no mesmo prédio, um dos primeiros a ser construído naquela região fronteiriça entre a Aclimação e a Liberdade, dois dos mais antigos bairros de São Paulo.

"A cidade nasceu do Pátio do Colégio para cá", diz Renata Pallotini, olhando da janela do seu escritório, de onde se vê a Glória, a Rua da Pólvora, os sobrados de sacadas de madeira que compõem as feições da velha São Paulo.

"Eu me entendo neste bairro. Gosto de descer a rua e andar por aquelas pequenas lojas. Gosto daquela povo que vive na Liberdade".

Por isso, ainda que a poeta alerte para a dureza do Ofício de testemunhar o amargo, ser portador de tristes novas, ser o pulso onde bate todo o sangue derramado", mesmo quando sente o desconforto de "ver o mundo terrivelmente aberto em duas metades, ela que tinha a límpida esperança/ de que a terra era a Terra, e que o homem, à mesa podia entre dois copos, dizer sua palavra", às vezes desespera e pensa que "há um instante em que o certo é vasar os dois olhos/ e recusar-se à visão do infortunio". (6)

No entanto Renata Pallotini não recua, não se recusa a esta visão. Resiste.

- (1) Iaso, em Arcos da Memória, pag. 58
- (2) O Município, em Arcos da Memória, pag. 18
- (3) Plaza Mayor (Madrid) em Arcos da Memória, pag. 22
- (4) No Largo de São Francisco, em Noite Afora, pag. 72
- (5) O Escravitor (Depois de Escrever um Capítulo de Telenovela) e, Noite Afora, pag. 17
- (6) Citação livre de Simposium 5 e Simposium 6 em Coração Americano, pag.

180

Renata, você tem quantos anos?

Renata - Mas que chato começar por aí. Eu nasci em 1931 e então tenho 62 anos.

Mas olha aí, não parece.

Renata - Obrigada.

Há quanto tempo você dá aulas?

Renata - Relativamente pouco tempo, porque eu fiz outras coisas antes, por exemplo advoguei durante dez anos. Dar aulas eu comeci meio esporadicamente em 64 na EAD de forma não regular sem nenhum vínculo. Eu estava substituindo o Sábato Magaldi que teve problemas e eu assumi dando as aulas dele na disciplina História do Teatro Brasileiro. A EAD era ainda uma escola particular do Alfredo Mesquita. Ou seja, eu não tinha nenhum vínculo, não tinha carteira assinada, não tinha salário, como aliás a maioria dos professores de lá.

Você havia estudado lá, não é?

Renata - A EAD era uma coisa muito séria. Eu entrei para a EAD quando o Alfredo Mesquita inaugurou um ~~curso~~ curso de Dramaturgia e Crítica anexo ao curso de Interpretação. Eram dois anos; então fiz 61, 62 e em 63 continuei ligada à Escola, porque eu gostava muito de lá - fiquei assistindo umas aulas com o Anatol Rosenfeld que era uma pessoa extraordinária. E como eu estivesse ligada, em 64 o Sábato que dava Teatro Brasileiro não pôde continuar e eu assumi o lugar dele. Eu que nunca tinha tido planos de dar aulas, nunca tinha pensado nisso - eu era advogada e estava trabalhando num escritório, já escrevia, já tinha livros publicados.

Já tinha peças publicadas ou montadas?

Renata - Tinha coisas escritas, mas não tinha estreado ainda profissionalmente. Eu estreei profissionalmente no teatro em 65. Na poesia eu já tinha coisas publicadas, mas teatro eu estava justamente começando a escrever na Escola. Foi lá que escrevi meu primeiro texto que foi O Crime da Cabra. Antes eu tinha feito tentativas, mas nada organizado. O Crime da Cabra eu comeci a

181

escrever na Escola como exercício de criação. A primeira versão foi para a televisão - foi encenada no Canal 9, TV Excelsior e só depois eu fiz uma outra versão para teatro. Então em 64 eu tinha coisas escritas e estava fazendo alguma coisa para a televisão. No teatro não tinha feito quase nada.

E na EAD, você ficou até quando dando aulas de História do Teatro Brasileiro?

Renata - Até 68 quando a EAD passou para a USP. O Alfredo Mesquita conseguiu um encontro de interesses porque ele sentia que a Escola estava ficando grande demais para ele e ele estava sem recursos para mantê-la. E havia essa oportunidade de passá-la para a USP que era uma coisa que ia modificar e de certa maneira garantir a existência da Escola.

Até então era ele que a mantinha?

Renata - Era ele. Ele pagava os professores como podia. Na USP eu continuei dando aulas na EAD mas então fui convidada a dar aulas na ECA (Escola de Comunicações e Arte) no Departamento de Teatro. Aí já ia ser outro teor porque a EAD era de nível médio. Na ECA eu passei a dar aulas de Dramaturgia em 68 e também fui para substituir um professor que estava se afastando que era o Jorge de Andrade - ele não tinha se adaptado ao trabalho na ECA. E acabei me interessando muito mais por Dramaturgia do que meramente dar aulas de História do Teatro. Eu me interessava mais pelo texto tanto que depois de um tempo na própria EAD passei a dar aulas de Literatura Dramática como hoje em dia eu trabalho com Dramaturgia na própria EAD.

Gostaria que você falasse um pouco mais da Escola de Arte Dramática ainda no tempo do Alfredo Mesquita e a famosa sopa, etc.

Renata - Bom a EAD era um encanto porque ela tinha um esquema todo especial. As aulas começavam às 19.00 mas a gente chegava do trabalho - era raro quem não trabalhasse em outras coisas - entre alunos e professores. Então a gente chegava aí por 19 horas e descia lá para o porãozinho e era servido um jantar, uma sopa. A princípio o Alfredo mandava buscar da casa dele, a sopa era feita

na cozinha da casa dele e a princípio iam os panelões de sopa da casa dele, todo santo dia, para a EAD. Mas aí começou ficar muito complicado e se começou a fazer essa sopa na cozinha da Escola. Então era servida uma sopa, um pãozinho, uma sobremesa e um cafezinho. E aquilo quabrava um tremendo galho para todos nós porque não havia tempo de ninguém ir para casa e muitos ali não poderiam pagar um lanche ou coisa parecida. Aquilo era gratuito para os alunos e eu acho até hoje uma compreensão do problema humano da parte do Alfredo Mesquita que era uma coisa sensacional. Ele era realmente uma pessoa finíssima, maravilhosa.

E atualmente você leciona que matérias?

Renata - Literatura Dramática na ECA e Dramaturgia - Teoria e Prática na EAD.

Como você vê o diálogo da tua disciplina com a Educação. Como você acredita que se dê a relação teatro e educação, entendendo educação aqui como processo de crescimento humano, enfim em termos de aprender a ser humano como a fenomenologia define?

Renata - Como eu te disse outro dia eu entendo pouco da educação propriamente dita, digamos a teoria, porque eu entrei na coisa muito lateralmente. O teatro é milenar então me parece que a familiaridade com o texto, o aprendizado, o estar perto de uma visão estética da vida em termos de espetáculo faz crescer o ser humano, amadurecer, progredir. É uma especialidade da arte difícil de ser abordada, mas eu não consigo pensar na arte como uma atividade que toque muito as pessoas, porque elas tem problemas que cortam o caminho de aproximação à arte: subsistência, há pessoas que não sabem ler, e outras que mesmo que leiam não conseguem se aproximar do fenômeno teatral e mesmo quando fenômeno teatral vá a elas, isso não ocorre. Para não dizer que isso empobrece o teatro - ou seja sempre que você leva espetáculos de teatro em outros lugares que não o teatro, você perde em termos de espetáculo, em termos de cenário, em termos de dicção. E fora isso a pessoa em geral está mal acomodada, mal sentada, quer dizer tem tanta coisa contra ela que quando a gente vê uma pessoa despreparada que gosta de teatro é um milagre. Enfim eu acho que

se aproximar de um texto dramático, que faz você conhecer o mais profundo do ser humano, de seus conflitos, das suas buscas, das suas dúvidas enriquece qualquer pessoa.

Você acredita que haja hoje na universidade um relacionamento das disciplinas de forma que se poderia dizer boa, excelente ou apenas razoável na USP? Como seria o ideal para você?

Renata - Eu conheço a minha universidade, eu conheço a USP e ~~se~~ poderia dizer que se dá sim uma complementaridade, uma interrelação, não sei se seria ideal mas é boa. Eu vejo que há experiências interessantes como essa dos cursos para a Terceira Idade. Na minha escola apareceram muitas pessoas maduras que estão afim de ter contato, de voltar a conhecer coisas. Vejo além disso gente da filosofia e do teatro trocando informações, idéias, vejo gente de teatro se relacionando com o pessoal de Letras. Vejo muito a aproximação entre a FAU e a ECA, quer dizer a arquitetura e a cenografia. Claro não temos muito a ver com a Medicina e a Veterinária. Então eu acho que há uma troca muito boa, pode não ser ideal, mas nada é ideal.

Hoje, nós sabemos, mais que nunca na sociedade contemporânea, o saber está fragmentado, pelas próprias circunstâncias do desenvolvimento humano, social e tecnológico. Como isso fica na cabeça das pessoas? O que fazer para se ter uma visão do conjunto do saber ou saberes na atualidade na sua opinião?

Renata - Hoje em dia a coisa está tão complicada, ampliou-se tanto o saber que acho que só se pode fazer a síntese através da filosofia, ou então dessa coisa maravilhosa que é a poesia.

O teatro também é uma arte que reúne várias outras...

Renata - É de certa forma o teatro também, porque o teatro seria a fusão da filosofia com a poesia. Acho que através da arte e da filosofia, através da própria sofia que é a busca mesmo da sabedoria. Eu acho que se fossemos pelo campo da informática a coisa já enlouqueceu tanto que mal dá para a gente desconfiar. É impressionante hoje em dia a capacidade da informação, o que a informação está dinamizando as relações. É assustador.

184

Conte isso.

Renata - Como era uma tese e não havia justamente preocupação em se estar fazendo uma peça para montagem, eu pensei em fazer um trabalho à minha vontade para justamente por em prática algumas coisas de dramaturgia. Então eu deixei correr. Então é uma estória de uma viagem de emigração, de italianos, uma viagem entre Itália e Brasil

é uma viagem dos seus antepassados...

Renata - Um pouco de antepassados, uma coisa meio épico-lírico, com toda a liberdade, se passa no mar, se passa no Brasil, se passa na Itália, ela tem uma duração de trinta - quarenta anos - o tempo também é longuíssimo, é bem Peer Gynt é bem uma viagem de um lugar para outro. é um delírio, tem muita gente, tem muitos personagens eu gosto muito dela

E houve algum diretor que já se interessou em montá-la?

Renata - Interessados sim ainda que não tenha podido mostrar muito, não fiz muita publicidade dela. Mas quem leu gostou muito. Mas é aquela coisa - gostam mas não podem fazer porque vai ser muito cara. Você já sabe como é isso.

E seus livros são encontráveis facilmente nas livrarias?

Renata - Alguns sim, mas os de poesia são em geral livros pequenos editados na maioria pelo Massao Ohno que é ótimo é um artista gráfico maravilhoso mas ele não distribui muito. Então não sei realmente se são encontráveis. Mas escrevi bastante poesia, teatro tenho dez, doze peças, algumas estreadas. Tenho também textos de televisão que não estão publicados. E tenho também três livros para crianças e agora um que vai sair em julho e cujo título é do Tamanho do Mundo.

E você disse há pouco que vai publicar um Coração Americano? Fale sobre isso. Você já tem dois. Vai ser o terceiro Coração Americano?

Renata - É eu estou com um Coração Americano dilatado (risos) o Coração Americano III acrescido de uma parte toda sobre Cuba

Como já estou com uma vivência de cinco anos em Cuba e eu acompanhei muito a problemática que eles vivem... Porque nesses anos minha visão foi modificada e ampliada. Quando eu cheguei lá em Cuba ainda se estava vivendo um período calmo, eles estavam fazendo ainda sua experiência tranquilamente o seu socialismo eles estavam tocando, a União Soviética estava de pé ainda, a coisa estava progredindo. Em cinco anos foi uma catástrofe, caiu a União Soviética, caiu o mundo socialista e Cuba ainda é um dos últimos países do mundo socialista, e eles estão meio que sozinhos. Estão muito na mira, muito boicotados. Então essa minha visão desses cinco anos estão nesses poemas. À parte isso, tenho todo um outro volume de poesias inéditas que também pode-se publicar, que eu quero publicar. E além disso tenho o dever já nessa altura da vida, de publicar minha obra completa, de poesia pelo menos. A minha poesia não é fácil de se encontrar em lugar nenhum. São edições pequenas e mal distribuídas. Você encontra livros meus em sebos e quando algum amigo me encontra, vem me contar, é uma novidade

E a sua poesia atual, você diria que tem alguma novidade em relação a de dez anos por exemplo?

Ranata - Novidade não sei... eu estava lendo aí o Pedro Lira (refere-se ao livro Ideologia e Literatura) e tem um ensaio em que ele fala - ele é marxista - de como o irrita a preocupação com a linguagem, com a experiência formal como ele acha que a poesia tem que ter um conteúdo humano, que seja importante, para a mudança do destino do homem. Eu não estou totalmente de acordo com ele, porque ele é muito específico no marxismo dele, mas na verdade o que eu quero na minha poesia é falar coisas para as pessoas. Porque na poesia a gente não pode distinguir conteúdo e forma - mas acho que eu nunca vou ser uma experimentadora formal, inda mais nessa altura da vida. A minha vida vai mudando, as minhas preocupações vão mudando, os meus assuntos, minha visão de mundo vai mudando. Há seis anos eu não pensava em Cuba e de repente de cinco anos para cá eu escrevi um livro sobre Cuba. Então isso é a vida da gente que vai apresentando novidades. Acho que a forma e o conteúdo devem vir juntas, mesmo porque se as coisas que a pessoa

190

diz não me interessam, ela pode dizer uma coisa belíssima mas não me interessa.

E para a televisão, você tem escrito alguma coisa?

Renata - Estou mais interessada em escrever sobre televisão que é este livro Dramaturgia de Televisão que estou levando para a Ática e isso leva pelo menos um ano, mas espero que já entre na programação. Mas trabalhar para a televisão hoje em dia só se fosse para determinadas coisas e que fosse um trabalho que eu pudesse fazer entre outros. Porque a televisão, quando você pega um trabalho grande como a telenovela ela exige tempo integral. Isso não daria. Mas se pintar um convite para uma coisa que eu goste de fazer, aí sim eu aceitaria. Nesse momento estou pensando mais em discutir a televisão, principalmente a ficção de televisão, porque tudo isso se ligou com o meu trabalho na Escola Internacional de Cinema de Cuba.

E você tem viajado para a Europa? Sei que você gosta muito da Espanha.

Renata - Não, não tenho infelizmente, especialmente para a Espanha gostaria muito de voltar. Mas quando aparece um convite bom eu tenho outra coisa. Então em dezembro do ano passado passei no Peru em tempo integral em Cusco, dando um curso de dramaturgia para gente que faz video, foi muito bom, quinze dias em tempo integral, uma coisa gostosa onde você fica o tempo todo com pessoas, profissionais, gente de cinema e tv. Eu aproveitei muito e eles também. Este ano não tenho planos de sair do Brasil, justamente para dar acabamento no livro, procurar editor, coisas assim. Mas pintando um convite interessante eu vou. Tenho muita vontade de voltar para a Europa, só que para lá você precisa de muita grana.

Voltando a universidade eu gostaria de saber a sua opinião. Às vezes olhando a universidade, estou pensando na Unicamp especificamente que é onde eu estou no momento, meio alheia, meio fora do mundo. Você sente isso ou não? Como vê a universidade, no teu caso a USP como instituição em relação à sociedade global? Afinal qual a função da universidade na sua opinião?

191

Renata - Eu conheço melhor a USP e então o que eu posso dizer sobre a Unicamp é o que eu ouço dizer, o que as pessoas me dizem. Não é a tua visão e nem a minha: pelo que ouço dizer é que a Unicamp se afastou mesmo do mundo onde ela está. Talvez ela considerasse o mundo um pouco provinciano não sei. Talvez ela quisesse criar uma universidade mais universal, menos ligada ao local onde está, mais ela não tem nada a ver com o local onde ela está. Ela se distanciou, é uma posição elitista. Já a USP acontece diferente - não é que a USP seja melhor e a Unicamp pior, inclusive a Unicamp tem cursos melhores em algumas áreas. Acontece que a USP cresceu junto com a cidade e me parece que a Unicamp se envergonha um pouco de Campinas, porque ela nasceu grande dentro de uma província. Enquanto a USP nasceu pequena dentro de uma cidade pequena e foi crescendo junto com a cidade. E a USP, claro é elitista? é na medida em que toda a universidade brasileira é elitista - a nossa quantidade de analfabetos é imensa. E a gente fala de analfabetos mas deveríamos falar dos semi alfabetizados ^{2a dos} que é uma enorme quantidade de pessoas que sabem apenas decifrar umas tantas letras. Então a universidade é elitista. Agora quanto à USP ela teve esta vantagem, ela nasceu junto com a cidade. Eu acho que ela é mais ligada com o mundo intelectual da cidade, com o mundo estudantil, ela costura mais, ela está mais dentro da cidade, você vê ela propõe coisas. As pessoas entram na Cidade Universitária sem pedir licença, vão correr lá, vão levar seus cachorros para passear, vão jogar futebol, isso não estava previsto, mas já que fomos invadidos pela cidade a gente faz concertos, espetáculos de teatro, um pouco de tudo. Quer dizer que São Paulo é uma cidade mais invadida, tem a raia universitária, tem que pessoas que vão lá remar você não consegue fechar.

Acho que na Unicamp existe isso de a maioria dos professores morarem em São Paulo e mesmo quando moram lá eles não participam muito da vida cultural da cidade que é precária, mas digamos eles não incrementam a vida cultural da cidade senão isso seria diferente hoje. Houve é verdade uma mudança em Campinas mas muito lenta em vista do que se poderia ter feito.

Renata - Acho que a Unicamp deveria conquistar Campinas porque

afinal Campinas é uma força, é uma cidade importante. Há poucas cidades no Brasil importantes como ela.

Você não acha que se a universidade, aqui falo em geral, a instituição universitária fosse mais participante, enfim fizesse realmente parte as coisas no Brasil ~~vão~~ estariam melhor paradas? Enfim minha pergunta é: por que, sendo as universidades brasileiras de tão alto nível porque os governos são esta catástrofe? Onde estão as pessoas que saíram das universidades com grande, ou algum grau de conhecimentos? Escondidas? Ou fora do país?

Renata - Na verdade se formos olhar o quadro dos nossos governantes dificilmente alguns deles não tem um curso universitário. Geralmente um curso de Direito nem sempre nas melhores - um curso de Administração, de Economia, um curso universitário nossos governantes tem, seja qual fora a localização geográfica deles, alguns saíram de universidades do Nordeste, outros de Minas. E alguns saíram das universidades de São Paulo. Você vê Fernando Henrique é um homem de universidade, Montoro, o próprio Quéricia fez sua universidade também, todos eles são pessoas saídas de cursos superiores. O que eu acho é que uma coisa é saber, outra coisa é uma visão pública, da coisa pública, a consciência pública que é o que eu acho mais falta hoje no Brasil. É a consciência da res-pública, já que estamos numa República, que foi confirmada, não estamos numa Monarquia... o homem público brasileiro não tem consciência da coisa pública, ele tem consciência da coisa privada. Ele quer aumentar os dólares dele, ele quer ter uma conta maior nas Bahamas ou na Suíça, ele quer ter mais propriedade, mais poder, ele quer grana. E poder que, poder significa grana e mais também ~~que~~ poder é gostoso. Então o que falta ao homem público brasileiro é que ele tenha uma noção mínima do que seja a coisa pública, do que é o governo, do que é uma população, um país. Ele está considerando um país como o quintal deles onde eles mandam consertar aqui, arranca uma coisa aqui, outra ali, e pega com o dinheiro do povo, dos impostos. O saber eles até tem certo saber - O advogado sabe algumas leis, o administrador etc. agora falta caráter, consciência, um mínimo de

honestidade, de vergonha na cara, de moral

Por que lá fora isso não ocorre com tanta intensidade?

Renata - Lá fora... bem precisamos pensar primeiro em América Latina. Sabe a Suíça é um mundo a Bolívia é outro. Nós temos sido historicamente desmoralizados, espoliados, se arranca de nós o que se pode arrancar. Nós sofremos a pressão do pessoal da América do Norte, dos Estados Unidos, o interesse deles é tirar o que ele puderem, como no passado fizeram Portugal, e Espanha. Eles não tem o menor interesse em melhorar a nossa consciência, a nossa vida. Nós deveríamos reagir contra isso e dizer a eles que nós somos uma Nação. Mas na realidade falta vergonha na cara, eles fazem média, se eu tirar as calças quanto eu ganho para tirar as calças, e eles tiram as calças. E então nós somos o resultado correspondente. Falta um mínimo de moral, um mínimo de vergonha, um mínimo de decência que os outros países - primeiro não são a América Latina que tem sido desmoralizada. Agora você vê. Você pega uma pessoa, você desmoraliza essa pessoa, você não dá condições mínimas de sobrevivência, ela perde a moral, ela fica sem personalidade humana. Agora você pega um país e desmoraliza, depois você não tem condições de falar para os governantes - agora quero que eles tenham moral. Quer dizer nós estamos em guerra, no Rio o morro desce e se estabelece uma guerra... esses saques em supermercados...

Qual o objetivo da universidade na sua opinião?

Renata - Eu acho que em princípio a universidade deveria se dirigir a todos, evidentemente cada um num nível, porque você não vai oferecer os cursos universitários a toda a população. Mas eu acho que a universidade em vários níveis deveria se dirigir a todos - evidentemente se ela vai dar aulas para quem tem pré-requisitos isso são aulas - mas acho que ela deveria dar seus ensinamentos, suas vivências, seu espaço, suas atividades artísticas para toda a população. Por exemplo se a universidade tem uma orquestra como a USP ela tem obrigação de no domingo se apresentar e chamar o povo para assistir. Se ela tem um grupo de teatro e a EAD tem e a ECA também ela tem obrigação de apresentar

194

O que também é contraditório, porque afinal se chegou, se está chegando a uma sofisticação tecnológica impressionante numa determinada área, mas em contrapartida não resolvemos problemas humanos básicos. Ou seja há cada vez mais miséria, mais desrespeito, mas carências de todas as ordens, menos educação, menos cultura.

Renata - Em certo momento você aperta um botão e passa um documento para a China, não é, via fax, e no outro você não consegue falar com uma pessoa do seu país, do seu bairro, da sua cidade, porque essa pessoa está num mundo tão diferente, porque as condições de vida dessa pessoa são tão diferentes que não há diálogo possível.

Você teve contato com universidades estrangeiras, sei que estudou na Espanha. Como vê esta questão da interdisciplinaridade lá fora? Você diria que há uma maior integração das áreas em relação as universidades brasileiras ou não? Gostaria que você falasse sobre isso.

Renata - As universidades que eu conheci e que foi há muito tempo foi a Universidade de Madrid na década de 60 e nem teria sentido comparar agora o que acontecia lá naquela época com o que acontece na década de 90 numa universidade brasileira. Eu posso dizer que a convivência na cidade universitária de Madrid era uma coisa admirável. Eu saía de uma aula de Letras e ia para um curso na Cidade Universitária para estrangeiros, que havia logo depois. Então as informações corriam na Cidade Universitária e a gente podia assistir a um concerto de repente, ou assistir uma aula especial sobre Literatura Espanhola. Dentro da Cidade Universitária existiam as casas de residência de estrangeiros. Na Casa do Brasil era uma casa muito interessante, havia os Colégios que eram as habitações. Agora a gente tem que levar em conta que a cidade era muito pequena em termos brasileiros. A Cidade de Madrid era muito menor do que São Paulo e era muito menor naquele tempo, havia menos gente, mas havia uma comunicação maravilhosa lá dentro. Na Sorbonne eu passei, eu estive como aluna pouco tempo - em Madrid passei um ano, na Sorbonne eu passei dois meses - eu ia

185

assistir aulas de Teatro e foi na década de 70 e Paris é um mundo. Mas eu não posso dizer que eu tenha tido muito conhecimento da universidade porque eram coisas muito laterais. Como 60 estivesse muito próximo eu vi lá uma participação muito grande dos estudantes - era em plena ditadura nossa - era aquela efervescência. O que mais me impressionou foi aquela vivacidade maravilhosa dos estudantes. Aqui havia um movimento mas estava sendo muito reprimido.

Que diferença não, entre aqueles tempos que aliás eu vivi, os famosos anos rebeldes? A sua juventude como foi?

Renata - A minha juventude foi na década de 50, mas naquele tempo a luta era contra a ditadura de Getúlio, quer dizer uma ~~luta~~ ditadura sui generis - era a luta pelo petróleo, o petróleo é nosso. Mas na década de 60 eu já estava como professora dentro da USP e eu enfrentei os problemas, a luta, o nível de conscientização era muito grande. Houve uma mobilização muito grande da juventude. Embora a gente tenha tido um movimento bastante ponderado agora com o impeachment houve uma onda muito boa, mas a gente não vê uma continuidade, não vemos o estudantado trabalhando sempre. Eu acho que a juventude está cheia de solicitações, até de sobrevivência, não sei exatamente porque. Mas o que há é que hoje nós estamos muito desmoralizados. Outra universidade que eu conheci foi a Universidade de Havana, ainda que não leciono lá, eu leciono numa escola livre, mas eu me aproximei muito da universidade. Mas aí já é outro mundo porque é um mundo latino americano e além disso é um mundo cheio de problemas. Cuba está cheia de problemas é outro esquema.

Você leciona que matérias lá em Cuba e vai muito para lá?

Renata - Eu vou uma vez por ano e lá dou aulas de dramaturgia mas aplicada a televisão e ao cinema porque é uma Escola de Cinema é a Escola ~~de Cinema~~ de Cinema de Havana de San Antonio de Los Baños.

E você fala em que idioma? Português ou espanhol?

Renata - No começo era umportunhol apesar de eu ter vivido na Espanha, mas eu estava distanciada do idioma. Mas em pouco tempo

Já estava falando com facilidade. Hoje em dia escrevo também em espanhol. Mas tem aluno brasileiro.

Você trabalha só em textos digamos escolares no sentido de circulação interna na própria escola ou faz coisas profissionalmente?

Renata - Olha eu colaborei em roteiros de uma moça mexicana e inclusive depois vi o filme e tinha até um crédito para mim: Maria Novaro. E também um documentário para a televisão peruana. Já colaborei com gente do Peru, Bolívia, Venezuela. A escola é internacional, tem gente do mundo todo mas especialmente da América Latina.

E você foi para lá através da USP?

Renata - Não, fui através do Lauro César Muniz que foi para lá convidado como autor de telenovela e eles queriam conhecer a técnica da telenovela brasileira e o Lauro falou do meu livro de dramaturgia e levou mesmo e falou sobre mim. Eles se interessaram pelo livro e me convidaram oficialmente através da USP e eu fui pela primeira vez em 88 e fiquei lá dois meses. E então voltei todos os anos. Este ano não vou, quero colocar algumas coisas em ordem, mas provavelmente no próximo ano eu volte a Cuba.

Era esse seu livro Introdução à Dramaturgia editado pela Brasiliense?

Renata - O livro que o Lauro levou para lá era, mas como esta primeira edição esgotou, ele foi reeditado pela Ática. E o outro também Dramaturgia: Construção do Personagem que saiu em 1989 pela mesma editora. E agora estou saindo - hoje vou levar os originais para a Ática de meu novo livro que é Dramaturgia para a Televisão e que é um produto dessa vivência lá na Escola de Cinema de Cuba.

Você poderia falar um pouco desses dois livros. Sei que o primeiro é sua tese de doutorado.

Renata - O primeiro foi uma síntese da minha tese de doutoramento. Eu dava aulas na Escola, nunca tinha pensado em dar aulas numa universidade, enfim fazer carreira universitária, mas afinal eu

187

estava na USP e tinha que fazer doutoramento, para progredir. E eu tive a sorte de fazer doutoramento direto, sem o mestrado, sem cursos e tudo o mais, quer dizer um caso excepcional. E fui juntando tudo o que eu tinha, livros publicados, peças de teatro - isso foi em 82 - prêmios, aquela minha vida até então e requeri para fazer doutoramento direto e consegui. Então eu fiz e minha tese foi uma peça de teatro que se chama O País do Sol e junto com a peça havia um trabalho que era uma espécie de introdução do ponto de vista da dramaturgia. foi essa introdução que eu escrevi fiz uns cortes e tal e foi isso que virou o livro. O segundo não, foi escrito para ser um livro mesmo só sobre o personagem. Isso saiu alguns anos depois.

E estes livros vendem bem?

Renata - Vendem sim, não são best-sellers mas tendo em vista o teor da coisa, pode-se dizer que sim. Interessa muito a estudantes de teatro, televisão e cinema e as pessoas que querem conhecer mais as fontes. Mas dentro desse esquema vai bem.

E em poesia vejo que você publicou também depois de nossa primeira entrevista que foi em 79: Canta Meu Povo que saiu em 80 pela Massao Ohno Editor, As Inventoras das Aves em 85 pela J.R.Scorteci e Esse Vinho Vadio de 88 também pela Massao Ohno Editor. Fale sobre isso.

Renata - Continuo escrevendo poesia e continuo publicando agora mesmo tem um livro que está para sair que é o "Do Tamanho do Mundo". Continuo escrevendo livros para crianças - tem um que deve sair agora em julho. Estou com um romance, uma espécie de romance que estou preparando, que chama-se Nosotras.

Em espanhol?

Renata - Não é em espanhol, mas é sobre a América Latina. Enfim continuo escrevendo para teatro embora ache que a montagem teatral esteja cada dia mais difícil.

Por falar nisso sei que sua peça, que foi sua tese Colônia Cecilia você criou bem livremente, sem preocupações com montagem, etc.

188

seus espetáculos. Se ela pode atender as pessoas desta forma que eu citei essa coisa da Terceira Idade ela deve fazer. Eu acho que a universidade tem a obrigação de se dirigir a toda a população. Ela existe para atender a população, ter atividades de auxílio à comunidade toda. A USP está encravada em duas ou três favelas acho que ela tem obrigação de pensar nisso. É difícil mas tem que fazer. Eu acho que a USP faz um pouco de tudo e sempre ~~tem~~ alguma coisa. A universidade é mais velha, mais conhecida, ela foi incorporada a cidade, a população conhece. A Unicamp é mais nova, acho que a tendência é progredir. Então acho que a universidade deve atender toda uma população, melhorar o nível sócio-cultural de toda uma população, tentar dar a ela condições de ficar melhor. Claro que às vezes seria simplesmente dar de comer. Isso a USP não dá. Mas de qualquer maneira a universidade deve cuidar de melhorar o nível de vida da população da sua cidade pelo menos.

Ana Mae ou Anna Mae Tavares Bastos Barbosa nasceu no Rio de Janeiro, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Pernambuco. Fez seu Mestrado em Arte Educação na Southern Connecticut State College (USA) em 74 com a tese The Teaching of Visual Arts in Primary and Secondary Schools in Brazil. Seu doutorado em Educação Humanística foi realizado na Boston University também nos Estados Unidos com a tese: American influences on Art Education in Brazil: Analyses of two Moments: Walter Smith and John Dewey. Sua tese de livre docência: Arte Educação: Anos 80 e Novos Tempos foi apresentada ao Departamento de Artes Plásticas na ECA da USP. Seu titular em Artes foi igualmente apresentado ao Departamento de Artes Plásticas da USP tendo realizado seu pós doutorado na Universidade da Columbia (USA) em 90. Lecionou na Universidade de Yale, foi assistente de Arte Terapia no Boston Hospital; professora visitante na School of Art Education University of Central England de Birmingham; pesquisadora visitante da Universidade do Texas e professora da Escola de Comunicações e Artes da USP. Ao longo da sua carreira, fundou diversas Associações de Arte-Educação, entre elas: Associação de Arte Educação de São Paulo, Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes. É ainda membro de algumas associações nacionais e internacionais, entre elas: Associação Brasileira de Museologia, The International Council of Museums, do Comitê do Brasil do Comitê Internacional D'histoire de l' Art, representante da América Latina no Conselho Mundial da INSEA - International Society of Education through Art, Membro da Nacional Art Education e da Connecticut Art Education Association, entre outras. Ganhou o Grande Prêmio de Crítica de Arte da Associação Paulista de Críticos de Arte em 90 e o Prêmio Edwin Ziegfield Award Internacional em 92. Atualmente é diretora do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC/USP) e professora titular da ECA/USP. Publicou os seguintes livros: Teoria e Prática da Educação Artística, Arte-Educação no Brasil, Recorte e Colagem: A Influência de John Dewey no Ensino da Arte no Brasil, Arte-Educação: conflitos/acertos, História da Arte-Educação, O Ensino da Arte e sua História - org. Heloisa Margarido Sales, O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e a Imagem no Ensino da Arte: anos 80 e Novos Tempos.

Quantos anos você tem? Nasceu onde? E estudou? Conte a história por favor.

Ana Mae - 56 anos. Nasci no Rio de Janeiro e estudei numa escola primária e secundária em Maceió e depois fui para o Recife e fiz o que se chamava na época Curso Normal. Depois fiz a Faculdade de Direito.

E por que Maceió exatamente?

Ana Mae - Porque minha mãe era de Maceió e porque meus pais morreram e eu fui morar com a minha avó. E lá em Maceió fiquei até quatorze anos quando meu avô morreu e então nós fomos viver no Recife. Na sequência fiz Faculdade de Direito e conheci meu marido ainda no cursinho para vestibular e casamos no quarto ano de Direito. É um capítulo muito complicado das nossas vidas, porque meus sogros morreram muito cedo também e eles deixaram os filhos pequenos para meu marido criar. Meu marido tinha irmãos de 9 anos, de 10, 13, 15, 18 e 19 anos e então...

Vocês assumiram...

Ana Mae - Nós assumimos esta família vinte dias depois de casados. E fomos tocando tudo até 64. Em 64 ainda morando em Recife, trabalhando... quando eu estava na Faculdade de Direito tive enorme reação da minha família para estudar, minha família não queria... uma família em que todos os homens tinham feito universidade, e eu era a primeira mulher...

Mas quando foi isso?

Ana Mae - Sim exatamente há tão pouco tempo, não parece que fosse possível haver uma reação tão horrorosa. A minha avó vinha de uma família da aristocracia do Nordeste, decadente, filha de um homem extraordinário que libertou os escravos e que ficou com umas terras que não valiam nada e praticamente vendeu a preço de banana para o irmão. Ele era médico, e resolveu entrar na luta anti-escravagista e praticar a medicina. Ele teve que sair das terras dele - em São Miguel dos Campos - quando ele libertou os escravos ele perdeu todos os clientes, ele virou uma peste na cidade, porque diziam que ele estava dando mau exemplo para os grandes senhores de

Engenho da época. Então teve que se mudar - foi para uma pequena cidade de Pernambuco e sobreviveu bem, etc. Mas o que nunca entendi na minha família - a minha avó era extremamente machista - e ela foi absolutamente contra - ela caiu na cama porque na verdade eu ia fazer medicina. Ela dizia: como uma moça vai fazer curso de anatomia, ver cadáveres nus junto de homens. Em resumo eu fiz vestibular de uma maneira terrível eu saí de casa fugida sem dizer a ninguém - mas eu tive uma grande incentivadora - também mulher da aristocracia - só que ela passou pelo grande problema de ter perdido o marido que morreu jovem em plena ascensão e ela ficou com os cinco filhos para criar, e teve que voltar a fazer faculdade, foi fazer economia, e morava na casa do sogro, mas para ter mais liberdade ela trabalhava, essa mulher foi absolutamente notável. Ela era revolucionária - é viva até hoje - de costumes absolutamente conservadores - depois que o marido morreu ela era jovem - nunca deixou de usar preto, mas ela foi muito importante para mim, ela assistia todas as provas orais e me dava a maior força.

Sua avó queria na verdade que você fosse uma dona de casa, bem casada?

Ana Mae - Minha avó queria que eu arranjasse um bom partido e casasse e ficasse em casa. Ela não viu que o meu destino era outro.

E tua mãe, apesar de ter morrido muito cedo, como foi?

Ana Mae - Minha mãe e minha tia, tinham estudado no Rio de Janeiro e minha avó praticamente passou da geração dela própria para a minha. Então minha avó não viu a adolescência das duas filhas e ambas estudaram fora, na década de 30. Mas enfim, eu queria fazer medicina para fazer psiquiatria mas quando vi a coisa frustrada só restavam três cursos que um bom aluno fazia: Medicina, Direito e Engenharia. Havia Pedagogia, havia outros cursos mas eram cursos para alunos do mais baixo nível. Como eu era primeira de classe os professores me incentivavam a fazer um desses três cursos.

Você é artista plástica?

198

Ana Mae - Não, aí que vem a história - como entrou a arte na minha vida. A minha avó disse então Medicina não, Direito tudo bem, mas eu não vou pagar para você fazer vestibular. Vai ter que trabalhar para fazer cursinho.

E isso tudo com sua família tendo dinheiro?

Ana Mae - Não, não eram ricos não. Mas dava para pagar o cursinho, inclusive eu tinha um tio no Rio que era juiz de direito e se ele tivesse visto, só para ir contra minha avó ele teria pagado o cursinho para mim. Minha avó era uma boa matriarca ninguém queria ir contra ela. Os apoios que eu tive da família eram subliminares - esse tio mesmo dizia não se submeta, estude, entendeu, mas assim...

Meio debaixo do pano.

Ana Mae - Debaixo do pano. Então eu pensei vou pedir um empréstimo para os pais de amigas minhas, porque elas eram todas de alta classe, society mesmo. Minha avó dizia - a única profissão decente para uma mulher é ensinar. E disse - senão ^{meu} tem emprego, não tem cursinho. Então eu tinha feito o Curso Normal - ela tinha exigido isso e houve um concurso para professor primário, que não era o lixo que é hoje, o salário era bom, e havia um cursinho preparatório. Isso ela pagou e então eu caio num curso organizado por Paulo Freire e Elton Freire. No primeiro dia de aula Paulo Freire pede um trabalho: "escrevam por que vocês querem ser professores" ele dava aula de português, foi o maior professor de português que eu tive na minha vida. Aí eu escrevi porque eu não queria ser professora - não me lembro mas eu atacava principalmente a educação. No dia seguinte ele entrega o trabalho de todo mundo e me diz: "com você eu quero falar pessoalmente" - e então marcou uma hora comigo e teve um papo delicioso e onde me provou que eu não tinha tido ainda educação, tinha tido só repressão. Ele já tinha as idéias de educação libertadora, aí começou a me dizer: você pode se libertar pelo conhecimento, pelo saber. Aí eu que odiava educação, me apaixonei por educação e neste curso já havia arte e educação. Naquela época Paulo tinha convidado Noemia Varela que é uma grande educadora do Recife para 199

dar aulas sobre o ensino da arte - sobre a arte e educação.

A arte naquele tempo tinha uma importância muito maior nos currículos não é?

Ana Mae - E eu tinha uma tendência muito grande para a música porque minha mãe era musicista. E eu fui educada assim: "que pena, a mãe era tão talentosa essa menina não saiu a mãe, ela era tão inteligente que pena que ela não tenha saído a ela. Como era linda sua mãe, que pena que não tenha saído a ela".

Mas era um massacre.

Ana Mae - A minha avó, as amigas da minha avó, as amigas da minha tia... tanto que quando eu contei para o meu marido, ele dizia não acredito... Aí houve uma vez no navio uma vez no Recife, nós vínhamos para o Rio de Janeiro e no navio havia uma moça de Maceió e ela sentou-se na mesma mesa que a gente para o almoço. E quando eu disse, minha família é de Maceió, minha mãe, etc me disse: "você é filha da Ivonete por acaso? eu disse: sou ela então disse: "como sua mãe era uma mulher maravilhosa". A minha mãe morreu muito cedo, de febre tifóide, enfim não sei porque, havia já penicilina naquele tempo... aí meu marido disse: "você não acha?" - porque em fotografia eu sou muito parecida com minha mãe, mas isso nunca ninguém aceitou na família - aí João disse: "ela é muito parecida com a mãe dela, a senhora não acha?" ela disse: "ah meu filho, me desculpe, mas a mãe dela era muito mais bonita..."

Que coisa impressionante... eles se negavam...

Ana Mae - Eles se negavam a admitir.

Quer dizer então que o Paulo Freire começou a te libertar?

Ana Mae - Ele e a mulher dele, Dona Elsa Freire que era também educadora, uma mulher extraordinária, que foi educadora em Recife e depois introduziu arte na escola primária. Aí então eu fiz o concurso, passei em segundo lugar e tive direito de escolher para onde eu ia. Escolhi um grupo escolar de periferia e trabalhei com o Método Paulo Freire de alfabetização com criança durante um ano. Depois, meu contato com a Noemia Varela também foi muito rico e

200

ele me convidou para a Escolinha de Arte de Recife. Aí eu fui - como eu tinha tido um dos primeiros lugares eu fui muito privilegiada na vida - o secretário de educação permitiu que minha cadeira de professora primária fosse na Escolinha de Arte de Recife.

E você pintava, desenhava?

Ana Mas - Eu era aluna e era professora, sim eu pintava, desenhava. Mas no Direito eu também terminei o curso em segundo lugar, eu sou marcada pelos segundos lugares... (risadas) mas aí o meu marido era sobrinho de - a tia dele era casada com um grande colecionador do Recife - Abelardo Rodrigues - aí minha educação estética - de apreciar obras de arte se deu na casa dele, que tinha a maior coleção de arte sacra do Nordeste - e hoje é o Museu de Arte Sacra da Bahia que se chama Museu Abelardo Rodrigues. Ele era amigo dos grandes europeus como Goeldi, toda aquela turma da época - ele tinha uma grande coleção de gravuras e de desenhos. Então ele tinha um baú onde ficavam as gravuras e era uma festa ir para a casa do Abelardo à noite e abrir o baú e ele a conversar sobre os artistas paulistas, cariocas. ~~www~~ O primeiro Benina Katz que eu vi foi no baú no Abelardo Rodrigues. Ele comprava, trocava quando era estudante no Rio - havia uma coleção muito rica do Hansen Bahia, um alemão que viveu na Bahia muitos anos e aí foi um total esquecimento do Direito - terminei o curso mas eu terminei com sofrimento muito grande a Faculdade de Direito. Lutei muito para entrar mas fui muito massacrada porque o machismo era violento. Tem uma estorinha que ilustra muito bem: eu já casada, grávida, meu marido e um colega dele ficamos para fazer uma prova oral e aí eu disse "eu vou estudar". Estudei, estudei e este colega ia lá para casa e eles em vez de estudar faziam outra coisa, liam literatura, conversavam. Na hora de prova eu fui chamada e foi muito bem porque eu sabia, tinha estudado tudo. O professor olhou para o meu marido e disse: "Instruiu bem a patroa Hein!" Chamou o João ele não sabia nada. O professor disse: quanto você precisa para passar. Ele disse: cinco e o professor colocou lá cinco. Você vê o que foi a Faculdade de Direito

209

Que terrível.

Ana Mae - Aí lógico eu me dediquei de corpo e alma à arte e educação com dona Noemia e com o Paulo Freire. Depois eu fui professora da filha dele, a Madalena que foi professora da minha filha aqui em São Paulo e depois minha filha foi professora da filha dela.

E você dava aulas de artes plásticas?

Ana Mae - Só artes plásticas. Nesse período a Escolinha de Arte foi uma escola que surgiu em 48 para renovar o ensino da arte na escola, depois do Estado Novo. E em 48 a última das renovações foi na arte e a criação das escolinhas de arte do Brasil criado pelo Augusto Rodrigues. E o Augusto Rodrigues era irmão do Abelardo.

Quer dizer que o movimento começou no Rio?

Ana Mae - No Rio ^{em} 48. Em 53 Augusto Rodrigues e Abelardo - Augusto moravam no Rio e foi visitar o irmão em Recife e juntos criaram com a Noemia Varela a escolinha do Recife em 53. O que era a escolinha de arte? Era beber no ideário modernista, era liberar a capacidade expressiva da criança, estimulá-la para encontrar suas próprias imagens - era proibido qualquer abordagem de História da Arte porque o que é a história da arte - é a arte dos adultos - e nós queríamos que a criança - não se mostrava as obras de arte...

Se expressasse largamente.

Ana Mae - Largamente. Hoje esta postura está diferente. Trabalha-se hoje com a idéia de que a arte é expressão mas é cultura necessária e é preciso mostrar a obra de arte, para fazer uma alfabetização visual.

Aprender estilos inclusive?

Ana Mae - A gente não fala muito em estilo não. É mais a relação de linhas, formas, cor, extrair significados de uma imagem. A gente trabalha muito nisso. Esse meu último livro A Imagem e o Ensino da Arte fala muito isso, é a nova tendência pós moderna do ensino da arte. Aí foi completo fascínio e eu fui muito rápido. Primeiro eu comecei como estagiária, passei à professora com minha

202

cadeira - com meu posto de professora, imediatamente depois dona Noemia Varela foi para o Rio de Janeiro trabalhar com o Augusto Rodrigues eu fiquei várias vezes diretora da Escola, fui coordenadora de cursos, estágios, olha foi rapidíssimo a coisa - a paixão era tão grande, eu lia tudo que me caía nas mãos, a biblioteca era ótima. E as visitas a Abelardo que me instruíam e me formavam o olho, meu olhar, e me davam conhecimento histórico. E tinha a escolinha que era a prática. Depois eu fiz cursos formais de História da Arte, mas o grande aprendizado foi com o Abelardo Rodrigues e logo depois que eu me casei foi o Gráfico Amador - era um grupo que foi criado por um grupo de intelectuais do Recife - Aloiso Magalhães Gastão de Holanda, Orlando da Costa Ferreira que era uma geração anterior a nós que criou um núcleo cultural e imprimiam livros de poucos exemplares mas com um cuidado gráfico incrível e faziam reuniões culturais onde se aprendia muito - e que foi outra escola para mim. Também eram um pouco machistas mas dava para segurar, não eram machistas caninos.

E até quando você ficou lá?

Ana Mae - Fiquei até 65. 64 foi muito duro porque os nossos amigos - você pode imaginar essa minha ligação com Paulo Freire o que a gente sofreu. Nós não éramos ativistas mas eles eram e aí houve muitos amigos presos, amigos que tiveram que fugir - foi um sofrimento muito grande e a gente se desencantou. Em seguida aceitamos um convite para a Universidade de Brasília. Em fim de 64 estávamos na Universidade de Brasília.

E a esta altura você já dava aulas em universidade?

Ana Mae - Dava através da escolinha porque ela tinha um convênio com a Escola de Belas Artes de Recife e toda esta prática de ensino de artes plásticas era dada por mim dentro da escolinha, muitos estágios supervisionados..

Havia escolas congêneres em outros estados do Brasil?

Ana Mae - Trinta e duas no Brasil inteiro naquela época. Hoje em dia não há com os cursos de literatura na universidade nas Artes Plásticas, em Educação Artística e a escolinha naquela época era o

203

grande espaço de formação de professores

Meus filhos estiveram em escolas experimentais onde havia um grande incentivo à expressão em artes plásticas, literatura, etc.

Ana Mae - Mas isso é mais recente, porque nessa época os pais achavam o que a escola dava era suficiente - que era Educação Artística que entrou em 71 no currículo... em 65 Brasília foi realmente atingida - quer dizer você vai para Brasília pensando que ia respirar aí a universidade é invadida pelos militares - nós em novembro pedimos demissão coletiva - 28 professores...

Quer dizer que você estava naquele meio? Eu segui toda essa história.

Ana Mae - Saímos e fomos embora para o Recife, eu estava grávida, tive minha filha no Recife, reassumi meu trabalho, meu marido também reassumiu lá, mas a coisa era sufocante demais. Lembro que quando minha filha nasceu ele disse - "endureceu a cabeça, vou embora para São Paulo." E assim foi em 66 não aguentávamos mais. Chegamos em São Paulo em 21 de dezembro de 66. Olha, a recepção que nós tivemos em São Paulo foi absolutamente excepcional, meu marido foi acolhido pelo Antonio Cândido, e eu pelo José Mindlin que me ajudou a criar uma escolinha de arte. Ele havia criado uma escolinha de arte com a irmã dele.

Você já conhecia José Mindlin?

Ana Mae - Foi através do Gráfico Amador, porque o José Mindlin como bibliófilo ele estava junto com a vanguarda do Brasil e ele fez amizade com Gastão de Holanda. Quando eu cheguei aqui o Gastão escreveu nos apresentando a ele. Ele foi absolutamente extraordinário, ele e a mulher nos assimilaram imediatamente. Hoje em dia a gente não tem contato, a vida vai levando cada um para um lado... não dá tempo, mas acolher dois nordestinos..., já no mês seguinte ele nos levou para a fazenda dele para passar um fim de semana, foi uma acolhida magnífica. Os paulistas foram maravilhosos com a gente.

E a escola onde era?

205

Ana Mae - Na José Maria Lisboa. Muitos artistas conhecidos hoje foram alunos dessa escolinha: Jack Lerner e muitos outros jovens artistas, cineastas. Chamava-se Escolinha de Arte de São Paulo. Durou de 68 - três anos - até 70. Em 67 passei preparando a criação da escolinha e dando aulas em outras escolas. Mas em 70 meu marido fez o doutorado e surge a oportunidade para ir aos Estados Unidos, para a Universidade de Yale. E então foi um período difícil, porque tinha se implantado arte nas escolas primárias - a escolinha estava com poucos alunos e então ninguém quis continuar a escolinha e nós fechamos - uma das professoras era uma excelente artista de cerâmica, é a Célia Cimbalista. Eu ~~recebi~~ ^{tive} uma bolsa para fazer mestrado ~~da~~ CAPES. Curiosamente a CAPES me responde que para eles essa área não existia. Então eu dei um curso na Universidade de Yale, de Cultura Brasileira e com isso fiz meu mestrado no College que ficava na mesma cidade, mas pagando.

Como você foi dar aulas?

Ana Mae - Me convidaram. Havia uma pessoa muito interessante na Universidade de Yale ~~O E-M-R~~ ^{O E-M-R} Rodrigues bonegal que era crítico literário. Então ele vendo meu interesse me convidou para dar aulas.

Você já dominava bem o inglês?

Ana Mae - Não, a minha língua na família era o francês, minha avó era extremamente francófila, eu estudei francês no colégio, mas a gente vai lá e enfrenta. Eu tive uma experiência esquizofrênica - eu dava aula numa universidade de mais elite dos Estados Unidos e fui estudar no College que era classe média americana com grande preconceito com os latino americanos. E até você explicar que não queria ficar lá, que não ia competir com eles... mas eu tive muita sorte de encontrar pessoas maravilhosas. Encontrei dois extraordinários professores que me estimularam a misturar história no ensino da arte no Brasil que era historiador da Arte em Educação Robert **SAUNDERS** uma pessoa importante nos Estados Unidos até hoje. Eu estava na verdade tomando carona na bolsa do meu marido - eu já havia localizado o College através da Alumni, já tinha mandado pedir reserva para mim. Eu não sei aquilo não foi 206

o melhor para mim - houve um outro professor muito importante para mim que teve grande interesse por mim, percebeu o preconceito na classe e um dia eu fiz o trabalho e ele não teve dúvidas ele destacou como o melhor do grupo; ele me chamou na frente cumprimentou-me, pediu uma salva de palmas e isso ajudou muito e também me convidou a apresentar o trabalho num congresso em Zagreb...

Que trabalho era esse?

Ana Mae - Era sobre minha experiência com Escolinha de Arte aqui em São Paulo. Naquele momento era muito comum você dar um tema para a criança desenhar. Eu tinha me rebelado contra isso porque eu achava conteúdoismo - você dá o conteúdo primeiro para ele achar a forma. Minha idéia foi relacionar forma e conteúdo - desenvolvi um sistema - você podia propor digamos um grande tema mas era o aluno que ia fazer o recorte do grande tema. Porque se você leva o menino para um jardim ele pode fazer um recorte. Então era situação - estímulo como chamávamos. Nós levávamos os alunos para uma loja e mandávamos que escolhessem objetos, discutíamos... Ali no Jardim América havia casas de lanches sofisticadas, lojas. Então era isso - contra o tema e a favor da situação, inserir o aluno numa situação estímulo.

E lá nos Estados Unidos como era?

Ana Mae - Lá ainda era muito temático.

Quer dizer que a tua proposta era inovadora?

Ana Mae - Era sim, tinha já teoria com muita prática, tinha embasamento teórico, eu já era apaixonada pelo John Dewey naquela época ~~mas~~ ^{mas aí} voltamos para o Brasil e já não tinha mais escolinha...

Vocês ficaram muito tempo nos Estados Unidos?

Ana Mae - Um ano e meio

Só?

Ana Mae - Porque na realidade eu foi só terminar o doutorado

207

E como foi a volta para o Brasil?

Ana Mae - Voltamos e começamos a procurar trabalho. Eu fui dar aulas na FAAP.

E qual é a idéia central do John Dewey?

Ana Mae - A idéia é de ter primeiro a experiência com o mundo e depois desenhar sobre ela: por exemplo a experiência das férias. A idéia dele era que a escola devia trabalhar com a memória - porque você teve a experiência das férias - mas a idéia dele era que a escola devia ativar a experiência e aí fazer o desenho ser concomitante à experiência. Então fui dar aulas na FAAP de Teoria da Criatividade nos cursos de publicidade e propaganda e foi uma boa experiência.

E você ficou quanto tempo lá?

Ana Mae - Mas nisso surgiu a necessidade de um professor na área de Prática de Ensino aqui na ECA e um amigo meu que era da ECA, José Marques de Mello me avisou e eu trouxe meu curriculum, havia concorrentes, mas eu já tinha o mestrado, só faltando defender a tese. Entrei na ECA em 64 e fui dar Prática de Ensino que era na realidade o que a gente chama Arte e Educação que é ensinar arte. E aí voltou o preconceito para conseguir tempo integral na USP foi uma dificuldade - professores que entraram depois de mim porque eram homens e eu como mulher me diziam - você tem marido para te sustentar. Agora nunca senti preconceito contra nordestinos dentro da USP. Nesse tempo fui para a Inglaterra dando aula na School of

N A T Education da Politécnica de Birmingham porque novamente meu marido teve uma bolsa Gugenheim e eu fiz um doutorado na Boston University. Mas aí foi diferente, foi muito bom, e fui muito bem tratada na universidade de Boston, que é extremamente aberta, foi a primeira universidade americana a aceitar negro; foi a universidade para onde o Martin Luther King doou os arquivos dele. Então eu fui recebida magnificamente como uma coisa rara do Terceiro Mundo. E aí a coisa era diferente - nós precisamos de você - você tem uma experiência de viver na pobreza que nós precisamos - porque era para ajudar lá nos bolsões de pobreza que

208

estavam aparecendo. Foi muito boa essa experiência mas muito louca porque eu tive que fazer doutorado num ano, porque meu marido só tinha um ano de bolsa. Ai então escrevi minha tese em meio ano, voltei no ano seguinte para defender, porque os examinadores tem que ser necessariamente os examinadores da tese e ai eu teria que pagar a vinda deles. Mas enfim foi muito bom, fiz amigos que eu tenho até hoje. Conheci lá o presidente da Associação que hoje preside a Internacional Society of Education in Art que é uma Ong da UNESCO para o ensino da arte que foi criada pelo Herbert Read. O primeiro artigo que eu escrevi em inglês foi ele que me convidou. Depois ele me convidou para escrever um capítulo de um livro; então ele foi uma pessoa muito importante. Eu tive muita sorte.

Sorte... digamos que você faz a sua parte.

Ana Mae - Nunca fui repugnada mas tive a sorte de encontrar gente boa. Veja só, o Paulo Freire escreveu uma carta de recomendação - ele vivia em Genebra naquela época. Quando eu piso o pé na universidade tinha lá um curso sobre Paulo Freire. Quer dizer eu fui tratada como uma rainha. Trabalhei muito, estudei muito sempre, mas tive muita sorte.

Bem aí nesta altura teus filhos já estavam mais velhos.

Ana Mae - Já, minha menina já estava com dez e o menino com quinze. Já cuidavam da vida deles; se tivesse que fazer comida, eles se viravam. Meu marido às vezes tinha que ir para a cozinha e ele tinha ataques - eu não vim para cá para aprender cozinhar. Mas depois ele terminou me ajudando muito - depois que passou o grande impacto.

E você voltou então para defender sua tese nos Estados Unidos? E sobre o que era? Qual o tema?

Ana Mae - Voltei, foi sobre a paixão que já tinha começado pelo John Dewey foi a Influência Americana no Ensino da Arte no Brasil em Dois Momentos: no século XIX, a influência do - que não era americano era inglês, mas ele ensinava nos Estados Unidos - Walter Smith, em Massachussets, uma escola que até o Pedro II ficou

209

fascinado por ela, e o Fui Furtosa baseou parte dos pareceres sobre o ensino primário - a parte de desenho, no livro desse homem e a influência do John Dewey através da escola nova em três lugares - em Recife, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

E isso está em qual dos seus livros?

Ana Mae - Está no Recorte e Colagem, da Cortez. é o livro que eu gosto mais. Eu continuo muito fascinada pelo Dewey, quero voltar a escrever sobre ele.

Atualmente você dá aulas?

Ana Mae - O penúltimo curso que eu dei foi em 87 com o Paulo Freire. A primeira vez que ele entrou, pôs o pé para dar palestra na USP fui eu quem convidou...foi um congresso que eu fiz em 88, três mil pessoas. Depois a primeira vez que ele deu um curso foi e aí demos juntos o curso - ...a mulher dele tinha acabado de morrer e ele estava muito frágil e me disse: "só dou o curso se você também der". E foi o último curso que eu dei, em 87.

Sobre o que exatamente?

Ana Mae - Foi sobre Arte e Educação e Ação Cultural.

Foi em que época isso? Depois que ele saiu da Unicamp?

Ana Mae - Foi logo depois que ele saiu.

Ele está onde? Ele se casou de novo, não é?

Ana Mae - Está com uma mulher muito interessante. Eu até tenho as minhas fantasias que foi ela, a dona Elsa, antes de morrer arranhou para ele. Foi a dona Elsa que insistiu para que ele aceitasse a moça como sua aluna de mestrado - ela acolheu a moça maravilhosamente bem. Ela era uma mulher absolutamente fantástica, de uma capacidade de doação incrível.

Como foi a estória do MAC? Como você entrou para o MAC?

Ana Mae - Eu entrei numa lista triíplice, fui a pessoa mais votada pelo Conselho de que faziam parte o José Mindlin - a minha vida é pontuada pelo José Mindlin, aqui em São Paulo - só para coisa boa

210

Aí o Goldenberg me chamou e me perguntou se eu queria, se eu tinha outros projetos. Bom mas eu aceitei e aí foi muito duro, porque há um enorme preconceito contra a educação no Brasil. Educação é coisa suja. A ditadura incentivou a separação da universidade, da escola primária e secundária, enfim os professores primários e secundários eram tidos como de segunda categoria - hoje mudou - eles queriam setorizar o ensino para que a gente não se unisse. Então a arte - educação era uma área muito perseguida porque era onde a criança podia organizar a sua fala, havia censura, como se expressar?

Quando estas escolinhas de arte acabaram?

Ana Mae - Não acabaram completamente, há algumas a do Recife existe, agora espero que revitalizada porque dona Noemia Varela voltou para morar no Recife.

Com quantos anos ela está?

Ana Mae - Está com 70 e tantos anos. Cabeça magnífica, mulher extraordinária. Existe uma no Rio Grande do Sul mas com grande reação contra o ensino pós moderno, ainda muito modernista, apenas nessa coisa do deixar fazer, mas não supre as necessidades do mundo contemporâneo, que é bombardeado de imagens ^{que} que você precisa aprender a decodificar. Você vê a televisão, se vende de tudo pela televisão - até candidatos. Então existem algumas a do Rio de Janeiro, persiste mas numa decadência muito grande. Eles fizeram um congresso ano passado e eles pretendiam muito desse congresso - foi latino americano - mas eles não tem mais fôlego, esta é que a verdade porque a universidade absorveu a função deles, tanto que hoje é difícil você ser bem sucedido com escolas para crianças. Você vê no MAC eu abro cursos, turmas para crianças, po^uquíssimas vão. Quem pode pagar já está na escola, quem não pode pagar...

Mas não se pode introduzir nos currículos de escolas públicas?

Ana Mae - Os currículos existem mas muito mal dados. A prefeitura tentou - nós do MAC atuamos junto com a Secretaria de Educação do município, e fizemos um projeto de modificação total do currículo

211

incluindo arte como expressão, como cultura, como compreensão. Eu acompanhei até o fim este projeto que está implantado. Uma educadora do Museu está com uma bolsa na França da Fulbright e me mandou dizer que deu uma aula sobre o trabalho que nós fizemos para a prefeitura e que foi um grande sucesso.

Mas você estava falando das dificuldades que teve quando assumiu o Museu. O que é preconceito contra arte-educadores?

Ana Mae - Muito grande.

Eles queriam um artista plástico na direção?

Ana Mae - Havia um competidor que inclusive era meu amigo com quem eu tinha feito uma revista que fez uma campanha contra arte educador. Eu que não queria, fui de raiva. Eu tinha dito não quando eles me sugeriam - eu disse não quero e dei o nome dessa outra pessoa... quando ele fez essa campanha aí então eu disse agora eu quero. Mas aí quando cheguei enfrentei outro preconceito, de comunidade - porque arte está muito vinculada com pessoas de alta classe. Esta alta classe desenvolveu uma campanha de muito preconceito contra nordestinos. Por exemplo eu não era convidada para festas onde todos os artistas plásticos eram convidados - eles diziam: não vou convidar uma nordestina qualquer para uma festa. Houve uma festa de um grande colecionador de arte, um multimilionário que dá festas maravilhosas durante as Bienais e eu fui com um amigo meu - um convidado estrangeiro me levou - eu não tinha percebido que eu não tinha sido convidada - e lá pelo jeitão, pelas conversas, que eu ouvi lá, era de preconceito contra nordestino, que é um preconceito muito sério. Aí eu vi o seguinte - nunca nenhum museu de São Paulo tinha sido dirigido por pessoas que não fossem europeus ou filhos de europeus, ou da aristocracia de São Paulo. Zanini que dirigiu o MACN era filho de europeu, com formação européias, Fábio Magalhães da aristocracia paulista, Aracy Amaral da aristocracia rural de São Paulo...

Mas você também não era da aristocracia nordestina?

Ana Mae - Ah, mas se você não for multimilionária hoje... ontem não vale para cá. Ontem vale para lá.

212

E há quanto tempo você está no MAC?

Ana Mae - Há seis anos e meio.

E o que você pensa da administração de museus tal como é feita no país hoje?

Ana Mae - Eu penso que museu tem que ser dirigido por administrador de arte. Nós temos excelentes historiadores, excelentes museólogos, mas eu acho que o que me foi mais útil quando eu enfrentei o MAC foi conhecimentos de administração e não conhecimentos da história da arte. Meus conhecimentos de história da arte e de estética são de grande valia evidente. Eu faço uma política no MAC multicultural, eu faço questão de colocar dentro do MAC diferentes códigos culturais, os historiadores querem me matar, porque os historiadores cultivam os códigos europeus exclusivamente. Não conheço nenhum historiador da arte no Brasil que tenha flexibilidade para diferentes códigos - quem faz isso é antropólogo no Brasil - a Maria Lúcia Pontes aqui da USP é uma antropóloga que se preocupa em dar espaço para diferentes códigos culturais e aí eu comecei a fazer, dar enorme importância ao código europeu - a nossa coleção é toda de código europeu, acho muito importante, mas além disso mostrar outras manifestações estéticas. Então eu fiz uma exposição de carnavalescos, de esculturas feitas para desfile de escolas de samba. Outra coisa que eu fiz foi o candomblé - a interpretação da estética dos santos do candomblé. Aí eu chamei artistas do código erudito para interpretar a estética de cada santo do candomblé. Fiz uma de trabalhador obreiro - a preocupação estética do trabalhador obreiro - uma belíssima exposição - os homens que fazem piso de pedaços de cerâmica - por que ele faz diferente? É por razões estéticas que ele faz aquilo, encontramos gente que fazia diferenciado. Homens que fazem coisas de lata, depois um artista genial que trabalha com lata velha, usada, abre a lata cria um objeto belíssimo com uma preocupação com a padronagem da lata relacionada com a de outra.

Faz colagem?

213

Ana Mae - Colegem. Fizemos uma instalação que era uma casa de lata magnífica. Pessoas que fazem escultura com cano de escapamento para botar em oficinas. Alguns fazem qualquer coisa, mas há outros que fazem com preocupações estéticas...

E como vocês fizeram a coleta?

Ana Mae - A curadora é uma mulher extraordinária, ela saiu pela periferia para procurar. E quem faz placa de bar? Achemos coisas maravilhosas. E isso tudo os historiadores odeiam. Agora eu acho que o museu tem que ter uma pluralidade, como em qualquer instituição pública. Aí mudou completamente o público que visita o museu, sabe depois dos carnavalescos...

Que tipo de frequência, que tipo de gente vai agora no MAC?

Ana Mae - Fobre começou a ir ao museu, tanto que lá aquele famoso livro de frequência - e como fica com as pessoas analfabetas? E por acaso para entrar no museu tem que ser alfabetizado? Lutamos três anos para conseguir isso. Um dia foi comovente - dois fulanos negros de sandálias havaianas entrando lá. Na volta, eles tiravam enrolando - coitados, para não assinar - porque eles não sabiam escrever. Agora eu consegui tirar o livro obrigatório de assinatura, tem uma roleta lá, quem quiser assina. Mas teve um aumento grande da frequência. Quando eu entrei o número de frequentadores era de 8 mil pessoas, agora são 350 mil.

Sim, porque quando a pessoa vem para uma exposição, acaba voltando depois para outras que não necessariamente os carnavalescos ou o candomblé.

Ana Mae - Lógico, porque perde o medo. Quer ver - eu estava com muito medo da inauguração desse prédio novo, porque a tendência desse prédio é ser frequentado só por estudante e professor ou funcionário da USP. Agora o que a gente fez? A inauguração foi belíssima, de código europeu essa que está lá. E na inauguração o que eu boleei? Bolei da calçada até a entrada do museu esse tapete usado em Corpus Cristi, chamei os artistas populares de Itapevirica da Serra, uma escola que os alunos estão acostumados a fazer - e eles desde seis horas da manhã fazendo aquele tapete. o

214

que aconteceu? As pessoas viam e faziam comentários - olha eu fazia isso quando era criança, que maravilha, mas o que é? É a inauguração do museu? São os facilitadores, porque as pessoas tem vergonha de entrar no museu, tem medo de se confrontar com sua ignorância, de não entender o que está lá dentro. Com aquilo que eles entendiam o que era e na inauguração havia cinco mil pessoas. E a grande chateação da maioria dos ricos era que o museu estava cheio de pobre. Uma dizia: "mas a inauguração é uma coisa exclusiva, e a outra dizia: "não eu acho bonito é justamente isso, é isso (risadas).

Você evidentemente conheceu muitos museus lá fora. Essa idéia você trouxe de algum lugar ou é coisa sua?

Ana Mae - Não, essa coisa multicultural não pelo seguinte - há um movimento multiculturalista muito grande nos Estados Unidos de dar espaço a outros códigos culturais. Há um enorme questionamento da hegemonia do código europeu mas o que se faz lá é criar um museu para cada código. Então em Nova York você tem o museu para os negros, Museu do Harlem, você tem o museu dos latino-americanos que é o museu DEL BAIÃO que conseguiu criar espaço pra cada um dos códigos. E tem o das mulheres também. E o MOMA para o grande código europeu. O que eu estou tentando é dentro do mesmo espaço a pluralidade e não é fácil. Teve uma exposição que a gente foi mais ousada só com uma pessoa como a Glaucê Amaral a gente pode ser ousada assim. Foi a representação estética da marca na arte e na ciência. A gente colocou o trabalho do artista que faz roupa, muito mais voltado para a indústria cultural, fomos procurar uma tapeceira que faz tapete ~~colado~~ e artistas eruditos estrangeiros. Ganhamos o prêmio da melhor exposição de arte de APCA, os críticos são muito mais abertos, o grande problema é o museólogo e o historiador.

Ou seja, uma postura fechada que eles têm? Qual a sua definição de arte e educação?

Ana Mae - Arte e educação é a mediação entre arte e público que para mim é uma coisa importante. É um meio de fazer com que o público possa entender e usufruir da arte. Não é formação de

215

artista, artista não precisa de escola, acho principalmente essa mediação. Para mim a arte e educação na universidade é aquele artista que quer ser um professor, não precisa verbalizar o que faz, precisa verbalizar o visual para analisar as propostas dos seus alunos, e na escola primária e secundária principalmente essa preparação de pessoas para que sejam capazes de usufruir, se sentir completo através da apreciação da obra, de ter prazer com a apreciação de uma obra de arte.

Quais seriam suas grandes hipóteses sobre como trabalhar com arte e educação tendo em vista uma educação integral. O que é arte para você? O que é educação?

Ana Mae - Para mim acho muito importante associar arte como expressão, fazer as crianças organizarem seus sentimentos, suas convicções através de imagens e é muito importante que ele saiba também ler a imagem dos outros e também contextualizar historicamente a imagem que ele lê. Então eu uso uma coisa ~~chamada~~ para o ensino da arte, o que a gente chama metodologia triangular - a relação entre fazer arte, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica. Nunca é dar aula de história da arte da caverna aos dias de hoje, mas mostrar uma Tarsila como a gente viu ali a negra (ela refere-se a um cartaz do MAC - uma obra de Tarsila do Amaral que estava no restaurante), conversar sobre o quadro, porque aquele tipo de pé, e eles chegam muito rapidamente ao conceito de raiz, e porque um seio tapado e outro enorme - ou seja aquele seio que alimenta a cultura brasileira, porque a cabeça pequeninha e o corpo tão grande... porque afinal qual é a tradicional função do escravo - não é em função ligada ao corpo? Possibilitar a interpretação e finalmente aquela mulher Tarsila do Amaral que viveu na época e que sua bisavó... tinha escravos, e de outra artista, Anita Malfatti, antes dela as mulheres não apareciam, as mulheres passam a aparecer na história da arte no Brasil depois delas. Por que? Não tinha mulher artista antes? então você pode contextualizar

Você diria que há hoje no Brasil um bom, razoável ou excelente apoio de parte das secretarias de educação para essa disciplina,

216

arte, nas escolas do país? Como seria o ideal na sua opinião?

Ana Mae - Houve um enorme incentivo na época do governo Montoro para esta área.

Quem era o secretário de Educação?

Ana Mae - Era o Paulo de Tarso e depois do Paulo de Tarso as portas se fecharam. Ainda mantinha alguma coisa mas diminuiu muito. Depois com o Chopin ele era flexível para esta área mas nunca com o entusiasmo do Paulo de Tarso.

Isso há quanto tempo?

Ana Mae - Exatamente dez anos. Bom a primeira realização do governo Montoro foi o Festival de Campos do Jordão voltado para a arte-educação. Quatrocentos professores da rede pública foram para Campos do Jordão para serem atualizados - um trabalho belíssimo.

Você estava lá?

Ana Mae - No começo do governo Montoro eu fui contratada como assessora do Paulo de Tarso para fazer a avaliação entre a secretaria de educação e a de cultura mas eu fui para a CENP, para a maldita CENP que é Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas, que eu queria atuar no currículo. Fiquei quatro meses, vi que não dava, vi que tinha que acabar com a CENP, não dá para trabalhar num lugar onde você vê que tem que acabar. É inviável essa centralização, porque havia naquela época 8 mil professores de arte, como eu podia, como eu ia atualizar? Se fosse descentralizado sim, se houvesse normas pedagógicas dos municípios seria possível, porque cada município tem o seu material, a sua especificidade. Como chamar os professores e dizer vocês vão usar isso e aquilo, dar uma norma geral, se na região dele nem tem aquilo.

E atualmente como a coisa funciona?

Ana Mae - Bem o Montoro trabalhou muito nisso, depois veio o Paulo Freire na Secretaria e deu um enorme espaço e ele... no Rio Grande do Sul, a Ester Pilar Gross, fez um trabalho excepcional - a Secretaria de Educação do Municípios por acaso são dois PT e o

217

Montoro que era PMDB, quer dizer não estou sendo partidária...

E o Fernando de Moraes agora? O que está sendo feito na gestão dele?

Ana Mae - Não, o Fernando de Moraes muito curiosamente ganhou uma fortuna do Ministério da Educação para reciclar os professores, mas na área de arte não está fazendo nada. A FDE está fazendo alguma coisa - Fundação do Desenvolvimento Escolar - que está vinculado à Secretaria de Educação - está muito descosturada ainda. Eu acho que precisaria de uma ação dessa, magnífica que foi essa do Paulo Freire que é o seguinte - o professor vinha para a universidade, a gente atualizava, depois os professores aqui do MAC iam lá dar aula para as crianças e o professor podia ver...

Aprendia com eles... O que você faria *hijé*?

Ana Mae - Um outro Festival de Campos do Jordão em moldes do que a gente fez, mais aprimorado com um pouco mais de mistura entre professores e produtor cultural das regiões para que se pudesse atuar juntos, como no nosso caso fizemos uma experiência apenas com cinco produtores e foram eles que mais produziram depois, com cursos multiplicadores para outros professores. Então eu faria isso - trabalhar com produtor cultural e professor juntos e estes iriam multiplicar isso, com uma equipe de alto gabarito como era essa do MAC que viajasse para os municípios e também visse as aulas que o professor dava para os outros e que também interferisse e promovesse o diálogo, mas que fosse ele uma espécie de regulador de qualidade, junto com o professor que tivesse feito esta chamada reciclagem

Você acha que é possível fazer isso?

Ana Mae - Certamente... há quatro anos que eu abalizo os professores do estado de São Paulo, mas aí eu precisaria mais de quatro anos, mas aí precisaria ter o apoio da secretaria. Sim porque ninguém de fora conseguiria, *o* secretário precisa ter vontade política, como fez o Paulo de Tarso. Eu enfrentei o Paulo de Tarso porque era uma teimosa de marca maior, eu enfrentei as coisas e resolvi ir embora porque as pressões eram tão grandes...

Quer dizer que tem uma pressão mesmo contra a arte?

Ana Mae - O que? Tem dois educadores que eu gosto muito, admiro mesmo e que estavam naquele momento trabalhando na secretaria, João Gualberto e um outro que não me lembro. Pois esses dois fizeram guerra contra o meu projeto - disseram que a secretaria não ia dar um tostão - todo dinheiro que vinha da cultura e a secretaria de educação ia comprar são materiais para os professores trabalharem - lápis, papel, tinta... pois esse João Gualberto ele reduzia, me ridicularizava nas reuniões - ele me dizia assim: "você parece minha mulher, quando vê uma coisa barato quer comprar muito sem precisar" - até isso eu ouvi dele... a minha vingança, positiva, porque a minha vingança é quando eu consigo - eu nunca me vingo com a infelicidade do outro - é quando acontece alguma coisa que eu acho boa e que para eles era ruim - um belo dia estou andando no MAC e dou com o João Gualberto. Aí foi aquela coisa - o que você está fazendo aqui? Ele me disse: estou aqui vendo o trabalho de minha filha que está exposto. João você tem uma filha artista? João é a maior vingança da minha vida", porque agora você vai ter que valorizar a arte." É uma menina maravilhosa, tem feito curtos no MAC, os professores estrangeiros gostam muito dela, aliás a vingança ainda é maior porque a menina nem é medíocre e boa, ele vai ter que se confrontar com uma artista boa (risadas). Mas é assim...

Por que esse horror dos políticos e mesmo educadores brasileiros contra a arte?

Ana Mae - Um dos horrores é porque a arte leva a pensar, a refletir, ela mexe com uma coisa que é o chamado pensamento divergente e o que eles querem é a convergência do pensamento e o que eles querem é mandar votar em fulano e fulano votar. É a mesma coisa que aconteceu nos Estados Unidos. Na década de 60 eles ficaram extremamente inferiorizados porque o Sputnik foi lançado - quer dizer foi um pouco antes - mas aí começaram a liberar muita verba para o ensino criativo, arte na escola, ciência criativa não sei o que, porque constatarem que a deficiência estava na educação. Aí chega 70, Vietnam, essa geração que tinha sido criada

219

para pensar e divergir porque foi criada sob ^o égide do pensamento divergente a reflexão, e tal foi toda ela brigar contra o Vietnam, sentar no chão, desafiar tanques e tal. O que? Formar gente para ir contra nós? Aí aconteceu o maior conservadorismo na educação - três erres reading, rithing (writing) e ritmetic (arithmetic) que eles brincam falando em erre, ou seja não pensar.

E a situação atual do ensino de arte?

Ana Mae - O que há é que eles fazem o que querem nessa área - estão botando desenho geométrico em lugar de arte como no século XIX, seguem livros didáticos e não tem um livro que preste. São professores que fazem coisas muito ruins, o exemplo que os alunos tem é horrível. Eu sou pelo seguinte - pela atualização dos professores, porque professor bemformado ele vai ser exigente ele não vai se conformar com a mediocridade. Não estou dizendo que todos são ruins, há alguns bons que vão à luta, sózinhos, vão buscar curso aqui, ele se junta em associações mas é uma percentagem pequena que tem coragem de fazer uma jornada de trabalho.

Quando se poderia dar condições dos professores trabalharem...

Ana Mae - Exatamente, estão muito poucos.

Quer dizer que o Fernando de Moraes não está dando apoio a arte educação? Sendo que ele foi tão bom na Secretaria de Cultura?

Ana Mae - Não está e não me pergunte por que, porque eu não sei. Não consigo entender, é um desprezo total. A única vez que eu o vi foi quando fiz um Congresso ^{de} porque queriam tirar a obrigatoriedade do ensino da arte. ^{da} Lei de Diretrizes e Bases. O argumento é que a arte não tem conteúdo e então eu fiz um congresso para mostrar que arte tem conteúdo. Ela tem uma gramática, ela tem uma história, aí trouxe muito estrangeiro para falar, e fui pedir um apoio a ele e ele não deu um fiapo. A Secretaria de Ciência e Tecnologia deu e ele não deu.

Sei que você tem participado de congressos não só no Brasil mas no exterior. Cite alguns importantes e principalmente as conclusões

220

mais atuais que tem ouvido ou contribuído para divulgar nesses eventos.

Ana Mae - Estou organizando agora em Montreal, congresso mundial de arte e educação e à esta altura já temos oitenta e três países inscritos: vai ser importante. Outro congresso que organizei, o último foi também no Canadá, ~~mas~~ não de arte e educação mas só de arte reunindo artistas e produtores culturais sobre o tema A Arte do Mundo em Crise. Daqui foi o Roberto Muglaert que era presidente da Bienal.

Ao contrário do Brasil o Canadá dá muito apoio a arte, não é?

Ana Mae - Eu acho o Canadá, do mundo ocidental, o país mais civilizado do mundo, às vezes meio boring, meio chato, porque é muito calmo, mas o apoio que eles dão à arte é extraordinário. Eles tem uma espécie de boards de cultura para cada província e a província julga bolsas individuais para os artistas e tem artista que vive disso, passa a vida com bolsa do governo, para fazer seu trabalho.

Conte mais um pouco como funciona.

Ana Mae - Cada edifício tem que ter uma obra de arte, cada escola tem que ter obra de arte e o governo tem que comprar para por nas escolas.

E quais são as grandes linhas que atualmente vigora digamos no ensino mais avançado da arte e educação?

Ana Mae - Há duas correntes - tem uma muito forte que é esta de trabalhar a ideia de arte como cultura e como expressão. Há vários métodos, os Estados Unidos por exemplo está trabalhando com uma coisa chamada discipline on art education, quer dizer uma Arte-Educação que segundo eles não deve ser considerada uma atividade mas uma disciplina como as outras, como a Matemática, como o Português, e deve girar em torno de quatro componentes: a história da arte, a estética, a crítica de arte e o fazer artístico, que aqui eu reduzo a três por que para mim estética e crítica é artificial eu prefiro falar de leitura de obra de arte onde tem uma reflexão estética e etc. Na Inglaterra se fala de critical

221

estudos. Além do fazer artístico, estudos críticos sobre a arte. Mas atualmente há três coisas que mais preocupam a arte educação hoje: primeiro como participar dos problemas ecológicos, como participar da conservação do meio ambiente, segundo é dar ao aluno acesso a diversos códigos culturais, não só europeu, mas ter acesso à arte da Índia, Japão, à arte americana, do índio, do negro e por último eu diria que até tem mais uma que é o problema da interdisciplinaridade.

Ah, isso é importantíssimo para mim.

Ana Mae - O problema da inter+relação entre os diversos componentes curriculares mas não uma inter+relação como foi feita... para ser interdisciplinar não pode ter hierarquia entre as disciplinas. Então a arte deve ter o mesmo patamar que as outras disciplinas.

E você acredita que haja hoje na universidade brasileira uma excelente, boa ou apenas razoável relação entre as disciplinas? Você vê realizar-se essa interdisciplinaridade?

Ana Mae - Não, mas a gente tenta. O MAC por exemplo oferece cursos de graduação que valem para o currículo do estudante para todas as áreas da USP. A gente oferece um curso por semestre, por exemplo a história da arte vinculada à história da literatura, então esses cursos por si propõem a interdisciplinaridade, e vem alunos da Medicina, de Direito, de Letras e de todos os lugares.

Hoje mais que nunca na sociedade chamada pós moderna, o saber está fragmentado, pelas próprias circunstâncias do desenvolvimento humano, social, tecnológico. Como fica isso na cabeça das pessoas? O que fazer para se ter uma visão de conjunto do saber ou dos saberes na atualidade?

Ana Mae - Eu acho difícil essa visão de conjunto. Acho que o que a gente tem que fazer é educar a pessoa para fazer o seu conjunto. O meu conjunto pode ser diferente do seu - mas de ver as coisas em relação: isso é interdisciplinaridade. Ver em relação, e não dar o prato feito - porque ensino sem interdisciplinaridade é restaurante de prato feito - você já tá misturado. A polivalência

222

que é muito comum em escolas de primeiro e segundo grau que é exigido até por lei - o professor de arte tem que dar música, dança, artes plásticas, desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, isso é impossível. O que acontece é que ela coloca um pouquinho de música aqui um pouco de artes plásticas ali...

E você tem visto em universidades estrangeiras essa interdisciplinaridade?

Ana Mae - Tenho visto a busca constante. Isso foi importante na década de 60, a década de 80 esqueceu e a década de 90 está recuperando, porque a gente tem que procurar soluções para esta fragmentação do mundo contemporâneo. Você tem que ter um conhecimento horizontal para se interligar com as outras áreas.

Qual seria na sua opinião o objetivo da universidade brasileira hoje? Afinal qual seria a filosofia que permeia, que está subjacente ao ensino universitário hoje?

Ana Mae - A filosofia que permeia hoje é a profissionalização - é dar chances ao fulano de sai e sobreviver aí fora. A universidade continua sendo de elite (no Brasil) e ela será de elite sempre até na China. Para mim o grande problema é que a universidade brasileira - a maior parte dela - acho que a USP está rompendo com isso e a Unicamp também - é de elite e só trabalha para a elite. O grande desafio é que a universidade sendo de elite, trabalhe para aqueles que não são da elite - aqueles que estão do lado de fora.

Olhando a universidade eu a acho meio fora do mundo, meio alheia ainda que façam parte dela pessoas que participam de instituições, órgãos governamentais, etc. digamos, do campus, ou fora dos muros da cidade universitária. Me parece que a universidade é um mundo a parte sem nada a ver com o mundão lá fora. Você sente isso? Como vê a universidade em relação à sociedade global, em relação com outras instituições? Afinal qual a função da universidade na sua opinião?

Ana Mae - Eu sinto e senti isso também. Você sabe que quando eu sai da USP - olha só, o MAC é da USP mas como ele sempre funcionava do lado de fora da USP, funcionava do lado de fora da

223

universidade. O que aconteceu? Ao sair do meu convento USP para ir para a MAC/USF a sensação era a de uma freira que sai do convento e vai estudar na esquina (risadas). Porque o negócio é trágico! A sensação é de uma planta de estufa. Mas eu não sei se este momento passageiro no Brasil não foi bom, porque a corrupção, a coisa foi tão deslavada, mas nós nos preservamos, quer dizer tem esse lado - eu não sei se a gente estivesse se embaixo a gente teria conseguido se preservar. O único problema que houve de corrupção em relação à universidade foi de um órgão estadual que dirige a universidade - foi a Secretaria de Ciência e Tecnologia. Quer dizer, ao menos isso aqui está bom, está preservado. Agora eu acho muito interessante que a gente exporte nosso modelo de dignidade, temos que atuar mais no sentido de exportar o modelo.

Voltando à questão, por que, sendo as universidades brasileiras de tão alto nível - eu falo aqui de algumas, naturalmente - por que os governos brasileiros são esta catástrofe? Onde estão as pessoas que saíram das universidades com grande grau de conhecimento? Escondidas? Fora do país? Por que essa disparidade?

Ana Mae - Nós fomos completamente aliçados do processo, ficou lá um grupinho que não quer contato. O que fez Paulo Freire, - a coisa mais linda - quando foi para a Secretaria de Educação? Ele falou: vamos reformular o currículo e chamou todas as universidades para colaborar com ele. Criou grupos de professores universitários para discutir com eles, ^{para eleger} o que seria um currículo ideal.

Tópicos Importantes

Ainda que cada entrevista seja um mundo próprio com suas particularidades, suas especificidades, sua carga particular de informações, com sua linguagem própria em função da linguagem/visão/opinião/modos de expressões de cada entrevistado e portanto um vasto terreno para leituras e interpretações diferentes de acordo como enfoque/visão de mundo/ideologias de cada leitor, vou destacar aqui alguns tópicos que considero importantes de cada uma dessas sete entrevistas. Cada leitor fará a sua "leitura particular" e destacará outros tópicos igualmente importantes, já que como acentuam os autores citados, a análise deste tipo de "discurso" é interminável.

Assim na entrevista do filósofo Leandro Konder além das considerações já feitas em capítulos anteriores eu anotaria sua capacidade de se auto criticar e avaliar sua performance passada, quando se auto intitula "muito sectário" e por isso considerar sua primeira leitura de Marx muito deficiente exatamente porque feita em função da sua militância política. Destacaria ainda sua opinião de considerar tanto Hegel quanto Marx insuficientemente dialógicos. Ambos fazem da dialética, segundo ele, a âncora do seu sistema de idéias e ele como fascinado também pela dialética acredita ser necessário recuperar sua origem como fenômeno dialógico. E então cita Mikhail Bakhtine, pensador sendo ele, que apesar de não ter a "estatura" de um Marx ou de um Hegel, trabalha com a dialógica e o convence da possibilidade de se avançar por este caminho. Ele acredita que não é suficiente pensar a mudança, a transformação, a integração sujeito-objeto como uma realidade dinâmica, hegelianamente. É preciso pensar isso tudo numa "dimensão dialógica". E dialógica para ele é justamente esta dimensão da incorporação permanente da objeção, do questionamento proveniente do outro. Esta abertura para o outro é "pré-requisito da realização de um pensamento dialético consequente, capaz de se transformar a si mesmo". Ele acredita que se tivermos uma avaliação crítica tranquila do discurso do nosso interlocutor, se estabelecermos previamente a superioridade do nosso discurso sobre

o dele, não conseguiremos nos abrir para o novo que ele nos dá. O novo, ele diz, pode ser até perturbador, mas o novo só nos vem através do outro.

E ainda destacaria a idéia do Leandro Konder quando ele afirma a necessidade de se ler Marx cotejando-o com a nossa realidade. Ele diz gostar da idéia de que o homem não é alguma coisa - é claro que ele é, mas o modo de ele ser consiste justamente no movimento de ele se inventar, de ser surpreendente. Nesse sentido, e isso eu acho muito interessante, nenhuma explicação vai dar conta dessa realidade. Para Leandro Konder o homem se torna cognoscível na medida em que se observa a atividade dele. Ou seja a chave para se começar a compreender as pessoas é observá-las agindo.

Na sequência desse pensamento destacaria ainda quando ele, diz, falando sobre educação, que o educador lida com uma matéria que não é a argila modelada pelo oleiro. A educação tem essa dimensão dialógica: todo educador tem seu momento de educando e todo educando tem seu momento de educador. Todo professor tem seu momento de aluno e todo aluno tem seu momento de professor e essa relação tem que ser pensada na dialética da educação, como uma relação onde os dois polos subjetivos se confrontam - um na situação de educando e outro na situação de educador, mas nunca de maneira fixa, porque o predomínio de um sobre o outro nunca é eliminação.

Finalmente destacaria a sua espontaneidade, sua maneira descontraída de se expressar, sua maneira original e anti convencional de se expressar quando por exemplo ele usa o termo maluco beleza para definir seu pai e os amigos deste, (para provar que intelectual pode ser bem humorado) e ainda quando confessa sua paixão pelo magistério alegando que seu narcisismo fica realizado com vinte alunos prestando atenção nele. E mais: destacaria sua visão do isolamento da universidade brasileira em relação à sociedade global como dramática e sua proposta de construir pontes para o diálogo com a sociedade diretamente com os movimentos sociais sem passar pelo governo. Finalmente a conclusão que seus alunos de pós graduação de Filosofia da Educação que através do estudo do Discurso sobre a Origem da Desigualdade, do Rousseau

chegaram a questões atuais e concluíram que está faltando uma dimensão comunitária em nossas vidas. A sociedade está vivendo, segundo ele, muito em função do mercado e o mercado gera competição exarcebada e as pessoas ficam competindo e acabam muito solitárias, muito isoladas.

Da entrevista do Muniz de Rezende eu anotaria alguns pontos importantes: em primeiro lugar a frase cunhada por ele para definir a fenomenologia que é o resumo mesmo da problemática fenomenológica que é: "dizer em que sentido há sentido e em que sentido há sentidos". E ainda ele ressalta que na medida em que a fenomenologia prescreve uma atitude descritiva como sendo a que corresponde à densidade semântica do fenômeno experimentado, há no próprio método da fenomenologia uma dimensão pedagógica. Muniz de Rezende diz que ensinar a pensar é uma característica da filosofia mais especificamente uma característica da fenomenologia na medida em que ela propõe caminhos de encontro do sujeito pensante com a questão do símbolo. E cita o resumo do pensamento de Paul Ricoeur que ele adota e eu destaco: "o homem é cultural, a cultura é simbólica e o símbolo faz pensar". Le symbole donne à penser.

Acho importante ainda sua comparação de estruturalismo e fenomenologia: o primeiro considerando que a estrutura não depende das suas formas concretas de realizações enquanto uma concepção fenomenológica de estrutura, segundo Merleau Ponty que ele cita, é encarnada. A tal ponto que Merleau Ponty fala da "carne do mundo". O homem vive no mundo - ele se encarna, como o peixe vive na água. A carne é o elemento do homem e essa relação homem-mundo é essencial para a própria noção de fenômeno.

Ainda registro como importante a sequência do pensamento de Merleau Ponty que ele encampa que é: o homem existe como homem na medida em que ele também reconhece a importância do simbólico. Ou seja: o mundo humano é o mundo simbólico e aí está implícito aprender. Aprender o mundo simbólico é educação. Assim educação para Muniz de Rezende é a aprendizagem do mundo humano. Educar-se é aprender a ser homem, aprender a ser humano. Destaco ainda a definição que Muniz de Rezende faz da filosofia da educação como o estudo do processo de humanização, tal como ele acontece na história: é uma reflexão sobre o fenômeno da educação, a maneira

como ele acontece. Considero importante ainda quando diz que a educação, a universidade tem um papel simbólico que pela sua própria etimologia significa conduzir, juntar o diferente. Quando não há este espírito simbólico a fragmentação se instaura e esta fragmentação do ponto de vista psicanalítico se chama esquizofrenia. Apesar da especialização ser necessária ele considera impossível não se buscar a integração. Ele sente que hoje o fenômeno científico está cada vez mais um fenômeno de integração. E neste sentido ele cita a psicanálise como uma ciência integrada: ela integra ciência, arte, religião e mais coisas. Mas ele pergunta em que medida nós estamos encontrando - e a expressão é do Jean Ladrière - os "pontos de interseção".

Importante ainda ressaltar sua opinião importantíssima sobre a ausência de diálogo entre psicanálise e filosofia da educação. Ele considera que a psicanálise está muito mais interessada na educação que esta na psicanálise. E isso não é bom, já que a psicanálise trabalha com a formação do inconsciente, a formação da mente, o papel dos pais na primeira infância o que significa que mesmo antes da pessoa nascer ela já pode estar sendo tratada.

Ele ressaltava que este problema de não integração talvez não seja particular mas geral já que considera que o Brasil, ao contrário de outras nações, não se integra com outros países. Destaco ainda a relação que Muniz de Rezende faz de educação e cultura: a educação como a aquisição de cultura ou a transformação do indivíduo num sujeito cultural e a cultura como sendo consciência do sentido da existência. Para ele deveria haver nas faculdades de educação uma disciplina chamada filosofia para crianças que não seria um conjunto de disciplinas, de matérias, mas uma disciplina que ensinasse as crianças a pensar, a fazer perguntas, a responder perguntas e questionar respostas, em suma, colocar as pessoas numa atitude crítica.

O que falta na opinião de Muniz de Rezende é uma capacidade de unidade. O estruturalismo, ao mesmo tempo em que fala da estrutura preparou o campo dos fractais que ele chama de esquizofrenização do pensamento. E aí ele vê uma espécie de retorno: esta atomização do saber está encontrando na Física com a

teoria dos fractais uma resposta. Enquanto antigamente se dizia "o todo contém as partes", agora se diz "a parte contém o todo". Se soubermos ler a parte, a parte nos refere ao seu todo. Para Muniz de Rezende esta passa a ser uma teoria da auto organização, portanto da ordem e da desordem, isto é, estamos de novo entrando em contato com princípios de ordem, com reintegração, com reconstituição que vai até a teoria da criação já que, segundo os cientistas, no Big Bang estaria contido tudo. Segundo ele esta é uma teoria integradora que integra a filosofia, a física, a teologia, a biologia.

Eu ressaltaria ainda a consideração de Muniz de Rezende quando diz que é preciso não ter uma única resposta para determinada questão já que as situações humanas são situações simbólicas, polissêmicas, com vários sentidos e toda vez que se foca apenas um sentido, mata-se os outros. E se mata também este, já que cada sentido só tem riqueza plena na relação com os outros e isso é simbólico. E esta perspectiva simbólica à qual Merleau Ponty dá uma ênfase muito grande faz falta, segundo Muniz de Rezende nas nossas escolas com pretensa postura científica.

Finalmente eu destaco sua sugestão para a saída do subdesenvolvimento cultural que vigora hoje no Brasil: a qualidade do trabalho de cada um. Ainda que hoje a sociedade priorize a qualidade do material, como ele diz, a qualidade do aço, das coisas, e não a qualidade das pessoas a tal ponto que a própria universidade está se encaminhando para isso e portanto se deformando e se desviando do seu objetivo maior, da sua missão que é justamente promover o desenvolvimento cultural das pessoas que ali estudam e trabalham.

Da entrevista de Roberto Romano gostaria de salientar sua visão do relacionamento entre pessoas no Brasil muito imediato na sua opinião, muito animalesco sem a perspectiva do universal e daí sua opção pela filosofia do século XVII e XVIII especialmente a escrita de Diderot que foi, segundo ele, quando, do ponto de vista do pensamento se esboçou este projeto e o anti projeto. Ou seja é quando se tem Descartes instituindo a razão moderna e ao mesmo tempo a crítica desta razão em Pascal.

Destacaria ainda sua concepção de educação que segundo 229

ele deveria ser semelhante à atividade do jardineiro que cultiva a planta e espera que ela brote incentivando seu desenvolvimento que lamentavelmente não é o que ocorre no Brasil onde os professores são pastores, ou seja, cada um entra na sala e quer liderar os alunos, quer que eles aprendam imediatamente aquilo que ele, professor, já sabe. Ressalto ainda sua crítica feroz à falta de educação das pessoas que não respeitam o espaço dos outros ao mesmo tempo que pregam a cidadania, que reivindicam autonomia em instituições e para tal picham os muros da sala de aula. E neste sentido ele lembra o que é educação para Hegel: formação para o universal, polimento. E polimento no sentido em que cada indivíduo fosse um espelho opaco. E definindo educação no seu entender de forma dogmática como transmissão de conteúdos culturais e científicos do espírito humano, voltados para o aspecto superior e especulativo, para o conhecimento teórico. Mas ele ressalta a importância de se educar e ensinar também o aluno a se comportar diante daquilo que é comum a todos. E neste sentido ele se confessa marxista e socialista considerando mesmo algumas faces mais bárbaras da educação brasileira o fato de ele não assumir sua atitude capitalista e nem sua face socialista.

Registro ainda um tópico importante na minha opinião que é o que ele chama "barbárie educacional" - falta de respeito pela cultura e parasitismo do espírito que é justamente quando o professor não corrige o aluno em falhas teóricas (porque eles querem apenas coisas práticas e se recusam a estudar teorias) e dessa forma desrespeitam o pensamento humano. E aí cita certos professores que baniram os clássicos do ensino da filosofia e da sociologia. Ele pergunta como é possível fazer sociologia sem se estudar Durkheim, sem estudar Weber, sem estudar Marx. Como fazer economia política sem estudar o pensamento burguês? E ele diz que há pessoas que dizem: não estudo o pensamento reacionário só estudo o pensamento progressista, esquecendo que muitas vezes o pensamento progressista plagiava mal o pensamento reacionário.

Para Roberto Romano um dos grandes impecílios do desenvolvimento profícuo da graduação e pós graduação é a falta de ética dos professores universitários. E quando diz isso não se exclui atribuindo tal coisa à algumas deformações da própria 230

instituição que exige dos professores apresentarem uma produção grande em troca de bolsas e verbas, etc, para os departamentos. E conclui que infelizmente este não é apenas um problema brasileiro.

Em contrapartida acredita que apesar da crise econômica pela qual passa o Brasil muita coisa está se salvando e que há grupos na própria universidade que tem compromisso social, que tem respeito pelo cidadão. Destaco ainda sua crítica em resposta à minha, à não participação da Unicamp na sociedade global quando ele, não só concorda como dá exemplos: vários departamentos foram procurados ano passado por uma comissão da Anistia Internacional para pedir assessoria da universidade na questão dos Direitos Humanos tão desrespeitados ultimamente no Brasil. Ele procurou vários institutos da Unicamp e UNESP e alguns foram muito receptivos como a pró reitoria da pós graduação a Faculdade de Educação e exatamente no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas onde estão segundo ele os nomes mais relevantes da Sociologia, Antropologia, da Filosofia do Brasil, não quiseram se comprometer.

Destaco ainda sua convicção de que se não fossem resolvidos totalmente os problemas graves sociais brasileiros seriam pelo menos atenuados se houvesse um trabalho coordenado das universidades paulistas. Critica inclusive pessoas que tendo saído das universidades e tendo tido importante participação nelas e atualmente estão em cargos públicos como Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes não traduzem ou traduzem parcamente sua experiência no Senado e Camaras e até alegam ser ela uma torre de marfim. Na verdade ele acredita que o diálogo universidade/órgãos públicos através dos intelectuais que foram para o Executivo ou Legislativo deveria ser objeto de uma pesquisa, porque o que se vê hoje é uma situação muito ruim. Os partidos inclusive que se dizem contestadores não ampliaram os canais onde os universitários poderiam estar presentes nas mais variadas formas.

Finalmente destaco sua visão da universidade: uma instituição que representa as culturas particulares de vários países a uma universo. Seria uma instância de alegria do pensamento, de verdade, de beleza, tudo que é valor universal. Para Roberto Romano a função da universidade é identificar tudo que há de positivo na experiência humana, na história da 231

humanidade que se divide em muitas raças, muitos credos, muitas culturas. se a universidade não tiver esta utopia ela é na sua opinião "fantasticamente horrorosa". Para ele, para que haja interdisciplinaridade é necessário que haja um espírito universal, que se confie no outro. E aqui ele cita Einstein que gostava de poesia, teologia, tocava violino, quer dizer era um espírito universal.

Ressalto ainda Romano citando a República de Platão como um momento instaurador pois ensinava que cada um deve fazer aquilo que é seu. Assim um sapateiro deve fazer um bom sapato. Se ele se meter a fazer roupas não será um bom alfaiate. O que nós temos hoje, na sua opinião é esta fragmentação, esta especialização sem a totalidade e aí se tem um terreno fértil para os produtores autoritários aparecerem. Ou seja, as pessoas são conduzidas para o matadouro da especialização quando entram na universidade e não tem nada em troca. Seria necessário aquilo que o Marx chama de educação dos cinco sentidos e que o Haroldo de Campos assume. Segundo Roberto Romano seria necessário que a música, a poesia, o teatro, o cinema, a pintura, tudo isso circulasse e aí ele cita Marcuse no seu Unidimensional Man que formula muito bem isso quando afirma que o homem perdeu esse elemento polifacetado.

E ainda ressaltou como importante seu terror quando se fala em filosofia da educação porque se tende a dizer que ela é um campo autônomo e separado do campo filosófico. Ele diz que o que gosta no humanismo é justamente a valorização do ser humano e da cultura, ser afinado com os últimos valores, aquilo que é mais elevado. E que o principal problema hoje é a falta de modelos éticos que conduzam à politização do Estado e a conduta dos próprios educadores. Há na sua opinião uma espécie de desânimo geral que acompanha a crise ética brasileira com implicações amplas. Enquanto antigamente havia uma briga entre conservadores e liberais e conservadores e marxistas, enfim uma polêmica acesa entre as diversas correntes de pensamento, hoje há um nihilismo de valores o que leva a esta apatia geral. A saída no seu entender seria os professores e responsáveis junto às autoridades do Estado encaminharem planificações com base no trabalho real e não

simplesmente em modelos baseados em abstrações

Da entrevista do Haquira Osakabe eu anotaria como ponto importante exatamente sua escolha do tema da Demanda do Santo Graal na sua versão portuguesa como prioritário na sua vida académica há anos e que justamente decorreu da sua vontade de ter um objetivo de estudo que o fizesse a uma série de reflexões e que fosse bem abrangente. Para ele nesta obra, a grande questão que se coloca é a questão da identidade e que na verdade está por baixo do seu trabalho sobre a importância do Graal na Idade Média na versão de Fernando Pessoa. E justamente um dos grandes heróis que o Fernando Pessoa toma como símbolo além de Dom Sebastião é o Nuno Álvares que ele cria como uma espécie de Rei Arthur. Ou seja, é um herói criado à maneira portuguesa mas plasmado sobre uma tradição não apenas cavalleiresca mas mítica.

Para Haquira as questões que se levantam neste texto já no século XIX e XX remetem à questão da nacionalidade e da imagem que Portugal faz de si e de seus próprios heróis constituídos na Idade Média. A hipótese dele é que admite não ser novidade pois está colocada no que Fernando Pessoa já havia formulado que é justamente a imagem política que Portugal tem de si próprio. Ou seja toda concepção política de Portugal é uma concepção ao mesmo tempo mítica e política. Isso porque quando Camões diz que "os portugueses vão dilatando a Fé e o Império" uma das grandes missões dos portugueses é a dilatação da fé. Ou seja não é a expansão propriamente natural mas como expansão do poder espiritual que transcende os portugueses. Segundo as hipóteses dos estudiosos do problema Portugal não é apenas um povo cristão entre outros povos cristãos, mas segundo Vieira, Portugal seria o correspondente do povo eleito aquela que vai sagrar a Nação à grande comunidade cristã.

Desde a tradição judaica existe uma previsão de que a história humana se executará através de cinco grandes impérios sendo que o grande império espiritual ainda estaria por ocorrer e este seria o V Império. Este império seria um império espiritual que estaria por acontecer e que vai se instalar em outro plano da história que seria o plano da espiritualidade pura. Então toda esta coisa do Caldeirão arcaico, o graal simboliza esta grande

passagem. E neste sentido o Brasil seria um ponto máximo por causa da língua. E quando Fernando Pessoa fala sobre as condições para a instalação do V Império ele diz que deveria ser uma língua com sintaxe semelhante à língua portuguesa.

Chamo a atenção para citação que Haquira faz da grande mística portuguesa na sua opinião, Dalila Pereira da Costa, que localiza alguns sinais da própria história brasileira: Capudosa, Pedra do Reino que na verdade são romances que significam uma retomada da Demanda e o Grande Sertão Veredas. Só que enquanto na tradição medieval a busca se dá nas florestas, na versão portuguesa se dá no mar, entre nós o mistério se passa no sertão - sertão que vai virar mar e o mar que vai virar sertão.

Interessante destacar que a Demanda começa na véspera de Pentecostes e a crença, o culto do Espírito Santo é muito forte na Demanda e o Espírito Santo é a Terceira Idade, é o Quinto Império, a Nova Era. E o culto do Espírito Santo é a idade mística por excelência. E o culto do Espírito Santo desapareceu de Portugal por uma espécie de expurgo e juntamente com isso havia uma perseguição aos judeus e o culto continuou nas Ilhas e vai ser depois novamente encontrado no Brasil traduzido justamente pelos portugueses que para cá vem. E por falar em Brasil que tem um grande papel nesta história, a Dalila Pereira da Costa que morou aqui um tempo, segundo Haquira Osakabe, considera a prática religiosa brasileira excessivamente mágica e isso ela vê como muito perigoso. Ela acredita que o homem brasileiro disputa de alguma forma a posse das energias com Deus enquanto na realidade a via mística por excelência abdica da posse das coisas. A posse das energias - a elétrica, a atômica segundo ela é uma história irreversível de desgraças.

Considero importante ainda sua colaboração sobre a fragmentação do saber/versus visão de conjunto do saber. Ele acredita ser esta questão importante porque, enquanto a pessoa não tiver formulado para si próprio uma hipótese de unidade, dificilmente vai produzir de maneira consequente. Estará sempre fragmentado e não consegue operar sobre o fragmento. Para operar sobre o fragmento ele precisa ter uma hipótese de unidade sobre o fragmento. E na sua opinião o objetivo da educação contemporânea é 239

justamente preparar o sujeito para que ele possa formular este tipo de hipótese. Importante ainda sua opinião sobre a universidade como instituição em relação à sociedade global: ele acredita que a universidade precisa ser mais cobrada do ponto de vista da sua inserção crítica no corpo orgânico, no corpo social e isso se passa lá fora com poucas diferenças. A universidade não é considerada como um elemento da própria sociedade e isso ele acredita seja também um problema da própria instituição. Enquanto ela tiver a imagem de um corpo isolado, vai ser muito difícil sair desse impasse.

Interessante destacar das entrevistas do Almeida Prado e Renata Pallottini: ambos artistas, o primeiro músico, compositor, e a segunda poeta, ficcionista e dramaturga, a não preocupação e mesmo a dificuldade em teorizar sobre a filosofia da educação, falar sobre o diálogo de suas disciplinas com a educação. Almeida Prado afirma mesmo nunca ter se preocupado em realizar este diálogo e que sua didática, inspirada na de Nadia Boulanger e Messiaen é colocar para o aluno as suas próprias possibilidades, para que ele possa se conscientizar de seu potencial criativo, suas limitações, suas facilidades e então encontrar seu próprio caminho. Apesar de ver o ensino, sobretudo na universidade, em crise perpétua, acredita que a interdisciplinaridade é muito rica e ocorre muito espontaneamente no Instituto de Artes. Ele mesmo escreveu muita música visitando exposições de trabalhos de amigos artistas plásticos.

Realmente esta questão do diálogo de várias disciplinas afins é muito comum entre as diversas artes: o teatro junta literatura, arquitetura, pintura (na cenografia) interpretação, música, canto, dança. fora a filosofia para quem estuda dramaturgia e que a Renata Pallottini se refere.

Otimista Almeida Prado diz que mesmo em momentos de crise é possível se ver belos espetáculos ainda que despojados já que quem tem algo a dizer, diz mesmo em circunstâncias difíceis.

Destaco ainda da entrevista dele a convicção de que o dom o artista recebe de Deus e só cresce se for regado. E não só os artistas mas os cientistas em geral (físicos, químicos, biólogos, ou dançarinos precisam aprender para fazer florescer

este com. Ou seja, ele ressaltava a importância do aprendizado aliado ao talento nato. Interessante notar ainda a capacidade de síntese que ele tem, quando analisando seu aprendizado com alguns grandes nomes como Dinorah de Carvalho, Camargo Guarnieri e depois com Gilberto Mendes e depois Nadia Boulanger e Olivier Messiaen, os primeiros dando as bases sonoras tonais e os últimos dando os subsídios que ele precisava para fazer uso do atonalismo. Ou seja aprendeu a fazer o acadêmico de depois o abstrato. Na Europa fez a síntese e aí com uma tranquilidade de um conhecedor distanciado ele diz que sua obra ficou com "dimensão universal e brasileira", porque justamente tinha as ferramentas apuradas. E com este arsenal pode compor Cartas Celestes cósmica, onde de repente aparece um ritmo de baião porque ele finalmente tinha encontrado seu estilo. Destaco ainda a importância da sua obra inovadora já que foi um dos primeiros compositores a fazer no Brasil missa em português ainda que considere toda a sua obra mística mesmo quando use texto sacro. E mais: ele faz fazia música minimalista antes do Philip Glass por exemplo.

Anoto também sua como diz "total lucidez" quando gosta do seu trabalho e ele reconhece que não é sempre que isso ocorre. Ela é maior que ele e então "ele se ajoelha diante dela como um pai diante de um filho que virou rei e você beija a mão desse filho". É a humildade de quem reconhece que a obra não é sua, que ele foi apenas o instrumento. Nesse sentido ele diz que Cartas Celestes é a obra mais importante para piano da literatura mundial, não só nacional, porque é a obra mais longa que existe. Ela é um grande afresco mural cósmico que mudou muita coisa no discurso do piano e influenciou jovens que foram beber lá.

Outro tópico importante que eu anoto é a sua religiosidade presente em toda a sua obra a ponto de sua viagem à Medjugorje onde se registram há 12 anos aparições da Virgem Maria ter sido tão importante na sua vida e motivado várias composições entre elas o Rosário de Medjugorje. E finalmente sua definição de atonalismo: o uso de todo o espectro harmônico, das ressonâncias cromáticas (que na pintura seria o abstrato e na literatura seria o fluxo da consciência de Joyce) em contraposição ao tonalismo que tem clichês de começo, meio e fim que são as cadências. Ou seja o

atonalismo é o universo acima das referências

Da entrevista/perfil da Renata Pallottini destaca como importantes sua busca das raízes, a consciência da necessidade do trabalho urgente e humilde, a disciplina e o equilíbrio, a calma, a participação social que se reflete na poesia e no teatro, a sua consciência da necessidade de amadurecer a criação poética, literária a ponto de comparar o poeta a um moinho que em solidão tritura e amargo grão esmaga a um operário que em fim se transforma o que lhe dão de carga. Ressalto ainda sua paixão pela Itália e Espanha terra dos antepassados e pela Faculdade do Largo de São Francisco onde formou-se em Direito e a quem dedicou vários poemas e peças. Outras paixões: o futebol e a justiça que retratou em poemas e peças de teatro este também outra paixão a tal ponto que há quase trinta anos começou a ensinar esta matéria de início na Escola de Arte Dramática de São Paulo quando esta ainda era uma escola particular de Alfredo Mesquita seu fundador, e depois na Escola de Comunicações de Arte da USP e na mesma EAD já vinculada à USP. Destaco ainda seu grande amor pela EAD marco na sua vida onde começou estudando e terminou dando aulas. A entrevista de Renata Pallottini me faz lembrar de um Brasil muito mais fraterno, mais humano porque também frequentei a EAD quando fazia teatro e assistí muitos exames públicos e pude sentir aquele clima da escola que formou ali uns dos grandes nomes do teatro brasileiro.

Como disse anteriormente a Renata confessa não entender muito de educação (o que sinto é que como artistas que foram dar aulas eles não teorizam como os filósofos entrevistados). Mas ela ressalta que sendo o teatro uma arte milenar, a familiaridade com o texto, o parendizado, o estar perto de uma visão estética da vida em termos de espetáculo faz crescer o ser humano, amadurecer, progredir. Apesar de ser uma especialidade da arte difícil de ser abordada, porque o fenômeno teatral exige tempo, dinheiro e cultura coisas que algumas pessoas (muitas hoje no Brasil) não tem. Muitos sequer sabem ler sem falar que estão no nível da subsistência. Levar o teatro por sua vez em espaços fora do seu específico é ruim porque se perde em termos de espetáculo, em termos de cenário, em termos de dicção. Mas ela acredita que sempre o "aproximar-se" de um texto dramático faz as pessoas

conhecerem o mais profundo do ser humano, seus conflitos, suas
buscas, suas dúvidas e isso é enriquecedor.

Importante lembrar que ela acaba de escrever Dramaturgia
para a Televisão muito em função da experiência que tem em dar
aulas na Escuela de Cine de San Antonio de Los Baños de Cuba.
Sobre esta experiência cubana ela ainda prepara um romance chamado
Nosotros. Quanto as suas opiniões sobre universidade, participação
desta instituição, ela, como todos os outros entrevistados
constata um certo alheamento em relação a problemas da sociedade
global mas ressaltando que a USP tem uma participação maior em
relação à Unicamp por ter a primeira crescido com a cidade de São
Paulo e por isso ter deixado a cidade invadi-la muito mais.
Elitistas todas as universidades são na sua opinião mas a USP ela
acredite que "costure" mais como mundo intelectual da cidade o que
a Unicamp não faz com relação a Campinas. Há aos domingos no
campus da USP espetáculos de música, teatro, futebol, etc. fora os
cursos para a Terceira Idade que ela considera muito importantes.

Destaco ainda sua sugestão para a Unicamp, deve
conquistar Campinas que é uma cidade importante. E finalmente
quanto aos quadros políticos que hoje dirigem a Nação ela mais que
todos os entrevistados nomeia muito explicitamente. Na sua opinião
ainda que a maioria dos nossos governantes tenham passado por uma
universidade, acredita que uma coisa é o saber e outra é a visão
pública. E o que falta na sua opinião é a consciência da
res-pública. O homem público brasileiro não tem consciência da
coisa pública, apenas da coisa privada, da conta nas Bahamas ou na
Suíça, das suas propriedades, do seu poder. Falta um mínimo de
vergonha na cara, de moral. Ainda considero importante a
constatação que ela faz da situação do povo latino americano,
historicamente desmoralizado, espoliado. Os povos latino
americanos sofrem a pressão dos Estados Unidos hoje, como sofreram
no passado de Portugal e da Espanha. Ora, ela diz, depois que se
desmoraliza um povo, uma Nação, ou uma pessoa você não dá mínimas
condições a ela se sobreviveria ela perde a moral, fica sem
personalidade humana. O mesmo ocorre com os países. Finalmente eu
destacaria sua concepção de universidade: deveriam se dirigir a
todas em níveis diferentes, tentando atingir toda a população, ter

atividades de auxílio à comunidade toda. Cita o exemplo da USP estar encravada entre três favelas e considera que isso tem que ser pensado também.

Da entrevista da Ana Mae Barbosa além do já referido em capítulo anterior eu destacaria sua obstinação, sua garrá, sua paixão pela arte-educação, sua modéstia, sua capacidade de trabalho.

Destaco sua paixão pelo conhecimento, sua alegria quase infantil em me contar a festa que era ir à casa de um parente seu, Abelardo Rodrigues dono da maior coleção de arte sacra do Nordeste e apreciar sua coleção onde aprendeu muito. Ressalto ainda seu sofrimento em terminar o curso de Direito onde foi "massacrada" pelo machismo que vigorava, violento. Chamo a atenção para a sua carreira meteórica, nacional e depois internacional dando aulas em Recife, Brasília, ajudando a supervisionar as 32 escolas de arte que havia no Brasil inteiro; São Paulo, Yale e Birmingham nos Estados Unidos onde pode conhecer melhor o trabalho de John Dewey autor de arte educação que ela admira e de quem segue as idéias.

Destaco ainda seu projeto de modificação total do curriculum na Secretaria de Educação do município de São Paulo já diretora do MAC, incluindo arte como expressão, como cultura, como compreensão. Importante ainda é sua visão de administração de museus: deve ser feito por um administrador de arte, com conhecimentos de história de arte e de estética evidentemente. Destaco ainda sua política multicultural que dá espaço para diferentes códigos culturais ao contrário do que fazem os historiadores que cultivam apenas os códigos europeus. Isso tem levado um outro tipo de gente ao museu inclusive conseguiu tirar o livro de registro que até então era obrigatório já que há pessoas que não sabem escrever.

Considero importante ainda: a utilização por ela de facilitadores para atrair um público não acostumado a frequentar museus. O que ela tenta, ao contrário de instituições congêneres dos Estados Unidos que tem um museu para cada código cultural, é ter dentro do mesmo espaço a pluralidade.

Isso tudo para ela é afinal arte e educação ou seja a mediação entre arte e educação que é um meio que o público possa

entender e usufruir da arte. Não é formação de artista porque artista não precisa de escola. Importante sua metodologia triangular, a relação entre fazer arte, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica. Destaco ainda como importantíssimo seu projeto para o ensino de arte no Brasil: trabalhar com o produtor cultural e o professor juntos e estes iriam multiplicar isso com uma equipe de alto gabarito como a do MAC que viajasse para os municípios e visse as aulas e interferisse promovendo o diálogo e fosse uma espécie de regulador de qualidade. Mas há uma grande pressão dos educadores que estão em postos chave das secretarias de educação contra a arte-educação. Na sua opinião a guerra dos políticos e educadores brasileiros contra a arte é porque a arte leva a pensar, a refletir ela mexe com uma coisa que é o pensamento divergente e o que eles querem é a convergência do pensamento.

Ao contrário do Brasil, o Canadá dá um enorme apoio à arte e na sua opinião é o país mais civilizado do mundo. Finalmente as três coisas que preocupam os educadores do mundo: como participar dos problemas ecológicos, como participar de conservação do meio ambiente, como dar ao aluno acesso a diversos códigos culturais e o terceiro é a interdisciplinaridade, isto é, a arte deve ter o mesmo patamar das outras disciplinas.

Finalmente o grande problema que ela vê hoje na universidade brasileira: ela é de elite e só trabalha para a elite. Quanto à relação universidade/sociedade ela diz que quando saiu da USP para o MAC foi como se uma freira saísse do convento para estudar na esquina. A sensação é de uma planta de estufa. Mas afinal a contrapartida disso é que na sua opinião, esta estufa teve seus efeitos positivos: desta onda de corrupção que assolou o Brasil a universidade ficou preservada e este modelo de dignidade deve ser exportado.

Bibliografia

Muniz de Rezende, Antonio - Crise Cultural e Subdesenvolvimento Brasileiro, Papyrus, Coleção Krisis, 1993
- Iniciação Teórica e Prática às Ciências da Educação - org. Petrópolis, Vozes, 1979
- Conceção Fenomenológica da Educação, Cortez Editora, 1991.
- O Saber e o Poder na Universidade: Dominação ou Serviço?, Cortez Editora, 2ª edição, 1983.

Romano, Roberto - Corpo e Cristal - Marx Romântico, Editora Guanabara, 1989
- Conservadorismo Romântico - Origem do Totalitarismo, Coleção Primeiros Vãos, Editora Brasiliense, 1981
- Brasil: Igreja Contra Estado - Crítica do Populismo Católico, Kairós, 1978

Konder, Leandro - Luckács, LPM Editores, 1986.
- A Derrota da Dialética - A Recepção das Idéias de Marx no Brasil até o Começo dos Anos Trinta, Editora Campus, 1989.
- O Futuro da Filosofia da Práxis - O Pensamento de Marx no Século XXI, Paz e Terra, 1992.

Jakobson, R. e Pomorska, K. - Diálogos, Cultrix, 1980.

Pereira da Costa, Dalila L. - A Nau e o Graal, Lello e Irmão Editores, Porto, 1978.

Hesse Pais Brandão, Elama - Três Rostos (poesia) Assirio e Alvim, Lisboa, 1989

Amoroso Lima, Alceu - O Jornalismo como Género Literário, Clássicos do Jornalismo Brasileiro, Edusp, 1990.

Descamps, Christian - As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França, (1960-1985), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

Tradução de Arnaldo Marques

Literaturas - Entrevistas de Le Monde - Editora Ática, tradução de Marina Appenzeller, 1990.

Morin, Edgar - Para Sair do Século XX, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981. Tradução Vera Azambuja Harvey.

Entrevistas com Alberto Moravia, Aldous Huxley, Ernest Hemingway, Ezra Pound, François Mauriac, Françoise Sagan, Geroges Simenon, Henry Miller, Lawrence Durrell, Mary MacCarthy, T.S.Elliot, Truman Capote, William Faulkner, E.M.Forster - Coordenação e Prefácio Malcolm Cowley - Escritores em Ação - As Famosas Entrevistas à Paris Review, Paz e Terra, 1968.

Kakutani, Michiko - O Poeta ao Piano - Perfis de Escritores, Cineastas, Dramaturgos e Artistas em Ação, tradução de Ana Arruda Callado, Casa Maria Editorial, LTC Livros Técnicos e Científicos Editora, 1980, Rio de Janeiro.

Ihioyllent, Michel - Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Com Textos de Pierre Bourdieu, Lillane Landel, Guy Michelat, Jacques Maitre, Raniero Panzieri, Dario Lanzardo, 2ª edição, Editora Polis, 1981.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, FABRI DEMARTINI, Zeila de Brito; CIPRIANI, Roberto e MACIOTI, Maria Imacolata, org.e intr. de Olga de Moraes von Simson - Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil, Vértice Editora, 1988).

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - Variações Sobre a técnica de gravador no Registro de Informação Viva - São Paulo CERU e FFLCH/USP, 1993, Col.Textos, 4, 2ª edição.

Nogueira, Oracy - Pesquisa Social - Introdução às suas Técnicas, Biblioteca Universitária, 3ª edição - Cópia Editora Nacional, 1975.

Selltiz/Jahoda/Deutsch/Cook - Métodos de Pesquisa nas relações Sociais - Editora Pedagógica e Universitária Ltda., ed. revisão e nova tradução de Dante Moreira Leite, 1975, 5ª reimpressão

Selltiz Wrightsmann/Cook - Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais - Medidas na Pesquisa Social. Org. Louise H. Hilder, volume 2

Artigos

Romano, Roberto - Alguns Prismas Filosóficos para uma Educação Brasileira em Pensando e Educação - Ensaios sobre a Formação do Professor e a Política Educacional - Seminários Debates, UNESP, 1989.

- Notas sobre a Política Universitária em : Educação Brasileira - Revista do conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Ano XI, nº 29, 2º semestre 1989.

Osakabe, Masuira - A Linguagem e/na Educação (inédito)

- Sobre o Discurso da Mulher (inédito).

- A Ronda do Anticristo (inédito).

- Ensino da Gramática e Ensino de Literatura - a propósito do texto de Ligia Chappini e Moraes Leite (inédito).

- Professor como leitor e incentivador da leitura - publicado nos Anais do Congresso de Leitura.

- Fernando Pessoa e a Tradição do Graal em Remate de Males, Campinas, 1989.

- Projeto de Pesquisa: A Demanda do Santo Graal e a Cultura Medieval Portuguesa feito para o Departamento de Teoria Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) Unicamp, 1989

Medina, Rodrigues, Antonio e Musse, Ricardo - Sobre Portugal e Cultura Portuguesa no Suplemento Cultura de O Estado de São Paulo de 20 de fevereiro de 1993.

Santos, Hamilton dos - Entrevista de José Saramago no Suplemento Cultura e O Estado de São Paulo em 20 de fevereiro de 1993.

Fautard, Jean - La Mise en Mot du Tiers Parlant comme jeu
évaluatif (sur un modèle de Mikhaïl Bakhtine) in Symposiums 4 -
Annales Littéraires de l'Université de Besançon - Diffusion Les
Belles Lettres, 1992.